UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA

ANA LUIZA REIS BEDÊ

Estratégia de uma mise-en-scène: Correspondência (1762-1765) e *Traité sur la tolérance* (1763) de Voltaire

São Paulo
2007

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA FRANCESA

Estratégia de uma mise-en-scène: Correspondência (1762-1765) e *Traité sur la tolérance* (1763) de Voltaire

Ana Luiza Reis Bedê

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras

Orientador: Prof. Dr. GILBERTO PINHEIRO PASSOS

São Paulo
2007

Vous étiez donc à Paris, mon cher ami, quand le dernier acte de la tragédie des Calas a fini si heureusement; la pièce est dans les règles, c´est à mon gré le plus beau cinquième acte qui soit au théâtre. Toutes les pièces sont actuellement à l´honneur de la France [...]

Voltaire

On peut souhaiter sans doute, et je le souhaite aussi, une flamme plus douce, un répit, la halte propice à la rêverie. Mais peut-être n´y a-t-il pas d´autre paix pour l´artiste que celle qui se trouve au plus brûlant du combat.

Albert Camus

AGRADECIMENTOS

À minha família francesa Reine Accoce, Nadine Thirault, Bernard Dachary, Philippe Sarfati e Jacques Cauët, pelo imenso afeto. Aos amigos Alcides Celso de Oliveira Villaça, André Luís Rodrigues, Cécile Bougroff, Godrick Chekete, João Roberto Gomes Faria e Marie-Andrée Grandguillaume, por diferentes sugestões. À Ieda Lebensztayn que acompanhou várias etapas deste trabalho, agradeço a leitura, as orientações sobre informática e o incentivo. Ao Jacob Lebensztayn, pela assessoria nas traduções do latim. Às professoras Maria das Graças de Souza e Maria Cecília de Queiroz Moraes Pinto, pela leitura atenta e problematizadora do relatório de qualificação, bem como pelos diversos comentários enriquecedores. Aos professores Franklin Leopoldo e Silva e Roberto Romano, pelas indicações bibliográficas. À Edite Mendez Pi, exemplo de competência. À minha irmã Ana Helena Reis Bedê, pelo estímulo, carinho e amizade. Ao meu cunhado Luis Antonio Castagna Maia, pelos importantes esclarecimentos na área de Direito. Ao professor Sylvain Menant, solicitude, bom humor e calor humano. Em 2005, tive o privilégio de freqüentar seus animados seminários sobre Voltaire na Universidade de Paris IV. Ao professor Michel Delon, tutor durante minha pesquisa na França, pela rapidez em resolver as questões burocráticas, pela generosidade de sua acolhida na Universidade de Paris IV e pelas preciosas indicações bibliográficas.

Ao Alexandre Koji Shiguehara, agradeço pelo carinho e solidariedade. Sua leitura minuciosa e inteligentíssima indicou-me novas (e difíceis) questões, além de diferentes perspectivas de abordagens. A maioria de suas sugestões foi incorporada à tese.

Ao professor Gilberto Pinheiro Passos que, durante uma conversa após minha qualificação de mestrado, em 2000, falou-me da monumental correspondência de Voltaire. Agradeço pela competente orientação, pela confiança, pelo apoio e pela paciência ao longo dos últimos anos.

Para a realização desta tese, contei com o indispensável auxílio da Capes (bolsa entre setembro de 2002 e dezembro de 2004 / entre outubro de 2005 e setembro de 2006).

Agradeço à Prefeitura de São Paulo e ao “Conseil Régional Île-de-France” pela bolsa concedida para pesquisar em Paris de janeiro a setembro de 2005.

Este exemplar foi revisto após a defesa (1º de agosto de 2007). Agradeço, portanto, aos professores Roberto Romano, Luiz Dantas, Maria das Graças de Souza e Maria Cecília de Queiroz Moraes Pinto, pelas diferentes leituras deste trabalho e seus comentários críticos e minuciosos. A maioria de suas sugestões foi incorporada à tese, aproveitarei outras observações que fizeram para pesquisas futuras.

Reitero minha dívida ao prof. Gilberto Pinheiro Passos, digo com Voltaire “A amizade e a admiração dispensam o protocolo”: muito obrigada por tudo.

RESUMO

Em 10 de março de 1762, o protestante Jean Calas, suposto assassino de seu filho, sofre o suplício da roda após um julgamento espúrio do Parlamento de Toulouse. Voltaire assume as rédeas do caso. Para ele tratava-se de um crime motivado pelo fanatismo religioso, algo impensável em pleno século das Luzes.

Por meio do estudo de um conjunto de cartas redigidas em defesa da reabilitação de Jean Calas, interessa discutir como Voltaire conduziu a "guerra" pelo advento da Razão. Descobre-se, à medida que se avança, desde as manobras nos bastidores à eloqüência do advogado em suas denúncias, o que ele denominou de "crime contra o gênero humano". Pretende-se mostrar, igualmente, as astúcias do texto voltairiano para atrair leitores de diferentes esferas sociais.

Nesta tese, trata-se de questionar como o Autor prepara o terreno para a divulgação de seu livro *Traité sur la tolérance* (1763), arma decisiva contra os auto-denominados seguidores de Cristo. Nessa obra compósita, analisam-se as variadas formas discursivas utilizadas por Voltaire para convencer o leitor de que os dogmas e as superstições não passam de criações humanas.

Perguntamo-nos quais características, no conjunto desses textos, o autor privilegia a fim de conferir brilho à batalha contra o obscurantismo, além de nos debruçarmos sobre as fontes nas quais Voltaire se inspirou para sua argumentação. Percebe-se como a preocupação de instruir os cidadãos ia de par com a vontade de proporcionar prazer, peça-chave da estética desse poeta-filósofo que, para dizer com Roland Barthes, dava ao combate pela Razão "o aspecto de uma festa".

Palavras -chave: Voltaire, correspondência, tolerância, affaire Calas, iluminismo.

ABSTRACT

On March 10th 1762, the Prostestant Jean Calas, charged with the alleged murder of this own son, was submitted to the torture of the wheel, after a spurious trial at the Toulouse Parliament. Voltaire takes over the affair. For him, it was a matter of a crime due to a religious fanaticism, something unacceptable in the century of Enlightenment.

The observation of a bunch of letters written to assert Jean Calas´s rehabilitation allowns the debate about how Voltaire waged the "war" to prevail Reason. Il also allows us to observe from the backstage ploys to the lawyer´s eloquence, in his denounces to what he denominated "a crime against the humanity". It is also possible to see the acuity of Voltaire´s text to appeal to the readers of different social levels.

The thesis is supposed to question how the author prepares the ground to the issue of his book *Traité sur la tolérance* (1763) an incisive weapon against the so-called Christ´s followers. In this composite work several discursive ways are analyzed to convince the reader that the dogmas and the superstitions aren´t but human creations.

The main question is: what characteristics the author pick and choose among his writings in order to highlight the battle against obscurantism and what were the sources that inspired his argumentation. One may notice how the concern about informing the citizens has gone along with his will to provide pleasure, a touchstone of this philosopher-poet´s aesthetics, whom, to mention Roland Barthes, rendered "a configuration of a party" to the struggle for Reason.

Key words: Voltaire, correspondence, tolerance, Calas case, Enlightenment.

RÉSUMÉ

Le 10 mars 1762, le protestant Jean Calas, accusé de l'assassinat de son fils, souffre le supplice de la roue à la suite d' un jugement du Parlement de Toulouse. Loin de se ranger à l'avis des juges, Voltaire y note le signe d'une erreur judiciaire. Aussi prend-il sa plume en mains pour alerter l'opnion publique et élucider l'affaire. De son point de vue, il s´agit d´un crime motivé par le fanatisme religieux. En plein siècle des Lumières, cela était impensable.

À travers l´étude d´un ensemble de lettres rédigées pour la réhabilitation de Jean Calas, nous nous sommes employé à faire ressortir de quelle façon Voltaire a mené cette guerre pour asssurer le triomphe de la Raison. On découvre, à mesure que nous avançons dans notre recherche, ses différentes batailles depuis les manoeuvres dans les coulisses jusqu'à l'éloquence de l´avocat dans ses dénonciations de ce qu ´il a nommé un "crime contre le genre humain". Nous avons, en outre, essayé de montrer les artifices littéraires propres au texte voltairien pour attirer et sensibiliser les lecteurs de différentes couches sociales à son combat.

Au surplus, notre thèse met en évidence la façon dont l´auteur a preparé le terrain pour assurer la diffusion de son *Traité sur la tolérance* (1763), l´arme décisive contre les chrétiens et le fanatisme religieux. A travers l'analyse de la diversité des formes discursives de cette oeuvre composite, nous nous sommes évertué à appréhender comment Voltaire s'efforce de convaincre le lecteur que les dogmes et les superstitions ne sont que des créations humaines.

Nous nous sommes enfin démandé quelles idées et quels effets de style l´auteur met en exergue, dans l'ensemble des textes, afin de donner de l'éclat à la bataille contre l´obscurantisme, ce qui nous a fait cerner les sources qui ont inspiré son argumentation . Il apparaît que chez Voltaire, le souci d´instruire les citoyens va de pair avec la volonté de faire plaisir, clef de l´esthétique de ce poète-philosophe qui, pour reprendre l´expression de Roland Barthes, donnait au combat pour la Raison, "l´allure d´une fête".

Aos meus pais
Maria Luiza e Francisco

ABREVIAÇÕES EMPREGADAS

ESTST :*Études sur le* *Traité sur la tolérance* *de Voltaire*. Sous la direction de Nicholas CRONK. Oxford: Voltaire Foundation, 2000.

IV : MAGNAN, André (GOULEMOT, Jean ; MASSEAU, Didier). *Inventaire Voltaire*. Paris: Gallimard, 1995.

ML: *Magazine Littéraire*.

PEN: *Pour encourager les autres: studies for the tercentenary of Voltaire´s birthday*. 1694/1994. Edited by Haydn Mason. Oxford: Voltaire Foundation,1994.

RHLF: *Revue d´Histoire Littéraire de la France*.

VC: *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Christiane. Oxford: Voltaire Foundation, 1997.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO
O crime da rua “des Filatiers” 1
As várias faces de um escritor 13

PRIMEIRA PARTE: UMA CORRESPONDÊNCIA INCENDIÁRIA

CARTEADOR CONTUMAZ

Uma pena, um tinteiro: singular ponto de vista do século XVIII 19
Correspondência de Voltaire: um clássico da literatura 25

***INCIPIT* E SUBSCRIÇÃO: UMA ESTÉTICA DO AFAGO**

Entre etiqueta e informalidade 28
“[...] je ne suis plus qu ´une ombre et pas même une ombre ambulante” [D12310] 31

ESTRATÉGIA (NOS BASTIDORES DE “DÉLICES” ET FERNEY)

Planejando a ofensiva 38
Recrutamento dos aliados 40
Pièces originales 45
Contribuição da irmã Julie Fraisse 53
Exemplo de administrador 55

VOLTAIRE : FILÓSOFO ADVOGADO

Vocação inesperada 58
“L´éloquence n´appartient qu´aux persuadés”.[D11686] 59
A força persuasiva do verossímil 68

O MELHOR ALUNO DOS JESUÍTAS

O ensino no “Louis le Grand” 73
Joseph de Jouvency 75
Brilho e solidez do estilo 77
Disfarces e teatralização 82

PRUDÊNCIA DA SERPENTE: BATALHA CLANDESTINA DO PARTIDO DOS FILÓSOFOS

Fora da torre de marfim 85
Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) 86
Denis Diderot (1713-1784) 88
Claude Adrien Helvétius (1715-1771) 90
Jean Le Rond d´Alembert (1717-1783) 91
Étienne Noel Damilaville (1723-1768) 93
Aliados de várias esferas 96
O clã anti-filosófico 97
Círculo feminino 100

O BOM SAMARITANO

Diatribes contra o livro sagrado 103

Bíblia: uma obra como outras 105
Metáforas e comparações 107
São Paulo e São João Batista 110
Luz e verdade 112
O Evangelho de Voltaire 118

SEGUNDA PARTE: *TRAITÉ SUR LA TOLÉRANCE*: EDIFICAÇÃO E DEMOLIÇÃO

DIVULGAÇÃO E RECEPÇÃO DO *TRAITÉ SUR LA TOLÉRANCE*

Anúncios sobre a tolerância 125
A publicação do *Traité*: impasses e estratégias 128
A preocupação com o público leitor 131
A esperança no *Traité*: lutas e repressões 134

ECOS DE PIERRE BAYLE ET JOHN LOCKE

Em nome da ordem, a intolerância 140
Bayle: a moral contra a violência 141
Voltaire e Bayle: apóstolos da tolerância 145
Locke e a separação entre Igreja e Estado 147
Voltaire e Locke 150

NA TRIBUNA CONTRA O FANATISMO

Uma justiça espúria 155
Advogado de Jean Calas 158

UM CONVITE AO DEBATE

Tratado ou ensaio sobre a tolerância? 168
Diálogo entre “honnêtes hommes” 171
Das cabeças coroadas ao grande público 177
O prazer das discussões 179

RAPOSAS E LOBOS: POLÊMICAS E INVECTIVAS

Mirando os inimigos 182
A China 185
A agonia das raposas 186
Os lobos 189

OUTRAS VOZES

La Beaumelle 191
Antigo Testamento: mentiras e contradições 193
Resposta à literatura apologética 199

JESUS CRISTO: MODELO DE TOLERÂNCIA

Os excessos da Igreja Católica na França 203
Jesus Cristo & Cristianismo 204
Novo Testamento: depuração e ironia 206
O Sócrates da Galiléia 208

UN JOUR VIENDRA

“Le règne de l´humanité s´annonce.” [D11087] 210

A antiode dos franceses 212
O melhor papel de Voltaire 213

ANEXOS

I : Tradução da nota nº 21 do *Traité sur la tolérance* 216
II: Cartas de Voltaire com referências ou alusões ao *Traité sur la Tolérance*. 217

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 220

INTRODUÇÃO

O crime da rua "des Filatiers"

Gritos, sangue, tumulto, um homem morto no térreo de uma casa de dois andares - mistério. Eis alguns elementos dignos de figurar num romance policial. Ainda pairam dúvidas sobre muitos aspectos do mais célebre escândalo jurídico do Antigo Regime. Houve um crime? O que sabemos de fato?

Façamos um esforço de imaginação para nos remeter ao século XVIII. Não à excitante Paris com seus teatros e cafés, nem à faustosa Versalhes com suas intrigas políticas. Mas ao sudoeste do reino - à cidade de Toulouse - , então com cinqüenta mil habitantes. Necessitamos do conhecimento, ainda que sumário, de dados históricos precisos dos reinos de Luís XIV e Luís XV para entender o sinuoso processo que resultou na condenação de Jean Calas.

Na católica França de 1761, décadas após a revogação do édito de Nantes, havia ainda, em algumas cidades, famílias de protestantes que insistiam em realizar o culto de forma secreta. De fato, o édito de Fontainebleau de 1685 ordenara a demolição de todos os templos da R.P.R.(religião pretensamente reformada) e vedara a seus seguidores de se reunirem em assembléia. Luís XIV proibira a emigração, somente os pastores poderiam deixar a França em um prazo máximo de quinze dias, renunciando aos bens e aos filhos maiores de sete anos. Essa lei abolira as escolas particulares de instrução de crianças da R. P. R., o casamento fora da Igreja e o direito à herança aos filhos dos protestantes, além de impedi-los de exercer diversas profissões. Houve, por isso, conversões em massa, mas não se questionava sua sinceridade. Com tantos obstáculos na vida civil, muitos se contentavam com um catolicismo de fachada. Teoricamente não existiam mais protestantes na França, somente novos convertidos. Em 1699, novo édito condena às galés todos os hereges recém-convertidos que tentassem sair do país; os cúmplices desse crime receberiam a pena de morte. Essas leis mostraram-se desastrosas para o reino. Nada menos que duzentos mil franceses deixaram o país.

Com a morte de Luis XIV em 1715, o espírito antiprotestante revigorou-se por influência do Duque de Bourbon. Em 1724, Luis XV, com apenas quatorze anos, reafirma o

édito de Fontainebleau. Daí em diante todos os protestantes são obrigados a batizar seus filhos recém-nascidos e educá-los na religião católica.

Um sinistro episódio precedeu de alguns dias o caso da rua "des Filatiers". Rochette, um jovem de vinte anos, fora preso como ladrão em Caussade, ao norte de Montauban (arredores de Toulouse). Tratava-se de um pastor que pregava o protestantismo clandestinamente entre camponeses. No dia seguinte à sua prisão, um tumulto deflagrado entre católicos e defensores de Rochette assusta as autoridades. Três fidalgos, os irmãos Grénier, tentam resgatá-lo em vão. Os irmãos e o pastor são condenados à pena capital. Ribotte -Charron, um protestante de Montauban, dirige-se a Rousseau e a Voltaire para que intervenham no caso, ignorando as intrigas que separavam os dois grandes nomes das letras. O patriarca de Ferney e o cidadão de Genebra não se preocuparam com a sorte dos jovens condenados. Rousseau solicitou informações mais precisas, mas recusou envolver-se alegando não ser amigo do Marechal Richelieu[1] (numa alusão a Voltaire); além disso, era a favor da obediência à lei, que proibia a assembléia de protestantes.

Voltaire, por seu turno, não costumava interessar-se pelas questões relativas aos huguenotes do sudoeste da França. Ele mesmo, aliás, tinha suas altercações com os calvinistas de Genebra. Assim mesmo, chegou a escrever ao amigo Richelieu, mas o Marechal não quis interferir na decisão do Parlamento de Toulouse.

Numa missiva de 21 de fevereiro de 1762, Ribotte-Charron narra a Rousseau como o pastor foi conduzido pelas ruas de Toulouse, seguido por uma multidão que o insultava. Rezou diante do cadafalso e cantou um salmo antes de ser enforcado. Em seguida, os três irmãos foram decapitados, privilégio dos nobres. Voltaire, ao ter ciência dos fatos, escreve a d'Argental e sua esposa:

> Le monde est bien fou mes chers anges. Pour le parlement de Toulouse, il juge. Il vient de condamner un ministre de mes amis à être pendu, trois gentilshommes à être décapités et cinq ou six bourgeois aux galères, le tout pour avoir chanté des chansons de David. Ce parlement de Toulouse n'aime pas les mauvais vers. [D10353][2].

A execução dos jovens protestantes data de 19 de fevereiro de 1762, em pleno andamento de um outro processo, bem mais complexo. Jean Calas, de sessenta e três anos,

---

[1] Duque de Richelieu (1699-1788), sobrinho-neto do Cardeal de Richelieu; diplomata e general do exército.
[2] Como já se tornou costume, as referências às cartas de Voltaire serão indicadas pela numeração entre chaves da edição *Correspondence and Related Documents* organizada por Theodore Besterman entre 1968 e 1977, edição dita definitiva, daí a letra "D" maiúscula que antecede o número.

mantinha um comércio de tecidos havia várias décadas no número dezesseis da rua “des Filatiers”. Sua loja localizava-se no térreo de uma modesta casa. Morava com a família nos dois andares superiores. Era casado com Anne-Rose, uma inglesa de cinqüenta e um anos. Dos seis filhos do casal, quatro ainda moravam com os pais: as duas filhas caçulas, Anne-Rose (Rosine), de vinte anos, e Anne (Nanette), dezenove; Marc Antoine -a vítima-, tinha vinte e oito anos na ocasião, e Pierre, vinte e sete. Quanto a Louis, que tinha vinte e cinco anos, convertera-se ao catolicismo e vivia da pensão do pai. Donat, o mais jovem dos filhos homens, fazia um estágio de aprendizagem em Nîmes. Jeanne Viguière, uma empregada católica, trabalhava para a família havia mais de duas décadas.

Os Calas eram honestos, cordiais e respeitados dos tolosanos, até o sinistro episódio da noite de 13 de outubro de 1761, que transformou de forma radical a existência da pacata família.

Nesse dia, Rosine e Nanette trabalhavam na vindima em uma cidade dos arredores. Na residência da rua “des Filatiers” encontravam-se o casal, os dois filhos mais velhos, a empregada e um visitante. Jeanne preparou um menu especial para o jantar: capão assado, pombos, salada de aipo, uvas brancas, além do queijo de Roquefort, reservado aos dias de festa. Afinal, recebiam Gaubert Lavaisse, de vinte anos, filho de um importante advogado tolosano. O jovem voltara de Bordeaux, onde estudara inglês e náutica e pretendia estabelecer-se em São Domingos. Como seus pais não se encontravam na cidade, passaria a noite com os Calas e pernoitaria na residência de Jean- Pierre Cazeing, um amigo comum.

Os convivas conversaram sobre a promissora carreira de Gaubert e, segundo os testemunhos da família, nenhuma alteração de humor foi notada em Marc-Antoine. O primogênito retirou-se antes da sobremesa, pois era hábito seu jogar no café “Quatre billards”. Ao sair, passou pela cozinha, Jeanne perguntou-lhe se sentia frio, o jovem respondeu: “Pelo contrário, transpiro”.

Gaubert despediu-se dos anfitriões por volta das 21h30. Pierre o acompanhou com uma vela pela escada. Ao chegarem ao térreo, notaram a porta da loja entreaberta. Do lado de dentro, Marc-Antoine se encontrava pendurado por uma corda colocada entre os batentes da porta que ligava a loja ao depósito (versão até hoje controversa). Aos gritos do irmão e do amigo, o pai acorreu. Pierre saiu à procura de um médico, enquanto Gaubert amparou Anne-Rose, desesperada. Sendo noite de lua cheia, um ou outro transeunte

circulava. Rapidamente uma multidão se juntou diante do número dezesseis. Quando a polícia chegou ao local, a notícia já se espalhara. Marc-Antoine fora assassinado - o susto inicial cedeu lugar às especulações. Entre o vulgo, alastra-se o rumor, toda a família seria suspeita de matar o primogênito para impedi-lo de converter-se ao catolicismo. Tal boato ganha força entre os católicos mais conservadores e influencia o inquiridor David de Beaudrigue, antiprotestante como muitos de seus conterrâneos.

O inquérito é conduzido de forma desastrosa. Entre a noite do crime e o dia do veredicto, sucedem-se uma série de absurdos jurídicos. Ao chegar à casa dos Calas, Beaudrigue não faz nem solicita nenhum exame do local. Revista os bolsos da calça de Marc-Antoine, encontra um lenço, um canivete e cartas. Durante a tarde, Marc-Antoine trocara prata por luíses de ouro a pedido do pai, mas o dinheiro não foi encontrado. O chefe de polícia ignorou esse pormenor, assim como a ausência da chave da porta de entrada. Não se examinou a hipótese de crime passional ou alguma pendência entre jogadores. Marc-Antoine costumava apostar no "Quatre billards". O patrão desse estabelecimento nunca foi interrogado. Athanase Coquerel fils, autor de um minucioso estudo, informa-nos sobre a leviandade com que foi conduzido o processo:

> David omit de décrire l'état des lieux et ne prit pas même la peine de l'examiner; il ne fit pas visiter les endroits de la maison où des assassins auraient pu se cacher, comme le long corridor qui conduit de la rue à la cour; il oublia de constater si ceux qu'il accusait d'avoir étranglé un jeune dans la force de l'âge avaient les habits en désordre.[3]

Beaudrigue convoca a presença do médico e do cirurgião juramentados da cidade dos quais cobra um rápido relatório. Exige a presença de toda a família na prefeitura, assim como de Gaubert Lavaisse, Jeanne Viguière e mesmo de Jean-Pierre Cazeing. Os interrogados, após se apresentar, deveriam responder se Jean Calas atormentava seu filho devido ao anseio deste de mudar de religião. Beaudrigue procura o maior número de indícios possíveis para comprovar sua hipótese de crime calvinista.

Uma monitória[4] é lançada, aqueles que se recusassem a contribuir para o esclarecimento do caso seriam excomungados. Deveriam testemunhar sobre a intenção de

---

[3] COQUEREL FILS, Athanase. *Jean Calas et sa famille: étude historique d'après les documents originaux suivie de pièces justificatives et des lettres de la soeur A.-J. Fraisse de la visitation*. Paris: Librairie de Joël Cherbuliez,1869,p. 24.

Marc-Antoine de se converter e sobre o suposto complô da família para assassinar o primogênito. A passagem seguinte ilustra a forma tendenciosa como foi redigido o documento:

> Le monitoire se présente comme un texte censé inspirer aux chrétiens la terreur de l'excommunication, ce qui, dans une ville comme Toulouse, ne peut que produire l'effet recherché; il est rédigé selon la rhétorique du droit canon par un juriste on ne peut plus laïque, l'avocat du roi, nommé Pimbert. La mesure d'excommunication est lancée:
>
> " 1^{O}) Contre tous ceux qui sauront, par ouï-dire ou autrement, que le sieur Marc-Antoine Calas aîné avait renoncé à la religion prétendue Réformée dans laquelle il avait reçu l'éducation; qu'il assistait aux cérémonies de l'Église catholique romaine; qu'il se présentait au sacrement de la pénitence, et qu'il devait faire abjuration après le 13 du présent mois d'octobre, et contre tous ceux auxquels Marc-Antoine Calas avait découvert sa résolution;
>
> 2^{O}) Contre tous ceux qui sauront par ouï-dire ou autrement qu'à cause de ce changement de croyance le Sr Marc-Antoine Calas était menacé, maltraité et regardé de mauvais oeil dans sa maison; que la personne qui le menaçait lui a dit que s'il faisait abjuration publique, il n'aurait d'autre bourreau que lui;
>
> 3°) Contre tous ceux qui savent par ouï-dire ou autrement qu'une femme qui passe pour attachée à l 'hérésie excitait son mari à de pareilles menaces, et menaçait elle-même Marc-Antoine Calas; [...]"[5]

A monitória foi lida nas igrejas durante três domingos seguidos. Surgiram depoimentos ilegítimos e contraditórios, algumas pessoas que se encontravam a dezenas de metros da rua "des Filatiers" juravam ouvir pedidos de socorro; outras inventavam histórias sobre as estreitas relações entre Marc-Antoine e o Catolicismo.

Uma declaração desencontrada da família pesou a favor da tese de parricídio[6]. A fim de evitar o tratamento reservado aos suicidas, que previa mutilação e enterro numa vala comum, Jean e Pierre Calas mentiram a respeito da posição do corpo. Disseram ao inquiridor, no primeiro interrogatório, que a vítima se encontrava estendida no chão. A partir do segundo dia, retificaram a resposta. Na verdade, o cadáver estava com o pescoço pendurado numa corda enrolada num rolo de madeira e este se equilibrava entre as duas folhas da porta.[7]

---

[4] Segundo o *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*, eis a definição de monitória: "1 JUR *ant*. chamamento a depor sobre si ou outrem feito por autoridades; ordem ou mandado judicial 1.1Dir.ECLES citação para delatar ou realizar uma auto-incriminação, feita sob pena de excomunhão."

[5] GARRISSON, Jannine. *L'Affaire Calas:miroir des passions françaises*. Paris:Fayard, 2004.pp.73-74.

[6] De Plácido e Silva em seu *Dicionário Jurídico*. Rio de Janeiro/São Paulo: Edições Forense, 1936, pp.1122-23, explica-nos: "Tomando, porém, *parens*, no sentido de parentes, outrora parricídio exprimia todo homicídio na pessoa de um ascendente pelo descendente, como do descendente pelo ascendente. Assim, parricídio, tanto era o crime do pai que matava o filho como o filho que matava o pai".

[7] A tese do suicídio foi sustentada por Voltaire e pelos advogados de defesa. Segundo René Pomeau, porém, há grande probabilidade de tratar-se de um homicídio cometido por alguém de fora. A chave de Marc-Antoine

A essa altura, o cadáver de Marc-Antoine já se deteriorava na prefeitura, sendo imperioso organizar as exéquias. Representantes da confraria de cogula dos penitentes brancos se encarregaram de enterrá-lo. Protagonizaram um macabro espetáculo: colocaram, sobre um cadafalso, um esqueleto exibindo o letreiro "abjuração da heresia", que desfilou pelas ruas, seguido por dezenas de devotos. Tal episódio é revelador do espírito sectário de uma parte do povo tolosano.

Os interrogatórios continuavam e todos negavam a autoria ou cumplicidade do crime. A tão comentada intenção do jovem de abjurar do culto protestante não se sustentava. Nenhum padre ouviu-lhe qualquer confidência a respeito. Sabia-se, isso sim, que Marc-Antoine ia à missa como amador de boa música. Com poucos recursos financeiros, somente na igreja romana satisfazia seus anseios de homem culto. Acresce que admirava a eloqüência, não perdia as homilias de um reputado pregador. Uma frustração amargurava o primogênito dos Calas, a impossibilidade de seguir a carreira de advogado. Não obtivera um certificado que provasse sua fidelidade ao catolicismo (um documento pró -forma, pois no íntimo continuaria protestante); seguia, então, como auxiliar de seu pai, num ofício aquém de suas ambições.

O Parlamento de Toulouse, diante das aberrações cometidas por David de Beaudrigue, assumiu a condução do processo. Os magistrados hesitaram quanto à culpabilidade da família. Insistimos em que, devido à exigüidade da residência, a incriminação de um implicava no mínimo cumplicidade dos demais. Acusaram, no entanto, somente Jean Calas e posteriormente decidiriam sobre os supostos envolvidos.

Para a pena capital, seria necessária uma maioria de dois votos. No resultado da primeira votação, ela não foi atingida. Dos treze juízes, somente sete acreditavam no parricídio. Mas um deles mudou de idéia; assim, no dia 9 de março, o comerciante foi condenado a sofrer o suplício da roda. No século XVIII, não havia apelação, nem cassação para o julgamento de um Parlamento, podendo apenas o rei agraciar o réu. Ora, em

---

não foi encontrada. O assassino pode ter esperado sua saída noturna e tê-lo atacado, depois colocado o corpo na loja. É possível ainda que alguém se tenha escondido no fundo do corredor do térreo, após as portas de entrada da loja e do depósito. A hipótese de assassinato por um indivíduo vindo do exterior em nenhum momento foi questionada. Pelo contrário, David de Beaudrigue insistia em dizer aos acusados que a porta estava trancada à chave. Ainda segundo R. Pomeau, a afirmação de Pierre e Jean Calas no primeiro depoimento seria, nesse caso, verdadeira. Eles de fato encontraram o corpo no chão. Mas, quando perceberam que poderiam ser acusados de assassinato devido ao clima antiprotestante, tiveram medo e mudaram a resposta.Cf. POMEAU,R. "Nouveau regard sur le dossier Calas" in *Europe*, junho, 1962 pp.57-72.

Toulouse, um correio demoraria quase duas semanas para chegar a Versalhes, e o mesmo tempo para a resposta. Sendo assim, decidiu-se pela execução no dia seguinte.

Na manhã do dia 10 de março de 1762, Jean Calas é submetido a dois tipos de tortura conduzidos por David de Beaudrigue e seus assistentes. Trata-se, primeiro, da sessão ordinária, isto é, por meio de cordas, seus braços e pernas são esticados. O réu nega o crime, apesar das súplicas de Beaudrigue, que queria abreviar o sofrimento do condenado. Os carrascos iniciam a sessão extraordinária, dez recipientes com um litro d'água cada um são entornados na boca do réu por meio de uma trompa.

Procede-se, então, à execução: Jean Calas é amarrado em forma de cruz numa roda – transportado por uma carroça até diante da igreja Saint-Etienne para pedir perdão a Deus. Em seguida, levam-no à praça Saint-Georges para o último interrogatório, uma multidão o acompanha. Perguntam-lhe novamente se assassinara o filho e se possuía alguma informação para esclarecer o caso. A seu lado, o padre Bourges aguarda, quem sabe, a esperada confissão e abjuração. Com golpes de uma barra de ferro, quebram os braços e as pernas do réu. Calas agoniza durante duas horas, a face voltada para o céu. Já morto, é estrangulado e jogado numa fogueira. O padre, que o acompanhou até o último instante, declarou que Jean Calas morreu protestante, afirmando sua inocência.

Os juízes viram-se num impasse. Na ausência de confissão do réu, não ousaram dar continuidade ao processo contra os demais familiares. Resolveram absolver a esposa Anne- Rose (mas lhe confiscaram os bens), Gaubert Lavaisse e Jeanne Viguière. Pierre foi condenado ao banimento. Uma das filhas foi internada no convento "Notre-Dame" e a outra no convento da "Visitation" para serem convertidas ao Catolicismo. Agraciar os demais membros da família equivalia a reconhecer implicitamente o erro judiciário. Ou todos eram inocentes ou todos seriam culpados. Católicos fanáticos revoltaram-se contra a decisão do tribunal, estavam ávidos de outros espetáculos tétricos. Exigiam que os demais tivessem a mesma sorte. Felizmente, o Parlamento de Toulouse não cedeu ao clamor popular. O processo estaria definitivamente encerrado, não fosse a indignação de alguns protestantes de outras cidades francesas.

Deixemos, provisoriamente, o embaraço judicial criado pelo Parlamento de Toulouse. Voltemo-nos para o outro lado da França, para a cidade de Ferney, onde Voltaire residia. Localizada no leste do país, na bela região de Gex, conhecida por situar-se entre as

cadeias dos Alpes e do Jura, dista seis quilômetros de Genebra e quinhentos de Paris e Versalhes. Não damos essa informação gratuitamente, pois a distância do escritor da corte francesa ajuda-nos a compreender as dificuldades que enfrentou ao assumir o comando da guerra para restabelecer-se a justiça nesse processo.

Em Ferney[8], hoje com dez mil habitantes, o escritor desempenhou a função de arquiteto, urbanista e agricultor. Transformou um vilarejo miserável em uma comuna próspera por meio da construção de casas, uma escola e uma igreja, além de ter incentivado a indústria.

O patriarca costumava chamar o "château" de "ermitage", "profane taudis", "la petite chaumière que j'ai bâtie" e se auto-denominava "Le vieux laboureur de Ferney". Em pouco tempo, o local transformou-se num reduto, ao qual afluíam artistas, nobres e diplomatas de toda a Europa para conhecer o autor de *Oedipe*, de *La Henriade*, das *Lettres philosophiques* e de *Candide*[9]. Curiosos também queriam simplesmente ver o homem de letras mais temido do monarca francês, admiradíssimo por Catarina II da Rússia e Frederico II da Prússia.

No castelo de Ferney, Voltaire morava com a sobrinha, Mademoiselle de Denis, excelente anfitriã, com um padre jesuíta que celebrava missas e era seu parceiro no xadrez, com uma sobrinha-neta de Corneille que adotara, além de inúmeros empregados.

Nessa tranqüila cidade, Voltaire vivia desde 1758, absorvido em suas funções, quando, em meados de março de 1762, viajantes de Dijon lhe contaram sobre a execução de Jean Calas. A princípio não cuidou do ocorrido.

A primeira referência ao episódio em sua correspondência data de 22 de março de 1762. Foi numa carta a Antoine-Jean –Gabriel Le Bault, conselheiro no Parlamento de Bourgogne e seu fornecedor de vinho. Em poucas linhas, o filósofo dá notícias sobre a

---

[8] Em 1999, o château de Ferney foi comprado pelo Estado francês e a cidade passou a chamar-se Ferney-Voltaire.

[9] "A visita a Ferney tornou-se uma espécie de gênero literário. O tom dos relatos podia ser de frustração ou zombaria- como no caso do décimo capítulo das *Memórias* de Casanova e de trechos das memórias de Mme de Genlis- porém o mais freqüente era que fosse de piedosa exaltação." In: LEPAPE, Pierre. *Voltaire: nascimento dos intelectuais no século das Luzes*. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1995, p. 269.

.

visita de parentes de Le Bault à sua residência; em seguida, comenta negócios particulares para, enfim, referir-se ao caso antes de despedir-se:

> Vous avez entendu parler peut-être d'un bon huguenot que le parlement de Toulouse a fait rouer pour avoir étranglé son fils. Cependant ce saint reformé croyait avoir fait une bonne action, attendu que son fils voulait se faire catholique, et que c'était prévenir une apostasie. Il avait immolé son fils à Dieu, et pensait être fort supérieur à Abraham, car Abraham n'avait fait qu'obéir, mais notre calviniste avait pendu son fils de son propre mouvement, et pour l'acquit de sa conscience. Nous ne valons pas grand-chose, mais les huguenots sont pires que nous , et de plus ils déclament contre la comédie. [D10382].

A frieza do missivista e a comparação grotesca com Abraão denotam a indiferença com que o autor costumava referir-se aos episódios análogos, de resto pouco freqüentes havia já vários anos. Dias depois, recebe mais informações sobre o caso, graças à visita de Audibert, importante homem de negócios de Marselha. Em uma de suas viagens, visitara os Calas e assegurara a Voltaire tratar-se de pessoas honradas. O filósofo muda de tom; basta lermos o que escreve para Claude-Philippe Fyot de la Marche, seu ex-colega de classe no liceu "Louis-le-Grand", e que na época do affaire Calas ocupava o cargo de primeiro presidente no Parlamento de Bourgogne [D10387]. Resume ao amigo o que se passou e diz estar atônito, "fora de si". Deter-nos-emos, oportunamente, nessa admirável carta, obra-prima da retórica voltairiana. O célebre pensador recebe em Ferney o mais jovem dos filhos, Donat, ausente na noite dos fatos. Comove-se com o relato e a situação desesperadora na qual se encontravam a mãe e os irmãos do rapaz. O patriarca começa, então, uma pesquisa minuciosa sobre o caso. Muitos meses depois, esclarece a Jean-Baptiste-François de la Michodière como procedeu:

> Je dois me regarder en quelque façon comme un témoin; il y a plusieurs mois que Pierre Calas, accusé d'avoir aidé son père et sa mère dans un parricide, est dans mon voisinage avec un autre de ses frères. J'ai balancé longtemps sur l'innocence de cette famille; je ne pouvais croire que des juges eussent fait périr, par un supplice affreux, un père de famille innocent. Il n'y a rien que je n'aie fait pour m'éclaircir de la vérité. J'ai employé plusieurs personnes auprès des Calas, pour m'instruire de leurs moeurs et de leur conduite. Je les ai interrogés eux-mêmes très souvent. J'ose être sûr de l'innocence de cette famille comme de mon existence. [D11001].

Finalmente, toma a si o encargo de liderar um movimento para trazer luz aos fatos. Por que, poderíamos perguntar-nos, Voltaire decidiu empenhar-se de corpo e alma no processo? Em carta aos amigos d'Argental, confia:

> Vous me demanderez peut-être mes divins anges, pourquoi je m'intéresse si fort à ce Calas qu'on a roué. C'est que je suis homme, c'est que je vois tous les étrangers indignes, c'est que tous vos officiers suisses protestants disent qu'ils ne combattront pas de grand coeur pour une nation qui fait rouer leurs frères sans aucune preuve. [D10389]

De fato, o grande trunfo da defesa de Calas seria a ausência absoluta de provas e a diferença de oito votos contra cinco. Os juízes acreditavam, conforme vimos, que o réu confessaria o crime antes de morrer; como isso não ocorreu, permanecia então a dúvida de um erro jurídico. No caso do pastor Rochette e dos irmãos Grénier, por mais bárbara que fosse a execução, estava-se cumprindo a lei. No processo Calas, tudo indicava que um homem fora morto de forma brutal (Voltaire era visceralmente contra a tortura), após um inquérito espúrio.

Qual seria a estratégia do filósofo para desvendar a verdade desse processo obscuro? Procurou, primeiro, divulgar o caso entre amigos, que, por sua vez, verificariam dados e informações relevantes para a elucidação do suposto crime. Incitou autoridades e prelados a não fecharem os olhos diante de tal escândalo e recorreu diretamente a eles, quando lhe foi possível, a fim de sensibilizá-los face ao episódio. Para essa tarefa de divulgação, contou com a sua mais poderosa arma: a palavra escrita. Foi por meio de dezenas de missivas endereçadas às diversas regiões da França e a outras nações européias que Voltaire logrou o apoio para a causa. Com sua proverbial energia, lutou em todas as frentes viáveis, lançou mão inclusive do prestígio de que gozava junto à Marquesa de Pompadour para que Louis XV intercedesse contra a injustiça dos parlamentares. Apelou ainda a Frederico II da Prússia e ao rei da Suécia. Em segundo lugar, propagou o trágico fim de Jean Calas entre a população, efetuando um extraordinário e inédito movimento de opinião pública.

Para difundir o episódio entre as pessoas das ruas, utilizava os panfletos e os libelos tão em voga durante o século XVIII. Por exemplo, escreveu cartas em nome da família Calas que foram batizadas de *Pièces originales*. Tiveram tradução para o inglês, o alemão e o holandês, contribuindo, assim, para a divulgação nos países protestantes. O filósofo refere-se a esses textos a d'Argental e mostra sua indignação contra a decisão do Parlamento de Toulouse:

> Vous avez lu sans doute les pièces originales que je vous ai envoyées par M. de Courteilles. Comment peut-on tenir contre les faits avérés que ces pièces contiennent? et que demandons-nous? Rien autre chose sinon que la justice ne soit pas muette comme elle est aveugle, qu'elle parle, qu'elle dise pourquoi elle a condamné Calas. [D10559].

Na França, o escândalo era discutido tanto por pessoas do povo, que não tinham acesso à cultura refinada do tempo, quanto pelas mentes esclarecidas. A notícia sensibilizou

o seleto público dos salões e cafés parisienses e aqueles que gozavam do privilégio de freqüentar Versalhes. Verdadeira proeza do patriarca de Ferney, pois, a morte de um huguenote no sul da França não interessava a uma nobreza preocupada com a última tragédia em cartaz ou com a ascensão ou queda de determinado artista. A engenhosidade do filósofo foi tal que transformou a acanhada viúva Anne-Rose numa celebridade. Damas da corte queriam conhecer a infeliz senhora e solidarizar-se com ela. Voltaire, no entanto, conhecia o interesse fugaz da opinião pública; em fevereiro de 1763, escreve ao editor Gabriel Cramer:

> Au reste, l'affaire des Calas sera jugée cette semaine, ou dans l'autre au plus tard; et il serait bon de profiter de l'attention d'un moment que le public donne à cette affaire , et que le public de Paris oubliera bientôt. On fait mille compliments à Monsieur Cramer. [D11029].

Em 7 de março de 1763, o Conselho do Rei, que reúne para a circunstância todos os ministros, aprova a apelação do julgamento do Parlamento de Toulouse. Voltaire dá a boa nova ao amigo Jacob Vernes, pastor de Genebra, no dia 14 de março:

> Le parlement de Toulouse ayant condamné sur des indices Jean Calas, négociant de Toulouse, protestant, à être rompu vif, et à expirer sur la roue, comme convaincu d'avoir étranglé son fils aîné en haine de la religion catholique; la veuve Calas et ses deux filles étant venues se jeter aux pieds du roi, un Conseil extraordinaire s'est tenu le lundi 7 mars 1763 composé de tous les maîtres des requêtes; ce Conseil admettant la requête en cassation a ordonné d'une voix unanime, que le parlement de Toulouse enverrait incessamment les procédures, et les motifs de son arrêt. [D11097]

Mas havia, ainda, um grande trabalho pela frente. O Parlamento de Toulouse não entregaria facilmente as peças do processo, exigiu uma soma exorbitante para enviá-las a Paris. O montante foi pago graças ao fundo criado por banqueiros protestantes. Voltaire sabia que não poderia deixar arrefecer os ânimos. Ganhara uma batalha importante, mas não vencera a guerra. Redobrou sua já intensa ação epistolar a fim de obter a adesão de figuras da nobreza.

Após essa etapa decisiva do processo em curso, Voltaire autoriza seu editor Gabriel Cramer a publicar o *Traité sur la tolérance*, pronto havia muitos meses. Aguardara o momento oportuno para divulgar a obra. Nela, o autor lembra o que aconteceu no dia 13 de outubro de 1761 e relata, em grandes linhas, a história da tolerância através dos séculos. Vazado numa forma, ousaríamos dizer, original para a época, o opúsculo arrebata centenas de leitores. Em pouco tempo, o livro provocou grande ruído em Paris e Versalhes. Voltaire chegou a interromper momentaneamente a distribuição dos exemplares, uma tática para

abrandar a vigilante polícia política que mais de uma vez violara sua correspondência.

O *Traité sur la tolérance*, apesar de seu nome pomposo, apresenta um estilo trabalhado para atrair o leitor menos afeito à linguagem clássica, sobretudo aqueles que tinham poder de influência ou decisão. Nesse sentido, o *Traité* diferencia-se da *Lettre sur la Tolérance*, escrita em latim por John Locke mais de um século antes e endereçada a um público erudito.

Em 4 de junho de 1764, a sentença de Toulouse é cassada pelo Conselho privado. Uma outra instância seria designada para avaliar o processo. Não escolheram outro Parlamento a fim de evitar que, por solidariedade, a decisão de Toulouse fosse confirmada. Coube ao "Les Requêtes de l'hôtel" o julgamento do caso. Em 17 de junho de 1764, Voltaire escreve ao casal de amigos d'Argental:

> Une chose bien intéressante c'est ce procès Calas renvoyé aux requêtes de l'hôtel, c'est-à-dire devant les mêmes juges qui ont cassé l 'arrêt toulousain. Cette horrible aventure de Calas a fait ouvrir les yeux à beaucoup de monde. Les exemplaires de la *Tolérance* se sont répandus dans les provinces, où l'on était bien sot. Les écailles tombent des yeux, le règne de la vérité est proche. Mes anges bénissons Dieu. [D11930].

Em 9 de março de 1765, três anos após sua execução, Jean Calas é reabilitado pelo tribunal "Les Rêquetes de l'hôtel". Voltaire[10] emociona-se com a notícia, escreve a Anne-Rose Calas em 17 de março de 1765:

> Vous devez, Madame, être accablée de lettres et de visites. Genève est comme Paris, il bat des mains à vos juges. L'Europe attendrie bénit la justice qu'on vous a rendue. J'ai embrassé Donat Calas en versant des larmes de joie. Vous avez suspendu tous les maux de M. Debrus et les miens. Nous n'avons senti que votre félicité au milieu de nos douleurs. J'embrasse Pierre de tout mon coeur. Souffrez que je vous en dise autant, aussi bien qu`à mesdemoiselles vos filles. Ne m'oubliez pas, je vous en supplie, auprès de M. de Lavaysse, et au milieu des acclamations publiques distinguez les sentiments de votre très humble et très obéissant serviteur. Voltaire [D12469].

As várias faces de um escritor

[10]Gustave LANSON explica os reflexos sobre a opinião pública relativa ao filósofo:"On commença à voir en lui autre chose que de l'esprit, et dans sa gloire prodigieusement multipliée par cette affaire, se mélèrent des sentiments de chaude dévotion et de respect que Voltaire jusque-là n'avait jamais inspirés." In: *Voltaire*. Paris: Hachette, 1960 , p.194.

Se o número de obras dedicadas ao affaire Calas é legião[11], há igualmente uma significativa bibliografia sobre o *Traité sur la tolérance*[12]. Os ensaios abordam desde os aspectos tipográficos, notas de rodapé e título até a exegese bíblica, a presença da cultura greco-latina, a recepção entre os protestantes e os ecos políticos do texto.

Os pesquisadores que se debruçaram sobre a correspondência fizeram, em geral, um recorte cronológico, como a fase de formação do autor[13], os anos que viveu em Cirey[14] ou a as cartas dos anos de maturidade[15]. Às vezes elege-se uma análise da correspondência cruzada com um interlocutor determinado[16], ou faz-se um recorte temático, caso, por exemplo, da tese "Détruire de vieux châteaux enchantés: la Bible dans la correspondance de Voltaire" (1994) de François Bessire[17], estudo minucioso sobre as centenas de citações das Escrituras. Esses trabalhos[18], entre dezenas de outros que citaremos ao longo das próximas páginas, revelam o interesse crescente pela obra do patriarca de Ferney.

Assumimos, por isso, grande risco ao eleger um autor com uma fortuna crítica monumental. Justificamos nossa escolha, contudo, ao constatar que se de um lado a correspondência , o affaire Calas e o *Traité sur la tolérance* mereceram estudos relevantes, de outro, menos atenção se dá ao estilo dessa parte de sua obra.

---

[11] Para citar apenas alguns estudos que se tornaram referência na historiografia sobre o tema, há o trabalho de Athanase Coquerel fils *Jean Calas et sa famille. Etude historique d´après documents originaux* de 1858 e reimpresso pela editora Slatkine de Genebra, 1970; outro texto fundamental é a tese *L´affaire Calas avant Voltaire* (1981) de Jean Orsoni que representou o grande marco no meio acadêmico. Essa pesquisa reúne, analisa e interpreta dados minuciosos sobre a biografia de cada membro da família Calas; tese não publicada; tivemos a oportunidade de consultá-la em micro-fichas na biblioteca central da Universidade de Paris-IV. Encontramos uma boa bibliografia sobre o tema no livro *L´affaire Calas: miroir des passions françaises* de Janine GARRISON. Paris: Fayard, 2004.

[12] Entre os textos de bibliografia desta tese, indicamos a obra coletiva *Études sur le Traité sur la tolérance de Voltaire*. Sous la direction de Nicholas CRONK. Oxford: Voltaire Foundation, 2000.

[13] V. HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Voltaire dans ses lettres de jeunesse (1711-1733) : formation d´un épistolier au XVIII siècle*. Paris: Klincksieck, 1992.

[14] V. KIM, Young-Lee. *Les Lettres de Cirey: Étude de la correspondence de Voltaire (1734-1749).* Thèse présentée pour l ´obtention du Doctorat à l´Université de Paris IV Sorbonne, sous la direction de Sylvain MENANT, 1999.

[15] V. MENISSIER, Patricia. *Les amies de Voltaire dans la correspondance (1749-1778).* Thèse présentée pour l'obtention du Doctorat à l'Université de Nancy 2, sous la direction de Roger MARCHAL, 2004.

[16] V. MERVAUD, Christiane. *Voltaire et Frédéric II, une dramaturgie des Lumières :1736-1778.* Oxford, Studies on Voltaire, 1985.

[17] V. BESSIRE, François. *La Bible dans la correspondance de Voltaire*. Oxford: Voltaire Foundation, 1999.

[18] Durante minha estada em Paris em 2005, tive a oportunidade de conhecer pesquisadores que estudam a correspondência cruzada de Voltaire com Damilaville e com d´Alembert (teses em andamento).

Sabemos que uma das proezas do patriarca foi reunir nomes de diferentes extratos sociais ao lado da "infeliz família", desde pastores protestantes às damas da Corte, de filósofos iluministas aos serventes semi-analfabetos, da burguesia ascendente às camareiras. Não querendo cometer injustiças com outros nomes que contribuíram na luta[19], Voltaire conseguiu criar uma opinião pública favorável. Trata-se de grande feito na França "toute catholique" para falar com Pierre Bayle.

Nosso objetivo, assim, reside em uma análise dos textos escritos para a defesa dos Calas, a partir da perspectiva da estratégia previamente elaborada pelo escritor, visando instruir e proporcionar prazer aos leitores que desfrutavam dos textos como um espaço privilegiado tanto de polêmicas quanto de entretenimento.

Elegemos, portanto, como objeto de nossa pesquisa o *Traité sur la tolérance*[20], redigido entre 1762 e 1763, mas publicado somente no final de 1763, e a correspondência ativa de Voltaire durante o período em que militou no affaire Calas. Entre a epístola datada de 22 de março de 1762 a Antoine-Jean-Gabriel Le Bault, conselheiro junto ao Parlamento de Bourgogne, quando Voltaire cita pela primeira vez o episódio, e a missiva de 17 de março de 1765, data em que anuncia ao amigo Damilaville a repercussão da vitória dos filósofos sobre a "infâme", contam-se 1.768 missivas[21] endereçadas a duas centenas de correspondentes. Há, nesse conjunto, cartas e bilhetes cujo assunto interessa pouco a nosso objeto. Acrescentamo-las, todavia, ao *corpus*, pois nelas se encontram informações relevantes para contextualizar o momento histórico e dar uma visão mais ampla das preocupações intelectuais do autor. Ocupamo-nos, outrossim, embora rapidamente, das *Pièces originales* (1762), cartas redigidas por Voltaire em nome de familiares de Jean Calas, além da narrativa policial "Histoire d´Élisabeth Canning et des Calas".

A preocupação com o momento histórico norteou-nos do início ao fim deste trabalho, uma vez que tanto a correspondência quanto o *Traité sur la tolérance* respondiam aos objetivos imediatos do autor- reabilitação de Jean Calas e melhoria dos direitos civis

---

[19] Ao contrário do que se costuma afirmar, Voltaire não foi o primeiro homem de letras a assumir a defesa de Jean Calas e seus familiares. Cinco meses antes do patriarca, o advogado La Beaumelle emprestou sua pena e colaborou com sua influência para reivindicar os direitos civis dos protestantes.

[20] Utilizamos a edição de referência. VOLTAIRE. *Traité sur la tolérance*. Présentation par René POMEAU. Paris: Flammarion, 1989.

[21] A maioria da cartas citadas encontra-se nos volumes: *Correspondance* (octobre 1760-décembre 1762). Texte établi et annoté par Theodore Besterman. Notes traduites par Frédéric Deloffre. Paris : Gallimard,

dos protestantes - e se inscreviam em uma luta mais ampla -o advento da Razão. As reflexões e o deleite que os textos de Voltaire nos proporcionam ainda hoje exigem o conhecimento dos percalços enfrentados pelos “hommes de lettres” que buscavam solidificar seu papel na sociedade do Antigo Regime.

Voltaire aposta em sua batalha, malgrado diversos revezes contra um inimigo poderoso representado por uma máquina estatal obsoleta e uma Igreja influente. Ressaltam-se de suas cartas a maneira como insuflava ânimo no abatido grupo de filósofos e os meios de persuasão para obter aliados.

Interessa-nos como o filósofo, a partir de “Délices” e “Ferney”, organizou seu exército de colaboradores e coordenou avanços e recuos no campo inimigo. Lutar na clandestinidade implicava emprego de codinomes, linguagem codificada e apelidos. Uma peleja entre forças desiguais significaria também, segundo a visão voltairiana, recorrer à diplomacia, quiçá à bajulação dos poderosos.

O “general” contava ainda com dois trunfos irrefutáveis, sua idade avançada (sessenta e sete anos) e seu renome como autor de tragédias que lhe davam uma credibilidade impensável para outros grandes filósofos do período, conforme veremos. Se a habilidade de um comandante enérgico caracterizava sua elocução em diversas passagens, em outras dava vazão ao “eremita”, ao velho sábio esquecido em seu quarto, longe das vicissitudes do mundo parisiense. Vinha à tona, com freqüência, o estilo do cortesão, assim como a eloqüência do advogado ou o discurso solene do “bom samaritano” como se auto-denominou em uma das mais belas missivas escritas durante o affaire Calas. Nesta, e em outras cartas, emerge um tom arrebatado que lembra, via de regra, uma homilia a um grupo de fiéis.

Às diferentes imagens que fazia de si, bem como àquelas que pretendia transmitir aos outros, correspondia um discurso particular ou um tom preciso que nos empenhamos em analisar, tanto nas cartas quanto no *Traité sur la tolérance*.

De fato, nas centenas de cartas que redigiu, reconhecemos como o filósofo construiu uma consistente via argumentativa, tentando mostrar aos quatros ventos que a condenação

---

1980.*Correspondance* (janvier 1763-mars 1765). Texte établi et annoté par Theodore Besterman. Notes traduites par Frédéric Deloffre. Paris : Gallimard,1981.

do réu fora motivada pelo fanatismo religioso daqueles que se diziam "devotos", acreditando servir a Deus com o sangue de um pai de família simplesmente porque este não compartilhava dos mesmos ritos que os católicos.

Interessa-nos investigar de que maneira utilizou uma das principais fontes de sua estratégia: a Bíblia. Justamente a arma dos "inimigos" oferecia-lhe um rol de matérias que contribuiria para desvendar a verdade. A compreensão do alcance dos argumentos utilizados por Voltaire não dispensa o conhecimento das passagens mais citadas do livro sagrado nos textos que nos propomos a analisar, ainda que evitemos qualquer exercício de exegese bíblica[22]. Nosso intuito consiste em demonstrar como o filósofo "transformava" as Escrituras em uma artilharia a favor da causa que abraçara.

Se a Bíblia proporcionou ao autor uma rica fonte temática e formal para a edificação da defesa da "infeliz família", também sofreu, como veremos, um processo de dessacralização característico, de resto, de outras obras do autor.

Na leitura do conjunto de textos que selecionamos, percebemos, assim, a vontade de agir sobre o outro, influenciá-lo e levá-lo a assumir uma posição. Ora, estudar a dimensão retórica desses escritos revelou-se, consequentemente, como uma via profícua para abordar o estilo voltairiano.

Lembremos que somente a partir do momento que a possibilidade de decidir se oferece aos cidadãos de um determinado lugar, a retórica como técnica de persuadir passa a ter especial importância. No escândalo judicial que se apresentava, no qual a inexistência de provas foi substituída por indícios, Voltaire encontrou um campo propício e ideal para exercer sua eloqüência[23].

Quanto à reflexão sobre a tolerância, mostraremos o papel do filósofo como vulgarizador das idéias de Pierre Bayle e John Locke, cujas obras seminais sobre o tema[24] são, a nosso ver, indispensáveis para a compreensão do *Traité sur la tolérance*. Desse

---

[22] Para os estudos do século XVIII, recomenda-se a tradução de Lemaître de Sacy, da qual alguns exemplares figuravam na biblioteca de Voltaire. *LA BIBLE*. Traduction de Louis-Isaac LEMAÎTRE de SACY. Préface et textes d ´introduction établis par Philippe SELLIER. Chronologie, lexique et cartes établis par Andrée NORDON-GERAD. Paris: Robert Laffont, 1990.

[23] A retórica que reconhecemos na estrutura de suas missivas e em alguns capítulos do *Traité sur la tolérance* é, em grande parte, tributária de Aristóteles. Utilizamos a edição ARISTOTE. *Rhétorique*. Livres I et II texte établi et traduit par Médéric Dufour. Livre III texte établi et traduit par Médéric Dufour et André Wartelle. Paris: Gallimard, 1991.

[24] Referimo-nos aos livros *De la tolérance: commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ "contrains-les -d´entrer"* de Pierre BAYLE e *A Letter concerning toleration* de John Locke.

modo, podemos ter em conta a filiação do filósofo, assim como sua inserção numa trilha que vinha sendo palmilhada por autores de porte. Voltaire, portanto, se insere numa linha de pensamento que- com suas diferenças- acaba por apontar mais um caminho do progresso humano, o da possibilidade de convivência de contrários. É o que veremos em seguida.

Primeira parte

UMA CORRESPONDÊNCIA INCENDIÁRIA

“CARTEADOR” CONTUMAZ

Uma pena, um tinteiro: singular ponto de vista do século XVIII

A exemplo de Cícero, Sêneca e Plínio-o-Jovem, Voltaire dedicou-se, de forma intensa, a dialogar por meio de cartas, contribuindo - ao lado de Rousseau, Diderot e D’Alembert, entre outros, para tornar o século XVIII um dos períodos de ouro da correspondência.

De 1704 a 1778, ano de sua morte, contam-se 15.482 epístolas endereçadas a cerca de 1.200 correspondentes em toda a Europa. Em 1955, esse legado passou aos cuidados de Theodore Besterman, um mecenas polonês, que assumiu a direção do museu do “Château des Délices” em Genebra.

Em 1972, Besterman muda-se para a Inglaterra, onde dá início à “Voltaire Foundation” em Oxford, que tinha como tarefa precípua a publicação das obras completas do filósofo francês. Essa fundação transformou-se num dos mais importantes centros de estudos não apenas sobre Voltaire, mas também sobre o século XVIII, tendo como um de seus departamentos o *SVEC* (“*Studies on Voltaire and the Eighteenth Century*”). Após anos de pesquisa e graças às centenas de colaboradores, a *SVEV* publicou, entre 1968 e 1977, a correspondência cruzada de Voltaire. O resultado desse trabalho incrementou o número de interessados na obra do patriarca de Ferney.

Entre 1978 e 1993, foi a vez da editora Gallimard, na sua coleção “Pléiade”, brindar o público com a publicação da correspondência ativa do filósofo em treze volumes. As notas da edição “definitiva” de Besterman foram traduzidas para o francês pelo professor Frédéric Deloffre, da Universidade de Paris-Sorbonne.

As milhares de epístolas cobrem um longo ciclo que se estende dos últimos anos da era Luís XIV (1643-1715), passando pela regência do Duque d’Orléans (1717-1723), todo o período de Luís XV (1723-1774), até o início do reinado de Luís XVI (1774-1793). O autor cita, comenta e interpreta fatos relevantes. Trata-se de um importante ponto de vista que, cruzado com outros, esboça, sem dúvida, as linhas mestras do pensamento iluminista.

Sabemos o quanto o século XVIII foi (e continua sendo) apresentado equivocadamente por sucessivas gerações de críticos. As razões dessa imprecisão explicam-se pelas tendências ideológicas predominantes em certos momentos da história, pelo modo com que os textos chegam aos leitores, enfim por um conjunto de fatores que influenciam a recepção de qualquer obra ou manifestação artística. São questões relevantes que continuarão existindo, cabendo ao estudioso de hoje discernir o alcance e os limites de certas leituras.

Uma visão muito difundida do período diz respeito ao suposto maniqueísmo: de um lado a razão, sob a liderança de Voltaire, de outro o sentimento, apanágio dos românticos e tendo Rousseau como precursor. A correspondência do primeiro demonstra de forma cabal a incoerência de tal idéia. Afinal, o criador de *Zaïre* revela em suas cartas uma faceta desconhecida: a do homem compassivo, afável, cuja sensibilidade não deve nada ao seu adversário genebrino.

O autor de *Émile*, por sua vez, assinou textos recheados de discussões políticas, preteridos em favor das páginas idílicas das *Confessions* e *Les rêveries d'un promeneur solitaire*. Segundo Roberto Romano, a lenda do Rousseau como modelo do poeta maldito foi criada pelo Romantismo do século XIX, que:

> [...] seqüestrou a política e as críticas às artes, arrancando-as do pensamento racional do século XVIII.[25]

Da mesma maneira que a contribuição de Rousseau foi tendenciosamente avaliada, também Voltaire representou durante décadas o homem do sorriso hediondo para dizer com Musset. Até hoje, associamos seu nome à sátira e à ironia mordaz. Esse retrato, embora correto, peca pela redução. Deixam-se de lado obras relevantes como as tragédias *Oedipe*, *Zaïre* e *Mahomet*, para citar apenas três das dezenas de peças que escreveu; além de poemas, diálogos e livros de história bem documentados. Destarte, nossa pesquisa sobre um escritor tão controvertido cerca-se do cuidado de evitar os lugares-comuns referentes ao autor e à época em que viveu.

---

[25] ROMANO, Roberto. "Mentiras transparentes. Rousseau e a Contra-revolução romântica". Conferência na abertura do I Colóquio "Rousseau , verdades e mentiras" na UNESP- Araraquara, proferida no dia 12 de novembro de 2003. disponível no site http://www.unicamp.br/~jmarques/gip.

Como caracterizar, então, o século XVIII de forma resumida mas verdadeira? É delicado enumerar uma série de características sem redundar em simplificação. Pode-se apontar, em linhas gerais, o cosmopolitismo, a vontade de conhecer o mundo além dos limites europeus (na esteira do que já acontecia no século anterior), especialmente o Oriente, países como a China e a Pérsia com todas as suas magias exóticas.

O questionamento sobre a felicidade angustia aqueles que não se contentavam mais com as respostas da religião. É necessário encontrar uma justificativa para a vida humana. O ceticismo recebe adeptos, e a crença numa "providência" sofre ataques ácidos, tendo em Voltaire um de seus mais ofensivos oponentes. As críticas à providência divina iam de par com a preocupação em deslindar a Bíblia por meio de exaustivos estudos. A exegese bíblica encetou querelas sobre as contradições da história judaico-cristã. Voltaire não ficou alheio a esse debate, suas investidas contra o livro sagrado permanecem memoráveis pelo fel destilado.

Nas missivas do filósofo, fica patente a obsessão da sociedade pelo conhecimento, pela compreensão racional do mundo. Cresce a importância de ciências como a biologia, a medicina, a astronomia, a matemática, a geometria e outras. No caso de Voltaire, a física interessou-o a ponto de escrever sobre Newton, sem contar a influência decisiva de Mme de Châtelet, sua companheira durante dezesseis anos, para aprofundar seus conhecimentos na área.

O intercâmbio da França com outras nações européias recrudesce. Aumenta o número de editoras piratas em território francês, o que facilita a circulação de obras estrangeiras. Frisamos as temporadas dos homens de letras no exterior. É conhecida a admiração de Voltaire pela Inglaterra, considerada por ele modelo de tolerância, embora nesse país os católicos fossem perseguidos.

Impressiona-nos a quantidade de informações sobre a História francesa e européia citadas nas cartas - de seus aspectos sociais mais prosaicos aos tormentos metafísicos que afligiram o homem contemporâneo- dados econômicos, curiosidades sobre transações financeiras, nível de vida de nobres, burgueses e clero. Aprendemos detalhes pitorescos da vida social, descobrimos as leituras preferidas e os hábitos religiosos. Tudo, enfim, do que havia não só de ilustre, mas também de ignóbil, sobretudo no interregno que separa a morte de Luís XIV (1715) e a de seu sucessor Luís XV (1774).

A vida, a arte, a doença, o sofrimento e a morte são temas presentes nas cartas de Voltaire, ora apenas sugeridos, ora aprofundados por longas digressões. Não seria necessário dizer que seus interlocutores, em geral eruditos e inteligentíssimos, também se debatiam com essas e outras questões.

No rol de seus correspondentes, reconhecemos personalidades de diferentes profissões, como Jonathan Swift, Alexandre Pope, La Harpe, Chamfort, Duque de Richelieu, Duque de Choiseul, Catarina II da Rússia, Frederico II da Prússia, Théodore Tronchin, Maupertius, Madame du Deffand, Marmontel, Condillac, Helvétius, d'Alembert, Diderot, Jean-Jacques Rousseau, Condorcet e dezenas de outros.

O maior número de cartas foi endereçado a d'Argental, aproximadamente 1.200; para o tipógrafo genebrino Gabriel Cramer, conhecemos cerca de 900; Damilaville, fiel escudeiro na luta contra a superstição , e o amigo Thiriot receberam mais ou menos 500 missivas cada um. Tudo indica que sua primeira carta date de setembro de 1704 e ditou o último bilhete endereçado ao filho de Lally-Tollendal, em 26 de maio de 1778, quatro dias antes de morrer. Em poucas e emocionantes palavras, Voltaire felicita-se pela reabilitação do general condenado à morte, sem provas, em 1766: "Le mourant ressuscite en apprenant cette grande nouvelle; il embrasse bien tendrement M. de Lally; il voit que le roi est le défenseur de la justice; il mourra content."

Os diálogos epistolares de Voltaire chamam-nos a atenção pelo vigor de seu estilo e pela infinita cortesia com seus interlocutores, fossem eles amigos próximos ou indivíduos com quem jamais se encontrara. Em certas passagens, no entanto, o filósofo deixa de lado a *bienséance* tão bem manejada por ele, dando lugar a uma linguagem impolida, onde não faltam palavras chulas como, por exemplo, em carta ao amigo Thiriot em junho de 1722: "Allez vous faire foutre avec le ton tragique dont vous m ´écrivez". É muito raro, porém, que se desse a essa liberdade, pois sua postura mais freqüente primava pela boa educação. Tal delicadeza, de resto, não era apanágio da escrita voltairiana, uma vez que escrever cartas no século XVIII implicava obediência a um estrito cerimonial.

As cartas selecionadas para nossa pesquisa foram escritas nas duas propriedades que Voltaire adquiriu para viver livre das perseguições de que era alvo: uma residência perto de Genebra, batizada de "Les Délices" (1755), e o "Château" em Ferney (1758).

Muitas missivas de 1762 a 1765 foram ditadas ao secretário Wagnière, pois as moléstias que o acometiam impediam-no não apenas de escrever, mas também de ler. Graças à fortuna que amealhou astutamente durante a vida, o filósofo pode enfrentar as agruras da idade avançada com tudo o que havia de melhor em termos de assistência médica e de conforto material.

Nesse período intensifica-se a correspondência com a confraria dos homens de letras. Entre eles, destacamos d'Alembert, com quem mais de uma vez, discutiu os rumos da *Encyclopédie*. Os obstáculos enfrentados por d'Alembert e Diderot para publicá-la, bem como as adesões recrutadas entre monarcas estrangeiros foram assuntos recorrentes nas epístolas. Voltaire ressaltava o valor da empreitada, reconhecia nela um passo decisivo para a vitória da Razão sobre a ignorância. Colaborou com dezenas de artigos, entre os quais "Elegance", "Esprit", "Fantaisie", "Félicité", "Finesse", "Gloire", "Goût", "Heureux", "Histoire", "Idole" e "Idolâtre" e mesmo ao deixar o empreendimento, continuava como incentivador.

Um dos assuntos que vem à tona é a simpatia de Voltaire por Catarina II da Rússia. Em carta ao diplomata Ivan Ivanovitch Schouvalov [D10730], enaltece o empenho da imperatriz russa em divulgar as Luzes, oferecendo-se para publicar a monumental obra.

No château de Ferney, Voltaire acompanhou a maior parte da Guerra dos Sete Anos (1756-1763), o sanguinário combate que opunha, de um lado, a França, com as aliadas Áustria, Espanha, Suécia, Rússia e Saxônia e de outro a Inglaterra apoiada pela Prússia e Hanovre. No final do conflito, a França recuperou a Martinica e Guadalupe, mas perdeu a Índia, o Senegal, o Canadá e o vale do Ohio. Voltaire tinha grandes investimentos na Alemanha, na França e no comércio marítimo, cujos lucros estavam ameaçados. Além disso, denunciava as barbáries da guerra, considerada ao lado da fome e da peste, um dos "ingrédients les plus fameux de ce bas monde." (*Dictionnaire philosophique*). O massacre de dezenas de soldados e civis, sobretudo em território alemão, foi duramente criticado em seu imortal *Candide*, em que "ábaros" e "búlgaros" representavam os franceses e os alemães respectivamente. Sobre o episódio aponta dados relevantes em suas cartas como as questões diplomáticas relativas ao Canadá e a importância do papel do primeiro ministro Choisel no cenário europeu.

Além da guerra e da política, a correspondência de Voltaire entre 1762-1765 deixa clara sua curiosidade quanto a problemas sócio-econômicos. Numa missiva à "Gazette Littéraire de l'Europe", de outubro de 1764, tece um extenso comentário sobre as conseqüências de um aumento significativo das populações de países como a Suécia e a França.

Pelas cartas temos notícia da contribuição de Madame de Pompadour ao bom andamento do affaire Calas. Da mesma forma, sua morte prematura (1764) aos quarenta e três anos de idade mereceu o comentário do patriarca de Ferney sobre essa que fora uma das personalidades mais influentes na Corte desde 1744, quando passou a ser a preferida de Luís XV. Aprendemos, outrossim, a boa repercussão no círculo de amigos de Voltaire, da expulsão da Companhia de Jesus da França em 1764. Considerando-a inimiga dos filósofos, em dezembro do mesmo ano, escreve:

> Il faut espérer que la philosophie reprendra un peu le dessus, puisqu'elle est délivrée de ses grands ennemis. Je sais bien qu'elle en a encore, mais ils sont dispersés et désunis; rien n'était si dangereux qu'une société de fanatiques gouvernés par des fripons et s'étendant de Rome à la Chine.[D12271].

No plano de suas realizações como escritor, a dedicação ao desdobramento do affaire Calas não impediu que fizesse a revisão de alguns textos. Sempre um duro crítico de si mesmo, acata as sugestões dos amigos e até de anônimos. Sua contumácia em rever seus escritos era proverbial e refletia a obstinação em instruir-se e aprimorar-se. Gostava de repetir a frase: "Il ne faut jamais rougir d'aller à l'école, eût-on l'âge de Matusalém."

Quando se trata de teatro, apesar de se mostrar conservador, a autoridade no tema desvenda-se nas análises detalhadas das peças, sem dúvida contendo pareceres bastante pertinentes ainda hoje, apesar das transformações sofridas desde então, concernentes ao conceito de arte, literatura, crítica e seus corolários como cânone, valor estético e outros. Uma contribuição relevante diz respeito à mise- en-scène, o termo não era conhecido no

século XVIII, pois a ação cênica seguia as regras tradicionais. Voltaire, no entanto, ensinava aos atores que cada peça possuía sua especificidade.[26]

Um estudioso de literatura deleita-se com os numerosos pareceres sobre poetas de várias épocas. Há dezenas de páginas consagradas à análise das peças de Racine, Corneille e Shakespeare, bem como alusões espirituosas às fabulas de La Fontaine e aos "romances" de Rabelais.

Ao filósofo fora encomendada a tarefa de organizar uma edição comentada das tragédias de Pierre Corneille, cujos direitos autorais se destinaram à sobrinha neta do artista, adotada pelo patriarca com carinho paternal. Tomou a peito a responsabilidade de encontrar um marido adequado para a jovem herdeira do "Shakespeare francês." Em várias ocasiões, entre as críticas acirradas sobre as peças *Le Cid* e *Cinna*, Voltaire perguntava aos amigos se conheciam algum parente de Racine para casar com Mademoiselle Corneille. Em carta a Thoulier d'Olivet, jesuíta e professor no liceu "Louis-le-Grand", comenta:

> Nous en sommes au septième tome de *Pierre Corneille*, et il y en aura probablement douze ou treize. J'ai été sur le point de faire un ouvrage qui m'aurait plu autant que *Cinna*, c'était le mariage de Mlle Corneille, mais comme le futur ne fait point de vers, le mariage a été rompu. Si vous connaissez quelque neveu de Racine envoyez-le-moi au plus vite et nous conclurons l'affaire. [D10905]

Também durante os anos do affaire Calas, Voltaire publica *Dictionnaire philosophique* ou *Dictionnaire Portatif* (1764), que causou escândalo entre os devotos. Diz tratar-se de um "livre diabolique" e insiste em negar a paternidade, pois seria perseguido. Mesmo nas cartas aos amigos mais íntimos, o filósofo reitera que tal livro seria de vários escritores. Em resposta a Madame d'Épinay [D12102], por exemplo, combina astúcia, galanteria e devoção a fim de eximir-se da autoria, ao mesmo tempo em que aponta qualidades da obra. Não seria conveniente, do ponto de vista estratégico, reconhecer que esse texto agressivo era de sua lavra, poderia prejudicar o bom andamento do processo tolosano.

---

[26] Cf. LAGRAVE, Henri. "*Mise en scène*" In: *Inventaire Voltaire* (org. GOULEMOT, J./MAGNAN, André/ MASSEAU, Didier). Paris: Gallimard, 1995. pp. 928. Lagrave explica-nos ainda que: "À des acteurs souvent routiniers, qui *jouaient la situation*, il apprit que chaque texte a sa signification propre, qu´un personnage est plus complexe qu´un *emploi* de théâtre, et qu´ils exigent donc, pour leur donner la vie, des efforts appropriés. *Zaïre* n´est pas *Mérope*, et *Tancrède* n ´est que *Tancrède*. La tradition ou l´instinct n ´y suffisent pas; il y faut la réflexion, l´étude, une sensibilité aiguë. Du même coup, Voltaire inventait le *metteur en scène*, celui qui dégage de l´oeuvre un sens, pour lui donner l´existence scènique qui la crée; celui aussi qui détermine un *ensemble*, qui dirige une équipe." Idem, p. 928.

Correspondência de Voltaire: um clássico da literatura

Embora Voltaire se preocupasse com a edição e recepção de sua obra, não tinha nenhuma intenção de publicar suas missivas. Em novembro de 1764, escreve a Pierre Rousseau a respeito de uma coletânea de cartas que circulava sem sua autorização:

> J´apprends que pour surcroît, on vient d´imprimer en Hollande mes *Lettres secrètes*. Je crois qu´en effet ce recueil sera très secret, et que le public n´en saura rien du tout. Il me semble que c´est à la fois offenser le public, et violer tous les droits de la société, que de publier les lettres d ´un homme de son vivant [...][D12195].

Ainda sobre essa brochura, comenta a Damilaville: [...] On m´a mandé que c ´est un recueil aussi insipide qui si l´on avait imprimé les mémoires de mon tailleur et de mon boucher." [D12208].

A recusa do filósofo em revelar ao público suas cartas levou o estudioso François Bessire a não considerar a correspondência de Voltaire como parte de sua obra, mas sim como resultado da vontade de sucessivas gerações de editores que recolheram e organizaram as missivas suscetíveis de interessar ao público:

> La *Correspondance* de Voltaire n´est pas son oeuvre. Née de la volonté d´exalter la mémoire de l´homme, de le défendre et d´éclairer l´oeuvre, elle est le produit d´un geste à la fois éditorial et politique[27].

Desnecessário dizer que não endossamos a opinião do crítico. Embora o filósofo não tenha desejado publicar suas cartas, por julgá-las de pouco interesse para o público, a posteridade continua se debruçando sobre essa correspondência monumental, situando-a, às vezes, como a obra maior do autor, opinião partilhada por, entre outros, Philippe Sollers[28] e Paul Valéry[29].

Interessam-nos o aspecto documental, a riqueza de dados históricos e o valor da refinada crítica literária que perpassam centenas de cartas, mas a fruição advém do caráter artístico, da literariedade. De fato, além de veicularem um privilegiado ponto de vista sobre uma determinada época, essas missivas proporcionam prazer pela construção formal. Não por acaso, tornaram-se modelos de composição quando o autor ainda vivia[30].O primeiro

---

[27] BESSIRE, François. "La correspondance: l´oeuvre majeure de Voltaire?". *RHLF*. 1999, p. 213.
[28] "Mystérieux Voltaire" In: *La guerre du goût*. Paris: Gallimard, 1994, pp. 435-39.
[29] "Paul Valèry et Voltaire: propos inédits." *RHLF*. 1968, pp. 382-400.
[30] V. HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Voltaire dans ses lettres de jeunesse (1711-1733): la formation d'un épistolier au XVIIIe siècle*. Paris: Klincksieck,1992. Na introdução desse livro, a autora nos explica que:

parágrafo endereçado ao amigo abade Aldonce de Sade [1705-1778] serve-nos de exemplo:

> Vous avez écrit à un aveugle, Monsieur, et j'espère que je ne serai que borgne quand j´aurai l´honneur de vous revoir. Soyez sûr que je vous verrai de très bon oeil s´il m'en reste un. Les neiges du mont Jura et des Alpes m´ont donné d´abomibables fluxions que votre présence guérira. Mais serez-vous en effet assez bon pour venir habiter une petite cellule de mon petit couvent? Il me semble que Dieu a daigné me pétrir d 'un petit morceau de la pâte dont il vous a façonné. Nous aimons tous deux la campagne et les lettres, embarquez-vous sur notre fleuve, je vous recevrai à la descente du bateau, et je dirai *benedictus qui venit in nomine Apollinis*[31]. [D12267].

Hoje a correspondência de Voltaire é tão estudada quanto o restante de sua copiosa produção literária, teatral e histórica. A edição da "Pléiade" dedicou apenas três volumes a parte da obra do autor (que inclui contos, panfletos, diálogos, epístolas, poemas, ensaios, além dos textos sobre história); enquanto há treze tomos para a correspondência. Geneviève Haroche-Bouzinac afirma que:

> La correspondance de Voltaire, par son étendue, sa force persuasive, son caractère théâtral et sa vivacité a fini par constituer un massif susceptible de rivaliser avec l'oeuvre. Avec un brio qui le rend capable de varier infiniment exordes et formules de conclusion, Voltaire se sert de la lettre pour séduire, pour se plaindre, pour convaincre mais toujours davantage pour agir que pour chercher à se dire.[32]

Concordamos com a autora sobre o talento sedutor de Voltaire. Do início ao fim de suas missivas, ficamos sob o encanto de sua escrita. O poeta filósofo não descuidou da expressão quando "escrevia para agir". Ao longo de nosso trabalho, tentaremos mostrar como a dimensão militante da correspondência durante o affaire Calas inspirou textos belíssimos, aliando uma aguda sensibilidade com um espírito de compromisso.

> Além, ou melhor, antes de ser o grande mito da literatura francesa e universal, Voltaire foi, para seus contemporâneos, também um homem de boa companhia, um "honnête-homme" como diriam no meio aristocrata. Trata-se, enfim, de um fino conversador que não se furtava a empregar diferentes astúcias para agradar e convencer seus correspondentes.

"Ces lettres que Voltaire n'a pas toujours souhaité voir dans les mains de tout le monde (...)l'ont placé de l'avis unanime, au rang des épistoliers de l'antiquité, l'ont erigé en modèle dans de nombreux traités d'art épistolaire de la fin de son siècle et du XIXème. siècle". pp.17-18.

[31] "D´après les *Psaumes*, CXVII, 26, et l´*Évangile selon saint Luc*, XIII, 35. Traduction: *Béni celui qui vient au nom d´Apollon*." *Correspondance*. Paris: Gallimard, 1981, p. 1472.

[32] "Les Lumières, une ère de liberté". *ML*. Mai, 2005, p. 54.

INCIPIT E SUBSCRIÇÃO: UMA ESTÉTICA DO AFAGO

Personne n'a jamais flatté aussi bien et avec autant de succès que Voltaire.[33]

Entre etiqueta e informalidade

A correspondência constituía a principal maneira de Voltaire, retirado na província, manter contato com Paris, cidade da qual nutria imensa nostalgia, atiçada devido à proibição de habitá-la ou visitá-la, e que, paradoxalmente, era alvo de seus ataques em vista da futilidade reinante.

Conservar laços na terra de sua infância e juventude significava a garantia de ser lembrado, permanecer vivo no meio cultural, ter voz e defender-se dos adversários. Suas amizades epistolares provinham de diferentes esferas sociais, facilitando a penetração de suas idéias tanto nos círculos aristocráticos conservadores quanto nos grupos de escritores perseguidos. Esse rol de contatos de procedências conflitantes contribuiu para sua reputação de hipócrita. De fato, condenaram muitas atitudes do autor, desconsiderando-se o contexto e os objetivos visados por ele[34].

A correspondência do filósofo oferece uma gama generosa das máscaras assumidas de acordo com os interlocutores. Afinal, a carta constitui um espaço privilegiado da criação, dos disfarces e das meias verdades. Nada mais avesso ao espírito do autor que as expressões "desnudamento", "auto-revelação" e "confidências". Vislumbram-se em suas missivas, antes de mais nada, uma vontade de auto-representação e um desejo de agir sobre o outro. Esses aspectos não singularizam apenas o estilo de Voltaire, mas nos remetem a uma longa tradição da epistolografia francesa e européia. Interessa-nos lembrar algumas etapas dessa herança.

A arte epistolar do século XVIII ainda não se emancipara totalmente das prescrições do século anterior. Por mais que a simplicidade e a espontaneidade ganhassem importância (características, aliás, já valorizadas no "Grand Siècle"), obedecia-se a certa etiqueta. Escrever e enviar uma carta implicava o conhecimento de todo um código de civilidade que

---

[33] SAREIL, J. *Voltaire et les grands*. Genève: Librairie Droz, 1978, p.135

[34] " Sa conduite ne peut être comprise qui si on l´envisage sous l´angle stratégique, et c´est presque toujours au nom de la morale qu´on l´a jugée." Idem, p.6.

orientava a disposição da escrita, o tipo de papel a utilizar, o local correto da subscrição, a forma de tratamento, além da maneira de apresentar o assunto.

Essas normas vinham consignadas nos famosos *secretários*. Derivado do latim *secretum* (o que deve ser escondido), a palavra designava, na Idade Média, o responsável em redigir as missivas e organizar os documentos. Passou, com o tempo, a significar uma coletânea de cartas; finalmente, no século XVII, com o desenvolvimento do correio e a voga dos salões, vulgarizou-se a difusão dos *secretários* como manuais de bem escrever. Os primeiros *secretários* conhecidos na França foram traduções dos italianos, posteriormente Jean Puget de La Serre escreveu o *Secrétaire de la cour* (1625) e Paul Jacob, o *Parfait Secrétaire* (1646).[35]

Em 1671, Antoine de Courtin publicou o *Nouveau Traité de la civilité qui se pratique en France parmi les honnêtes gens*, várias vezes reeditado. Nessa obra, orienta-se o comportamento em diferentes situações da vida social, frisando o respeito à hierarquia. No capítulo dedicado à epistolografia, Courtin recomendava:

> Que dans le corps de la lettre, toutes les fois que l´on est obligé de répéter Monsieur, ou Monseigneur, lequel on doit répéter par respect de temps en temps, et particulièrement quand le discours s´adresse directement à la personne qualifiée, il se doit aussi s´écrire tout au long, et non par abréviation. Par exemple: *Ainsi vous voyez, Monsieur*, ou *Monseigneur*, et non pas *Mons. ou Mgr. combien le bon sens est rare*[36].

Ao contrário do que possa parecer natural, pelo menos para nós, leitores do século XXI, a carta comportava, em princípio, pouco espaço para desabafos, grandes exaltações, revelações de sentimentos[37]. A sinceridade cedia lugar à criação de uma imagem, à cortesia calculada, a certo "fingimento" bem acolhido pelo grupo social que se dedicava à prática epistolar.

De fato, seria considerado de mau gosto "abrir o coração" para o destinatário, classificava-se o tal missivista um "Narciso"[38]. Havia exceções, como Jean-Jacques

---

[35] Cf. GRASSI, Marie-Claire. *Lire l´Épistolaire*. Paris: Dunod, 1998, p. 12.

[36] COURTIN, Antoine de. *Nouveau traité de la civilité qui se pratique en France parmi les honnêtes gens*. Présentation et notes de Marie-Claire GRASSI. Saint-Étienne: publications de l´Université de Saint-Étienne, 1998, p. 165.

[37] Obviamente não se trata de uma regra. As cartas de Madame de Sévigné, no século anterior, era cada vez mais admirada pela verve e criatividade da autora. No século XVIII, no entanto, nota-se uma grande tensão entre a vontade de criar uma imagem e a auto-revelação.

[38] "A la fois pour des raisons morales (on ne doit pas trop s´épancher sous peine d´être un Narcisse) et sociales (il est dangereux de trop se livrer), il ne saurait être présenté exclusivement comme le genre de la

Rousseau, para citar apenas um caso, que em sua correspondência com Malesherbes, desrespeitava essa norma a fim de expandir-se com suas queixas. O próprio Voltaire não seria o reconhecido brilhante missivista se não ousasse trilhar caminhos diferentes aos propostos nas salas de aula e nos *secretários*.

Essa liberdade, contudo, esbarrava com um mínimo de protocolo, por meio do qual um determinado grupo se identificava e se diferenciava. Assim, o leitor de hoje estranhará o cerimonial empregado mesmo em missivas destinadas aos mais próximos. Chama-nos a atenção, nas cartas de Voltaire, o "vouvoiement" utilizado com todos os correspondentes, inclusive com seus antigos colegas do colégio "Louis-le-Grand", sua sobrinha Mademoiselle de Denis ou sua amiga Madame du Deffand . Somente no século XIX, o "tutoiement" seria freqüente no carteio entre pessoas íntimas. Tal etiqueta, porém, não coibia manifestações de ternura e admoestações.

Outro traço distintivo da epistolografia da época concerne à brevidade. Até mesmo como forma de respeito e homenagem à inteligência do outro, não se devia dizer tudo, mas deixá-lo completar os "brancos", as omissões. A propósito, a divulgação das cartas de Voltaire contribuiu para sedimentar o gosto por um estilo elíptico.[39]

Os ornamentos não eram bem-vindos; a concisão ia de par com a naturalidade. Valoriza-se a simplicidade trabalhada, próxima à *currente calamo* dos latinos. No século das Luzes, os homens de letras encontravam esse ideal de informalidade em Horácio. O poeta das *Odes* e *Epistolas* propunha a inserção do estilo coloquial na literatura. Não por acaso tornou-se o autor de referência de Voltaire, Diderot e Rousseau. O patriarca de Ferney dedicou-lhe uma "épître"[40] no final da vida, tributo a um de seus autores tutelares.

Estamos no domínio do *locus amoenus*, nada mais deselegante, portanto, que alardear conhecimentos.Trata-se de um preceito ensinado em diversos *secretários* do século XVIII.[41]

Verdadeira chancela de distinção, redigir cartas de forma elegante contribuía para demarcar o próprio espaço social, pertencer a uma determinada elite, preservar contatos e

---

sincèrité ou de la confiance, mais essentiellement comme le lieu d´une mise en scène intime, familière ou mondaine." HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. Op. cit. p. 134.

[39] Idem p. 79

[40] v. "Épitre CXIV. A Horace (1772) in *Oeuvres complètes de Voltaire: contes en vers- satires-épîtres-poésies mêlées*. Paris: Garnier Frères,1877, pp.441-447.

[41] HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. Op. cit p. 139

estender o círculo de relações. A correspondência representava, em geral, uma extensão dos salões. Inferimos daí que a regra de ouro dos missivistas consistia em agradar. Voltaire não apenas conhecia o preceito, mas o estendia a grande parte de sua obra. [42]

Um aspecto muito criticado do estilo voltairiano das missivas diz respeito à forma bajuladora de cumprimentar seus interlocutores, desconsiderando-se que nosso autor obedecia às normas de civilidade. Essa questão, aparentemente anódina, remete-nos à relação dos escritores com o poder no Antigo Regime. Um homem de letras para sobreviver dependia, frequentemente, da liberalidade dos poderosos. Escrever cartas significava, então, mais que do um mero passatempo mundano, era condição de status num meio social regido pelo favor, proteção e recomendação.

“[...] je ne suis plus qu ´une ombre et pas même une ombre ambulante” [D12310]

Os teóricos definem as partes da carta tendo como referência as categorias da eloqüência: exórdio, narração e conclusão.[43] O início constitui lugar privilegiado para atrair o interlocutor. Um dos conselhos dos *secretários* era evitar começar as missivas sempre da mesma forma. Basta olhar o quadro dos *incipits* da correspondência de Voltaire para perceber sua criatividade nesse domínio. A fim de exemplificar, escolhemos alguns inícios de cartas endereçadas a diferentes correspondentes do período de 1762 a 1765. Em janeiro de 1763, num rasgo de otimismo, escreve às filhas de Jean Calas:

> Je vous réponds, Mesdemoiselles, sur du papier orné de fleurs, parce que je crois que le temps des épines est passé, et qu’on rendra justice à votre respectable mère et à vous. [D10923].

No trecho seguinte, reclama dos problemas de visão ao seu fornecedor de vinho: “Un pauvre quinze-vingts, Monsieur, a encore un gosier, quoiqu’il soit privé des yeux.” [D12294].

A expressão “quinze-vingts” deriva do hospital construído por São Luís em 1260 para abrigar trezentos cegos de Paris, ou seja, quinze vezes vinte, daí o nome “Hospice des Quinze-Vingts”. Em missiva a Madame du Deffand, cega desde os cinqüenta anos, escreve:

---

[42] Por exemplo, no prefácio do *Dictionnaire philosophique*. Paris: Flammarion, 1964, p. 20, lemos: “Nous avons tâché de joindre l’agréable à l’utile, n’ayant d’autre mérite et d’autre part à cet ouvrage que le choix.”
[43] Cf. HAROCHE-BOUZINAC, op. cit. p. 61

L'aveugle Voltaire, à l'aveugle Madame la marquise du Deffand. Les gens de notre espèce, Madame, devraient se parler au lieu de s'écrire, et nous devrions nous donner rendez-vous aux Quinze-Vingts /.../ [D11374]

É freqüente o emprego da terceira pessoa para designar a si mesmo como nas passagens citadas ("Un pauvre quinze-vingts", "l´aveugle Voltaire") e nesta: "L'aveugle des Alpes a lu comme il a pu, et avec plus de plaisir que de facilité la consolante lettre du 25 du mois de janvier, dont ses anges gardiens l'ont régalé." [D11678]

Talvez se trate de um ardil para enternecer seus correspondentes. Muitas vezes solicita algum tipo de auxílio; seja contribuição financeira para os Calas, um livro, ou, enfim, simplesmente um recado para alguém. Compreende-se, assim, a necessidade de lisonjear desde a primeira linha, ou de colocar-se humildemente diante do outro. Não por acaso, Voltaire salienta suas moléstias logo no início:"Les pauvres aveugles écrivent rarement, mon cher ami; non seulement les fenêtres se bouchent, mais la maison s'écroule." [D11661].

Nessa passagem, a alusão bíblica destaca a debilidade do enfermo que se agrava. Vale reproduzir aqui a seguinte nota da edição "Pléiade":

Voltaire est si familier avec la Bible qu'il en prend le ton alors même qu'il ne la cite pas; on a peut-être ici une lointaine réminiscence de l'*Écclésiaste*, XII, 3-4[44].

Em outra missiva, lemos:

Plût à Dieu, Monsieur, que je pusse aller à Lausanne, je n'aurais pas attendu que vous eussiez la bonté de m'en prier, mais je meurs en détail; les fenêtres de ma maison sont bouchées, et la maison croule, il n'y a pas moyen de la transporter. [D11762].

Deter-nos-emos, adiante, nas alusões e citações bíblicas da correspondência de Voltaire. Vejamos, por enquanto, outro exemplo, no qual a "maison" é uma metáfora do corpo e as janelas, dos olhos:

Il y a assurément, Monsieur, dans vos jolis vers de quoi faire chanter un aveugle, et je vous aurais répondu sur le même ton si je n'étais affligé que des yeux; mais ma vieille maison étant tout aussi mauvaise que mes fenêtres il n'y a pas moyen de faire des vers dans l'état où je suis. [D12319].

---

[44]*Correspondance*. Gallimard, 1981, v. VII, p.1325.

Em outra passagem, sublinha o deleite em receber notícias: “La lettre dont vous daignez m’honorer fondra nos neiges et me rendra la vue.”[D11011].

Aqui o autor lança mão da hipérbole, figura cara à epistolografia de modo geral, sobretudo nos começos e nos fins das cartas, em que as expressões de carinho, amizade, admiração, saudade, tristeza e outros sentimentos vêm à tona com mais força. A elegante construção: “fondra nos neiges et me rendra la vue” evidencia o prazer da “recepção” deste objeto : a carta. Um acontecimento único, capaz de relativizar os dissabores do cotidiano.

Em determinados períodos, Voltaire tinha dificuldades para ler. Além de sofrer com freqüentes conjuntivites e terçóis, durante o inverno em Genebra e Ferney, costumava contrair uma inflamação nos olhos: “ophtalmie des neiges”.[45] Era um problema real que o atacava periodicamente, mas ele se aproveitava para desempenhar o papel do pobre doente inofensivo, independentemente de sofrer ou não com a crise. O autor se auto definiu assim: “je ne suis qu’un vieux hibou retiré dans ma chaumière au milieu des montagnes.” [D12319].

Em abril de 1764, em pleno processo Calas, às voltas com a censura do *Traité sur la tolérance* e com o incendiário *Dictionnaire philosophique* quase pronto para circular, Voltaire assume o disfarce de velho doente ao escrever a Frederico II da Prússia:

Monseigneur,
Si je suivais les mouvements de mon coeur, j’importunerais plus souvent de mes lettres Votre Altesse Sérénissime; mais que peut un pauvre solitaire, malade, vieux et mourant, inutile au monde et à lui-même?” [D11816]

Ao pastor Ribotte-Charron, o primeiro a chamar a atenção de Rousseau e Voltaire para o problema dos protestantes, insiste no seu papel de “inválido”: “Le solitaire à qui M.

[45] CF. BRÉHANT, Jacques/ ROCHE,Raphaël. *L’envers du roi Voltaire (quatre-vingts ans de la vie d’un mourant)*. Ouvrage édité avec le concours de la Fondation Singer-Polignac. Paris: Nizet, 1989, p. 35.

Ribote écrit quelquefois a trois tristes qualités, celles d'être vieux, malade et paresseux." [D11436].

Essa auto-depreciação corresponde a uma tática de *captatio benevolentiae* utilizada amiúde pelo autor: "Vous recevez donc aussi les aveugles dans votre académie? C'est une bonne oeuvre, mon cher confrère, dont Dieu vous bénira". [D12224]; "Je vous écris de mon lit, mon cher colonel." [D12310]; "Je suis vieux, malade, surchargé d'inutiles travaux, voilà trois excuses de n'avoir pas répondu plus tôt à la lettre dont vous m'honorez." [D11294]. "Si j´avais de la santé et des yeux, mon cher Monsieur, je vous aurais répondu plus tôt" [D11854]; " Il n´y a que le bel état où mes yeux sont réduits qui m´ait pu priver du plaisir et de l´honneur de vous répondre. "[D11712] (ver também [D10823],[D10580],[D12267], entre outras).

Ora, essa imagem de velho fora de combate contrasta com as passagens em que assume a liderança na luta contra a superstição e incentiva seus aliados[46]. Tal máscara, no entanto, bem como a "légende de malade primesautier"[47], serve para driblar seus inimigos. Não poderíamos deixar de citar aqui uma passagem na qual solicita à sobrinha Madame Denis para espalhar a notícia de suas enfermidades: "Aimez-moi pour que je vive, mais parlez toujours de moi comme d´un mourant" [D5500].

De maneira geral, o exórdio particulariza-se pela alegria da recepção da carta, pelas justificativas do atraso ou pelas queixas relativas ao silêncio do correspondente. Para François Chennevières, escreve: "Mon cher ami, vous savez que je suis un mauvais correspondant, mais je n'en suis pas moins un véritable ami, et je vous aime comme si je vous écrivais tous les jours." [D10825].

A Bernard-Louis Chauvelin, desculpa-se:

> Ma main n'a point suivi mon coeur. Tout ce que je souhaite, c'est que Votre Excellence daigne être fâchée de ma paresse. J'ai été malade, j'ai travaillé, j'ai voulu écrire de jour en jour et je ne l'ai point fait. Je suis très coupable envers moi car je me suis privé d'un très grand plaisir. [D10884].

Salientamos a astúcia de Voltaire em afirmar que ele próprio é penalizado pelo atraso de sua resposta. A expressão "daigne être fâchée de ma paresse" remete-nos à idéia de que nos zangamos com a demora de notícias quando estimamos o interlocutor. Vale

---

[46] Christophe Cave no artigo " La représentation de soi comme arme de combat dans la correspondance de Voltaire, ou "croyez-vous que je puisse tromper quelqu'un dans l'état où je suis?" In *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris*, 1994 (sous la direction de KÖLVING, Ulla et MERVAUD, Christiane). Oxford: Voltaire Foundation, 1997, afirma que: "Ces représentations contraditoires montrent que la représentation n'est que représentation, c'est-à-dire la projection d'une image stratégique de soi, de l'autre ou du combat.", p. 234. Doravante indicaremos essa obra por *VC*.

[47] Para usarmos uma expressão empregada por Geneviève HAROCHE-BOUZINAC, op. cit, p. 314.

lembrar aqui a frase de Diderot “Quand je ne gronde plus, je n’aime plus.” O ritmo ternário: “J’ai été malade, j’ai travaillé, j’ai voulu écrire” evoca o estado de lassidão do remetente e a monotonia do seu dia-a dia agravada pela impossibilidade de escrever.

Em carta a Cideville, lemos:

> Oui, mon cher contemporain, mon cher frère en Apollon, je compte sur votre amitié; elle vous fascine les yeux en ma faveur et je lui en sais le meilleur gré du monde; plus vos lettres sont aimables, plus nous devons plaindre de leur rareté Mme Denis et moi. Vous êtes à Paris à la source de tout, et nous ne sommes dans les Alpes qu’à la source des neiges. [D10895]

Nessa passagem, queixa-se do atraso, mas elogia, em filigrana, o correspondente. A simetria das construções: “plus vos lettres sont aimables, plus nous devons plaindre de leur rareté” e “ Vous êtes à Paris à la source de tout, et nous ne sommes dans les Alpes qu’à la source des neiges” coloca em evidência a vantagem de Cideville. Este encontra-se no centro dos acontecimentos, enquanto o amigo distante “depende” de suas cartas para desfrutar de alguns momentos de prazer, pois onde mora, não goza da possibilidade de distrair-se.

Em 1762, o filósofo fala de sua doença à Duquesa de Saxe-Ghota:

> J’ai été sur le point d’aller voir si l’on fait autant de sottises dans l’autre monde que dans celui-ci. Tronchin et la nature m’ont fait différer le voyage. Voilà ce qui m’a privé de l’honneur d’écrire à Votre Altesse Sérénissime.

As bobagens às quais se refere dizem respeito à Guerra de Sete Anos. A quebra do paralelismo semântico presente em “Tronchin et la nature” reflete um recurso estilístico freqüente na correspondência.

Em carta a Pictet, questiona: “Que voulez-vous que je vous mande, mon cher géant, que j’ai soixante et dix ans, ou peu s’en faut? que je suis accablé de maladies et de neiges! ne savez-vous pas tout cela?” [D10926].

A construção “[...] accablé de maladies et de neiges” revela, como no trecho anterior, o gosto pela surpresa por meio da coordenação de palavras díspares.Se o exórdio se define pela tentativa de cativar o leitor, a conclusão da carta serve, via de regra, para reiterar os elogios ao correspondente, fazer uma observação espirituosa ou comprovar a

estima, pois nessa etapa, a ilusão da presença se desvanece.[48]

Faz parte da subscrição encontrar um ponto de ligação entre o assunto tratado e a saudação final. O missivista demonstraria pouco esmero se terminasse uma carta abruptamente, a "ligação" expressava consideração pelo outro. Voltaire era exímio na arte da transição como ilustram os dois exemplos seguintes.

Aos d´Argentals, saúda: "Je ne sais quel Anglais fit mettre sur son tombeau, ci-gît l´ami de Philippe Sidney. Je veux qu´on grave sur le mien, ci-gît l´ami de M. et de Mme d´Argental." [D11158].

A La Chalotais, lemos: "Je suis bien faible, bien vieux, bien malade, mais je défie qu´on soit plus sensible à votre mérite que moi; je ne peux vous exprimer avec combien de respect et d´estime j´ai l´honneur d´être etc." [D11051].

A Élie Bertrand, um pastor protestante, escreve ao despedir-se: "Le malade de Ferney, qui ne voudrait persécuter personne que les brouillons, embrasse tendrement l´hérétique charitable et bienfaisant." [D11580].

Assim como nos exórdios, Voltaire finaliza muitas cartas falando de suas moléstias: "Je prends rarement la liberté de vous écrire. Je suis un vieillard hors de combat: mais mon coeur ne vous en est pas moins attaché." [D10551].

O filósofo sabia tirar proveito da credibilidade de um homem de idade avançada. Transformava sua debilidade numa arma de luta:"Je trouve que plus on est vieux plus on doit être hardi. Je suis du sentiment du vieux Renaud qui disait qu'il n'appartenait qu'aux gens de 80 ans de conspirer." [D12210].

Ao poeta dramático Bernard-Josephe Saurin, mais uma vez o "velho fora de combate" substitui o militante: "Je ne suis plus bon à rien; je suis comme ce Danois qui étant las de tuer à la bataille d´Hocstet, disait à un Anglais, brave Anglais, va-t´en tuer le reste, car je n´en peux plus." [D11727].Uma forma de mostrar apreço pelo destinatário era dispensá-lo da etiqueta:

"Pour des formules et des signatures de lettres passez-vous-en s´il vous plaît."[D11629], "Je vous embrasse sans cérémonie; je vous aime trop pour faire des compliments." [D12233], "Je supprime toutes les cérémonies, le sentiment ne les admet pas."[D12395]. Durante os anos consagrados ao affaire Calas, Voltaire desempenhou o

[48] "La dernière partie d´une lettre, la conclusion, a pour origine la péroraison, dernière partie d´un discours. Elle se situe avant la formule d´adieu. Clore une lettre, c´est s´obliger de repenser sa relation avec autrui." GRASSI, Marie-Claire. *Lire l'épistolaire*. Paris: Dunod, 1998, p.41.

papel de empresário, testemunha, pregador, patriarca, homem de letras perseguido e mesmo de cortesão, quando era necessário. A correspondência nos revela suas astúcias para obter a revisão do processo (seu objetivo imediato). De fato, nosso autor sabia dirigir-se aos correspondentes em função dos títulos de nobreza, sexo, idade, credo e nacionalidade – obedecendo aos mais elementares princípios da retórica . Ele lançava mão da arte de civilidade para persuadir seus potenciais aliados. Além disso, para um apaixonado de teatro como foi Voltaire, toda uma "estética do disfarce", para falar com Sylvain Menant, desenvolvia-se[49].

Entre as máscaras preferidas de Voltaire, destaca-se a do velho distante da balbúrdia do mundo: "son vieux petit suisse"[D10560], "vieil aveugle de soixante et dix ans"[D11009], "je suis vieux, aveugle et sourd" [D11274], "le vieux laboureur de Ferney", "le rat des Alpes", "le rat des neiges" [D10782], "le bonhomme Voltaire" [D10948], "[...] moi, l'aveugle V."[D10999], "Le vieux de la montagne"[D11623], "Le vieux suisse, Voltaire" [D12242] [50]. Nesses exemplos, realça a condição de "velho doente", "homem solitário" e por conseguinte, inofensivo.

Entre os variados "disfarces", destacaremos o de general, advogado, chefe de partido e anunciador da Boa Nova. Essas figuras se intercalam ao longo do processo, nem sempre se distinguem. Da mesma forma, outras se mesclam como a do diplomata, do cortesão ou do "velho fora de combate". Todas representantes da sua estratégia de luta conduzida com sua pena e sua escrivaninha, afinal essas "personagens" não escondem, mas realçam o "papel" de escritor por excelência:

> Il faut se presser, l'âge avance. Il n'y a pas un moment à perdre. Ils me font jouer de grands rôles de tragédie pour amuser ces enfants et ces Genevois. Mais ce n'est pas assez d'être un vieil acteur. Je suis et je dois être un vieil auteur, car il faut remplir sa destinée jusqu'au dernier moment. [D11283].

Interessa-nos o efeito provocado por essa representação (e auto-representação) e compreender de que maneira esses disfarces, tal um jogo de ator, servem como mediadores de suas idéias[51]. Por trás da dissimulação há a vontade de persuadir. Ao apresentar-se como inofensivo, obtinha a simpatia do interlocutor, tanto quanto com seus elogios.

---

[49] No seu livro *Esthétique de Voltaire*. (Paris: Sedes, 1995, p. 51) Sylvain Menant insiste no aspecto teatral da obra de Voltaire: "L'ensemble de son esthétique est imprégnée de la façon de voir et de faire d'un homme de théâtre, spectateur passionné et infatigable auteur." Adiante, ele acrescenta: "[...]mais les travestissements les plus significatifs concernent sans doute l'auteur lui-même."

[50] V. COTONI, Marie-Hélène. "Du 'Malheureux amant' à 'Raton dans sa chatière': quelques images de Voltaire à travers sa correspondance." In: *Europe*, 1994, pp. 16-33. Nesse artigo, a autora repertoria as diferentes formas com que Voltaire chamava a si mesmo.

[51] "Bien que dans la correspondance, plus que dans tout autre écrit, la réalité historique pèse de tout son poids, cependant, grâce à l'invention ludique, l'entourage, les contemporains, loin de paraître figés par le temps, défilent dans une posture pittoresque. Or ce goût du jeu, du déguisement même, Voltaire l'éprouve aussi quand il se met en scène lui-même, tout au long de ses quinze mille lettres. Ses traits physiques, ses relations avec les autres, ses activités, et en particulier son activité d'écrivain, donnent lieu à un certain nombre de représentations, où la réalité est plus ou moins transfigurée." COTONI. Op. cit., p. 16.

ESTRATÉGIA (NOS BASTIDORES DE “DÉLICES” ET FERNEY)

Planejando a ofensiva

A correspondência revela-nos a progressão de cada uma das etapas da estratégia voltairiana. Como um general, o filósofo delineia um plano, reúne seus efetivos, prepara suas armas, avalia a força inimiga e prevê os contra-ataques. Cuidados indispensáveis para um homem perseguido de forma intermitente, cujo nome despertava pouca simpatia no monarca. Tarefa delicada quando se enfrentam adversários poderosos.

A primeira providência, conforme vimos, foi instruir-se. Dedicou-se, em seguida, à divulgação do episódio entre conhecidos, que tentariam alguma forma de penetração e influência em Versalhes. A fim de exigir a motivação da pena de morte infligida a Jean Calas, Voltaire entreviu dois caminhos. Um deles seguia o protocolo, ou, como dizia, “selon les formes”, referindo-se à pressão sobre o “chancelier” Lamoignon de Malesherbes (equivaleria hoje ao Ministro da justiça) para que solicitasse o envio do processo a Paris. Outro caminho era convencer a Marquesa de Pompadour de que a má repercussão do caso macularia ainda mais a já desgastada imagem da França na Europa. Uma vez persuadida, Pompadour obteria a adesão de Luís XV e seus ministros.

A redação de dezenas de missivas distinguia-se como instrumento privilegiado para atingir tal objetivo. Representava uma arma tão eficaz, nessa fase da batalha, quanto a publicação de libelos ou livros. Afinal, o destinatário tinha a honra de receber uma carta de um dos escritores mais conhecidos do século. Pertencer à esfera dos correspondentes do patriarca de Ferney significava refinamento intelectual, abertura de espírito e bom gosto. Acresce que o assunto abordado despertava compaixão, predispondo o interlocutor a interessar-se. Soma-se, ainda, o estilo exaltado de Voltaire, denotando sua própria indignação. Apesar desses motivos favoráveis, foi necessário um grande esforço do filósofo a fim de reunir personalidades de diferentes extratos em uma mesma causa. Em junho de 1762, desabafa a Philippe Debrus:

> Plus je réfléchis, Monsieur, sur l´épouvantable destinée des Calas, plus mon esprit est étonné et plus mon coeur saigne. Je vois évidemment que l´affaire traînera à Paris, et qu´elle

s´évanouira dans les délais. Le chancelier est vieux. La cour est toujours bien tiède sur les malheurs des particuliers. Il faut de puissants ressorts pour émouvoir les hommes occupés de leurs propres intérêts. Nous sommes perdus si l´infortunée veuve n´est pas portée au roi sur les bras du public attendri, et si le cri des nations n´éveille pas la négligence. [D10538].

Para abrir os olhos do público e da corte, escreve brochuras sobre o que chamava de "terrible aventure", além de contribuir com a divulgação de defesas redigidas por advogados. Assim, com o apoio da *intelligentsia* francesa e européia, mirou os juízes tolosanos.

Faz-se mister esclarecer que as investidas contra o Parlamento são mais enérgicas nas missivas aos amigos próximos. Quando escreve aos políticos e às cabeças coroadas, verifica-se certa atenuação nos termos. O autor ressalta, então, o fanatismo e o clima antiprotestante geral como provocadores da decisão dos magistrados, a princípio "bem intencionados". Seria um equívoco, do ponto de vista tático, um ataque frontal contra eles, pois, apesar de todas as divergências entre o Parlamento e o Rei, de ambos os lados havia o interesse de manter os alicerces do Antigo Regime[52]. O patriarca, porém, abominava essa instituição em seu modelo francês, caracterizada pela compra dos direitos ao cargo e por uma forte influência jansenista. A propósito, René Pomeau explica-nos a formação do Parlamento:

Il faut dire ici quelques mots de ce qu'étaient les parlements d'Ancien Régime. Ils étaient formés de magistrats propriétaires de leurs charges, qu'ils avaient héritées ou qu'ils avaient achetées, fort cher. Ainsi était assurée cette indépendance de la justice à l´égard du pouvoir, qui continue à faire problème aujourd'hui. Mais l'institution avait de graves défauts, qui s'accentuaient au XVIIIe siècle. Les parlementaires en étaient venus à former une caste arrogante de privilegiés. Ils font de l'opposition au pouvoir et tentent de jouer un rôle politique.[53]

O Parlamento de Toulouse – o segundo mais antigo do reino, criado em 1444, reunia católicos conservadores até a medula. Era presidido, na época do affaire Calas, por Joseph Gaspard de Manibon. A câmara encarregada de assuntos criminais, "La Tournelle",

---

[52] "Quel qu'ait été l'antagonisme entre les parlements et la monarchie, une solidarité de classe et d'intérêts existait individuellement entre les magistrats des deux instances, et même dans l'affaire Calas, les membres du Conseil du roi ont ménagé les parlementaires de Toulouse. C'était en outre un ordre établi, approuvé par tous les pouvoirs, que Voltaire dérangeait, car il n'était toujours pas de bon ton que de simples bourgeois protestent contre les décisions d'autorités qui leur étaient si infiniment supérieures". ORSONI, Jean. *L'affaire Calas avant Voltaire*. Thèse de Troisième Cycle, Université de Paris-Sorbonne, 1981, p. 2.

[53] POMEAU, R. "Le combat pour la tolérance Calas, Sirven, La Barre" in *Raison Présente*, 1994, n.112 p.74

contava com Henri Gabriel du Puget como presidente e Riquet de Bonrepos, promotor[54]. Essa máquina de repressão – cujas decisões raramente eram contestadas – receberia um golpe duríssimo ao ser obrigada a justificar a sentença de Jean Calas.

Ainda nos encontramos distantes, no entanto, dessa primeira vitória - a "guerra" apenas começava. Aos poucos, os aliados assumiam seus postos: na linha de frente da infantaria pesada, caminhavam os mais brilhantes advogados de Paris.

Recrutamento dos aliados

Com apenas trinta anos, Élie de Beaumont já gozava de notoriedade quando foi recrutado. Acompanhou o caso do começo ao fim. Escreveu uma petição ao "chancelier" (Ministro da Justiça) Malesherbes, *Mémoire à consulter et consultation pour la dame Anne-Rose Cabibel*, apoiado pela assinatura de quinze confrades. Voltaire elogia a eloqüência de sua argüição:

> Votre mémoire doit désormais servir de règle dans des cas pareils. Le fanatisme en fournit quelquefois. J'ai lu trois fois votre ouvrage, j'ai été aussi touché à la troisième lecture qu'à la première. [D10721].

Outro nome importante da tribuna foi Pierre Mariette, advogado do Conselho do Rei. Redigiu cinco defesas, destacando-se o *Mémoire pour dame Anne-Rose Cabibel, veuve du sieur Jean Calas*, a ser apresentado por um relator no dia da audiência. Nesse minucioso relatório, Mariette refuta todas as acusações contra Jean Calas e sua família. Logo no início, questiona de forma contundente o inquérito de David de Beaudrigue:

> Mais si le sieur David avait observé les règles en matière criminelle, il aurait constaté dès lors d'autres faits d'après lequels on n'avait jamais osé hasarder l'accusation.
>
> Pourquoi par exemple n'avoir pas remarqué que la chevelure de Marc-Antoine n'avait souffert aucun dérangement?
>
> Pourquoi n'avoir pas rendu compte des chansons & vers obscènes qui se sont trouvés dans ses poches?

---

[54] Cf. COLLARD, G. *Voltaire, l´affaire Calas et nous*. Paris: Les Belles Lettres, p. 114. V. nessa obra o capítulo "Les assassins judiciaires", pp. 111-17.

Puisque le médecin & les deux chirurgiens avaient déclaré au sieur David que Marc-Antoine avait été pendu *par lui-même ou par d'autres*, pourquoi n'avoir pas constaté sur le champ les moyens dont il avait pû se servir?[55]

De fato, Beaudrigue negligenciou as informações que não apoiavam a hipótese de crime calvinista. Não verificou a corda que se encontrava em cima do balcão, como também ignorou o rolo de madeira atrás da porta.

Na seqüência de sua defesa, Mariette discorre sobre os testemunhos relativos aos supostos gritos de socorro:

[...] puisqu'à neuf heures et demie du soir Marc-Antoine Calas était certainement mort, & que son cadavre était froid, il s'ensuit que les cris qu'on a entendus dans la maison des Calas depuis neuf heures et demie, n'étaient pas les cris de M.A. Calas, mais les cris de sa famille désolée d'un si terrible accident.[56]

Após a publicação da tendenciosa monitória nas igrejas de Toulouse, alguns cidadãos decidiram, repentinamente, depor contra a família Calas. Insistiam sobre os gritos da vítima durante e "após" o martírio. Mariette chama a atenção sobre o horário provável do óbito, invalidando os testemunhos "auriculaires", para dizer com Voltaire. Adiante, o bacharel evoca ainda o aforismo *In dubio pro reo*:

Il n'y avait donc, on le répète, aucune preuve, ni même aucun indice valable contre les accusés, et cette raison seule devait les faire absoudre. Car suivant tous les principes, ce n'est point aux accusés à prouver leur innocence, elle est présumée de droit: c'est à la partie publique à prouver qu'ils sont coupables, & si la question paraît problématique, la règle veut que, dans le doute, les juges se décident pour l'opinion la plus favorable aux accusés.[57]

Mesmo em um regime centralizador, autoritário e intolerante como o da França no século XVIII, os princípios mais elementares do Direito romano existiam pelo menos teoricamente. A fim de encarcerar e condenar um réu, seriam necessárias provas válidas. O Parlamento de Toulouse, ao assumir as rédeas do litígio, cometeu uma aberração jurídica condenando Jean Calas baseado apenas em indícios[58].

---

[55] MARIETTE, Pierre. *Mémoire pour la veuve Calas & sa famille*. Paris: De l'impremerie de Grangé rue de la Parcheminerie,1765, p. 5.
[56] Idem, p. 20.
[57] Idem, p. 34.
[58] Em seu *Commentaire sur le livre des délits et des peines* (1766) lemos: "Le parlement de Toulouse a un usage bien singulier dans les preuves par témoins. [...] On y peut regarder, par exemple, un ouï-dire comme un quart, un autre ouï-dire plus vague comme un huitième; de sorte que huit rumeurs qui ne sont qu´un écho d´un bruit mal fondé peuvent devenir une preuve complète; et c´est à peu près sur ce principe que Jean Calas fut condamné à la roue. Les lois romaines exigeaint des preuves *luce meridiana clariores*". In: *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1961, p. 806.

A hipótese de crime calvinista, fantasiada pelo povo, solidificou-se a ponto de acusarem Gaubert Lavaisse como escolhido, em complô protestante, para ajudar a assassinar o amigo. Suposição impugnada por Mariette, ao escrever em seu "mémoire" as "Preuves de l'innocence de tous les accusés", nas quais frisa as qualidades morais dos acusados. Sobre o jovem Lavaisse, lemos:

> La naissance et l'éducation du sieur Lavaysse, & les éloges qu'il s'est attirés dans tous les temps par la régularité de ses moeurs & la douceur de son caractère. Ce jeune homme est fils d'un célèbre avocat au Parlement de Toulouse, aussi estimé par les qualités qui constituent l'homme d'honneur & l'homme de bien, que par son érudition & sa capacité. Le jeune Lavaysse aurait -il appris sous un tel père à massacrer inhumainement un ancien ami, qui l'avait lui-même invité à souper chez lui?[59]

Esse memorial, publicado aproximadamente em junho de 1762, foi recomendado por Voltaire aos amigos. Com o trabalho de Beaumont e Mariette colaborou Loyseau de Mauléon, advogado do Parlamento de Paris. Encarregou-se da defesa dos três filhos homens com o *Mémoire pour Donat, Pierre, et Louis Calas*. Enquanto a argumentação de Mariette se particulariza pela objetividade, Loyseau adota um tom de tribuna no qual há um maior apelo à sensibilidade do leitor:

> A l'intérêt de cette **malheureuse famille**, se joignent des vues d'un ordre supérieur. **Cette** cause, j'ose le dire, **est celle de l'humanité toute entière**; c'est surtout celle de cette portion de nos compatriotes, que l'erreur de leurs opinions rend à plaindre, sans leur ôter le droit d'être jugés avec justice. L'honnête publique, l'équité, la loi, la nature, tous les grands liens qui affermissent la société des hommes ont été ébranlés par la sanglante condamnation que des préjugés ont dictée. Mon ministère est donc d'exposer, enfin au grand jour la vérité que les tribunaux de Toulouse, qui la cherchaient sans doute, ont eu le malheur de méconnaître. **Et l'arrêt solennel que notre Auguste Prince daignera rendre pour délivrer la mémoire & l'ignominie qui les couvre, rassurera un grand nombre de ses fidèles sujets, dissipera les alarmes de tous les pères, & satisfera l'univers dont cette affaire à fixé les regards.**
>
> Des défenseurs qui ont plus de lumières, non plus de zèle que moi, guident la veuve aux pieds du trône où le meilleur des Rois est assis. Ce sont les fils qui réclament mes soins.[60]

A expressão "malheureuse famille", para caracterizar os Calas, lembra-nos a "famille infortunée" exaustivamente empregada por Voltaire em suas missivas. Também a maneira de alçar o episódio a assunto de interesse universal, bem como a constatação de que a Europa inteira se volta para a França, remete-nos às cartas do patriarca. Em ambos os casos, alertava-se para a má repercussão além fronteiras. A defesa esbarrava com dificuldades que variavam desde os depoimentos contraditórios de Jean Calas e Pierre até a

---

[59] Idem, p. 37.

[60] LOYSEAU de MAULEON. *Mémoire pour Donat, Pierre, et Louis Calas "au sujet du jugement rendu à Toulouse contre le Sieur Jean Calas leur père."* Imprimé sur la copie de Paris. A La Haye chez Daniel Aillaud, Libraire, MCC.LXIII., p. 4.

grande distância entre Toulouse e Paris, além da "insignificância" do caso face às intrincadas questões políticas que absorviam os franceses, como a desastrosa Guerra dos Sete Anos.

Nesse cenário, para atrair a atenção à "malheureuse famille", uma boa tática seria desvincular o "crime" do âmbito puramente jurídico. Quanto às semelhanças dos argumentos e expressões empregados por Voltaire e Loyseau, atribuímos à influência que ambos tiveram da retórica antiga, assimilada (no caso do patriarca) no colégio dos jesuítas.

Loyseau menciona, como Mariette, a conversão de Louis, havia cinco anos já, com o auxílio de Jeanne Viguière. Ora, Jean Calas não guardava rancores contra a empregada, continuava tratando-a com a mesma bondade de antes e, a respeito da abjuração do filho, confessara a um amigo:

> /.../ *Pourvu, Monsieur*, lui dit-il, *que son changement soit sincère, je ne puis le désapprouver, parce que gêner les consciences ne sut qu'à faire des hypocrites*.[61]

Cumpre-nos elucidar que, no século XVIII, somente os procuradores do Rei argüiam diante dos juízes a portas fechadas. Os advogados faziam a defesa penal por escrito, sendo tais relatórios publicados e divulgados entre o público, cujo interesse pela causa seria fundamental para influenciar os magistrados.[62] Compreendemos, assim, a preocupação de Voltaire com a capacidade persuasiva desses textos, os quais com freqüência revia, sugerindo mudanças.

A d´Alembert, ressalta:

> À vous parler sérieusement, je trouve que si quelque chose fait honneur au siècle, ce sont les trois factums de MM. Mariette, de Beaumont, de Loyseau en faveur de la famille infortunée de Calas. Employer ainsi sa peine, son temps, son éloquence, son crédit; et loin de recevoir un salaire, procurer des secours à des opprimés, c´est là ce qui est véritablement grand, et ce qui ressemble plus aux temps des Cicéron et des Hortensius, qu´à ceux de Briet, de Huth et de frère Berthier. [D10980].

Em carta a Damilaville, refere-se ao trabalho dos três advogados: « Le mémoire de Loyseau vient fort bien après les autres. Ce sont trois batteries de canon qui battent la persécution en brèche. » [D10837]

A metáfora "trois batteries de canon", para designar os memoriais de Beaumont, Mariette e Loyseau, evidencia o status de "guerra" emprestado ao affaire Calas. Aqueles

---

[61] Idem, p. 7.
[62] Cf. COLLARD, Gilbert. op. cit., p. 120.

que participam para divulgar os fatos, empenham-se com força, finalidade e rumo determinado, assim como um exército em marcha.

Além da grande batalha travada contra a "infâme"[63], havia os pequenos duelos de vaidades entre os aliados. Beaumont, o principal defensor, agastou-se com o sucesso de um de seus confrades. O filósofo, conciliador, intervém:

> Est-il vrai qu'Elie de Beaumont est très courroucé de voir la faucille de Loyseau dans sa moisson? Mon cher frère, s'il est vrai, calmez ses douleurs; représentez-lui que dans une affaire telle que celle des Calas, il est bon que plusieurs voix s'élèvent; c'est un concert d'âmes vertueuses. Il s'agit de venger l'humanité, et non de disputer un peu de renommée. Il y aura place pour Beaumont et pour Loyseau dans le temple de la gloire et de la vertu, et aucun d'eux n'entrera dans la caverne de l'envie.
>
> J'embrasse mon frère et mes frères. [D10827]

Nessa carta a Damilaville, Voltaire reitera o valor da união: "il est bon que plusieurs voix s'élèvent". De fato, reconhecemos o apelo à aliança das forças desse "exército" em marcha.

Em outras missivas sobre os advogados, notamos o emprego de expressões do campo semântico de uma insurreição: « [...] je pense comme M. d'Argental qu'il faut laisser agir les deux avocats Beaumont et Mallard, d'autant plus que ces messieurs soulèveront tout le corps des avocats en faveur de Calas. » [D10624].

O verbo "soulever" significaria aqui "exciter et entraîner à la révolte". O futuro do indicativo imprime a idéia de ação certa, planejada e auspiciosa.

Mallart, advogado parisiense, também abraçou a causa. Em carta aos d'Argental, Voltaire expressa sua confiança:

> [...] je n'ai d'espoir que dans les chers anges, et dans le cri public. Je crois qu'il faut que MM. Beaumont et Mallart fassent brailler en notre faveur tout l'ordre des avocats, et que de bouche

---

[63] A primeira vez que emprega essa metáfora data de 30 de outubro de 1760 em carta a d´Alembert [D9366]-o substantivo sintetizava os inimigos: superstição, fanatismo e intolerância. Segundo a edição "Pléiade", Voltaire usou o esboço dessa fórmula em resposta a Frederico II da Prússia: " Votre Majesté me reproche dans ses très jolis vers de caresser quelquefois l´inf...;eh, mon Dieu, non: je ne travaille qu´à l´extirper, et j´y réussis beaucoup parmi les honnêtes gens. " [D8338]. " Mais l´*infâme*, c´est aussi 'l´âme atroce' de Calvin. C´est tout fanatisme; et c´est plus encore. Voltaire attaque la théologie chrétienne. Il a toujours cru que les hommes se sont égorgés pour des opinions: ce sont ces opinions qu´il faut déraciner." POMEAU, René. *La religion de Voltaire*. Nizet, Paris, 1995, p. 315. "Elle devient si familière aux correspondants qu´elle peut s´abrèger en 'écr l´inf' ou même en 'el'. Présente dans une lettre à Helvétius, une à Thiriot, dans une quinzaine à d´Alembert, elle figure dans la quasi-totalité des très nombreuses lettres adressées à Damilaville de 1762 à 1768." BESSIRE, François. *La Bible dans la correspondance de Voltaire*. Oxford: Voltaire Foundation, 1999, p. 47. Hoje o substantivo "infâme" é dicionarizado como "*mot de Voltaire*", v. *Petit Robert*.

en bouche, on fasse tinter les oreilles du chancelier, qu'on ne lui donne ni repôs ni trêve, qu'on lui crie toujours Calas! Calas! [D10636]

As construções "de bouche en bouche", "fassent brailler" e "fassent tinter" evocam a obstinação e o alarde a fim de que o "chancelier" se incline às evidências. Em "[...] ni repôs ni trêve" insiste na luta contínua, indispensável para evitar o "esquecimento" do caso.

Um pouco tardiamente, entrou em cena o advogado David Lavaysse, pai de Gaubert. Temia que uma ação do filho contra o Parlamento afetasse sua carreira. Resolveu, então, mantê-lo na clandestinidade.

Em 4 de agosto de 1762, Voltaire escreve-lhe:

Les personnes qui protègent à Paris la famille Calas, sont très étonnées que le sieur Gaubert Lavaysse ne fasse pas cause commune avec elles. Non seulement il a son honneur à soutenir, ses fers à venger, le rapporteur qui conclut au bannissement à confondre, mais il doit la vérité au public, et son secours à l'innocence. Le père se couvrirait d'une gloire immortelle, s'il quittait une ville superstitieuse et un tribunal ignorant et barbare.

Além de enumerar os motivos para Gaubert assumir seu testemunho a favor dos Calas, aproveita para destilar seu fel contra o Parlamento:

Un avocat savant et estimé est certainement au-dessus de ceux qui ont acheté pour un peu d'argent le droit d'être injustes. Un tel avocat serait un excellent conseiller mais où est le conseiller qui serait un bon avocat? [D10632].

Poucos dias antes, o patriarca garantiu a Henri Cathala que o prejuízo financeiro de M. Lavaysse poderia ser recompensado com uma subscrição na Inglaterra, Holanda e algumas cidades da Alemanha: « Si on veut prendre ce parti, il n'y a rien que je ne tente pour le faire réussir. » [D10620]. David de Lavaysse não apenas consentiu, por fim, na participação do filho, como redigiu uma defesa dos Calas [D10963].

Pièces originales

Do quartel general de "Délices" e Ferney, Voltaire acompanha a publicação e divulgação das defesas dos advogados, acalma os ânimos e incentiva os arrefecidos. Visando ainda ao esclarecimento da opinião pública, redige as *Pièces originales* que consistiam, a princípio, de um *Extrait d'une lettre de la veuve Calas* e da *Lettre de Donat*

Calas Fils à la dame veuve, sa mère [64]. A redação dessas cartas apócrifas se inspirou nas longas entrevistas de Voltaire com Donat e Pierre Calas[65].

No primeiro texto, lemos uma súplica da viúva endereçada a um viajante anônimo. Com essa carta, o leitor conheceria o que se passou na noite fatídica por um de seus protagonistas. Ela se caracteriza por sua linguagem informal, pelo sentimentalismo, além de ser rica em pormenores, o que lhe atribuía maior realismo. Sobre o jantar que antecedeu o crime, por exemplo, relata:

> Durant le souper, qui ne fut pas long, on s'entretint de choses indifférentes, et entre autres des antiquités de l'hôtel de ville; et mon cadet, Pierre, voulut en citer quelques-unes, et son frère le reprit, parce qu'il ne les racontait pas bien ni juste. (p.526)

Esse comentário banal, embora não acrescente nenhuma informação, justifica-se por uma questão de verossimilhança - Voltaire procura dar voz à viúva por meio de seu escrito. O relato de "Mme Calas" sobre o encontro com o filho sem vida lembra uma réplica das tragédias ao gosto do público:

> Mais grand Dieu! quelle fut ma douleur et ma surprise, lorsque je vis ce cher fils étendu à terre! Cependant je ne le crus pas mort, et je courus chercher de l'eau de la reine de Hongrie,[66] croyant qu'il se trouvait mal; et comme l'espérance est ce qui nous quitte le dernier, je lui donnai tous les secours qu'il m'était possible pour le rappeler à la vie, ne pouvant me persuader qu'il fût mort. (p.527).

A outra *Pièce original* consistia na resposta de Donat após conhecer a missiva da mãe, em casa de um amigo (o próprio Voltaire), uma semana depois (22 de junho de 1762). Nas primeiras linhas, adota-se um tom plangente:

> Ma chère, infortunée et respectable mère, j'ai vu votre lettre du 15 juin entre les mains d'un ami qui pleurait en la lisant; je l'ai mouillée de mes larmes. Je suis tombé à genoux; j'ai prié Dieu de m'exterminer si aucun de ma famille était coupable de l'abominable parricide imputé à mon père, à mon frère, et dans lequel vous, la meilleure et la plus vertueuse des mères, avez été impliquée vous-même.

No século XVIII, a palavra escrita exercia muitas vezes papel equivalente ao da imagem televisiva em nossos dias. Assim, um texto derramado, recheado de hipérboles

---

[64] VOLTAIRE. *Mélanges*. Texte établi et annoté par Jacques VAN DEN HEUVEL. Paris: Gallimard, 1961, pp. 525-562.

[65] A propósito, Voltaire não dispensou nem o emprego da « espionagem » conforme aprendemos nesta missiva : « Il n´y a rien que je n´aie fait pour m´éclaircir de la vérité. J´ai employé plusieurs personnes auprès des Calas, pour m´instruire de leurs moeurs et de leur conduite » [D11001].

[66] "L´eau de la reine de Hongrie est une liqueur qu´on donnait à respirer aux femmes qui avaient des vapeurs." Voltaire. *Correspondance*. 1981, tomo VII, p. 1193.

como o exórdio da carta de Donat ganha maior força apelativa.

"Donat" não se limita a narrar as provas terríveis que ele e a família suportaram, mas tece uma série de observações racionais. Sua explanação mirava um objetivo preciso: impugnar a decisão do Parlamento de Toulouse. Nesse sentido, insiste sobre a relevância do fato de sua mãe, seu pai, Pierre, Lavaisse e Jeanne terem continuado juntos, após a saída de Marc-Antoine, na noite de 13 de outubro. Se todos permaneceram no mesmo cômodo, ou no mesmo andar, seria praticamente impossível um assassinato cometido por um deles sem a cumplicidade dos demais.

Em seguida, questiona a incoerência das penas imputadas cuja desproporcionalidade deveria ser explicada pelos juízes. Apresenta, enfim, o tema principal do texto: solicitar aos parlamentares o envio da motivação da pena de morte. Incentiva a mãe a dirigir-se ao "chancelier", além de enfatizar a confiança no Rei e seu Conselho, que procurariam trazer à baila a verdade.

Na continuação da carta, o "autor" compõe uma apologia da tolerância:

> [...] Rien n'est plus commun, dans les familles de ces provinces, que de voir des frères de religion différente; l'amitié fraternelle n'est point refroidie; la tolérance heureuse, cette sainte et divine maxime dont nous faisons profession, ne nous laisse condamner personne; nous ne savons point prévenir les jugements de Dieu; nous suivons les mouvements de notre conscience sans inquiéter celle des autres.
>
> Il est incompréhensible, disais-je, que mon père et ma mère, en qui je n'ai jamais vu ni colère ni humeur, qui jamais en leur vie n'ont commis la plus légère violence, aient passé tout d'un coup d'une douceur habituelle de trente années à la fureur inouïe d'étrangler de leurs mains leur fils aîné, dans la crainte chimérique qu'il ne quittât une religion qu'il ne voulait point quitter. (p.529)

Essa "tolerância feliz", apontada por "Pierre", não passava de uma acomodação tácita entre católicos e protestantes. Estes não tinham direito a nenhuma manifestação pública da religião pretensamente reformada e transmitiam suas crenças de pai para filho no interior dos lares. Tal resistência silenciosa não era passível de abolição por decretos.

No último parágrafo de "sua" carta, encoraja a mãe a prosseguir o árduo combate:

> Persistez, donc, ma mère, dans votre entreprise; laissons là notre fortune: nous sommes cinq enfants sans pain, mais nous avons tous de l'honneur, et nous le préférons comme vous à la vie. Je me jette à vos pieds, je les baigne de mes pleurs; je vous demande votre bénédiction avec un respect que vos malheurs augmentent. (p. 534)

Sob o nome de Donat, Voltaire redigiu também uma *Requête au roi en son conseil* e

uma carta ao “chancelier”, na qual solicitava:

> Pour mon bien, qui est entièrement perdu, ce n’est pas un objet dont je me plaigne; je ne demande autre chose de votre justice, et de celle du conseil du roi, sinon que la procédure qui m’a ravi mon père, ma mère, mon frère, ma patrie, vous soit au moins communiquée. (p.535)

As cartas apócrifas, publicadas numa brochura formato *in-octavo* de vinte e duas páginas, tiveram impressão em Paris e distribuição na França e na Europa. Voltaire destaca seu valor em missivas a Henri Cathala [D10554], d’Argental [D10559], Damilaville [D10561] e Theodore Tronchin [D10613], entre outros.

Ainda entre os escritos conhecidos como *pièces originales*, há o *Mémoire de Donat Calas pour son père, sa mère, et son frère*, publicado juntamente com a *Déclaration de Pierre Calas* em uma brochura *in-octavo* de trinta páginas.

O primeiro versava, logo no início, sobre fatos históricos:

> On nous a trompés peut-être, mes parents et moi, quand on nous a dit que cette religion est celle que professaient autrefois la France, la Germanie et l´Angleterre, lorsque le concile de Francfort, assemblé par Charlemagne, condamnait le culte des images [...] (p.537).

Adiante, tece um rápido comentário sobre as guerras religiosas que assolaram a França no século XVI. Na seqüência, há uma descrição dos hábitos tranqüilos de sua família, sobre os quais não faltavam testemunhos.

Passa, então, a resumir os fatos que já conhecemos. Há, porém, dados novos em relação às demais *Pièces*: o retrato psicológico de Marc-Antoine. Impedido de seguir a carreira de advogado, pois lhe faltava o certificado de “católico”, e sem nenhuma vocação para os negócios, vivia melancólico:

> Je le voyais souvent lire des morceaux de divers auteurs sur le suicide, tantôt de Plutarque ou de Sénèque, tantôt de Montaigne: il savait par coeur la traduction en vers du fameux monologue de Hamlet, si célèbre en Angleterre, et des passages d’une tragi-comédie française intitulée *Sidney*. Je ne croyais pas qu’il dût mettre un jour en pratique des leçons si funestes. (p. 539)

Delineia-se o contorno de um caráter depressivo, sombrio e frustrado de Marc-Antoine. Viabiliza-se, assim, a tese do suicídio. Em seguida, contesta-se, por irregular, o relatório, que deveria ter sido feito no local e não na prefeitura como ocorreu. A questão dos falsos testemunhos, como nas defesas dos advogados, vem à tona:

> Tous les zélés voulaient déposer; l’un avait vu dans l’obscurité, à travers le trou de la serrure de la porte, des hommes qui couraient; l’autre avait entendu, du fond d’une maison éloignée à l’autre bout de la rue, la voix de Calas, qui se plaignait d’avoir été étranglé. (p. 543)

As expressões de horror de Pierre e Gaubert, ao encontrarem o corpo, por volta das vinte e uma horas, foram interpretadas como gritos da vítima. Ora, a essa altura, Marc-Antoine já estava morto, de acordo com os laudos médicos. A Theodore Tronchin, Voltaire ridiculariza esses depoimentos ao referir-se à célebre tragédia de Shakespeare, em que Desdêmona, na cena II do ato V, pronuncia algumas palavras após ser asfixiada por Othelo:

> Ce mémoire-ci est pour la France, et il est au bainmarie. Je crois que je serai obligé de mettre en marge à la main, la déposition qui fait parler Calas après être étranglé, comme dans *Le Maure de Venise*. [D10613].

Em tom mordaz, que trai o estilo do patriarca, Donat desabona os "témoins auriculaires":

> Un peintre, nommé Matei, dit que sa femme lui avait dit qu'une nommée Mandrille lui avait dit qu'une inconnue lui avait dit avoir entendu les cris de Marc-Antoine Calas à une autre extrémité de la ville. (p.543)

Ainda em missiva a Tronchin (já citada), conhecemos os cuidados de Voltaire com a redação desse *Mémoire*. Como as prevenções contra os calvinistas recrudesceram com a Guerra dos Sete Anos, seria imprescindível encontrar a dicção de um protestante afável, aberto ao diálogo, passível, enfim, de ser convertido:

> Voici, mon cher grand homme, le mémoire tel qu'il est fait pour les catholiques. Nous nous faisons tout à tous, avec l'apôtre; il m'a paru qu'un protestant ne devait pas désavouer sa religion, mais qu'il devait en parler avec modestie et commencer par désarmer, s'il est possible, les préjugés qu'on a en France contre le calvinisme, et qui pourraient faire un très grand tort à l'affaire Calas. Comptez qu'il y a des gens capables de dire *qu'importe qu'on ait roué, ou non, un calviniste? C'est toujours un ennemi de moins dans l'État.*
>
> Soyez très sûr que c'est ainsi que pensent plusieurs honnêtes ecclésiastiques. Il faut donc prévenir leurs cris par une exposition modeste de ce que la religion protestante peut avoir de plus raisonnable. Il faut que cette petite profession honnête et serrée laisse aux convertisseurs une espérance de succès. La chose était délicate, mais je crois avoir observé les nuances. [D10613].

A propósito, essa carta nos oferece uma boa pista sobre a estratégia voltairiana. Trata-se da alusão, na segunda linha, à primeira epístola de São Paulo aos Coríntios, IX, 22[67] : "Je me suis rendu faible avec les faibles, pour gagner les faibles. Enfin je me suis fait tout à tous pour les sauver tous. » [68]

---

[67] As referências e alusões bíblicas da correspondência de Voltaire são identificadas graças ao trabalho de Frédéric DELOFFRE, que traduziu e adaptou para a edição "Pléiade" as notas da edição dita definitiva organizada por Théodore BESTERMAN (1968-1977). Destacamos igualmente o index de Michel LETUMY que se encontra no volume XIII da "Pléiade". Uma lista mais completa dessas referências encontra-se no

A fim de compreendermos melhor o alcance dessa passagem bíblica, lembremos que Paulo escreve aos Coríntios para repreendê-los quanto aos hábitos dissolutos e à desorganização das assembléias. Prega, por conseguinte, a união em nome do Evangelho, a despeito das diferenças entre as culturas. Nessa carta, afirma ainda que, para ganhar os judeus à palavra do Senhor, viveu como eles e, para evangelizar aqueles sem lei, fez como se não a tivesse.

Ora, a tarefa do filósofo se reflete, ou melhor, encontra um paradigma na missão do apóstolo, pois Voltaire – sob diferentes disfarces – visa à instrução do "gênero humano". Enquanto Paulo corrige a conduta dos cristãos para fortalecer a Igreja de Cristo, Voltaire ilumina a mente dos cidadãos preparando-os para o advento da "Igreja da Razão".

O *mémoire* de Donat, conforme dissemos, vinha acompanhado da *Déclaration de Pierre Calas* que confirmava a explanação do irmão e apresentava outras particularidades, pois Pierre, além de Jean Calas, era a única testemunha de todas as fases do inquérito. Enquanto na defesa de Donat sobejam elementos de erudição por meio de dados históricos e literários, o texto do irmão singulariza-se por uma linguagem menos protocolar, com a transcrição de palavras dos pais e expressões de horror. A espontaneidade da narrativa sugere a força com que as lembranças brotam ao correr da pena. Por exemplo, sobre sua reação ao encontrar o cadáver, lemos:

> Je poussai des cris affreux; j'appelai mon père; il descend éperdu; il prend à brasse-corps son malheureux fils, en faisant glisser le bâton et la corde qui le soutenaient; il ôte la corde du cou, en élargissant le noeud; il tremblait, il pleurait, il s'écriait dans cette opération funeste: "Va, me dit-il, au nom de Dieu, chez le chirurgien Camoire, notre voisin; peut-être mon pauvre fils n'est pas tout à fait mort." (p. 547).

A tese do suicídio apresentava alguns pontos débeis, por exemplo, a dificuldade da vítima em equilibrar a corda entre as duas folhas da porta. Devido à altura de Marc-Antoine, seus pés quase tocavam o solo. Não por acaso René Pomeau rejeitou a suposta violência de Marc-Antoine contra si mesmo, classificando-a de "suicídio acrobático" [69].

Voltaire conhecia os empecilhos dessa conjetura, mas não poderia, de Ferney, tentar descobrir um assassino vindo de fora. Assumiu, então, a hipótese de suicídio e defendeu-a como nessa *Déclaration de Pierre Calas*.

---

livro de François BESSIRE. *La Bible dans la correspondance de Voltaire*. Oxford: Voltaire Foundation, 1999.

[68] *La Bible*. Traduction de Lemaître de Sacy. Paris: Robert Laffont, 1990, p. 1486.

Esse texto não estaria deslocado num semanário do século XIX, podendo ser lido como uma história folhetinesca, cujo desenlace ficaria suspenso, deixando os leitores ávidos de acompanhar a seqüência no próximo número do jornal.

O autor explica, mais uma vez, a Theodore Tronchin os princípios que nortearam a composição das cartas de Donat e Pierre:

Vers le 29 juillet 1762

On voit bien que notre Esculape est le fils aîné d´Apollon. Toutes ses réflexions me paraissent très justes.

Je suppose qu´il a lu le savant exposé de Révérend Donat Calas, théologien très profond, tel qu´il était d´abord; je l´ai extrêmement adouci, je fais parler Donat en homme qui répète avec timidité ce que ses maîtres lui ont appris, et qui ne demande qu´à être mieux instruit. Ce tour me paraît très naturel, il faut qu´un protestant parle en protestant, mais qu´il ne révolte pas les catholiques.

Il me paraît que loin d´animer les dévots contre lui, il les invite à le convertir: d´ailleurs, ce n´est point le principal acteur de la pièce qui parle. Donat Calas, qui n´était pas de cette horrible tragédie, remplit seulement le devoir d´un fils.

Ensuite vient Pierre, principal personnage qui rapporte en effet le procès; il met sous les yeux, tout ce qu´il a fait, tout ce qu il a vu, et tout ce qui est consigné au greffe, il montre la vérité dans tout son jour. [D10616].

Finalmente, havia a *Histoire d'Élisabeth Canning et des Calas*, publicada em meados de agosto do mesmo ano em uma brochura de vinte e uma páginas *in-octavo*, assinada por uma "testemunha ocular" e "inimigo do fanatismo".

A primeira história consistia em um *fait divers* narrado em primeira pessoa. Na Inglaterra, em 1753, a jovem Elisabeth desaparece. Ao cabo de um mês, retorna magra e em trapos. Conta à tia e aos vizinhos que fora roubada e presa por dois bandidos em uma casa distante. Perguntam-lhe se não havia ficado no casarão de Mme Web, antro de jogatinas, para onde eram levadas meninas que passariam a pão e água até não mais resistirem e se entregarem aos malfeitores.

A resposta afirmativa de Elisabeth provocou a prisão de Mme Web e demais suspeitos. Falsos testemunhos resultaram na condenação de nove pessoas à forca. Felizmente, porém, segundo o narrador, os processos na Inglaterra eram públicos, destinados a instruir e não a incentivar vinganças pessoais.

---

[69] Cf. POMEAU, René. "Nouveau regard sur l´affaire Calas". *Europe*, juin 1962, p. 70.

Aproximava-se a data da execução dos condenados quando M. Ramsay, um filósofo, revelou às autoridades as incoerências do processo. Não havia provas, mas somente rumores. Caso Mme Web e seus inquilinos quisessem prostituir meninas, não iriam deixá-las na penúria, mas sim alimentá-las, pois comerciantes não estragam a "mercadoria" para oferecê-la aos clientes. A partir de nova investigação, descobriu-se, enfim, que Elisabeth Canning fugira para dar à luz e mentira sobre Mme Web e os malfeitores.

O narrador conclui assim: "Il se peut qu'on se soit trompé sur quelques circonstances de cet événement; mais les principales sont d'une vérité reconnue de toute l'Angleterre. » (p. 556).

Ao caso de Miss Canning, segue-se a *Histoire de Calas* contada pelo mesmo foco narrativo. Logo no início ressalta que, não fosse a ação de um filósofo, a "ridícula história" de Elisabeth poderia terminar de forma trágica e acrescenta:

> Plût à Dieu que, dans un procès non moins absurde et mille fois plus horrible, il y eût dans Toulouse un philosophe au milieu de tant de pénitents blancs! On ne gémirait pas aujourd´hui sur le sang de l´innocence que le préjugé a fait répandre. (p. 556)

Em sua narrativa destaca-se uma "personagem" até então não mencionada: M. de Lassalle, o único conselheiro do Parlamento de Toulouse a favor dos Calas. Aliás, em missiva a d'Argental, Voltaire informa:

> Il y a un conseiller au parlement de Toulouse qui vient, je crois, à Paris, pour rendre justice à l'innoncence des Calas et gloire à la vérité. Il y a de belles âmes. Celle-là sera bien digne de connaître la vôtre. [D10797].

M. de Lassale combateu a irregularidade da monitória, a precipitação em enterrar Marc-Antoine como um mártir e, acima de tudo, a total ausência de provas.

Vale reproduzir aqui o comentário de Jean Goulemot dessa faceta *ghostwriter* de Voltaire:

> Dans ce qu´on appelle les *Pièces originales*, se donne à lire l´extraordinaire souplesse de l´intervention voltairienne. Le philosophe invente la voix de la victime. L´information, donnée très tôt, module puis construit une voix publique, forme littéraire de cette opinion sollicitée. Ajoutons à cela deux autres procédés littéraires ou énonciatifs mis en oeuvre: d´abord l´*Histoire d´Élisabeth Canning et de Jean Calas*, qui se donne comme proche du conte tout en utilisant des effets de réalité et de crédibilité, mais s´achevant sur l´evocation des Calas avec un ton qui ne renvoie plus à

une histoire individuelle mais à l´Histoire [...][70]

Esses escritos, juntamente com a defesa dos advogados, atingiram o efeito esperado: cresceu o interesse pelo processo do comerciante calvinista, e a dúvida sobre a culpabilidade do réu começou a ganhar corpo e a intrigar também os católicos. Surgiram os primeiros frutos da batalha :« [...] la mémoire de Calas sera rétablie dans l'esprit du public, et c'est la vraie réhabilitation; le public condamnera les juges, et un arrêt du public vaut un arrêt du conseil. » [D10586].

Contribuição da irmã Julie Fraisse

Além dos textos de próprio punho e dos que ajudou a divulgar, nosso autor ocupou-se igualmente de questões práticas. Uma de suas providências foi encorajar a ida de Mme Calas a Paris. Em junho de 1762, a viúva hospedou-se na residência dos banqueiros MM. Dufour e Mallet, na rua Montmartre.

Em fevereiro de 1763, resume a Chauvelin as dificuldades em levá-la a Paris:

> /.../ la veuve Calas était mourante auprès de Toulouse, elle était bien loin de venir demander justice à Paris, elle disait, si le fanatisme a roué mon mari dans la province, on me brûlera dans la capitale. Son fils vient me trouver au milieu de mes neiges. Quel rapport, je vous prie, d´un roué de Toulouse à ma retraite? Enfin, nous venons à bout de forcer cette femme infortunée à faire le voyage, et malgré tous les obstacles imaginables, nous sommes sur le point de réussir, et contre qui? Contre un parlement entier, et dans quel temps! [D11004].

De seu posto em Ferney, o filósofo determina quem são as pessoas dispostas a ajudá-la, como deveriam ser abordadas e o tipo de serviço a solicitar-lhes.

Enquanto Mme Calas se encontrava em Paris, Rosine e Nannete continuavam reclusas em conventos por decreto do Parlamento de Toulouse (*lettres de cachet*). Voltaire avaliava que ainda não era o momento de reivindicar a liberdade das irmãs, fiel a seu esquema estratégico de avançar por etapas: « J'ai toujours pensé qu'il ne fallait pas si tôt parler des filles. Quiconque a donné une lettre de cachet veut la soutenir. Ne nous brouillons avec personne. Nous avons besoin d'amis. » [D 10675].

Tal atitude mostrou-se acertada, pois em outubro de 1762 o Ministro Maurepas autoriza a saída de ambas, que, dessa forma, se uniram à mãe.

---

[70] "Affaires" in *Inventaire Voltaire*. Sous la direction de GOULEMOT, Jean; MAGNAN, André; MASSEAU,

Em dezembro de 1762, o patriarca escreve a Damilaville:

Il me paraît que l'affaire des Calas prend un bon tour dans les esprits. L'élargissement des demoiselles Calas prouve bien que le ministère ne croit point Calas coupable; c'est beaucoup. Il me paraît impossible à présent que le conseil n'ordonne pas la révision. Ce sera un grand coup porté au fanatisme. Ne pourra-t-on pas en profiter? ne coupera-t-on pas à la fin les têtes de cette hydre? [D10860]

O affaire Calas já adquirira notoriedade na França e além fronteiras, quando surgiu um auxílio inesperado. Durante o confinamento de Anne Calas no convento da "Visitation" em Toulouse, Julie Fraisse foi incumbida de zelar pela conversão da jovem herética. Embora não obtivesse sucesso, a freira criou laços de amizade com Anne, a ponto de se cartearem após a liberação da moça. A religiosa não apenas se compadeceu da tragédia, mas se comprometeu a ajudar na reabilitação de Jean Calas solicitando o sufrágio de d'Auriac, presidente do Conselho do Rei.

Para os amigos d'Argental, o patriarca refere-se à *Lettre écrite à un des principaux magistrats du Conseil d´État*, de 24 de dezembro de 1762:

J'envoie à mes anges la copie d'une lettre, d'une brave et honnête religieuse de Toulouse. Cette lettre me paraît bien favorable pour nos pauvres Calas; et quoique la religieuse avoue que Mlle Calas sera damnée dans l'autre monde, elle avoue qu'elle, et toute sa famille, méritent beaucoup de protection dans celui-ci. [D10927].

A Philippe Debrus, rejubila-se:

Je voudrais bien baiser des deux côtés cette bonne religieuse Mme Julie Fraisse. Voilà un beau contraste avec la barbarie des assassins en robe noire. [D10929]

E a Damilaville:

J'envoie à mes frères la copie de la lettre d'une bonne religieuse. Je crois cette lettre bien essentielle à notre affaire. Il me semble que la simplicité, la vertueuse indulgence de cette nonne de la Visitation, condamne terriblement le fanatisme sanguinaire des assassins de Toulouse en robe. [D10933].

Athanase Coquerel, em sua notável pesquisa, salienta a coragem, a inteligência e o sentimento de justiça de Julie Fraisse. Afinal, a devota freira, embora abominasse Voltaire, lutava a favor de uma causa liderada por ele[71]. Vale reescrever aqui o balanço dessa colaboração:

C'est un honneur pour la cause de Calas que d'avoir ainsi enrôlé dans un même combat, en

---

Didier. Paris: Gallimard, 1995, p. 27.

[71] Cf. COQUEREL FILS, Jean Athanase. Op. cit, p. 66.

faveur d'une famille protestante persécutée, les encyclopédistes à Paris et les Visitandines à Toulouse. Nous verrons agir à la fois pour la veuve et les orphelins de Calas, Voltaire, du fond de son château de Ferney, la soeur Anne-Julie, de son monastère de la Visitation, et le pasteur proscrit Paul Rabaut, du Désert.[72]

Exemplo de administrador

Essa campanha demandava um capital considerável para subsidiar inúmeras despesas. Criou-se, assim, um fundo de auxílio à família Calas, patrocinado, sobretudo, por uma elite abastada: Dominique Audibert (comerciante de Marselha); Ami Camp (banqueiro de Lyon), Jean-Robert Tronchin (comerciante de Lyon); Henri Cathala e Philippe Debrus (comerciantes de Genebra); Duffour e Mallet (banqueiros de Paris). A contribuição principal partia de Voltaire. A Ami Camp, seu procurador, escreve:

> Je me flatte qu´enfin nous ferons obtenir justice aux Calas contre les roueurs de Toulouse. Je ne plaindrai pour cette affaire ni l´argent ni les soins. Bonjour mon cher correspondant. Je vous embrasse du meilleur de mon coeur. [D10672]

Finalmente, em 7 de março de 1763, o Conselho do Rei reuniu-se no salão dos espelhos em Versalhes. Segundo o costume, para aguardar o resultado da sessão, Mme Calas permanece presa na cadeia do palácio. Acatou-se o recurso impetrado contra a decisão do Parlamento de Toulouse, provocando aplausos da multidão à Mme Calas e suas filhas.

Em 12 de março, Voltaire escreve a Moultou:

> Le règne de l'humanité s'annonce. Ce qui augmente ma joie et mes espérances, c'est l'attendrissement universel dans la galerie de Versailles. Voilà bien une occasion où la voix du peuple est la voix de Dieu. Je parie que vous avez pleuré de joie en apprenant cet heureux succès. [D11087].

Passada a euforia dessa conquista, a luta continuava, porque, durante meses, o Parlamento de Toulouse evitou obtemperar e exigiu uma soma exorbitante para que o processo fosse copiado por um escrivão juramentado. Diante de tantos obstáculos, o Duque de Fitzjames, um representante do Rei, vai a Toulouse, onde é recepcionado com um

[72] Idem, p. 67.

mandado de prisão. Em 1º de janeiro de 1764, Voltaire ironiza:

> Mais avez-vous lu l'arrêt du parlement de Toulouse contre le duc de Fitzjames? Je vous l'envoie, mes frères; la pièce est rare, et vaut mieux qu'un conte. [D11612].

Apesar das barreiras impostas pelos parlamentares tolosanos para enviar a cópia do processo a fim de ser julgado novamente, a fase mais intricada já havia passado. A partir daí, tudo seria questão de tempo.Uma semana após o triunfo em Versalhes, Voltaire tranqüiliza Anne-Rose Calas:

> Observez, Madame, que l´ordre donné au parlement de Toulouse d´envoyer les procédures est une espèce de flétrissure pour lui [...]. Le reste ne sera qu´une discussion de procédures, et ne consistera que des formes juridiques, et quelque chose qui arrive soyez très sûre que tout le public sera pour vous. [D11100]

A preocupação do patriarca a partir do final de 1763 e ao longo de 1764 seria a publicação do *Traité sur la Tolérance*, objeto da segunda parte deste trabalho.[73] Notamos, até aqui, como Voltaire guiava seu "exército" de colaboradores por meio de missivas, nas quais ora evocava o aspecto humano apelando à filantropia, ora privilegiava a questão política – frisando a importância de restabelecer a credibilidade da França no cenário europeu –, ora desafiava a capacidade de influência daqueles que poderiam obter proteção para a família Calas.

O filósofo mostrou-se igualmente um hábil administrador ao organizar o orçamento. Homem rico e arrojado, gozava de crédito junto aos banqueiros – a maioria protestante – e desvendou sua aptidão em logística. Psicologia, senso de oportunidade, cálculo, relações, todos os detalhes, enfim, para o sucesso de um plano foram reverenciados pelo "general" autodenominado, astutamente, "fora de combate". A tarefa imposta a si mesmo na condução desse espinhoso processo correspondia a uma escolha do autor em consonância com sua crença nas luzes da razão, "qui éclaire lentement, mais infailliblement, les hommes" [74].

Em carta a Dominique Audibert, escreve: "je frémis et je pleure; mais il faut agir" [D10605]. Essa frase sintetiza seu pensamento sobre a responsabilidade dos homens de letras com seus contemporâneos. Não bastava conhecer as injustiças sofridas pelos protestantes ou se compadecer delas; a ação dos filósofos seria indispensável. De que

---

[73] Em junho de 1764 sai a primeira edição do *Dictionnaire Philosophique* em Genebra. Muitas cartas do período comentam a recepção e o escândalo provocado por esse livro.

forma? Divulgando libelos, escrevendo aos poderosos, denunciando os abusos, testemunhando contra a *infâme*. Tal atitude não estaria isenta de perigos, pois os inimigos da Razão ainda impunham as regras do jogo (censura, *lettre de cachet*, queima de livros em praças públicas).

Apesar disso, o patriarca de Ferney, aos sessenta e oito anos, aceita o desafio e prepara-se para a batalha. Não se trata aqui de idealizá-lo por meio de uma auréola divina, transformá-lo em um anarquista ou revolucionário. O que o singulariza é o fato de afrontar o adversário sem abandonar sua escrivaninha:

> [...] Voltaire, seul, je le répète, déclara la guerre à cette coalition de toutes les iniquités sociales, à ce monde énorme et terrible, et il accepta la bataille. Et quelle était son arme? Celle qui a la légèreté du vent et la puissance de la foudre. Une plume.[75]

Durante os três anos do affaire Calas, Voltaire negou sistematicamente a paternidade de várias obras e incensou os egos dos poderosos quando necessário: "Je pense qu´il faut frapper à toutes les portes, et tenter tous les moyens qui pourraient s´entraider, sans pouvoir s´entrenuire". [D10566].

Penetrava a alma de seus aliados, conhecia a fundo o “gênero humano”, e sua capacidade de emocionar podia equiparar-se a seu proverbial sarcasmo.

De fato, o filósofo-general distinguiu-se como mestre em eloqüência. Conhecemos cartas exemplares – do ponto de vista da depuração formal e da seleção dos argumentos – equiparando-se e, às vezes, excedendo em muito a virtuosidade dos advogados profissionais. Enfocaremos, adiante, seu estilo nessa labuta jurídica.

---

[74] VOLTAIRE. *Traité sur la tolérance*. Paris: Flammarion, 1989, p. 56.
[75] HUGO, Victor. “Centenaire de Voltaire”, le 30 mai 1878. Apud COLLARD, Gilbert. Op. cit., p. 165.

VOLTAIRE : FILÓSOFO ADVOGADO

Cumpre punir, mas não às cegas. Punir, mas utilmente. Se a justiça é pintada com uma venda nos olhos, é mister que a razão seja seu guia. [76]

Vocação inesperada

Desde cedo Voltaire já havia decidido seguir sua vocação de homem de letras. Apesar da insistência do pai para que estudasse Direito, ou assumisse uma promissora colocação de conselheiro no Parlamento de Paris- cargo que Monsieur Arouet compraria mediante soma vultosa -, o jovem François recusou essa proposta tentadora: "Dites à mon père que je ne veux point d´une considération qui s´achète, je saurai m´en faire une qui ne coûte rien"[77].

Ao longo da vida, seu interesse abrangeu vários domínios do conhecimento. Nosso autor, porém, mesmo quando esteve envolvido nos grandes debates de seu século, jamais descurou totalmente da revisão de suas primeiras tragédias e da criação de novas obras artísticas. Em julho de 1739, Voltaire confessa ao Marquês d´Argenson o que o desestimulou de seguir a carreira planejada pelo pai: "Pour moi ce qui m´a dégoûté de la profession d´avocat, c´est la profusion des choses inutiles dont on voulut charger ma cervelle. *Au fait* est ma devise." [D2054].

---

[76] VOLTAIRE. *O preço da justiça*. Tradução de Ivone Castilho BENEDETTI. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 15.
[77] Apud POMEAU, René. Voltaire en son temps. Paris/Oxford: Fayard/Voltaire Foundation, Tome I, 1995, p. 43.

Embora renunciasse à profissão, interveio em questões jurídicas a partir de 1762[78]. Não tinha aparecido, até então, um grande desafio a fim de dar vazão a seu talento para a tribuna. Não lhe faltava interesse e sim uma vida menos agitada para dedicar-se a uma causa de envergadura.

Conforme dissemos, Voltaire não nutria especial simpatia pelos huguenotes. Em carta aos amigos d´Argental, escreveu: "Je sais que la plupart des calvinistes de Languedoc sont de grands fous, mais ils sont fous persécutés, et les calvinistes de ce pays-là sont fous persécuteurs." [D12459]. No affaire Rochette, contentou-se com uma carta ao Marechal Richelieu e demonstrou um misto de indiferença e escárnio ao referir-se, pela primeira vez, à execução de Calas em 22 de março de 1762, como sabemos. Ocorre, porém, que, apenas três dias após essa missiva, escreve ao Cardeal de Bernis:

> C´est qu ´on prétend ici qu´il est très innocent, et qu ´il en a pris Dieu à témoin en expirant. On prétend que trois juges ont protesté contre l´arrêt. Cette aventure me tient au coeur, elle m´attriste dans mes plaisirs; elle les corrompt. [D10386].

Trata-se de uma diferença de tom surpreendente em um intervalo tão curto, mesmo levando-se em conta que recebera novas informações. Janine Garrison propõe a seguinte conjetura, bastante plausível: "Certains de ses biographes admettent que, chez lui, le ton persifleur constitue une sorte de pause, une respiration avant le passage à l´acte."[79]

Ao decidir agir, Voltaire possivelmente divisou seu empreendimento como etapa de uma luta mais ampla travada em conjunto com outros homens de letras a fim de colaborar para o advento da Razão. Não por acaso, ao longo das cartas, chama exemplos contemporâneos como o escândalo dos *Billets de confession* e a proibição da *Encyclopédie*.

"L´éloquence n´appartient qu´aux persuadés".[D11686]

Neste capítulo, analisaremos os matizes de sua arma número um: a missiva. Durante o affaire Calas, depreende-se de suas cartas um sopro incendiário que aguarda o momento oportuno para deflagrar-se. Com o objetivo de derrubar as idéias arraigadas impostas pelo poder absolutista (intolerância institucionalizada) por meio da repressão e da perpetuação da ignorância, o filósofo lança mão de um discurso inflamado.

---

[78] Além do affaire Calas, envolveu-se igualmente nos affaires Sirven, La Barre, Lally-Tollendal, Morangiés, Éttalonde e Monbailli.

A escolha lexical, a ênfase em determinados argumentos e a maneira de dirigir-se aos correspondentes caminham no sentido, ao mesmo tempo, de uma tentativa de auto-representação e de persuasão. Os exemplos que seguem elucidam melhor nossa posição.

Na fase que ainda pesquisava os fatos, escreve a Balthazar Chazel, procurador[80] em Nîmes:

> J'ai grand intérêt, Monsieur, que les anciens camarades s'aiment toujours, je l'ai été de monsieur votre père et je m'intéresse tendrement à lui. Je vous prie de l'assurer que je serai son ami jusqu'au dernier moment de ma vie.
>
> Je saisis les offres d'amitié que vous me faites pour vous demander une grâce. C'est de vouloir bien Monsieur m'instruire de la vérité, si on la peut découvrir dans l'horrible aventure des Calas. Deux des enfants de ce malheureux sont dans mon voisinage. Ils attestent le ciel et la terre. Ils émeuvent tous les esprits. Ils jurent que leur père était innocent, que c'était le plus doux des hommes et le meilleur des pères. Il a disent-ils crié au ciel jusqu'au dernier moment contre la fureur superstitieuse dont il était la victime. Il a pardonné à ses juges. Le dominicain qu'on avait mis auprès de lui, dit qu'il voudrait mourir aussi saintement que cet infortuné. On ne lui a pu confronter aucun témoin oculaire. Il paraît physiquement impossible qu'il ait pu pendre son fils dans les circonstantes où on le suppose. Cinq juges ont opiné à l'absoudre, les huits autres étaient des pénitents blancs, séduits et énivrés de l'horrible superstition d'un peuple insensé qui mettait le pendu au nombre des martyrs. Un seul de ces huit juges qui aurait écouté la raison en se rangeant à l'opinion des cinq juges raisonnables, aurait sauvé la vie à l'innocent. Voilà Monsieur ce qu'on dit, ce qu'on écrit, et qui remplit tous les étrangers d'indignation et de pitié. On se rappelle tant de jugements iniques qui ont égorgé l'innocence avec le poignard de la justice. On crie que nous sommes une nation odieuse, intolérante, superstitieuse, aussi atroce que frivole, qui passe des Saint-Barthélemy à l'opéra-comique, qui sait rouer des innocents, et qui ne sait combattre ni sur mer ni sur terre. J'entends avec douleur tous ces reproches affreux. Le silence du parlement dans une occasion où il devrait publier son arrêt motivé ferme la bouche à quiconque veut soutenir l'équité de son jugement. Enfin, Monsieur je vous soupplie de me dire une vérité qui importe au genre humain. [...] [D10391]

Logo na primeira linha, Voltaire, de forma elegante, refere-se ao pai do interlocutor, seu antigo colega de classe. Obedece, assim, à conhecida recomendação dos *secretários* segundo a qual o exórdio consiste na "art de disposer le lecteur pour gagner faveur et amitié des personnes".[81]

Nessa resposta, aproveita a oportunidade para solicitar esclarecimentos sobre o "crime". Tudo indica que o destinatário já estava a par dos fatos, pois Nîmes (aliás, nessa cidade morava o caçula Donat Calas até o dia da tragédia) situa-se no sudeste da França, na região do Languedoc-Roussillon, onde se concentrava a maior parte dos protestantes.

---

[79] GARRISON, Janine. *L´affaire Calas: miroir des passions françaises*. Paris: Fayard, 2004, p. 128.
[80] "Procureur" no Antigo Regime significava "officier établi pour agir au nom de ceux qui plaident en quelque juridiction" (*Petit Robert*).
[81] Paul JACOB, *Le Parfait Secrétaire*, 1646 apud GRASSI, Marie-Claire. *Lire l´épistolaire*. Paris: Dunod, 1998, p. 37.

Com a afirmação “Deux des enfants de ce malheureux sont dans mon voisinage”, pretende-se mostrar familiaridade com o episódio. O autor não fala somente com base em fontes secundárias, ele conhece os protagonistas do processo.

A seqüência de sentenças justapostas (“Deux des enfants” a “pardonné à ses juges”) cria a impressão de algo dito em um só fôlego, sem reflexão cuidadosa, sem preocupação com o estilo. Trata-se de um efeito de espontaneidade, um recurso deliberadamente usado por Voltaire a fim de dar voz aos filhos de Calas. Esse efeito é reforçado pelos três verbos no presente do indicativo – “attestent; émeuvent; jurent” – Tal linguagem sem torneios e “limpa de ornamentos” mimetiza a fala dos filhos e ressalta a convicção deles sobre a inocência do pai.

Durante seu suplício, Jean Calas esteve acompanhado dos dominicanos Bourges e Caldaiguès, mas somente o primeiro permaneceu, como confessor, até o último suspiro e testemunhou a fé e a coragem do comerciante durante sua agonia: « Le dominicain qu’on avait mis auprès de lui, dit qu’il voudrait mourir aussi saintement que cet infortuné. »

O fato de Calas jurar inocência sob tortura constitui um forte argumento da defesa, daí a insistência em outras missivas sobre esse ponto. Para citarmos apenas um exemplo, a d´Alembert relata:

> Il a pleuré son fils en mourant, il a protesté de son innocence sous les coups de barre. [D10394].

É indispensável fazer aqui uma pequena digressão sobre a *Retórica* de Aristóteles. Conforme o filósofo estagirita, o rétor, a fim de persuadir, utiliza tanto as “provas técnicas” quanto as “provas extra-técnicas”. Trata-se, no segundo caso, de provas já existentes, ou seja, não foram criadas pelo rétor –, como testemunhos, confissões sob torturas e escritos. As “provas técnicas”, por sua vez, são fornecidas pelo método[82].

A firmeza com que Jean Calas declarou sua inocência – mesmo sob cruéis provações físicas – contribui para a defesa. À luz dos conceitos de Aristóteles, reconhecemos aí uma prova extra-técnica.

Nessa carta, ao omitir os nomes dos envolvidos e enfatizar a leviandade de um “peuple insensé”, de uma nação “odieuse, intolérante, superstitieuse”, a tragédia familiar ganha dimensão de escândalo internacional. O missivista assume o papel de porta-voz dos

---

[82] Cf. ARISTÓTELES. *Rhétorique*. Paris: Gallimard, 1991, p. 22-3.

franceses, envergonhados diante de outras nações. O tribunal de Toulouse devia explicações não somente à família do réu, mas à França ultrajada, à Europa atônita; enfim, tratava-se de um caso que interessava ao "gênero humano".

Apesar de ainda se encontrar em fase de investigação, algumas passagens evidenciam tendência à íntima convicção sobre a inocência do réu. Basta notarmos as características atribuídas ao pai de Marc-Antoine como a de crente fervoroso, de alma generosa e fiel, até o último instante, a seu credo. Apontamos, ainda, a afirmação categórica: "Voilà Monsieur ce qu'on dit, ce qu'on écrit, et qui remplit tous les étrangers d'indignation et de pitié." Os verbos "dit" e "écrit" remetem à idéia de opinião corrente, sugerindo a necessidade de maior investigação a fim de apurar os fatos . Nessa missiva, a indeterminação do sujeito por meio da partícula "on" solidifica o comentário do remetente. Este apenas resume o que é sobejamente conhecido por todos. Com a frase seguinte – "On se rappelle tant de jugements iniques qui ont égorgé l'innocence avec le poignard de la justice." –, mais uma vez o pronome "on" serve para introduzir um fato notório. Provavelmente o autor refere-se aqui à condenação do jesuíta português Malagrida (vide análise da carta seguinte, a Fyot de la Marche). Chamamos a atenção, enfim, para a expressão "[...] égorgé l'innocence avec le poignard de la justice", evocando uma das obsessões do autor, isto é, lutar contra a arbitrariedade e a violência das instituições. Em vez da balança sustentada por uma mulher de olhos vendados (a deusa *Justitia* dos romanos), simbolizando a imparcialidade face aos cidadãos de diferentes origens, há o punhal, ligado ao crime e à perfídia, que tortura e mata.

Os argumentos empregados aqui serão repetidos para outros correspondentes de Voltaire: idade avançada de Jean Calas; força e juventude da vítima; crime contra a natureza (parricídio). Somam-se ainda a ausência de provas e a mudança de opinião de um dos juízes, resultando na maioria necessária para a condenação.

Notamos a desproporção das forças em jogo: de um lado, o réu – caracterizado como "malheureux", "infortuné" e "innocent"; de outro, o Parlamento e o povo – seduzidos pelo fanatismo. A "fureur superstitieuse" é ilustrada reiteradamente com o massacre da noite de São Bartolomeu em 1572 (v. [D10394],[D10406],[D10417],[D10419],[D10626],[D11724], entre outras). A lembrança dessa passagem macabra da História traumatizou Voltaire, que sofria de febres anualmente

no dia 24 de agosto.

A Guerra dos Sete Anos constitui outra “matança” citada com freqüência pelo autor. Em geral para lamentar a incompetência dos franceses, daí a alusão: “[...] qui sait rouer des innocents, et qui ne sait combattre ni sur mer ni sur terre.” A França, como pátria das Artes – poesia, arquitetura, pintura e música – conhecida mundialmente, macularia sua própria imagem se continuasse omissa diante do processo Calas. Ao Marquês de Thibouville, reclama: «Au reste les modes changent en France. C´était autrefois la mode de faire des campagnes glorieuses, d´être le modèle des autres nations, d´exceller dans les beaux-arts. » [D10392] e a d´Alembert, declara : « Nous devenons l´horreur et le mépris de l´Europe. J´en suis fâché car nous étions faits pour être aimables. » [D10394].

No final de sua carta, deplora o silêncio do Parlamento, que omitiu a motivação da sentença. De fato, proibiu-se a divulgação dos documentos necessários à compreensão do processo. Voltaire interpreta tal recusa como uma autocondenação. Em 7 de julho de 1762, escreve a d´Argental: “Cette seule défense prouve assez que les juges sentent leur faute.” [D10564].

Do mesmo período, há uma carta ao amigo Fyot de la Marche, um belo exemplo de seu estilo enérgico e contundente:

À Ferney 25 mars 1762

Il y a longtemps que j’ai eu l’honneur d’écrire à celui qui sera toujours mon premier président. J’ai bien des choses à lui dire. Premièrement son parlement m’afflige. Le roi se soucie fort peu qu’on juge ou non les progrès auxquels je m’intéresse; mais moi je m’en soucie. Voilà une plaisante vengeance d’écolier de dire, je ne ferai pas mon thème parce que je suis mécontent de mon régent. C’est pour cela même au contraire qu’il faut bien faire son thème. J’apprends que vous faites tous vos efforts pour parvenir à une conciliation. Qui peut y réussir mieux que vous? Vous serez le bienfaiteur de votre compagnie, c’est un rôle que vous êtes accoutumé à jouer. Je vous demande pardon de donner des fêtes quand la province souffre, mais il est bon d’égayer les affligés. Il y en a de plus d’une sorte. **Il vient de se passer au parlement de Toulouse une scène qui fait dresser les cheveux à la tête. On l’ignore peut-être à Paris, mais si on est informé, je défie Paris tout frivole, tout opéra-comique qu’il est, de n’être pas pénétré d’horreur. Il n’est pas vraisemblable que vous n’ayez appris qu’un vieux huguenot de Toulouse nommé *Calas,* père de cinq enfants, ayant averti la justice que son fils aîné, garçon très mélancolique, s’était pendu, a été accusé de l’avoir pendu lui-même en haine du papisme pour lequel ce malheureux avait dit-on quelque penchant secret. Enfin le père a été roué; et le pendu tout huguenot qu’il était a été regardé comme un martyr et le parlement a assisté pieds nus à des processions en l’honneur du nouveau saint. Trois juges ont protesté contre l’arrêt. Le père a pris Dieu à témoin de son innocence en expirant, a cité ses juges au jugement de Dieu, et a pleuré son fils sur la roue. Il y a deux de ses enfants dans mon voisinage qui remplissent le pays de leurs cris. J’en suis hors de moi. Je m’y intéresse comme homme, un peu même comme philosophe. Je veux savoir de quel côté est l’horreur du fanatisme.** L’intendant de Languedoc est à Paris. Je vous conjure de lui parler ou de lui faire parler. Il est au fait de cette

aventure épouvantable. Ayez la bonté je vous en supplie de me faire savoir ce que j'en dois penser. Voilà un abominable siècle, des Calas, des Malagrida, des Damiens, la perte de toutes nos colonies, des billets de confession et l'opéra-comique.

Mon cher et respectable ami, ayez pitié de ma juste curiosité. Je soupçonne que c'est vous qui m'avez écrit il y a environ deux mois, mais les écritures quelquefois ressemblent à d'autres. Quand vous aurez la bonté de m'écrire mettez un M au bas de la lettre, cela avertit. Je devrais vous reconnaître à votre style et à vos bontés, mais mettez un M. car quand je vous renouvelle mon tendre et respectueux attachement je mets un V. [D10387][83].

Fyot de la Marche renunciou ao cargo de primeiro presidente do Parlamento de Bourgogne a favor do filho, daí a observação logo no início da missiva. Voltaire aproveita a nova situação do amigo para fazer uma apreciação lisonjeira, um expediente de *captatio benevolentiae*: "à celui qui sera toujours mon premier président"; predispõe o destinário, obtém sua atenção.

Antes de abordar o affaire Calas, o filósofo refere-se às apresentações dramáticas no teatro de seu castelo em Ferney: "je vous demande pardon de donner des fêtes quand la province souffre, mais il est bon d'égayer les affligés. Il y en a de plus d'une sorte." Essa última frase serve como ponte ao próximo tema. Em seguida, situa a natureza da matéria: um crime motivado pelo fanatismo religioso. Explicita, enfim, o tipo de auxílio desejado, enfatizando a gravidade do caso e a indispensável colaboração de seu destinatário para solucioná-lo.

Voltaire narra os fatos estimulando a leitura, criando um "efeito aperitivo", ou seja, trata-se de deixar o leitor com "apetite"[84], ávido de ler a seqüência :

Il vient de se passer au parlement de Toulouse une scène qui fait dresser les cheveux à la tête. On l'ignore peut-être à Paris, mais si on est informé, je défie Paris tout frivole, tout opéra-comique qu'il est, de n'être pas pénétré d'horreur.

O suspense dimana do sobressalto provocado ("qui fait dresser les cheveux à la tête"), buscando, ao mesmo tempo, comover e aliciar o leitor. Na seqüência da carta, emprega ainda as expressões hiperbólicas: "qui remplissent le pays de leurs cris"; "de n'être pas pénétré d'horreur" e "Je suis hors de moi".

---

[83] Assinalamos em negrito trechos das citações das cartas e do *Traité sur la Tolérance*.

[84] A expressão "fonction apéritive" é empregada por Barthes em sua "Analyse textuelle d'un conte d'Edgar Poe". In: *Une aventure sémiologique*. Paris: Seuil, 1985, p. 335.

Nesse prelúdio ao assunto principal, Voltaire – na esteira de outros escritores do século XVIII, e como já fizera em outras obras – ataca Paris pela vida licenciosa de seus habitantes. Em *Candide*, por exemplo, essa visão estereotipada é levada às últimas conseqüências. No capítulo XXII, Cândido e Martinho visitam a bela cidade e "descobrem" que a capital das ilusões passageiras e da luxúria também não passa de um antro de trapaceiros. Em outras cartas do período, notamos a crítica à proverbial futilidade da sociedade parisiense:

> J'ai bien peur qu'à Paris on songe peu à cette horrible affaire. On aurait beau rouer cent innocents, on ne parlera à Paris que d'une pièce nouvelle, et on ne songera qu'à un bon souper. Cependant, à force d'élever la voix, on se fait entendre des oreilles les plus dures, et quelquefois même, les cris des infortunés parviennent jusqu'à la cour. [D10573]

> On est toujours indigné ici de l´absurde et abominable jugement de Toulouse. On ne s´en soucie guère à Paris où la Saint-Barthélemy ferait à peine une sensation. [D10417]

Após essa preparação, na qual aguça a curiosidade do leitor, resume o assunto em poucas, mas incisivas palavras: "Il n'est pas vraisemblable que [...] J'en suis hors de moi. »

Esse trecho singulariza-se pela concisão e densidade. Tal maestria em "contar" um episódio de forma rápida e com grande número de informações distingue o estilo de Voltaire em outras obras, como mostrou Auerbach[85] ao analisar, em *Candide*, o "tempo", cuja brevidade e rapidez concorrem para a comicidade. Nessa carta, a narrativa frenética visa a absorver seu interlocutor. Em menos de doze linhas, o autor descreve a personalidade do réu e da vítima, explicita a causa da condenação de Jean Calas e o horror de seu suplício. Além disso, procura, com seu discurso "ardente", recrutar a ação do outro.

A linguagem enxuta e a velocidade constituem traços que exigem maior participação do interlocutor para completar o sentido. A "figura" do leitor ganha relevo nos textos de Voltaire (voltaremos à questão quando abordarmos o *Traité sur la tolérance*). Por exemplo, no prefácio do *Dictionnaire Philosophique*, afirma:

> Les livres les plus utiles sont ceux dont les lecteurs font eux-mêmes la moitié; ils étendent les pensées dont on leur présente le germe; ils corrigent ce qui leur semble défectueux, et fortifient par leurs réflexions ce qui leur paraît faible.[86]

A sua correspondência confirma nossa hipótese. Vale citar aqui a resposta à Baronesa

---

[85] AUERBACH, Erich. *Mimésis: la représentation de la réalité dans la littérature occidentale.* Paris: Gallimard, 1968, pp. 395-428

de Verna em julho de 1764 sobre seu gosto pelas obras do filósofo:

> Mes ouvrages ne sont pas dignes assurément de l'honneur que vous leur faites; mais vous y suppléez en pensant de vous même les choses que je n'ai pas dites. Je ne fais que mettre sur la voie; je présente des esquisses, et vous achevez dans votre esprit ce que je n'ai fait qu'ébaucher. [D11972]

O filósofo advoga a causa do réu apresentando-o como um "vieux huguenot de Toulouse, père de cinq enfants"[87]. Em outras ocasiões, fala-nos de um homem sem vícios, que jamais se envolveu em nenhuma discussão. Ora, esse perfil o distancia de um criminoso em potencial. As qualidades morais de um indivíduo, evidentemente, não provam por si sua inocência, mas costumam ser eficientes para matizar muitas acusações que lhe imputam. Não por acaso, advogados costumam enaltecer o caráter do réu sob seus cuidados, expediente para atenuar ao máximo a pena ou, no caso em questão, apresentar o "crime" como no mínimo inverossímil. Voltaire refere-se ao comerciante como "le plus doux des hommes", "le meilleur des pères" [D10391]; "un vieux père de famille et fort bon homme" [D10403]; "le plus innocent des hommes" [D10406].

Bem oposto ao pai, há o filho de temperamento enfermiço: "malheureux", "garçon très mélancolique". Como nas cartas, o *Traité sur la tolérance* também delineará um Marc-Antoine estranho, solitário e depressivo. Insatisfeito consigo mesmo, o primogênito se interessava por leituras sobre o suicídio (argumento presente em uma das *Pièces originales*) e com um "fraco" por jogos de azar, características que o envolviam em um halo de mistério e sugeriam certa tendência auto-destrutiva. De um lado esboça-se o retrato do homem honesto: "le père"; de outro, vislumbra-se o rapaz sombrio: "le pendu".

A passagem "[...] en haine du papisme pour lequel ce malhereux avait dit-on quelque penchant secret" sugere, por meio da expressão "dit-on", que o "penchant secret" não se fundamenta em nenhum elemento concreto, ao contrário, insiste no caráter de "boato", "rumores". Enfraquece-se a hipótese dos acusadores: virtual conversão ao catolicismo. A propósito, em seu trabalho sobre o estilo polêmico de Voltaire, Jeanne Monty analisa como o emprego do pronome "*on*" provoca, algumas vezes, um fenômeno de distanciamento do autor. Em alguns verbetes do *Dictionnaire philosophique* (1764),

---

[86] *Dictionnaire Philosophique*. Paris: Flammarion, 1964, p. 20.

[87] Na verdade, eram seis filhos. Voltaire engana-se também quanto ao número de juízes favoráveis ao réu, cinco e não três , sendo que tais equívocos seriam retificados em outras cartas.

segundo a autora, "dit-on" equivaleria quase a afirmar: "Voilà ce que disent quelques imbéciles, mais c'est bien évidemment faux."[88]

Além disso, mesmo se aceitássemos a abjuração como provável, a decisão ainda amadurecia no foro íntimo de Marc-Antoine. Chegamos aqui à questão fundamental para Voltaire: "Je veux savoir de quel côté est l'horreur du fanatisme". Se houve parricídio, um pai mataria o filho para impedi-lo de escolher livremente sua religião. Se Jean Calas era inocente, um Parlamento cometeria uma aberração, uma cruel injustiça por desrespeitar o direito à liberdade de consciência. Repete a indagação, de forma mais agressiva, a d'Alembert:

> Pour amour de Dieu, rendez-moi aussi exécrable que vous le pourrez le fanatisme qui a fait pendre un fils par son père, ou qui a fait rouer un innocent par huit conseillers du roi.
> Mandez-moi, je vous prie, quel est le corps que vous méprisez le plus, je suis *empêché à résoudre ce problème*. [D10387].

Para Gabriel Le Bault, pondera:

> Il est après tout fort étrange, qu'un père accusé d'avoir pendu son propre fils soit condamné sur des preuves si légères, que de treize juges il y en ait cinq qui le déclarent innocent. Le testament de mort de l'accusé vaut encore pour le moins trois juges. Enfin cette affaire est épouvantable de part et d'autre. [D10402].

Para d'Argental:

> Avons-nous besoin de nous rendre odieux? Ne pourriez-vous pas engager M. le comte de Choiseul à s'informer de cette horrible aventure qui déshonore la nature humaine, soit que Calas soit coupable soit qu'il soit innocent? Il y a certainement d'un côté ou d'un d'autre un fanatisme horrible, et il est utile d'approfondir la vérité. [D10389]

Num e noutro caso, tratava-se de um motivo iníquo numa época em que os costumes se prenunciavam mais amenos, como escreve ao banqueiro Ami Camp:

> Avez-vous des nouvelles bien vraies sur la roue de Calas? était-il innocent ou coupable? Voilà d'un côté ou d'autre le fanatisme le plus horrible dans le siècle le plus éclairé. Mes tragédies ne sont pas si tragiques. [D10390].

Relevante para impugnar a sentença contra Calas seria a hesitação de alguns juízes: "Trois juges ont protesté contre l'arrêt". Aqui também há um efeito de espontaneidade. Esta é uma das frases justapostas, sem explicações ou comentários, escritas aparentemente quase ao

---

[88] MONTY, Jeanne R. *Style polémique de Voltaire*: Dictionnaire philosophique. Genève: Institut et Musée Voltaire Les Délices, 1966, p. 37.

acaso, e que insinuam espanto e estupefação, cabendo ao leitor (mais uma vez) tirar suas conclusões.

A afirmação "Je m'y intéresse un peu comme homme, un peu même comme philosophe" sublinha o envolvimento emocional e racional do missivista. Há tanto a apreensão do ser humano, espantado com a leviandade dos juízes, como a preocupação do homem de letras, atônito com o retrocesso das leis e o extremismo de seus contemporâneos. Compreendemos, assim, o seu desabafo: « Voilà un abominable siècle, des Calas, des Malagrida, des Damiens, la perte de toutes nos colonies, des billets de confession et l'opéra-comique. »

Nessas linhas, Voltaire enumera algumas polêmicas contemporâneas ao affaire Calas, como o saldo negativo da Guerra dos Sete Anos; a cruel execução de Damiens, que ferira Luís XV em 1757; a condenação do jesuíta Malagrida pelo tribunal da inquisição em Portugal - o padre fora executado em 1761. Refere-se ainda ao espinhoso caso dos *billets de confession*, o direito aos sacramentos seria concedido mediante a confissão com padres a favor da *Bula Unigenitus* (anti-jansenista). Coloca no mesmo plano das questões políticas e religiosas a *opéra-comique*, gênero da moda, desprezada pelo autor.

A expressão "lui dire ou lui faire dire" indica um ponto chave da estratégia: a criação de uma rede de colaboradores. O verbo "faire", seguido de um infinitivo, expressa uma incumbência a alguém. Enfatiza-se, dessa forma, a necessidade de passar a "mensagem" adiante, fazer ecoar o grito, conscientizar, enfim *éclairer* as mentes, para usar um verbo caro a Voltaire.

A exemplo de "lui dire ou lui faire dire", a construção análoga "criez et faites crier" se distingue como divisa da luta voltairiana:

> Jamais depuis le jour de la Saint- Barthélemy rien n'a tant déshonoré la nature humaine. Criez, et qu'on crie. [D10406].
>
> Criez partout, je vous en prie, pour les Calas et contre le fanatisme, car c'est l'*infâme* qui a fait leur malheur. [D10705]
>
> Non seulement il faut crier, mais il faut faire crier les criailleurs en faveur de la vérité. [D12109]

Fyot de la Marche, católico e parlamentar, não afiançaria uma ofensiva contra o Parlamento. Os argumentos baseiam-se na falta de provas, na hesitação de alguns juízes, na recusa do réu (mesmo sob tortura) em confessar o crime que não tinha cometido e na súplica

de seus filhos. O interesse de seu ex-colega de classe contribuiria com a difusão do caso no círculo político.

A força persuasiva do verossímil

O próximo exemplo refere-se a um estágio mais avançado do caso, início de 1763, época prevista da apresentação do relatório redigido por Pierre Mariette ao Conselho do Rei. A carta é endereçada ao próprio relator: Louis Thiroux de Crosne.

> À Ferney le 30 janvier 1763.
>
> Monsieur,
>
> Je me crois autorisé à prendre la liberté de vous écrire; l´amour de la vérité me l´ordonne.
>
> Pierre Calas accusé d´un fratricide, et qui en serait indubitablement coupable si son père l´eût été, demeure auprès de mes terres. Je l´ai vu souvent. Je fus d´abord en défiance. J´ai fait épier pendant quatre mois sa conduite et ses paroles; elles sont de l´innocence la plus pure et de la douceur la plus vraie. Il est prêt d´aller à Paris, ainsi que sa mère qui n´a pu ignorer le crime, supposé qu´il ait été commis, qui dans ce cas en serait complice, et dont vous connaissez la candeur et la vertu.
>
> Je dois, Monsieur, avoir l´honneur de vous parler d´un fait dont les avocats n´étaient point instruits. Vous jugerez de son importance.
>
> La servante catholique qui a élevé tous les enfants de Calas, est encore en Languedoc; elle a été témoin que le père, la mère, les enfants, et Lavaysse, ne se quittèrent point dans les temps qu´on suppose le parricide commis. Si elle a fait un faux serment en justice pour sauver ses maîtres, elle s´en est accusée dans la confession: on lui aurait refusé l´absolution, elle ne communierait pas. Ce n´est pas une preuve juridique, mais elle peut servir à fortifier toutes les autres; et j´ai cru qu´il était de mon devoir en parler.
>
> L´affaire commence à intéresser toute l´Europe. Ou le fanatisme a rendu une famille entière coupable d´un parricide, ou il a fasciné les yeux des juges jusqu´à faire rouer un père de famille innocent: il n´y a pas de milieu. Tout le monde s´en rapportera à vos lumières et à votre équité.
>
> J´ai l´honneur d´être avec respect etc. [D10963]

Uma das vias para persuadir o interlocutor consiste em mostrar-se – pela competência e honestidade – digno de fé. Se pensarmos em nosso autor, além dessas qualidades, ele conta ainda com a idade avançada, com sua cultura extraordinária – que lhe permite chamar exemplos de diferentes épocas e países –, além de, a princípio, não ter nenhum interesse pessoal na defesa de Calas. Agiria, portanto, com eqüidade. Essas características, evidentemente, precisariam ser mostradas por meio de seu discurso.

Após se dirigir humildemente ao destinatário, passa a relatar os fatos –"guardando distância" em relação aos envolvidos. No segundo parágrafo, não se trata de acrescentar nova informação sobre a tragédia, de resto, sobejamente conhecida do advogado, mas sim de

apresentar-se como “testemunha”. Reivindica esse status com as frases: “Je l´ai vu souvent”; “J´ai fait épier pendant quatre mois sa conduite et ses paroles”. O tempo dedicado à análise de Pierre Calas, espionando-o e a hesitação inicial concorrem para a confiabilidade de suas conclusões. De fato, ao afirmar “Je fus d´abord en défiance”, o autor apresenta-se como aparentemente imparcial. Da mesma forma, refere-se à viúva Calas, realçando sua “candura” e “virtude”, atributos que não atestam sua inocência, mas a tornam provável.

No terceiro parágrafo, há uma pausa para anunciar o tema principal da missiva. Esse interlúdio cria certo suspense e dá relevo ao que segue: “Vous jugerez de son importance”.

A confissão religiosa pode ser arrolada como prova “extra- técnica”. Para maior clareza, imaginemos esse argumento como um silogismo:

Todo católico devoto confessa seus pecados.
A servente é católica devota.
Logo, confessa seus pecados.

Na missiva, não se obedece a todos os passos do silogismo (omite-se a premissa principal, pois se trata evidentemente de uma especulação contestável). Como uma das partes é subentendida, trata-se de um “entimema”.

A empregada católica, explica o filósofo, caso houvesse mentido, não receberia o sacramento da comunhão. Com efeito, o zelo religioso da criada, aliado à sua simplicidade, não comportariam uma atitude dissimulada diante do padre confessor. Tal constatação serviria como prova jurídica? Obviamente que seria difícil sustentar uma defesa apoiando-se em tal conjetura.

Para nós hoje, em pleno século XXI, talvez seja pouco convincente uma argumentação baseada em obediência aos sacramentos religiosos. Na França do século XVIII, porém, tal alegação possuía grande peso diante de uma parte do público e dos juízes. A título de curiosidade, e ao mesmo tempo apoiando nossa posição, lembremos que Luís XV, devido a seu fraco por mocinhas, passou vários anos sem o sacramento da comunhão, para manter uma posição coerente diante dos súditos devotos[89]. Insistimos, outrossim, que a defesa de Voltaire apóia-se na verossimilhança, nas atitudes prováveis dos envolvidos segundo o senso comum

[89] Cf. PEVITT ALGRANT, Christine. *Madame de Pompadour: senhora da França*. Tradução de Vera RIBEIRO. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, pp. 144-5.

dos cidadãos. Desnecessário dizer que a retórica se justifica enquanto paira nebulosidade sobre o suposto crime.

Por último, o filósofo aponta o fanatismo, do mesmo modo que em dezenas de outras missivas ([D10389], [D10390], [D10402], [D10403], [D10414], [D10419], etc...), como o grande vilão dessa tragédia. Essa "doença epidêmica", esse furor hipnotizava os homens, cegava-os a ponto de levá-los a cometer atrocidades. A propósito, vejamos como explica esse substantivo em seu *Dictionnaire philosophique* (1764):

> Le fanatisme est à la superstition ce que le transport est à la fièvre, ce que la rage est à la colère. Celui qui a des extases, des visions, qui prend des songes pour des prophéties, est un enthousiaste; celui qui soutient sa folie par le meurtre, est un fanatique. [90]

O pior exemplo, segundo o autor, dessa cólera irracional é:

> [...] celui des bourgeois de Paris qui coururent assassiner, égorger, jeter par les fenêtres, mettre en pièces, la nuit de la Saint-Barthélemy, leurs concitoyens qui n´allaient point à la messe.[91]

O patriarca conclui sua carta a Thiroux de Crosne lembrando-lhe a responsabilidade de sua missão. O vocábulo *lumières*, no século XVIII, remete à inteligência, à capacidade intelectual, ao saber[92]. Observamos que tanto *lumières* quanto *lumière* têm um emprego fecundo na correspondência de Voltaire. Em um esclarecedor artigo, Roland Mortier explica-nos que as referências à idéia de *lumière(s)* são freqüentes a partir de 1760, quando a obra voltairiana se torna mais militante.[93]Ainda segundo Mortier, *lumière* associa-se, em geral, à idéia de tolerância, humanidade e filosofia, em oposição ao fanatismo, à superstição e à cegueira.[94]

Notamos, nessas três cartas bem arquitetadas, a simplicidade, a concisão e a clareza exemplares com que fluem as idéias; características recomendadas pela maior parte das artes retóricas da Antigüidade e sintetizadas por Voltaire:

> Plus on retranche en prose, en vers, en tout genre excepté en finance, moins on fait de sottises. [D12050]

Outro aspecto bastante conhecido da retórica antiga diz respeito à divisão da tarefa

---

[90] VOLTAIRE. Op. cit, p. 189.
[91] Idem, p. 189.
[92] Segundo o *Petit Robert.*
[93] Cf. MORTIER, Roland. "Le concept de lumière(s) chez Voltaire" *in Revue Voltaire*. Paris: Presses de l´Université Paris Sorbonne, nº 1, 2001, p. 39.
[94] Idem, p. 40.

do orador em cinco etapas: *invenção* (*inventio, heurésis*), *disposição* (*dispositio, taxis*), *elocução* (*elocutio, lexis*), *ação* (*actio, hupocrisis*) e *memória* (*memoria, mnémè*). Interessam-nos as três primeiras partes, pois tratam da elaboração do discurso, ao passo que as duas últimas concernem a sua realização oral.

A *invenção* corresponde à escolha dos tipos de argumentos a empregar, de ordem afetiva (*Ethos* e *Pathos*) ou racional (*Logos*). O *Ethos* evoca as qualidades ligadas àquele que fala. Dependendo da natureza de seu discurso, o orador deve mostrar-se honesto, severo ou benevolente. Trata-se de uma questão de "parecer". O *Pathos* engloba o conjunto de emoções que se pretende provocar no auditório, como, entre outras: piedade, cólera e indignação. O *Logos* diz respeito à argüição lógica, permitindo "provar" algo.

O fato de Voltaire não ser protestante, pelo contrário – teve altercações com os calvinistas de Genebra –, concorre para a imagem de imparcialidade. À reputação e à idade soma-se sua fortuna pessoal (provavelmente o homem de letras mais rico de sua época), uma garantia de viver sem depender dos favores do rei Luís XV.

A *disposição* é a apresentação dos argumentos segundo um método. Nas cartas estudadas, ela não foge muito ao modelo tradicional do gênero judiciário. Num primeiro momento chama a atenção para o que vai contar, relata, em seguida, o que tem a dizer e, por último, formula seu pedido.

A *elocução*, por sua vez, encerra os procedimentos estéticos do rétor. Neste aspecto, salientamos a influência dos professores do colégio Louis-le-Grand sobre o jovem François Arouet.

Os padres da Companhia de Jesus destacaram-se como divulgadores da retórica- de fundamental importância no período clássico- por meio de obras escritas em latim, em geral baseadas em Aristóteles[95]. Desde a época do filósofo grego a *elocução* começou a ganhar maior espaço entre os teóricos. Com os jesuítas, ela impõe-se como o segmento mais relevante da eloqüência . Se clareza, brevidade e precisão continuam qualidades prezadas na arte do bem escrever (dizer), nota-se certo gosto pelo ornamento, ao qual Voltaire não ficou indiferente.

---

[95] A propósito, Voltaire conhecia e admirava *La Rhétorique* de Aristóteles. Em seu artigo "Éloquence", da *Encyclopédie*, faz referências à obra. O patriarca assinala a ausência de tradição de grandes oradores na França (com exceção de Bossuet) , ao contrário do que ocorria na Grécia e Roma antigas e na Inglaterra moderna. Ora, nas cartas analisadas, percebemos qualidades de grande orador.

O MELHOR ALUNO DOS JESUÍTAS

Malheur à ceux qui cherchent des phrases et de l'esprit, et qui veulent éblouir par des épigrammes quand il faut être solide. [D11051].

O ensino no "Louis- le-Grand"

Uma das questões surgidas ao longo deste trabalho diz respeito à copiosa presença de *tropos* e figuras de pensamento na correspondência. Voltaire defendeu com freqüência uma linguagem enxuta, clara e objetiva, logo como entender a reiteração de hipérboles, apóstrofes, ironia, e comparações?

Esclarecemos nossa dúvida, num primeiro momento, recorrendo à História. Até meados do século XVII, predominava na França uma corrente retórica influenciada pelo humanismo católico. Obras como *Le Discours de la Méthode* (1637) de René Descartes e *La Fréqüente Communion* (1643) de Antoine Arnauld encetariam mudanças nessa linha.[96] Bernard Lamy em sua *Rhétorique ou art de parler* (1670) – inspirada no método de Descartes, estigmatizava o excesso de ornamentos, em prol de um maior rigor na demonstração das idéias.

[96] Cf. FUMAROLI, Marc. *L´âge de l´éloquence*. Paris: Albin Michel, 1994, pp. XII e XIII.

Voltaire, no entanto, assimilou, em seus primeiros anos, uma retórica tradicional, marcada pelo barroco, que privilegiava a variedade de meios seja para surpreender o leitor, seja para diverti-lo ou provocar sua imaginação. Alguns dados biográficos são indispensáveis para entendermos essa escolha.

Entre 1704 e 1711, François-Marie Arouet freqüentou o colégio "Louis-le-Grand", então a mais reputada instituição de ensino da França, dirigida pela Companhia de Jesus, desde 1560. A rígida disciplina a que eram submetidos os meninos não visava apenas a uma sólida formação católica, mas, também, ao desenvolvimento do gosto artístico e ao aperfeiçoamento da retórica. Assim, os alunos, sempre estimulados a refletir, aprendiam a defender um ponto de vista com argumentos adequados e expô-los de forma clara e convincente. Os mais brilhantes recebiam prêmios nas festas de fim de ano e ficavam na mira dos padres que tentavam atraí-los para o sacerdócio.

No "Louis- le-Grand", as ciências de maneira geral, a língua grega e as línguas modernas eram preteridas em favor do ensino do latim. Grandes nomes da filosofia e literatura francesas que passaram pelos bancos dos padres jesuítas (Descartes, Molière, Corneille, Montesquieu, Diderot, Marmontel) provavelmente escreveram tanto na língua de Horácio quanto em seu idioma natal durante a adolescência[97]. Não nos surpreenderá, portanto, o extenso leque de citações de Sêneca, Ovídio, Cícero e Virgílio presentes na correspondência de Voltaire, mesmo muitos anos após ter deixado o eminente estabelecimento.

Dentro de seus muros, organizavam-se peças com a participação dos alunos, uma das formas de incutir-lhes a devoção, bem como de aprimorar a dicção e o desembaraço para falar em público. Tal recurso pedagógico recebeu críticas acerbas dos católicos conservadores, pois o teatro, segundo alguns, ao favorecer o gosto pela vida mundana, distanciaria as jovens mentes da austeridade necessária a uma existência pautada pela religião. Apesar de encenarem peças de conteúdo edificante, essa prática tornou-se um dos

---

[97] Segundo Marc FUMAROLI, no período em que Voltaire freqüentou o "Louis-le-Grand", o estudo do estilo em autores franceses começava a ganhar espaço: "Cette évolution s ´est accompagnée au même moment d´une inflexion de la norme stylistique. Traditionnellement, les Jésuites sont cicéroniens. Ils enseignent de préférence la période ample, harmonieuse et ronde. Les *Provinciales* de Pascal ont mis en évidence tout l ´écart qui sépare cette science de la période latine et le ton qui prévaut en français dans le grand monde, vif, bref, et impitoyable dans la conversation pour les méandres du pédantisme.". "L´anti-Emile: Voltaire et ses éducateurs jésuites". In: *Revue Voltaire*. Paris: Presses de l´Université Paris-Sorbonne, 2003, nº 3, p. 225-6.

alvos dos inimigos da Companhia de Jesus.[98] Meio século após ter deixado o "Louis-le-Grand", em carta datada de 2 de novembro de 1761, Voltaire escreve ao amigo Bianchi:

> Ce qu´il y avait de mieux au collège des jésuites de Paris où j´ai été élevé, c´était l´usage de faire représenter des pièces par les pensionnaires, en présence de leurs parents. Plût à Dieu qu´on n´eût que cette récréation à reprocher aux jésuites! [D10126].

Criticava-se igualmente a exagerada abertura dos padres jesuítas à política do reino, às polêmicas contemporâneas - ao mundo laico de maneira geral. Não se trata aqui de epilogar a história da Ordem e seu envolvimento em assuntos que extrapolavam a missão de evangelizar. Interessa-nos o fato de que seu espírito cosmopolita e suas ambições universalistas imprimiram-se na mentalidade de alguns de seus discípulos, como se deu com o menino Arouet.

Foi um dos períodos de estudos mais intensos de sua vida juntamente com os anos que viveu em Cirey e Ferney. Muitos alunos, que freqüentaram o estabelecimento em épocas diferentes, fariam parte da elite política e intelectual da França: d´Argenson, Cideville, d´Argental, o Cardeal de Bernis, o Duque de Richelieu, Turgot e Malesherbes. Jovens de famílias privilegiadas tinham a oportunidade de conhecer e conviver com brilhantes pesquisadores, alguns de renome internacional.

Duas personalidades do "Louis-le-Grand" influenciaram o futuro autor de *Oedipe*: os padres Tournemine[99] e Porée. O primeiro exercia a função de *scriptor*, cargo característico da instituição dos jesuítas, ou seja, encarregado de escrever sobre determinados temas. Dotado de cultura enciclopédica, ele foi responsável pela respeitada revista da Companhia *Mémoires des Trévoux*. Seu tempo era dividido entre a pesquisa e as conversas com os alunos. Dessa forma, os adolescentes debatiam diferentes assuntos fora do austero ambiente da sala de aula.[100]

Foi possivelmente graças ao padre Porée, regente de retórica e literatura latina no curso de "première", equivalente ao segundo ano do nosso Ensino Médio, que François

---

[98] "Il faut d´ailleurs ajouter que, dans ce début du XVIIIème siècle, les Pères, fins rhéteurs, humanistes excellents, s´appliquaient mieux, quoique très pieux eux-mêmes, à former le bon goût que la piété." G. LANSON, op cit p. 13.

[99] Sobre Tournemine, Marc FUMAROLI em seu "L´anti-Emile: Voltaire et ses éducateurs jésuites" comenta: "Louis XIV l´avait refusé pour confesseur tant il redoutait l´ascendant qu´il pouvait exercer sur lui." In: *Revue Voltaire*. Paris: Presses de l´Université Paris-Sorbonne, 2003, nº 3, p. 221.

[100] Cf. POMEAU, René. *Voltaire en son temps*. Paris/Oxford: Fayard, Voltaire Foundation, 1995, p. 30 t. I.

Arouet teve despertado seu interesse pelo teatro. Professor e aluno mantiveram correspondência durante alguns anos, apesar das diferenças que os separavam.

Joseph de Jouvency

A retórica ministrada pelos jesuítas[101] baseava-se nos manuais de Joseph de Jouvency. Esse autor é apresentado, anos depois, pelo próprio Voltaire, em seu "Catalogue de la plupart des écrivains français qui ont paru dans le siècle de Louis XIV, pour servir à l'histoire littéraire de ce temps".[102]

Jouvency faleceu em Roma em 1719, legando uma substancial contribuição para os latinistas. O tratado *De Ratione Discendi et docendi* - livro dos professores - bem como o *Candidatus Rhetoricae* - reservado aos alunos- foram traduzidos para o francês no século XIX, tornando mais acessível para nós hoje o entendimento do que era, no século XVIII, uma aula de retórica.

L´élève de Rhétorique[103] inicia-se com os conceitos básicos de retórica e sua função , destacando, em seguida, a disposição do discurso. Este divide-se em *exórdio*, *narração*, *confirmação* e *peroração*. A *refutação*, segundo Jouvency, completa a *confirmação*.[104] Na seqüência, o autor explica as quatro partes da argumentação *silogismo*, *entimema*, *sorita*[105] e *dilema*.

A aprendizagem dessa ferramenta habilitaria os alunos para os exercícios preparatórios (*Progymnasmata*) cujo conteúdo encerrava fábulas, máximas, etopéia (pintura

---

[101] A ascendência da retórica dos jesuítas em Voltaire foi apontada pela crítica; no capítulo "Le collège" da biografia *Voltaire en son temps* organizada por René Pomeau pp. 25-38, há uma explanação sobre a importância da instituição, da rotina dos alunos, das amizades e do desempenho de François Arouet. Sylvain Menant, em seu "La rhétorique dans le *Portatif*" In: *RHLF, 1995*, pp. 177-186, estuda o efeito das figuras de pensamento do artigo " Fausseté des vertus humaines" do *Dictionnaire Philosophique* . Menant ressalta o papel dos jesuítas nas opções estilísticas de Voltaire. Há ainda, o artigo já citado "L´anti-Émile: Voltaire et ses éducateurs jésuites." de Marc Fumaroli, *Revue Voltaire*, n. 3, Presses de l´Université Paris-Sorbonne, 2003, que mostra a importância dos mestres jesuítas na formação do escritor.

[102] " JOUVENCY (Joseph), jésuite né à Paris en 1643. C'est encore un homme qui a eu le mérite obscur d'écrire en latin aussi bien qu'on le puisse de nos jours. Son livre *De ratione discendi et docendi* est un des meilleurs qu'on ait en ce genre, et des moins connus depuis Quintilien." VOLTAIRE.*Le siècle de Louis XIV*. Tome Second. Paris: Librairie Garnier Frères, 1947, p. 306.

[103] JOUVENCY, Joseph. *L´élève de Rhétorique* (*Candidatus Rhetoricae*) au collège Louis-le-Grand de la Société de Jésus au XVIIIe siècle. Traduction par H. FERTÉ. Paris: Hachette, 1892.

[104] Idem, p. 26.

de um personagem conhecido), tese, lugares comuns, refutação, confirmação e com destaque, a famosa *Chrie*.

A *Chrie* consistia em desenvolver um pensamento a partir de um plano preciso dividido em oito partes: *Elogio*, *Paráfrase*, *Causa*, *Contrário*, *Semelhante*, *Exemplo*, *Testemunho dos Antigos* e *Epílogo*. Jouvency explica e salienta o papel de cada uma dessas etapas, sugerindo como fazer a transição entre elas. Enfatizava-se o ensino da amplificação, objeto da quarta parte do livro:

> Avec Cicéron, j´entends par *amplification* une affirmation plus forte que d´ordinaire qui, grâce à l´émotion qu´excite l´orateur, entraîne la persuasion; on ne l´emploie que dans les affaires importantes[106].

Entre as figuras próprias para a amplificação, Jouvency cita, por exemplo, a interrogação simples, apóstrofe, preterição, prosopopéia, antítese, ironia e exortação, entre outras.

Ao longo dos séculos, a palavra "retórica" passou a designar também a arte no manejo de um arsenal de figuras privilegiando uma parte da retórica apresentada no tratado de Aristóteles, qual seja, a elocução. Jouvency explica em seu manual:

> Nous avons parlé jusqu´ici des deux premières parties de l´éloquence, l´invention et la disposition; **il reste à parler de l´élocution**. Cette partie, la plus difficile des trois, ne consiste qu´en une seule chose, écrire avec harmonie et élégance. Ce sont les périodes qui donnent l´harmonie et les figures qui rendent le style élégant.[107]

A fim de atingir a decantada elegância da expressão, os alunos liam e imitavam os antigos. Com Cícero aprendiam as cinco qualidades indispensáveis ao estilo, como *clareza* (não empregando palavras ambíguas), *brevidade* (não repetindo a mesma idéia), *conveniência* (evitando frases muito trabalhadas), *brilho* (utilizando as figuras de estilo) e *charme* (escolha de vocábulos harmoniosos).[108]

Brilho e solidez do estilo

---

[105] "C´est une argumentation composée d´un grand nombre de propositions (c´est ce qui lui a fait donner ce nom, qui signifie accumuler, mettre en tas). Ainsi: Ce qui est bien est désirable, ce qui est désirable doit être approuvé, ce qui est digne d´approbation, etc." Idem, p. 31.
[106] Idem, p. 68.
[107] JOUVENCY. Idem, p. 46.
[108] Cf. CÍCERO. *Divisions de l´art oratoire*, VI, 19 apud GRASSI, Marie-Claire. op.cit., p. 65.

Selecionamos trechos das missivas que revelam o gosto de Voltaire pelo estilo provocativo e inflamado. Lança mão, para consegui-lo, de procedimentos muito provavelmente herdados – além da tradição literária- da sua passagem pelos bancos do "Louis-le grand". Importa assinalar por que meios ele traduzia sua indignação e rogava a atenção do outro.

Em 1º de maio de 1763, devido à exigência de uma soma astronômica do Parlamento tolosano para enviar os autos do processo, o "general" de Ferney desabafa com Philippe Debrus:

> Quoi! dans le dix-huitième siècle, dans le temps que la philosophie et la morale instruisent les hommes, on roue un innocent à la pluralité de huit voix contre cinq, et on exige 1 500 livres pour transcrire le griffonnage d'un abominable tribunal? et on veut que la veuve les paie? [D11186]

Mais de uma vez em suas cartas, Voltaire ressaltou que uma das formas de vencer a "infâme" consistia em ridicularizá-la. Nesse exemplo, o contraste entre o sofrimento de Calas e a indiferença do tribunal evidencia o « absurdo » da situação. A ênfase é garantida pela *exclamação* e pelas *interrogações*.

Ao mesmo correspondente, lemos : « Les juges de Toulouse rouent, et le greffier écorche. » [D11187]. O substantivo "greffe" – (estilete) designa tanto o secretário de uma repartição judiciária (ou o próprio escritório), quanto um transplante. O "greffier" é o oficial responsável pelas minutas do processo. Ao escrever "le greffier écorche" ("écorcher": "dépouiller de sa peau"-) - enfatiza a obediência mecânica e a submissão aos parlamentares (pertencentes ao topo da hierarquia jurídica), além de ressaltar, com essa expressão, a crueldade do suplício.

Muitas vezes, acompanhada das *exclamações* e *interrogações*, reconhecemos a *apóstrofe*. Ela ocorre quando deixamos de lado o interlocutor a fim de nos dirigirmos a um ser ausente (vivo, morto, ou inanimado). Eis um trecho em que essas três figuras de pensamento concorrem para excitar a cólera do interlocutor:

> Quelle horreur qu´un jugement secret, une condamnation sans motifs! Y a-t-il une plus exécrable tyrannie que celle de verser le sang à son gré sans en rendre la moindre raison? Ce n´est pas l´usage disent les juges; eh monstres il faut que cela deviennent [sic] l´usage! Vous devez compte aux hommes du sang des hommes. [D10559].

Nesse passo, critica-se o privilégio do Parlamento de omitir a motivação das sentenças. Uma das conseqüências do affaire Calas, no campo da jurisprudência, foi

colocar em xeque essa prerrogativa que ocasionava freqüentes injustiças. Às três figuras de pensamento já referidas – *exclamação*, *interrogação* e *apóstrofe*, junta-se uma menos conhecida: *ocupação*; segundo Jouvency, trata-se de prevenir a objeção do adversário.[109]

A estupefação do autor a esse respeito revela-se em dezenas de frases como: "On pourra donc verser le sang innocent impunément, et en être quitte pour dire, je ne veux pas dire pourquoi on l´a versé? Ah! Quelle horreur!". [D10566].

Em missiva ao Cardeal de Bernis de julho de 1762, tece comentários sobre as *Pièces originales* e o crescente interesse do público pelo processo tolosano. Conta-lhe ainda que a tragédia Calas o impedia de rever suas peças. Em seguida, insiste na necessidade de corrigir-se independentemente da idade. Se nosso autor escrevesse sobre essa questão – outras vezes abordada por ele -de forma banal, não mereceria uma citação aqui. Mas Voltaire procura sempre uma maneira engenhosa de repetir suas convicções:

> Il faut se corriger eût-on quatre-vingts ans. Je n´aime point les vieillards qui disent, j´ai pris mon plis. Eh vieux fou prends-en un autre, rabote tes vers si tu en as fait, et ton humeur si tu en as. Combattons contre nous-même jusqu´au dernier moment. Chaque victoire est douce. Que vous êtes heureux Monseigneur! Vous êtes encore jeune et vous n´avez point à combattre.
>
> *Natales grate numeras? Ignocis amicis*?[110]
>
> *E per fine baccio il limbo della sua sacra porpora*[111].

Nesse trecho, há pelo menos cinco inflexões diferentes. Num primeiro momento, sentimos o tom de um aforismo grave: "Il faut se corriger eût-on quatre-vingts ans." Em seguida, o autor expõe categoricamente seu ponto de vista. Atentemos para a presença do discurso direto sugerido pelo contexto e explicitado pelo verbo *dicendi* "disent". A resposta do enunciador "Eh vieux fou" e o emprego do pronome "tu" teatralizam a missiva conferindo maior expressividade ao pensamento do autor.

Segue uma outra expressão de cunho sentencial: "Combattons contre nous-même jusqu´au dernier moment. Chaque victoire est douce". O teor proverbial dessas frases é suavizado pelo verbo na primeira pessoa do plural. Aqui, a irreverência do início cede espaço ao arroubo com o qual Voltaire saúda o interlocutor fazendo a "ligação" com o assunto que acaba de abordar "Que vous êtes heureux Monseigneur! Vous êtes encore

---

[109] Cf. Jouvency, Idem, p. 64.
[110] "Horace, *Épîtres*, II, 210. Traduction: *comptes-tu sans chagrin les anniversaires? Pardonnes-tu à tes amis?*" (*Correspondance*, Pléiade, p. 1515).
[111] "Traduction: *Et pour finir je baise le limbe de votre pourpre sacrée*." (Idem, p. 1515).

jeune et vous n´avez point à combattre." Finalmente, despede-se com uma citação latina e uma frase em italiano. Deduzimos, assim, que seu interlocutor partilha da mesma erudição.

Em algumas cartas, a *exlamação* sucede a uma frase lapidar: "Tout va de travers dans ce monde. Dieu soit loué!" [D12009]; em outras, ela precede uma citação. Em carta a Fyot de la Marche, por exemplo, revolta-se contra a censura no correio que violara pacotes e cartas de amigos: "Il faut donc passer sa vie à se précautionner contre des ennemis! *Terras Astraea reliquit*" [112]. [D10499]. Às vezes, confere simplesmente uma nuança bíblica "Heureux les philosophes qui passent leur vie loin des fous et des fanatiques!". [D10462]; há aqui reminiscências do "Sermão da montanha".

A *interrogação,* sabemos, emprega-se para frisar determinado aspecto, muito mais do que para indagar : "À quoi tient donc la vie des hommes? à quoi tiennent les plus horribles supplices?" [D10389] (v. também [D11143]).

Em janeiro de 1765, ao pastor Élie Bertrand, isenta-se da autoria de uma obra, provavelmente do *Dictionnaire philosophique*. Segundo afirmara em outras ocasiões, dedicava seu tempo a atividades manuais como cultivar a terra e plantar árvores. Uma astúcia, como vimos, pois nesse período escrevia em ritmo frenético. Aproveita o ensejo para uma bela defesa da tolerância por meio da *sinédoque*:

> Tout cela vous regarde, et non pas moi; je ne suis qu´un pauvre cultivateur qui vous aime tendrement, et qui ne dispute jamais. Quand vous serez turc **je chanterai Allah avec vous;** quand vous serez païen **je sacrifierai avec vous aux Muses**: tous les hommes sont frères, et les meilleurs frères sont ceux qui cultivent les lettres. Je suis très fraternellement à vous pour ma vie. [D12284].

Mais uma vez, percebemos como a auto-representação de Voltaire em suas missivas caminha em um sentido de depreciação. Nesse trecho, não passaria de um "pauvre cultivateur", em outro, assina: " [...] le pauvre quinze-vingt V. " [D11603]. Para Cideville, escreve: "Vous avez été un malade, mais vous êtes né heureusement; vous êtes un chaîne, et je suis un arbuste." [D10466]. O autor refere-se a si mesmo como inofensivo e portanto deveria ser deixado em paz.

Em seu *Commentaire sur Corneille*, a propósito da tragédia *Horace*, Voltaire faz uma reflexão significativa para compreendermos melhor o emprego da linguagem metafórica:

---

[112] "Ovide, *Métamorphoses*, I, 150. Traduction: *Astrée [déesse de la Justice]a quitté ce monde*." (Pléiade, p. 1493).

La tragédie admet les métaphores, mais non pas les comparaisons. Pourquoi? Parce que la métaphore, quand elle est naturelle, appartient à la passion; les comparaisons n´appartiennent qu´à l´esprit." [113]

De fato, quando o filósofo apela à análise racional de uma questão determinada, o emprego da comparação é mais contundente, como, por exemplo, em novembro de 1764, respondendo a Pierre Rousseau:"Il est vrai, Monsieur, comme vous le dites dans votre lettre du 4 du courant, qu´on débite toujours quelque chose sous mon nom, **comme on donne quelquefois du vin cru pour des vins étrangers**. [D12195]." E a um destinatário desconhecido: "[...] la plus abominable superstition a fait rouer un père de famille, **il est temps d´étouffer ce monstre qui a causé plus de maux que la peste de Marseille**. [D11052]."

Por outro lado, eis como Voltaire expressa a Chauvelin, em setembro de 1764, o fato de preferir cultivar a terra do que se dedicar ao teatro: "[...] au vieux laboureur de Ferney **qui a quitté le cothurne pour le semoir et des infidelités à Melpomène en faveur de Cérès** mais qui ne vous en fera jamais." [D12094]. Lembramos que coturno é o símbolo do gênero trágico e "Cérès", a deusa da colheita.

A força das *metáforas* – com vistas a comover e aliciar - advém das escolhas sempre muito sugestivas. Referimo-nos, por exemplo, às inúmeras cartas, algumas já citadas, nas quais o autor salienta os empecilhos para o progresso da Razão evocando o mito "Hidra de Lerna" ([D10860], [D11629], [D12243], [D12244], [D11444]). Ao falar da ação clandestina e perigosa orquestrada a partir de Ferney, afirma "marcher sur des charbons ardents" [D10930], expressão idiomática para designar tarefas delicadas. Ao referir-se aos Calas, emprega invariavelmente uma *hipérbole*: "mon coeur saigne" ou "il me fait saigner le coeur" [D10538], [D12001].

As doenças que afligiam Voltaire, conforme vimos, serviam de pretexto para justificar os atrasos em responder às cartas, sendo freqüente o emprego do *eufemismo* para se referir à morte "iminente". No início de uma carta a Fyot de la Marche, joga com o nome Pierre, aludindo ora ao apóstolo, ora a Corneille:

---

[113] *Oeuvres complètes de Voltaire*. Oxford: Voltaire Foundation, t. 54 (1975), p. 264-265. A consulta desse texto foi sugerida pelo artigo "Voltaire apôtre" de José-Michel MOUREAUX In: *Poétique*. Paris: Seuil, n. 66, 1986, p. 162.

J´ai été sur le point, Monsieur, d´aller voir le Pierre que je commente; car pour le Pierre aux filets et aux deux clefs, il n´y a pas d´apparence que je lui fasse jamais ma cour. J´aime bien mieux celui qui a si bien peint les Romains, que celui au nom duquel un prêtre est le maître de Rome. [D10457]

Voltaire não apenas denominava a si mesmo como "marmota", "coruja", "urso" e "texugo"[114] – animais que gostam de viver solitários ou em esconderijos - mas também aliados e adversários eram designados pelas mais diferentes espécies da fauna: "Les rossignols ne doivent pas rester longtemps avec les hiboux." [D12406] escreve sobre a ida de Moultou a Paris ; "À l´égard des ânes rouges qui écrivent contre l´art de Sophocle." [D11782] comenta a Jacob Vernes, provavelmente se referindo aos protestantes genebrinos que condenavam o teatro. Rousseau recebe o epíteto de "cão de Diógenes"; apelida os jesuítas de "raposas" e os jansenístas, de "tigres" [D12083] ou "lobos" [D11060]. Em carta a Moultou [D11571], os protestantes que se desentendem entre si são as "abeilles", as "guêpes" (vespas) e os "bourdons" (zangões).

Disfarces e teatralização

A encenação e as reminiscências do teatro clássico estão onipresentes na correspondência de Voltaire. Julgamos profícuo demonstrar os ecos de um dos grandes dramaturgos do "Grande Século": Molière. O patriarca cita-o várias vezes [D10952],[D11084],[D11732],[D12070] e faz-lhe um tributo por meio de numerosas alusões às suas peças : *École des femmes* (1663) [D10846]; *Médecin Malgré lui* (1666) [D11228], [D11274], [D11874], [D11639]; *Le bourgeois gentilhomme* (1670) [D11166], [D10883]; *Les Femmes savantes* (1672) [D10884], [D10939], [D10731], [11683], [D12414] e *Le Malade imaginaire* (1673) [D10709], para citar apenas alguns exemplos entre outros.

Aos amigos d´Argental, reclama da demora das respostas: "Je meurs, les anges m´ont tué par leur silence; le silence est le juste châtiment des bavards. **Je meurs, je suis mort** un *De profundis* s´il vous plaît à V." [D11639]. Alude aqui ao L´*Avare*, ato IV, cena

[114] "La vieuille marmotte des Alpes est à ses pieds avec le plus tendre respect." [D11166] "Le hibou des Délices est à présent le hibou de Ferney. Il ne sort pas de son trou". [D7535]; " Tout ours que je suis, soyez

7, quando Harpagon ao sentir-se roubado, desabafa: “C´en est fait, je n ´en puis plus; je meurs, je suis mort, je suis enterré.”

Pode-se afirmar que, nessa reminiscência do *L´Avare* (1668) não há nenhuma ligação com o contexto da comédia. A frase reescrita por Voltaire pertenceria ao repertório literário de determinada camada social e designaria, de forma hiperbólica, seu desapontamento com a negligência dos correspondentes.

Expressar sua opinião ou sentimento pelo viés de uma citação ou alusão de um clássico ajuda-o a não se expor, ao mesmo tempo dissolve um pouco o caráter “sisudo” do tema abordado. Em vez de admoestar o casal de amigos, opta pelo bom humor e urbanidade.

Em outra ocasião, entusiasmado com a publicação da *Poétique française* (1763) de Marmontel, Voltaire escreve a D´Alembert:

> J´ai lu la poétique dont vous me parlez, on voit que c´est un philosophe poète qui a fait cela. Si vous ne le faites pas *intrare in nostro docto corpore* à la première occasion, en vérité Messieurs vous aurez grand tort. [D11182].

A frase grifada pelo próprio autor alude ao *Le Malade Imaginaire* (Intermédio III), no qual um balé burlesco de “doutores” juntamente com outras personagens questionam um candidato a médico. Após cada réplica do “bachelier”, um coro responde “ Dignus, dignus est intrare in nostro docto corpore.” Segundo uma nota da edição “Pléiade” , essa frase já entrou para o patrimônio literário francês[115].

Uma outra citação várias vezes empregada por Voltaire foi inspirada no *Le Médecin malgré lui*. Nessa peça, Sganarelle encantado com a ama-de-leite de um dos filhos de Géronte, exclama ao interlocutor: “Ah! Nourrice, charmante nourrice, ma médecine est la très humble esclave de votre nourricerie”(Ato II, cena II).

Em carta ao Duque de Richelieu, por exemplo, em junho de 1763, parodia a frase de Sganarelle: “Ma philosophie est la très humble servante de la vôtre”. [D11274], emprega a mesma expressão em carta a Le Clerc de Montmercy [D11874].

Há alusões freqüentes às cenas II e III do terceiro ato da peça *Les Femmes savantes*. No primeiro caso, Trissotin, um “bel esprit”, declama seu soneto aos ouvintes

---

persuadé que je suis un très honnête ours.” [D16118]; “Que pourrait-vous mander un vieillard aveugle, un blaireau des Alpes, un solitaire enfoncé dans les neiges”. [D17633].

[115] Cf. *Correspondance*. (v.VII), p. 1208.

pretensamente cultos e recebe os mais estapafúrdios elogios ao medíocre poema no qual se alternam rimas em “ment” e “ ie”. Em um dos versos, lemos “Faites-la sortir, quoi qu´on die”. Na cena seguinte, Vadius elogia Trissotin empregando termos gregos: “On voit partout chez vous l ´ithos [sic] et le pathos.”

Voltaire faz, igualmente, alusões a essas duas réplicas: “Mais considérez, je vous prie, que je suis, **quoi qu ´on die**, dans ma soixante et douzième année” [D 12414]. Em outro extrato, também sobre a idade, declara: “Et observez qu ´il n´a que soixante ans; et que j´en ai bientôt septante; **quoi qu ´on die**.” [D10883].

O patriarca elogia o memorial de Pierre Mariette a d´Argental nos seguintes termos:

> À propos de Conseil, savez-vous que je crois le mémoire de Mariette le meilleur de tous pour instruire les juges? Les autres ont **plus d´Itos et de Pathos**, mais celui-là va au fait plus judiciairement, en un mot, tous les trois sont fort bons. [D10939].

Ao mesmo interlocutor, lemos: “J´ai parcouru ces jours passés une grosse Apologie des jésuites, **pleine d´Itos et de Pathos**.”[D10980].

Nesses casos, as citações também se desprendem do contexto das peças, mas não se pode afirmar que se tornaram lugares comuns na língua francesa (a exemplo de expressões como “ parler en prose sans le savoir” do *Le bourgeois gentilhomme*.). Sustentamos que ao reescrever frases das comédias de Molière, o patriarca dava uma piscadela aos interlocutores que conheciam essas réplicas de cor. Faz parte da estética voltairiana das missivas inserir um aspecto lúdico, irreverente, mesmo em se tratando de temas sérios como o affaire Calas.

Outro dado digno de nota consiste no fato de Molière ser um dos maiores desmistificadores da religiosidade de fachada, basta lermos *Tartuffe* (1664). Por exercer a função de ator (profissão condenada pela Igreja na época), só teve um enterro cristão graças à intervenção de Luís XIV.

Nesse sentido, é curioso observar a convivência de duas órbitas de cultura no discurso de Voltaire: o religioso e o profano. Tal convivência (que estudaremos com mais vagar no capítulo “O Bom Samaritano”) sinaliza a existência de um público (ainda que restrito) cada vez mais aberto ao questionamento do poder da Igreja Católica, de uma elite que coloca em xeque as “verdades absolutas”, enfim, de uma parcela da sociedade disposta a se aliar à luta do filósofo contra a “infâme”.

Além disso, esse estilo espirituoso através de alusões, emprego de máscaras e meias palavras - tão presentes na epistolografia voltairiana- marca certa distância com o "mundo real". No universo criado pelas missivas, Élie de Beaumont brilha a ponto de merecer o epíteto "Cicéron de Beaumont" [D12483], o humor de d´Alembert, por seu turno, seria equivalente à eloqüência de um filósofo grego: "Démocrite; faites rire, et les sages triompheront." [D11669]. Por meio da *antonomásia*, Voltaire fazia da missiva um espaço de teatralização onde a cada ator atribuía-se um papel. Não faltaram, assim, Platão, Protágoras, os discípulos Judas, Lucas e São Paulo.

A criatividade do autor no gênero epistolar verifica-se nessa constante encenação, nessa nova identidade emprestada aos interlocutores - além das máscaras que atribuía a si mesmo - conferindo ao combate uma feição de jogo.

PRUDÊNCIA DA SERPENTE: BATALHA CLANDESTINA DO PARTIDO DOS FILÓSOFOS

Écrasez tous l ´infâme sans qu´elle puisse vous piquer au talon. [D10515]

Les chers frères ont la force des lions quand ils écrivent, mais il faut qu ´ils aient la prudence des serpents quand ils agissent. [D11909].

Fora da torre de marfim

Vimos a importância do comércio epistolar com amigos e conhecidos de diferentes cidades e países para manter uma pressão contínua sobre o Rei por intermédio de seus súditos mais próximos. De Ferney, Voltaire acompanhava os últimos lançamentos, criticava, elogiava ou desdenhava as obras da moda. Desse refúgio, como salientamos, fazia invectivas com sua pena venenosa contra o meio parisiense, que sabia poderoso e procuraria ganhar para sua causa. Quando decidiu se empenhar no processo de Toulouse, já iniciara sua campanha contra a "infâme". Não havia, no entanto, uma rede de informações tão sólida, imbuída de uma finalidade precisa - envolvendo advogados, parlamentares, banqueiros, nobres, e eclesiásticos. Entre as dezenas de correspondentes de Voltaire, sublinhamos o partido dos filósofos.

Na França do século XVIII, o vocábulo filósofo designava aqueles que se destacavam por uma reflexão livre dos preconceitos religiosos. Essa qualificação era reservada a algumas mentes privilegiadas. Durmarsais, autor do célebre artigo "philosophe" para a *Encyclopédie*[116], "define" o termo, primeiro a partir de oposições. Enquanto o comum dos homens age movido pelas paixões, os filósofos pautam sua conduta pela razão. Perscrutam a origem das ações, não se fiam no que parece verdadeiro, observam e analisam o comportamento do gênero humano. Tal atitude não reflete um gosto diletante pelo estudo, mas uma preocupação com a sociedade. O filósofo não se esconde sob a mascára do sábio estóico, mas sabe dividir seu tempo entre o recolhimento e o convívio com seu semelhante.

A idéia de "missão" do filósofo presente no artigo de Dumarsais encontra um paralelo na luta travada por Voltaire e seus aliados contra a "infâme" em contexto mais amplo – e pela reabilitação de Calas em particular. Ao "honnête homme" é reservada a tarefa de ser útil. Vislumbramos aqui, ainda de forma tímida, o precursor do intelectual, mas ainda é cedo para nos ocuparmos dessa questão.

No "partido", liderado por Voltaire, reconhecemos uma facção parisiense formada por Diderot, d'Alembert, Damilaville, d´Argental, Helvétius, Marmontel e Thieriot. Nem todos tiveram papel relevante no affaire Calas, mas são citados nas cartas como soldados indispensáveis da grande batalha. Para eles, expunha os pormenores de sua estratégia, dava azo à sua cólera contra os autores que considerava medíocres (Fréron, Omer Joly de Fleury, Chaumeix, Nonnotte) e reclamava dos próprios amigos pela negligência.

Antes, porém, de situarmos a posição de cada um deles na campanha voltairiana, deter-nos-emos em um nome de presença marcante ao longo das cartas que estudamos: Jean-Jacques Rousseau. Alguns de seus livros e algumas polêmicas em que esteve envolvido recebem destaque por meio do filtro de seu principal desafeto. Apesar das críticas corrosivas[117] contra o autor da *Nouvelle Héloise*, Voltaire reconhece qualidades na

---

[116] *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société des gens de Lettres*. Mis en ordre & publié par M. Diderot & quant à la Partie Mathematique, par M. D´Alembert. Paris: Chez Pellet, Imprimeur-Libraire. Nouvelle Édition- M.DCC.CXX VIII, tome XXV, pp.667-70.

[117] Há uma explicação detalhada dos motivos que levaram ao rompimento entre Voltaire e Rousseau no capítulo "Voltaire et Rousseau: la rupture" POMEAU, R. *Voltaire en son temps*. Paris/Oxford: Fayard, Voltaire Foundation, 1995, pp. 134-148.

obra desse “dissidente” - chegando a deplorar, não sem ironia, sua ausência no grupo dos “sábios”.

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)

Parte dos desentendimentos entre os dois titãs comparece em dezenas de cartas sob a pena ferina de Voltaire. A publicação de *Émile*, em 1762, provoca indignação do patriarca: como, afinal, um homem que abandonara os filhos ousava escrever um tratado sobre educação? Embora discordasse da pedagogia rousseauniana, apreciava naquela obra a “*Profession de foi du Vicaire Savoyard*”, para ele, o melhor texto escrito por Rousseau até então: “*Orate frates.* Dieu bénit nos travaux. Jean-Jacques l´apostat n´a pas laissé de rendre de grands services par son vicaire savoyard.” [D11306].

Em missiva a d’Alembert [D10515], flagramos a ira que move Voltaire ao falar do adversário. Assume, no entanto, sua defesa contra a queima do *Émile* em Genebra e Paris, várias vezes referida por ele. Da mesma forma revoltou-se contra a condenação da *Lettre à Christophe de Beaumont*, publicada em março de 1763. Esse texto veio à luz como resposta à condenação do *Émile* pelo Parlamento de Paris (junho de 1762) e à pastoral de Christophe de Beaumont, arcebispo de Paris (agosto de 1762).

A *Lettre à Christophe de Beaumont* desencadeou uma censura cerrada da polícia política nos correios franceses. A Marmontel, Voltaire protesta:

> Tout ce que je peux vous dire mon cher ami c’est que le droit des gens s’accommode peu de l’infidelité de la poste. On saisit un livre, passe encore, mais saisir la lettre qui l’accompagne! se rendre maître du secret des particuliers, comme si nous étions dans une guerre civile! cela n’est pas dans l’esprit des lois. Voilà encore une fois ce que nous a valu Jean-Jacques, avec sa *Lettre à Christophe*. Ce polisson insolent gâte le métier. Il semble qu’on ne cherche qu’à rendre la philosophie ridicule. [D11271]

Rousseau, enquanto construção retórica de Voltaire, aparece-nos como um filósofo “apóstata”, “desonesto”, “Judas”, “ filho bastardo do cão de Diógenes”- não fosse sua mania de perseguição, muito contribuiria para a boa causa:

> Si ce monstre de Rousseau avait voulu il aurait servi utilement dans les troupes légères. Il se forme partout d´assez bons officiers, mais je trouve les généraux français un peu tièdes. [D10515].

As “troupes légères” constituíam uma das táticas empregadas durante a Guerra dos Sete Anos. Trata-se, *grosso modo*, de tropas – de caráter passageiro- formadas por soldados responsáveis por missões precisas como ocupar pontos estratégicos e obter informações sobre o inimigo[118]. É provável que nosso autor não visse no adversário a compleição e disciplina exigidas para batalhas longas de um “exército” regular.

Nas cartas do patriarca, forja-se a imagem não apenas de um desertor, mas de um estorvo para os aliados. A cólera desse “louco” atrapalharia o árduo avanço do grupo. Ora se destaca a excentricidade do autor de *Émile*, ora sua má fé - as passagens seguintes (entre dezenas de outras) são elucidativas: “Jean-Jacques est le fléau des philosophes. Il écrit contre eux, et il les fera pendre”. [D10653], “Vous m´avez dit aussi un mot de Jean-Jacques Rousseau. C´est un étrange fou que cet étrange philosophe.” [D11961], “Il dit au Conseil que j´ai fait le *Sermon des cinquante*. Ah Jean Jacques cela n´est pas d´un philosophe”. [D12302], “Sa conduite fait honte à la philosophie.” [D10581]. Às vezes nega-lhe mesmo o epíteto de “filósofo”: “Ah! Monsieur, vous voyez bien que Jean-Jacques ressemble à un philosophe comme un singe ressemble à l´homme.” [D12431].

Em carta a Moultou [D11148], questiona por que Rousseau rompeu com todos os “seus” (entenda-se os “filósofos”), como se o cidadão de Genebra fosse culpado pelas perseguições e censuras que sofria.

Esse perfil de Rousseau como perturbado, rancoroso e delator toca as raias da difamação e comprova, até certo ponto, a difundida idéia de um Voltaire intransigente do ponto de vista de suas relações. Interessa-nos saber que sentido teria, na luta voltairiana, uma campanha de descrédito contra um escritor que vivia, nesse período, às voltas com mandados de prisão.

Provavelmente, a criação da figura de um “inimigo” dentro do próprio campo dos “sábios” reforçaria as dificuldades enfrentadas. Seus ataques desferidos contra a personalidade rebelde de Rousseau são muito mais contundentes do que os contra sua obra. É possível também que nosso autor não admitisse nenhuma empreitada paralela contra a “infâme”. Enquanto líder, talvez Voltaire não suportasse um sucesso estrondoso que não estivesse de alguma forma sob seus auspícios.

---

[118] Cf. “Les troupes légères durant la guerres de sept ans”, disponível em http://tehilsb.club.fr/VAEVICTIS/HISTOIRE/18eme/HISTOIRE-TroupeLegeres.htm

Denis Diderot (1713-1784)

Do período que selecionamos para nossa pesquisa, conhecemos apenas uma carta ao autor da *Lettre sur les aveugles*, datada de 25 de setembro de 1762 [D10728], versando sobre o interesse de Catarina II da Rússia em publicar a *Encyclopédie*.

Ao todo, conservaram-se dezesseis cartas de Voltaire para Diderot, de quem recebeu apenas dez. A ausência de um diálogo epistolar assíduo entre dois grandes missivistas que nutriam mútua admiração - contavam ainda com desafetos comuns – explica-se pela discordância quanto à utilização de certas manobras voltairianas. Sabemos como o patriarca aceitava a contribuição de nobres e banqueiros. Mais de uma vez adulou a monarquia para chegar aos seus fins (o affaire Calas oferece-nos bons exemplos, basta nos reportarmos às cartas endereçadas ao Duque de Richelieu e ao Duque de Choiseul).

Apesar de criticar duramente Luís XV, Voltaire sabia da importância de manter um bom relacionamento, ao menos de fachada, com os detentores do poder. Diderot desaprovava essas concessões, preferindo, por isso, manter-se independente e distante do confrade. Não se envolveu no processo de Toulouse, mas admirou o empenho do patriarca de Ferney segundo lemos em carta a Sophie Volland datada de 8 de agosto de 1762: "Il faut que cet homme ait de l´âme, de la sensibilité, que l ´injuste le révolte et qu ´il sente l ´attrait de la vertu [...] Quand il y aurait un Christ, je vous assure que Voltaire serait sauvé." E, em sua obra-prima, conhecida postumamente, a personagem "moi" (que representa um filósofo), ao responder a seu interlocutor sobre as necessidades e os prazeres, afirma: "[...] j´aimerais mieux avoir réhabilité la mémoire des Calas"[119].

A presença de Diderot, enquanto construção retórica de Voltaire, assumiu um contorno relevante na correspondência, justificando sua inclusão nesse grupo incendiário. Nas missivas, vislumbramos a imagem de "frère Platon", codinome atribuído aquele pelo patriarca, como batalhador de um brilhante projeto destinado à imortalidade. Desaprovava sua insistência em publicar a *Encyclopédie* clandestinamente na França, enquanto em outros países havia interesse em fazê-lo [D11771]. Defendeu-o das acusações de Palissot de Montenoy, poeta e dramaturgo, inimigo confesso dos enciclopedistas. Voltaire escreve-lhe

[119] DIDEROT, Denis. *Le neveu de Rameau*. Paris: Flammarion, 1983, p. 77.

alertando para a injustiça contra Diderot ([D11372],[D12016]). A Damilaville, deixa clara sua solidariedade: “Plus on cherche à mordre notre ami Platon, et plus je lui suis attaché.” [D 11800].

Bem relacionado com Voltaire e Diderot, Damilaville desempenhava o papel de intermediário. São freqüentes os recados enviados ao “frère Platon” pela interposição daquele ([D10397], [D10621], [D10695]). Em julho de 1762, solicita-lhe que encontre um livreiro para imprimir as “*Pièces originales*” [D10607]. Em outras ocasiões, pede-lhe livros ou textos. Com freqüência, simplesmente envia-lhe uma saudação: “Embrassez, je vous prie, pour moi, le grand frère Platon, que j´aime et que j´honore comme je le dois.” [D11574]. Conforme costumava fazer também com os demais “iniciados”, repreende-o amiúde devido à sua “omissão” na luta.

Era notória a vontade do patriarca de manter uma ascendência sobre os demais “irmãos”. Diderot, por meio de seu silêncio epistolar, rejeitava a dominação de Voltaire - que por sua vez, não se dava por achado, assumira a condição de mestre e guia da boa causa.

Claude Adrien Helvétius (1715-1771)

Helvétius viveu confortavelmente durante vários anos graças à proteção da Rainha que lhe obteve um cargo de funcionário responsável pelos impostos (*fermier général*). Homem de letras diletante, conheceu Voltaire em 1738.

Seu livro *De l´Esprit* (1758) causou escândalo, tendo sido condenado por uma carta apostólica do papa Clément XIII e queimado após decreto do Parlamento de Paris[120]. Segundo o patriarca, *De l´Esprit* não passava de um livro fraco e sem método, para o Duque de Richelieu diz que era uma paráfrase de La Rochefoucauld [D10522]. Achava abominável alguém ser perseguido por tão pouco.

Durante o affaire Calas, há apenas seis cartas de Voltaire para Helvétius. Solicitou-

[120] “/.../ il a osé soutenir que l´homme est entièrement determiné de l´extérieur, par le savoir des sens, l´influence de la société, l´effet de l´éducation, et que l´*esprit* ainsi façonnable peut être entièrement dirigé, non par des visées morales, mais dans une gestion sociale ordonnée du mérite et du bonheur- thèse

lhe a divulgação do *Catéchisme de l´honnête homme* (1763), insistindo sobre a necessidade do anonimato. Divulgar as Luzes sem se comprometer consistia em outro ponto-chave de sua estratégia. Repreendia o discípulo pela ingenuidade em ousar publicar um livro com patrocínio oficial, assinando o próprio nome:

> Ah! si vous nous aviez consultés quand vous donnâtes votre saint ouvrage...! Mais enfin le passé est passé; on vous trompait, on se trompait. [D11322].

De fato, Voltaire com freqüência aproveitava para alertá-lo sobre o cuidado em expor-se: "Tâchez de rendre service au genre humain sans vous faire le moindre tort". [D11208]. Em outras ocasiões, ponderava: "Conservons nos avantages, que les coups qui les écraseront partent de mains invisibles, et qu´ils tombent sur le mépris public." [D11418], "/.../ vous pouvez plus que personne écraser l´erreur sans montrer la main qui la frappe." [D11183]. Em uma frase lapidar, sintetiza o mesmo pensamento: "Écrasez tous l´infâme sans qu´elle puisse vous piquer au talon". [D10515]. Em carta a Damilaville, afirma categórico: "Enfin mon avis sera toujours qu´on écrase l´infâme et qu´elle ignore la main qui l´écrase".[D12208]. Tal manobra estratégica destaca-se na conclusão de uma carta-pastiche ao mesmo Helvétius, na qual ridiculariza o discurso devoto. Inicia com a frase *Pax christi* – à maneira dos padres da Companhia de Jesus. Antes de despedir-se, lemos:

> /.../ combattez les méchants, comme ils combattent, sans vous compromettre, sans qu´ils vous devinent. Contentez-vous de rendre justice à notre sainte religion d´une manière claire et sensible, sans rechercher d´autre gloire que celle de bien faire. Imitez notre grand roi Stanislas, père de notre illustre reine, qui a daigné quelquefois faire imprimer des petits livres chrétiens entièrement à ses dépens. Il eut toujours la modestie de cacher son nom, et on ne l´a su que par son digne secrétaire M. de Solignac. Le papier me manque, je vous embrasse en Jésus –Christ.
>
> Jean-Patourel ci-devant Jésuite

Além de insistir sobre a importância de enfrentar o inimigo sem deixar rastros, salienta a falta de astúcia do discípulo. O autor de *De l´Esprit*, obrigado a retratar-se, não publicou nenhuma outra obra em vida. Voltaire, porém, contava com seu apoio e recebia-o de bom grado entre os "inciados". Se Rousseau foi cognominado de "Judas", Helvétius era o "mártir".

Jean Le Rond d´Alembert (1717-1783)

---

scandaleuse, *matérialiste* pour la Sorbonne, le Parlement et l´archevêque de Paris, d´où censure, remontrances et mandement." RAYNAUD, Jean-Michel. "HLVÉTIUS, Claude Adrien". In: *VI*, p. 629

A precocidade do matemático, físico e geômetra valeu-lhe a entrada na *Académie des sciences* com vinte e quatro anos. O ex -co-diretor da *Encyclopédie* sobressaía-se como um dos mais brilhantes homens de letras. Desempenhou, ao lado de Damilaville, o papel de representante de Voltaire em Paris. A correspondência cruzada entre ambos conta com quinhentas e quarenta cartas. O patriarca chamava-lhe de "M. Protagoras" devido à sua eloqüência , "M. Protée", pela diversidade de seus interesses e "Monsieur O" como reminiscência de sua assinatura na *Encyclopédie*. D´Alembert criticava-lhe a bajulação dos poderosos. O patriarca, por seu turno, queixava-se de sua pouca dedicação à luta:

> C´est bien dommage, encore une fois, que Jean-Jacques, Diderot, Helvétius et vous *cum aliis ejusdem farinae hominibus*[121], vous ne vous soyez pas entendus pour écraser l´infâme. Le plus grand de mes chagrins est de voir les imposteurs unis et les amis du vrai divisés. Combattez, mon cher Bellérophon, et détruisez la chimère.[D12381].

De Ferney, Voltaire conclama o "irmão" a continuar com o escárnio que o caracterizara [D11669]. Em janeiro de 1764, aconselha-o a publicar *Sur la destruction des Jésuites* sob pseudônimo. Voltaire justifica a necessidade de ser um pouco "patife" ("fripon") em nome da boa causa e alude mais uma vez à Primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios, IX, 22[122], na qual o apóstolo afirma: "Enfin je me suis fait tout à tous pour les sauver tous." :

> /.../ vous aurez le plaisir d´éclairer le monde sans vous compromettre, ce serait là une belle action, ce serait se faire apôtre sans être martyr. [D11864].

O "irmão" Protágoras partilhava com Voltaire o gosto pelo teatro, daí o vocabulário emprestado a essa arte mesmo em se tratando de outros temas:

> Je suis actuellement occupé d´une tragédie plus importante, d´un pendu, d´un roué, d´une famille ruinée et dispersée, le tout pour la sainte religion. Vous êtes sans doute instruit de l´horrible aventure des Calas à Toulouse. [D10581]

A propósito, a primeira carta sobre o affaire Calas enviada a d´Alembert [D10394], datada de março de 1762, escapou das mãos dos aliados. Nela, Voltaire instruía o confrade sobre como transformaram um "enforcado" em um mártir. Empregava expressões pouca

---

[121]Tradução : "Com outros homens da mesma farinha".
[122] V. capítulo "Estratégia: nos bastidores de Ferney", p. 49.

lisonjeiras em relação à Igreja e ao Parlamento: “Ce jugement était d´autant plus chrétien qu´il n ´y avait aucune preuve contre le roué”.

Junto à carta, anexaram um texto comprometedor atribuído a Voltaire, cujo teor desconhecemos. O patriarca inquietou-se com a má repercussão desse artigo e solicitou a d´Alembert que enviasse ao Duque de Choiseul essa missava juntamente com um bilhete esclarecendo que não havia mais nada dentro do envelope que tinha recebido. Esse episódio é bastante ilustrativo dos aborrecimentos decorrentes da censura. Em outubro do mesmo ano, após enumerar os temas abordados na carta referida, insiste: “En un mot, je vous supplie de chercher ce billet, et de l´envoyer à M. le duc de Choiseul, à mes risques, périls et fortunes.” [D10758]. Nessa mesma missiva, elogia o cristianismo em detrimento da superstição [D10810], uma astúcia, em caso de violação pelos agentes do correio.

Da mesma forma que Diderot, d´Alembert desaprovava a ligação do confrade com os poderosos. Voltaire, no entanto, não abria mão de suas relações, pois poderiam ser úteis para a vitória dos iluministas.

Étienne Noel Damilaville (1723-1768)

No partido dos filósofos, destacamos Damilaville, o menos conhecido dos aliados e o que prestou maior auxílio do ponto de vista prático. Conheceram-se em 1760, por ocasião da polêmica em torno da peça *L´Écossaise*. [123]Impressiona-nos a grande afinidade e carinho que uniam dois homens de “status” tão diferentes. Damilaville não escreveu nenhuma obra relevante, não teve cargo político de destaque, tampouco possuía título de nobreza. Contribuiu com dois artigos para a *Encyclopédie* (“Vingtième” e “Mouture”), provável autor do panfleto *L’honnêteté théologique* e de uma resposta aos *Erreurs de Voltaire* de Nonotte.

[123] No artigo “La logique du combat contre l´infâme: la correspondance de Voltaire et de *frère Damilaville*”. In: *Raison Présente*. Nantes, 1994, n. 112, pp.3-25,Christiane Mervaud analisa a relevância desse devoto aliado de Voltaire para a luta contra a “infâme”.

Restam dezoito cartas a Voltaire, enquanto há quinhentas e quarenta e uma missivas do filósofo endereçadas ao amigo. Durante os oito anos de correspondência (1760-1768), foi um combatente disciplinado e um incansável divulgador das idéias voltairianas.

A partir de 1755, esse obscuro parisiense passa a dirigir o escritório de impostos conhecido como "Vingtième"[124] do Controle geral das Finanças em Paris, função que lhe deixava o caminho livre da censura e do pagamento das altas tarifas[125] – devido ao selo ministerial. Não é necessário insistir sobre a utilidade dessas facilidades para Voltaire que, de Ferney, indicava as missivas menos comprometedoras ou aquelas contendo uma mensagem secreta[126]. Parte significativa da correspondência do patriarca com os parisienses passa pelas mãos de Damilaville. Os trechos seguintes são ilustrativos:

> Permettez que je fourre ici une lettre pour M. d´Alembert, et une pour M. Marmontel. [D12501].

> Voulez-vous bien faire parvenir ces deux saintes épîtres à nos frères d'Alembert et Saurin? J'embrasse en Platon, en Diagoras notre grand frère Diderot. [D10813].

Em uma época de censura postal eficiente, esse canal paralelo evitava dissabores para o autor do *Traité sur la tolérance*. Além disso, às voltas com pesquisas históricas para documentar e reforçar suas teses, Voltaire pedia-lhe, amiúde, obras esgotadas ou raras. O funcionário do "Vingtième", cercado de boas relações, atendia com prontidão e rapidez impossíveis para os demais "irmãos".

---

[124] "O novo tributo seria uma coleta de 5% da renda proveniente da terra, das propriedades, das empresas industriais e comerciais e dos ocupantes de postos e cargos do governo." PEVITT ALGRANT, Christine. op. cit. p. 110.

[125] "Au XVIIIe siècle, une taxe à la distance et selon le poids est payée par le destinataire. Écrire fréquemment à quelqu´un, c´est donc en quelque sorte l´obliger à payer le plaisir de la lecture d´une lettre, c´est le contraindre à accepter de ses nouvelles au prix de quelques sous." GRASSI, Marie-Claire. op. cit., p. 10.

[126] "A abertura da correspondência pelos burocratas do governo era uma realidade reconhecida. A maioria das pessoas prudentes não confiava seus segredos ao Correio. O escritório encarregado de abrir as cartas com vapor e tornar a fechá-las de maneira inconspícua – o *cabinet noir*- trabalhava em sigilo. Nem os nomes de

Quando os aliados de Paris não escreviam diretamente a Voltaire, recebiam e enviavam notícias por intermédio de Damilaville. Isso explica porque dezenas de cartas endereçadas ao funcionário do correio trazem a expressão "mes frères" ora no exórdio, ora na subscrição: "Mon cher frère et mes chers frères" [D11483], "J´embrasse mon frère et mes frères" [D11487].

Segundo Christiane Mervaud, as cartas de Voltaire a Damilaville colocam em xeque um dos princípios fundamentais da epistolografia: o uso privado. Entre esses dois missivistas, explica-nos, não podemos falar de indiscrição e desrespeito, pois o contrato epistolar é outro. Nesse caso, a missiva tem a vocação de texto semi-público[127].

Além de prestar o imprescindível auxílio nas remessas de pacotes, memoriais e das *Pièces originales*, o fiel escudeiro servia igualmente de porta-voz, conforme lemos neste exemplo:

> Mes chers frères, il est avéré que les juges toulousains ont roué le plus innocent des hommes. Presque tout le Languedoc en gémit avec horreur. Les nations étrangères qui nous haïssent et qui nous battent, sont saisies d'indignation. Jamais depuis le jour de la Saint-Barthélemy rien n'a tant déshonoré la nature humaine. Criez, et qu'on crie. [D10406].

Embora apostasse na legitimidade de sua causa e no talento de seus confrades, nosso autor, não raro, exibia seu pessimismo. Como a maior parte das vezes suas cartas endereçadas a Damilaville eram lidas e comentadas pelos demais amigos, aproveitava para transmitir seus sentimentos, expectativas e frustrações. Uma de suas obsessões consistia em alardear o escasso entrosamento dos filósofos. A importância da união das forças aliadas consiste em um dos princípios mais elementares da estratégia militar. Seria inútil conhecer as fraquezas do inimigo, delimitar o alvo de ataque e contar com "soldados" preparados se não houvesse uma sólida adesão.

---

seus integrantes nem sua localização eram revelados, mas eles eram temidos." PEVITT ALGRANT, Christine. op. cit. p. 154.

[127] Cf. MERVAUD, Christiane. Op. cit, p. 20.

No entanto, cada um vivia atribulado com suas preocupações. D´Alembert se contentava em "rir da *infâme*", a *Encyclopédie* absorvia Diderot; Rousseau debatia-se com o Parlamento de Paris e o Conselho de Genebra; Helvétius, após o escândalo com *De l´Esprit*, não mais escrevera. De Ferney ecoava o grito de desânimo:

> Le coeur me saigne de deux grandes plaies, la première que Rousseau soit fou, la seconde que nos philosophes de Paris soient tièdes. Dieu merci vous ne l´êtes pas.[D12411]

À falta de entendimento e audácia somava-se a impaciência. A calma era indispensável, bem como o silêncio no momento necessário. [D11831]. Em outubro de 1764, escreve a Damilaville:

> Je voudrais que chacun de nos frères lançât tous les ans les flèches de son carquois contre le monstre, sans qu´on sût de quelle main les coups partent. Pourquoi faut-il que l´on nomme les gens? Il s´agit de blesser ce monstre, et nom pas de savoir le nom de ceux qui l´ont blessé. Les noms nuisent à la cause, ils réveillent le préjugé. [D12128].

Contra a perseguição e a violência seriam necessários disfarces e artimanhas para infringir a lei. Os integrantes do partido, segundo Voltaire, alcançariam maior êxito na clandestinidade. Ora, nesse contexto, a fidelidade de um alto funcionário do correio era uma munição providencial.

Qual seria a contrapartida de Damilaville ao longo de oito anos de dedicação absoluta ao mestre? Gozava, primeiro, de uma amizade irrestrita, reiterada por demonstrações de afeto. Em segundo lugar, Voltaire atribuía-lhe o epíteto "filósofo" e homenageava-o ao situá-lo em um patamar equivalente quanto à visão de mundo:

> Je vous disais, à propos de nos sages dispersés, ce que vous me disiez quand nos lettres se sont croisées. Nous pensons de même en tout. [D11836].

Damilaville faleceu em 1768, desfalcando o partido dos "irmãos" e privando seu célebre amigo de seu mais seguro canal de comunicação com Paris.

Aliados de várias esferas

Acrescentamos também ao partido dos filósofos Charles Augustin de Ferriol, Conde d´ Argental (1700-1788); a amizade entre Voltaire e esse conselheiro do Parlamento de Paris durou mais de sessenta anos. Mais ainda que d´Alembert, d´Argental era um apaixonado por teatro. Critica as tragédias do amigo, sugere cortes e alterações.

Após o casamento de d´Argental com Jeanne-Grâce Bosc du Bouchet (1702-1774), o autor de *Zaïre* passa a endereçar suas cartas aos "anges". Em diferentes épocas, personalidades de renome do meio político e literário freqüentaram a residência do casal – verdadeiro centro de informações sobre as intrigas e festas da corte e de Paris[128] - como o abade de Chauvelin, Duque de Richelieu, Choiseul, Cardeal de Bernis, além de d´Alembert e Condorcet.

Aos d´Argental, delegava tanto assuntos relevantes - a acolhida de Madame Calas em Paris, por exemplo - quanto tarefas mais prosaicas como a administração de uma "mesada" a Pierre Calas [D10947]. Em carta de julho de 1762, lemos:

> Mes anges, je n´abandonnerai cette affaire qu´en mourant. J´ai vu, et j´ai essuyé des injustices pendant soixante années; je veux me donner le plaisir de confondre celle-ci. J´abandonnerai jusqu´à *Cassandre*, pourvu que je vienne à bout de mes pauvres roués. Je ne connais point de pièce plus intéressante. Au nom de Dieu faites réussir la tragédie Calas, malgré la cabale des dévots et des Gascons. [D10586].

Outro nome bem acolhido no seleto grupo era Jean-François Marmontel (1723-1799), que contava apenas vinte e um anos quando escreveu pela primeira vez ao mestre, então com cinqüenta (1744). A amizade entre ambos durou até o final da vida de Voltaire que enxergava no fervoroso aliado uma das maiores esperanças da nova geração. Em 1758, o futuro autor de *Bélisaire* assume a direção do *Mercure de France*, o que possibilitava a penetração da idéias iluministas.

> Enfin, mon cher confrère, je puis vous appeler de ce nom. Voilà ce que je désirais depuis si longtemps. Jugez de la joie de Mme Denis et de la mienne. Voilà notre Académie bien fortifiée; les fripons et les sots n´auront pas désormais beau jeu. Le jour de votre réception sera un grand jour pour les belles-lettres. Je ne peux vous exprimer le plaisir que nous ressentons ici. [D11525].

---

[128] "Dès 1740, Mme d´Argental a entrepris de créer un bureau de *nouvelles à la main*, à l´instar du célèbre Bachaumont: elle fait recopier et diffuser tout ce qui se dit dans les meilleures mains de Paris. Cette *gazette* servit donc à l´occasion les intérêts de Voltaire, il y plaça annonces et désaveux." "Argental, Charles Augustin de Ferriol, comte d´". SOPRANI, Anne. In: *IV*, p. 92.

Detacamos igualmente Nicolas-Claude Thieriot (1696-1772) que conhecia Voltaire desde 1714; mantiveram uma correspondência regular, só interrompida pela negligência daquele. São proverbiais as queixas contra o amigo *bon-vivant*, o qual, se um dia escrevesse algo, segundo nosso autor, seria uma apologia à preguiça. Fazia reprimendas severas, na maior parte das vezes pela interposição de Damilaville, pois sabia que a carta chegaria às mãos de Thieriot: "Et frère Thieriot où dort-il? *Valete, frates.*" [D10794]; "Adieu, vous êtes courageux, et n´êtes point paresseux; *non sic* Thieriot, *non sic*. Mon cher frère écrasez l´infâme." [D12076].

O papel desse diletante no affaire Calas foi de divulgador de algumas "ordens" vindas de Ferney - daí o apelido de "Thieriot-trompette". Apesar da abissal diferença que os separava, corresponderam-se até 1772.

Além do seleto grupo, outros cidadãos também eram brindados com o título de filósofo: o médico Theodore Tronchin [D12432], Fyot de la Marche [D10847]; Paul-Claude Moultou [D12278], Jacob Vernes, Élie Bertrand [D12284], Cardeal de Bernis [D10469] e o Marquês d´Argence ("philosophe militaire") [D12357]. O advogado Élie de Beaumont, por exemplo, fora comparado a Cícero: "Je ne vous appelle pas Cicéron sans de très bonnes raisons. Vous joignez comme lui la philosophie à l´éloquence." [D11872].

O clã anti-filosófico

Em oposição aos filósofos parisienses e suas ramificaçãoes, havia o grupo inimigo, representado por católicos devotos, jesuítas, jansenistas, parlamentares, enfim, todos os que persistiam em manter inalteráveis seus privilégios.

Élie Fréron (1719-1776) era jornalista e inimigo confesso dos aliados de Voltaire. Sua inimizade pelo patriarca recrudesce a partir de 1754 ao assumir a direção do jornal *L´année littéraire*. Fréron denunciou a ambição do adversário em satelizar os homens de letras. Acusou-o igualmente de intolerante contra aqueles que discordavam de suas idéias.[129] O jornalista incentivou ainda a campanha de Charles Palissot de Montenoy (1730-1814) contra os enciclopedistas em sua comédia *Les Philosophes* (1760). Voltaire contra-ataca com a peça *L´Écossaise* (1760), na qual o ridiculariza chamando-o "Frelon"

[129] Cf. MASSEAU, Didier. In: *IV*. p. 578.

("vespa"). Livrou-se também a um ataque feroz com suas *Anedoctes sur Fréron* (1761). Palissot acusava os filósofos de formar uma cabala. Voltaire, todavia, amenizava as agressões contra o dramaturgo pois era um protegido de Choiseul e não queria prejudicar a relação com os poderosos.[130]

Outros alvos freqüentes das invectivas voltairianas são Claude-François Nonnotte (1711-1793) e Abraham Joseph Chaumeix (1730-1790). O primeiro entrou para a Companhia de Jésus em 1730 e a partir de 1773, dedicou-se aos trabalhos de apologética. Em 1762, lançou *Les erreurs de M. de Voltaire* [D10698]. Pagou alto preço ao estigmatizar um dos maiores autores do século[131]. O segundo publicou *Préjugés légitimes contre l´Encyclopédie* (1758), piorando a situação dos seus empreendedores.

A família Joly de Fleury engrossava o time anti-filosófico. Em 1734, o procurador geral Guillaume Joly de Fleury (1675-1756) condenou as *Lettres philosophiques*. Voltaire teve também desavenças com o filho Omer Joly de Fleury (1715-1810), presidente do Parlamento de Paris que proibiu, em 1759, a impressão da *Encyclopédie* e em 1765, o *Dictionnaire philosophique*.

Os membros do clã de inimigos dos filósofos, assim como aqueles que não se importavam com a divulgação das Luzes, recebiam o epíteto de "velche" ou "welch" [132]:

> Les véritables Welches, mon cher frère, sont les *Omer*, les *Chaumeix*, les *Fréron*, les persécuteurs et les calomniateurs. Les philosophes, la bonne compagnie, les artistes, les gens aimables, sont les Français, et c´est à eux à se moquer des Welches. [D11879].

Percebemos que o oposto de "welch" era o "francês", este sim, homem de bom gosto, culto, aberto às inovações e tolerante. Segundo André Magnan, Voltaire costumava apropriar-se de um vocábulo e atribuir-lhe outro significado, sendo o exemplo mais conhecido desse procedimento a expressão "l ´infâme".

---

[130] Cf. Idem, p. 1003.

[131] Jean Macary explica-nos que uma das astúcias retóricas de Voltaire consiste em atribuir um nome ridículo ao adversário. Cf. "Rhétorique de la facétie, ou comment se moquer des gens sérieux". In: *VC*, pp. 137- 142. Ora, no caso de Nonnotte, não era necessário nenhum esforço, bastava repetir seu nome para expô-lo ao riso.

[132] Magnan explica o sentido que lhe atribuía Voltaire: "Le 'Welche' est la figure répulsive du Français autosatisfait, tellement fier du passé national, de la grandeur et des vertus françaises, de la perfection de la monarchie très chrétienne, qu ´il n´attend plus rien de l ´Histoire. Opposés à la 'révolution' que préprarent les Philosophes, les Welches sont au fond des réactionnaires: des Gaulois soi-disant contemporains des véritables 'Français'- aussi Voltaire écrit-il en effet leur nom avec ce W qu´il a en horreur." *IV* , p. 1404.

Às vezes temos a impressão que Voltaire nutria especial prazer em se esconder do adversário. Essa opção de ocultar as armas impunha-se pela situação de desequilíbrio entre as forças. Por mais que as Luzes ganhassem espaço entre os cidadãos cultos, havia um poderoso sistema de controle, espionagem e repressão, daí sua afirmação: "La raison est une étoffe étrangère et défendue qui ne peut entrer que par contrebande." [D12238].

O patriarca de Ferney tentava esconder-se sob os mais variados pseudônimos: Sherlock, Dr. Ralph, padre Tamponet, Sr. Herman, rabino Akib, para citar apenas alguns. Outra medida para driblar a polícia política consistia na utilização de alônimos. O emprego de nomes de autores falecidos ajudava a despistar as autoridades. Provavelmente o mais conhecido alônimo de Voltaire era Guillaume Vadé – inspirado do autor de óperas-cômicas Jean-Joseph Vadé (1719-1757). Em 1764, Voltaire publicou *Contes de Guilhaume Vadé*, ao passo que a narrativa *Le Blanc et le noir* e o *Discours aux Welches* foram atribuídos a Antoine Vadé, suposto irmão de Guilhaume.

Nosso autor tirava o máximo proveito desse recurso enunciativo, tecendo comentários ácidos contra os desafetos. Além de manobra para se esquivar dos inimigos, Voltaire divertia-se com este aspecto lúdico da batalha. O recurso às máscaras e à teatralização, freqüente na correspondência, vem à tona também em textos visando à publicação.

Lembremos que o patriarca não apenas dirigia, mas também desempenhava papéis nas peças que apresentava aos convidados de Ferney. O gosto pela atuação no espaço cênico se reflete na sua obra. As diferentes "personagens" que assumia denotavam sua versatilidade, sua preocupação em agradar ora por meio da surpresa, da variedade e do "mot d´esprit", ora apelando à sensibilidade do interlocutor, comovendo-o até as lágrimas.

Nessa tentativa de atrair (e instruir) o outro por meio do jogo teatral, percebe-se a crescente importância que atribuía à figura do escritor. Este deixava aos poucos o papel secundário de bufão dependente dos caprichos dos poderosos e passa a ser um filósofo cônscio de sua alta missão.

O Círculo feminino

Ao longo de sua vida, Voltaire carteou-se com mulheres capazes de fazerem repercutir sua obra.[133] O papel das amizades femininas para a divulgação das suas idéias foi menos expressivo durante o affaire Calas quando comparado com outras fases de sua carreira.

Solicitou, porém, a ajuda de algumas correspondentes, como, por exemplo, sua sobrinha, a Marquesa de Florian [D7147], pois o marido era influente no Grande Conselho. Contou com a Margravine de Baden-Durlach [D11648] e a Duquesa de Saxe-Gotha (1710-1767) [D11286], uma alemã que inspirou a "roliça" Baronesa de Thunder-ten-Trunckh[134]. Em novembro de 1763, envia-lhe o *Traité sur la Tolérance*:

> Un vieux solitaire [...] met aux pieds de Votre Altesse Sérénissime, ce petit ouvrage qui n´est point encore public. On doit des prémices à un esprit aussi juste, aussi éclairé et aussi naturel que le vôtre. On les doit, surtout, à la protectrice des infortunés Calas, et à celle qui aime la tolérance et la vérité. [D11510].

Além disso, sabemos da tentativa de sensibilizar a amante de Luís XV. Ao pastor Moultou, o filósofo revela sua tática:

> Il faut auprès des ministres de très grandes protections, et point de livres. Un bon ouvrage peut porter son fruit dans quinze ou vingt ans, mais aujourd´hui il s´agit d´obtenir la protection de Mme de Pompadour. Le grand point est d´intéresser son amour-propre, à faire autant de bien que Mme de Maintenon a fait de mal. [D10971].

Não conhecemos nenhuma carta de Voltaire à Marquesa de Pompadour (1721-1764), relatando-lhe o affaire Calas. O contato com a favorita do Rei se deu por interposição das amigas Duquesa de Gramont [D11095],[D11112], irmã do Duque de Choiseul, e da Condessa de Lützelbourg (1683-1765).

Nesse círculo, incluímos também a Baronesa de Verna ([D11972],[D12046]) e Madame d´Épinay (1726-1783), uma das mais militantes do século. Em 1764, o patriarca

---

[133] "Voltaire a besoin que sa parole soit relayée pour être entendue, et l´une de ses plus grandes réussites réside sans conteste dans sa capacité à faire parler de lui, de ses idées et de ses oeuvres. La correspondance ne représente qu´un aspect de cette stratégie de communication avant l´heure; la visite à Ferney en est un autre."MENISSIER, Patrícia. *Les Amies de Voltaire dans la correspondance (1749-1778)*.Thèse présentée à l´Université de Nancy II sous la direction de Roger MARCHAL, 2004, p. 8.

[134] Cf. STALLONI, Ives. "Lieux et personnages dans *Candide*". In: FENAUX, Jean-Paul. *Analyses et réflexions sur Candide de Voltaire*. Paris: Marketing, 1982, p. 80.

homenageia-a afirmando: “Vous serez toujours ma belle philosophe quand même vous m´auriez oublié.” [D11742] e em outra missiva, ressalta que ela não é “welche”, mas “francesa” [D12102]. Em algumas missivas, Voltaire comenta a respeito da generosidade da Duquesa d´Anville. Em 1763, o patriarca escreve a Damilaville que a aristocrata adquirira alguns exemplares do *Catéchisme de l´honnête homme*:

> Mon cher frère, il ne s´agit pas aujourd´hui d´affaires temporelles. Je vous confie que Mme la duchesse d´Anville a emporté une demi-douzaine d´exemplaires des oeuvres pies. Une autre personne en emporte une demi-douzaine. Le nombre des fidèles s´augmente prodigieusement, il nous faut surtout de saintes femmes. [D11402].

Chegamos, finalmente, à mais requintada correspondente do patriarca: Madame du Deffand (1697-1780). Ambos se conheceram em 1720 e mantiveram contato irregular até o final da vida do filósofo. No início da década de sessenta, Madame du Deffand e Voltaire aproximavam-se dos setenta anos. O filósofo fala-lhe sobre o processo de Toulouse, em 2 de abril de 1762, escreve:

> Je vous demande pardon, Madame, de vous entretenir de mes plaisirs mais si vous êtes triste, je vous dirai si vous voulez des choses tristes. Un des nos huguenots de Genève a été accusé d´avoir pendu un de ses enfants à Toulouse, de crainte que cet enfant ne se fît papiste. [D10403]

O diálogo epistolar entre ambos, contudo, versava sobre outros temas. A aristocrata parisiense queixava-se de seu estado de saúde - era cega desde os cinqüenta- e do seu incomensurável tédio. A correspondência com o filósofo era uma das poucas coisas que ainda lhe davam prazer na vida. As missivas de Voltaire endereçadas a madame du Deffand despertam reflexões profundas sobre o (sem) sentido da existência humana, o fardo da velhice, a importância da amizade e a paixão pela literatura. Temas analisados sem pieguice, recheados de notas pessimistas, mas com elegância e senso de humor. Esses textos interessam o leitor ainda hoje por sua maturidade, beleza e densidade.

Nas duas dezenas de cartas endereçadas à amiga entre 1762 e 1765, há trechos belíssimos sobre o valor das horas prazerosas em boa companhia, do imenso deleite proporcionado pela leitura e pela escrita, pois, segundo Voltaire, como a vida era passageira, deveríamos aproveitar para ser felizes aqui nesse mundo.

Em agosto de 1764, o filósofo pergunta à amiga se M. d´Argenson morrera “en philosophe”; tal expressão designava aqueles que dispensavam o sacramento da unção dos enfermos. Em seguida, discorre sobre a vantagem dos antigos sobre os contemporâneos:

On vivait du temps des Scipion et des César, on pensait, et on mourait comme on voulait; mais pour nous autres on nous traite comme des marionnettes. Je vous crois assez philosophe, Madame, pour être de mon avis. Si vous ne l´êtes pas, brûlez ma lettre, mais conservez-moi un peu d´amitié pour le peu de temps que j´ai encore à ramper sur le tas de boue où la nature nous a mis. [D12067].

Essa passagem é eloqüente quanto ao espírito inquieto, rebelde e perscrutador dos homens de letras do século XVIII. Em outra missiva, após comentar a triste condição humana, reitera que o desprezo pelas superstições e a capacidade de pensar são consolações verdadeiras [D11883].

Graças a essas relações epistolares – que por sua vez se desdobravam em dezenas de outras – Voltaire fazia ecoar suas idéias. O círculo feminino, mesmo de número reduzido, desempenharia um trabalho de divulgação em grande escala - as mulheres no século XVII e XVIII foram notáveis missivistas[135]. Ciente da utilidade dessas porta-vozes informais, recomendava a um interlocutor desconhecido:

C´est surtout dans la conversation qu´on peut faire beaucoup de bien, et je m´en rapporte à vous; ne manquez pas de convertir toutes les femmes qui vous tomberont sous la main. [D11052].

A multiplicação de contatos, a vontade de manter-se em evidência, mesmo distante do centro dos acontecimentos, explicam-nos em parte por que se tornou a figura de proa do Iluminismo francês. A luta liderada por Voltaire visava em um primeiro momento à destruição dos preconceitos e, numa segunda etapa, à edificação de uma anti-Igreja ou Igreja da Razão[136].

Se aniquilar velhas convicções implicava tarefa de envergadura conduzida por cidadãos instruídos, ocupando cargos importantes e estratégicos, também necessitava de um apostolado contínuo, daí o vocábulo “irmão” empregado nas missivas aos filósofos.

---

[135] Fr. NIES em seu artigo “Un genre féminin?” In: *RHLF*, 1978, explica porque no século XVIII consideravam a epistolografia um gênero feminino.

[136] Entendemos pelo termo “razão”, a capacidade do ser humano de pensar, livre das crenças e dos preconceitos.

O BOM SAMARITANO

Il faut toujours commencer par faire éclairer le grand nombre par le petit.[D11747].

En cultivant la vigne de Calas, n´oubliez pas celle du Seigneur. [D12981].

Diatribes contra o livro sagrado

As investidas de Voltaire contra as Escrituras causaram escândalo tanto na França católica quanto na Europa protestante. O *Sermon des cinquante* (1749), segundo o próprio autor, é "le libelle le plus violent qu´on ait jamais fait contre la religion chrétienne" [D12299]. De fato, muitas passagens desse texto desconcertam mesmo o mais agnóstico leitor do século XXI, tal a ousadia, quiçá o desrespeito que as caracterizam.

Voltaire também lança suas farpas nos conhecidos *Candide* (1759), *L´ingénu* (1767) e *Le taureau blanc* (1772). No primeiro, alude à história de Abraão e Sara, um de seus

alvos preferidos, pois achava ridículo um homem apresentar a mulher como irmã, segundo fizera Abraão em sua viagem ao Egito (Gênesis XII,11-20). Em Buenos Aires, Cândido é questionado sobre Cunegundes:

> [...] Il n´osa pas dire qu´elle était sa femme, parce qu´en effet elle n ´était point; il n´osait pas dire que c´était sa soeur, parce qu´elle ne l´était pas non plus; et quoique ce mensonge officieux eût été autrefois très à la mode chez les anciens, et qu ´il pût être utile aux modernes, son âme était trop pure pour trahir la vérité.[137]

Em *L´ingénu* (1767), um padre jesuíta é denominado *Tout-à-tous*, mais uma alusão à Primeira Epístola aos Coríntios IX, 22. Quando Mlle Saint-Yves chega a Versalhes, procura um confessor:

> Il y avait les jésuites du grand commun, et surtout les jésuites des femmes de chambre, par lesquelles on savait les secrets des maîtresses, et ce n ´était pas un petit emploi. La belle Saint-Yves s´adressa à un de ces derniers, qui s´appelait le père Tout-à-tous.[138]

O conto *Le taureau blanc* (1772) encerra uma sátira de vários episódios bíblicos. Para citar um exemplo entre dezenas de outros, no capítulo sétimo, o rei Amasis cede oito dias de vida ao touro que seduziu sua filha. No final dessa passagem, o narrador alude a Daniel II, 5:

> La vieille était au désespoir de voir que le taureau qu´elle avait en garde n´avait plus que huit jours à vivre. Elle faisait apparaître, toutes les nuits, des ombres au roi, pour le détourner de sa cruelle résolution. Mais le roi ne se souvenait plus le matin des ombres qu ´il avait vues la nuit, de même que Nabuchodonosor avait oublié ses songes[139].

O *Dictionnaire philosophique* dedica vários verbetes a personagens como “Abraham”, “Adam”, “Ézechiel”, “ Job”, “ Joseph”, “Moïse”, “Paul”, “Pierre” e “Salomon”, além de outras entradas que evocam temas, pontos geográficos e livros bíblicos. O *Catéchisme de l ´honnête homme* (1763) retoma os ataques às contradições do Antigo e do Novo Testamento. Para o teatro, escreve, entre outras peças, a comédia *L´enfant prodigue* (1736) e *Saul, tragédie tirée de l´écriture sainte* (1763).

Em *La Bible enfin expliquée* (1776), resultado de longos anos de estudo, Voltaire faz o comentário detalhado, sobretudo, dos livros do Antigo Testamento. Apontamos ainda *Instruction du gardien des capucins de Raguse* (1768) e *Un chrétien contre six juifs* (1777), entre suas publicações iconoclastas.

---

[137] VOLTAIRE. *Roman et contes*. Paris: Gallimard, 1979, p. 174.
[138] Idem. p. 324.
[139] Idem. p. 552.

Voltaire familiarizou-se com a Vulgata durante sua passagem pelo colégio "Louis-le-Grand". Quando viveu em Cirey (1734-1749), período de grandes pesquisas ao lado de madame de Châtelet, leu os vinte e quatro volumes do *Commentaire littéral sur tous les livres de l´Ancien et du Nouveau Testament* do beneditino Dom Calmet, um dos exegetas mais conhecidos então. O conjunto das notas marginais atesta o labor da pesquisa e o longo convívio com a obra.

Na biblioteca do patriarca, havia dois exemplares da Bíblia traduzida pelo teólogo Lemaître de Sacy (1763-1684), entre 1657 e 1696, com o auxílio de outros escritores de Port-Royal: Pascal, Arnauld, Pierre Nicole e Pierre Thomas du Fossé[140.] De fato, a curiosidade que Voltaire nutria pelo tema excedia a de um simples diletante- como atestam suas cartas endereçadas ao pastor Claude Moultou (v., entre outras, [D12278], [D11609]), seu consultor em exegese.

François Bessire informa-nos que a presença da Bíblia na correspondência ultrapassa as citações que Voltaire faz dos Antigos ou dos autores do "Grand Siècle". Em 15. 482 cartas, 2.007 comportam citações ou alusões bíblicas. Tais missivas são endereçadas, preferencialmente, a Catarina II da Rússia e Frederico II da Prússia, entre os reis, e Helvétius, Turgot, Damilaville, d´Alembert e Condorcet, do partido dos filósofos. As referências abrangem quase todos os livros do Antigo Testamento, a totalidade do Novo e se acomodam a diferentes temas[141].

Bíblia: uma obra como outras

Selecionamos alguns exemplos nos quais Voltaire emprega metáforas e comparações para comentar sobre literatura. Os trechos seguintes são endereçados à Madame du Deffand e a d´Alembert respectivamente:

---

[140] "Cette Bible de Port-Royal apparaît comme un monument religieux et littéraire dont le rôle n´est pas indigne d´être comparé à celui de la Bible de Luther en Allemagne ou de la version autorisée du roi Jacques en Angleterre. Son importance culturelle n ´est pas moindre que sa haute qualité religieuse." Philippe SELLIER, "préface", p. XI, In: *La Bible*. Traduction de Lemaître de Sacy. Paris: Robert Laffont, 1990. Conforme dissemos na introdução, é essa tradução que utilizamos neste trabalho.

[141] BESSIRE, François. *La Bible dans la correspondance de Voltaire*. Oxford: Voltaire Foundation, 1999, p. 10.

D´ailleurs, mon goût pour les contes est absolument tombé. C´était une fantasie que les longues soirées de l ´hiver m´avaient inspirée. Je pense différement à l´équinoxe; l´esprit souffle où il veut comme dit l´autre. [D11791].

J´aimerais bien mieux, pour ma satisfaction, que vous donnassiez de nouveaux mémoires de littérature [plutôt que de faire de la géométrie], qui amusent et qui instruisent tout le monde; mais l´esprit souffle où il veut [D10922].

Cita São João III, 8: "l´Ésprit souffle où il veut; et vous entendez bien sa voix, mais vous ne savez d´où il vient, ni où il va; il en est de même de tout homme qui est né de l´esprit." O versículo aborda uma homilia de Jesus sobre a regeneração do homem. Voltaire, por seu turno, emprega a palavra no sentido de "inspiração".

Na carta a Mme du Deffand, a dessacralização advém do tom irreverente de "comme dit l´autre"; essa fórmula destaca a citação e marca a distância de quem a escreve, sendo o sorriso provocado pela familiaridade desrespeitosa do filósofo.

Em missiva a d´Alembert e outra a d´Argental, Voltaire conta-lhes das críticas que recebera por seus *Commentaires sur Corneille*:

On me trouve un peu insolent, et je pense que vous me trouvez bien discret; car, entre nous, je n´ai pas rélevé la cinquième partie des fautes; il ne faut pas découvrir la turpitude de son père. Je crois en avoir dit assez pour être utile; si j ´en avais dit davantage, j´aurais passé pour un méchant homme. [D11864].

Ma mauvaise humeur n´empêche pas que je rende à notre père Pierre toute la justice qui lui est due, et si je révèle la turpitude de notre père c´est en adorant ce qu ´il a de bon. [D11144].

Acena ao Levítico XVIII, 8: "Vous ne découvrirez point ce qui doit être caché; parce que vous blesseriez le respect dû à votre père [...]". Deus expõe a Moisés uma série de regras de conduta relativas ao pudor físico. Voltaire funde o versículo em um contexto coloquial de crítica literária, extraindo-lhe o caráter solene.

Chamam-nos a atenção, igualmente, algumas passagens da correspondência, nas quais a Bíblia situa-se no mesmo plano que o texto literário. Trata os Salmos de "odes hébraïques" [D10078]. Em missiva aos d´Argental, recomenda as *Lettres* de Milady Montaigu, informando sobre a autora : [...] elle a traduit des chansons turques, et des déclarations d´amour qui sont tout à fait dans le goût du Cantique des Cantiques [...]" [D11425]. Para d´Alembert, escreve sobre uma de suas traduções:

Soyez très persuadé que j´ai traduit Gille Shakespeare selon l ´esprit et selon la lettre. L´ambition qui paie ses dettes est tout aussi familier en anglais qu ´en français, et le *dimitte nobis debita nostra*[142] n ´en est pas plus noble pour être dans le *Pater*. [D10705].

Nota-se uma reminiscência da segunda epístola de São Paulo aos Coríntios III: "Et c´est lui aussi qui nous a rendus capables d´être le ministre de la nouvelle alliance, non pas de la lettre, mais de l ´esprit; car la lettre tue, et l´esprit donne la vie". O versículo ensina a importância da ação, do testemunho vivo da palavra de Jesus Cristo. Voltaire aproveita-o para mostrar as preocupações que norteiam seu trabalho de tradutor. Ao transpor para língua francesa uma peça do dramaturgo inglês, leva em conta o contexto e a forma para melhor compreensão do público.

Além dos temas relacionados à literatura de modo geral, também são freqüentes as passagens inseridas em meio aos comentários sobre a vida cotidiana. Em janeiro de 1763, ao reclamar a Gabriel Le Bault da má qualidade do vinho recebido, lemos:

À l´égard de l´autre vin, j´avoue qu ´il ne ressemble pas aux lis de France qui ne travaillent ni ne filent; mais je crois que c´est de ma faute de l´avoir laissé un peu exposé dans la petite ville de Nyon, au pays de Vaux, où on me l´avait adressé. [D10909].

Alude a São Mateus VI, 28: "Pourquoi aussi vous inquiétez-vous pour le vêtement? Considérez comment croissent les lis des champs; ils ne travaillent point, ils ne filent point."

Na seqüência dessa passagem do Sermão da montanha, Jesus discorre sobre a inutilidade de nos preocuparmos com as necessidades materiais, pois Deus vestiu esplendidamente simples plantas: muito mais cuidado teria com os homens. Aproveitando a polissemia do verbo "filer" que significa "transformer en fil" e "couler lentement sans que les gouttes se séparent", Voltaire emprega o versículo em contexto banal. Essas linhas ilustram como as reminiscências de suas leituras da Bíblia afluíam sob sua pena com espontaneidade.

Metáforas e comparações

Comentamos anteriormente a diferença do emprego da comparação e da metáfora[143] segundo o filósofo. Aquela serve ao espírito, enquanto esta pertence à paixão. José-Michel

---

[142] "Dans le Notre Père, d´après l´Évangile selon Saint Mattieu, VII, 12. Traduction: *Remettez-nous nos péchés* (au sens propre, *remettez-nous nos dettes*)". Voltaire. *Correspondance*. Paris: Gallimard, 1980, t. VI,

Moureaux, que tão bem analisou o papel das metáforas na correspondência de Voltaire, evoca uma fala de Saint-Preux:

"Pour peu qu ´on ait de chaleur dans l ´esprit, on a besoin de métaphores et d´expressions figurées pour se faire entendre"[144]. Moureaux ressalta que esse "calor no espírito", esses "impulsos da paixão" são, no caso do patriarca de Ferney, seu ódio pela "infâme", sua convicção de que é possível vencê-la, seu proselitismo para persuadir os "irmãos" e seu desejo ardente de encorajar e coordenar a ação militante[145]. Antes, porém, de analisarmos as metáforas, veremos alguns exemplos de comparações.

Em janeiro de 1765, as *Lettres écrites de la montagne* reacendem a polêmica entre Rousseau e o patriarca. Em carta ao Marquês de Fraigne, após um comentário sobre a política de Genebra, Voltaire alude a conhecida passagem do livro de Josué VI, 1-6:

> C ´est Rousseau qui a fait tout ce tapage. Il trouve plaisant, du haut de sa montagne, de bouleverser une ville, comme la trompette du Seigneur qui renversa les murs de Jéricho. [D12348].

Tanto o filósofo quanto seus interlocutores são comparados a personagens bíblicas. Aos amigos d´Argental, escreve:

> Le grand docteur Tronchin lui couvre les yeux d´une pommade adoucissante, où il entre du sublime corrosif. Jésus-Christ ne se servait que de boue et de crachat, en criant effetta, mais les arts se perfectionnent [...]. [D11678].

Referência irônica ao Evangelho de São Marcos VII, 33, 34:

> Alors Jésus le tirant de la foule, et le prenant à part, lui mis ses doigts dans les oreilles, et de sa salive sur la langue; Et levant les yeux au ciel, il jeta un soupir, et lui dit: Ephphetha, c´est-à-dire: Ouvrez-vous.

Os milagres operados pelas mãos de Jesus situam-se em um plano inferior à competência do médico suíço. Este utiliza uma técnica científica, enquanto aquele se aproximaria mais de uma magia, pois bastaria pronunciar *Ephphetha*. As expressões "boue" (barro) e "crachat" (cuspe) depreciam os meios empregados pelo Messias. Acresce-se, ainda, o uso do verbo "crier" em vez de "dire". Essas modificações provocam a dessacralização da mensagem cristã e a inserem numa órbita mais próxima do destinatário, tornando a Bíblia "um livro" e não "o livro".

---

p. 1542.

[143] V. "O melhor aluno dos jesuítas", p. 80.

[144] ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Nouvelle Heloïse*. Paris: Garnier, 1960, 2ª parte, p. 217.

Ocorre, às vezes, uma analogia inspirada somente pela profissão. É o caso da carta endereçada a Damilaville: "Il est philosophe, et il sait que vous l´êtes. Nous sommes tous frères; saint Luc était le médecin des apôtres, et Tronchin est le nôtre." [D12432]. Referindo-se a Helvétius, afirma: "[...] un philosophe estimable qui (à l´exemple de saint Matthieu) a quitté la finance pour suivre la vérité." [D7912]. O autor de *De l´Esprit* abandonou o serviço de impostos e dedicou-se à filosofia, à semelhança de Mateus, que deixou uma função análoga para seguir Jesus Cristo.

No ano de 1764, em carta a d´Argental, conta-lhe da visita a Ferney de Claude-Étienne Corneille, sobrinho do dramaturgo. Enfatizando a pobreza do rapaz, compara-o a Lázaro: "Le pauvre diable, enfin, arrive mourrant de faim, et ressemblant au Lazare ou à moi." [D11078].

O patriarca costumava comparar-se com Tobias nos períodos de inflamação nos olhos: "Je n´ai pas l ´honneur de vous répondre de ma main, parce que je deviens aveugle comme le vieux Tobie. [...]" [D11659], (v. Tobias XI, 8); nota-se como essa comparação serve a seu propósito de auto-representação de um homem velho, doente, debilitado, cego e portanto inofensivo. Em carta ao Marquês Capacelli de 1764, lemos:

> Vous voulez donc, Monsieur, que les aveugles vous écrivent; mais Tirésie, et le vieux bonhomme Tobie écrivaient-ils? que pouvaient-ils mander, que pouvaient-ils dire? Les pauvres diables étaient sûrement bien empêchés. Quand Tobie aurait écrit trois ou quatre fois à un sénateur de Babylone qu ´une hirondelle lui avait chié dans les yeux, pensez-vous que le sénateur eût bien réjoui des bavarderies de Tobie? [D11638].

Seria pouco falar em tom insolente do filósofo nesse trecho, pois se trata de verdadeiro aviltamento das Escrituras. Os adjetivos "vieux bonhomme", maneira familiar e condescendente de referir-se ao patriarca, retiram-lhe qualquer aura de sagrado. A expressão "pauvres diables" ressalta a superioridade do missivista e do interlocutor. Por fim a frase "[...] qu´une hirondelle lui avait chié[146] dans les yeux" e o vocábulo "bavarderies[147]" (tagarelices) cravam uma flecha venenosa na personagem.

Amiúde, Voltaire menciona, em uma mesma missiva, uma passagem das Escrituras, um verso de um autor latino e uma personagem mitológica (vimos acima Tirésias e

---

[145] Cf. MOUREAUX, José-Michel. Op. cit., p. 162.
[146] "Chier: 1º se décharger le ventre des excréments."
[147] Na carta [D11691], endereçada a Richelieu, o filósofo também emprega o vocábulo "bavarderie", segundo nota da "Pléiade", trata-se de uma palavra possivelmente inventada por Voltaire. v. *Correspondance*, Tome VII, p. 1333.

Tobias). O efeito é notável pela adequação dessas citações às questões abordadas. Um bom exemplo encontra-se na carta a Formey [D11911], na qual evoca o Eclesiastes III, 22, cita um verso da *Arte Poética* de Horácio e, antes de se despedir, compara-se a Tirésias.

Em carta aos d´Argental de agosto de 1762, acena ao profeta Elias por meio de uma metáfora a fim de elogiar o advogado de Calas. Ao mesmo tempo alude ao arcebispo de Paris (Élie) Christophe de Beaumont: "Je prie mes anges de vouloir bien dire à Élie le moderne que je le préfère à l´Élie l´évêque de Jérusalem l´infâme, et à l´Élie évêque de Paris la folle". [D10630]

A maneira lúdica como as citações incorporaram-se ao discurso voltairiano marca a distância entre o filósofo e o livro sagrado. Notamos, por exemplo, como Voltaire joga com os nomes próprios ("Tobie" e "Élie"). Em carta já citada sobre o decreto de 7 de março de 1763 que aprovou a apelação do julgamento do Parlamento Toulouse, destila seu fel contra o chefe da polícia e a personagem bíblica, e ataca *en passant* um livreiro com o mesmo nome:

> Cet arrêt qui est déjà la justification des Calas; cette joie du public; et ce cri unanime contre le capitoul David. Tous ces David me déplaisent, à commencer par le roi David, et à finir par David le libraire. [D11116].

Uma outra analogia entre o advogado Élie de Beaumont e o profeta Elias que desafiou os padres de Baal (Reis XVIII, 21-40) encerra um elogio ao magistrado:

> J´attends la prophétie d´Élie Beaumont que fera condamner les juges iniques comme l´autre Élie fit condamner les prêtres de Baal. Nous prions, mon cher frère, de dire au second Élie que cent mille hommes le loueront, le béniront et le remercieront. [D10698].

Alude, sabemos, ao primeiro memorial de Élie de Beaumont a favor de Calas. Ressalta-se a necessidade de instilar ânimo no magistrado, daí a hipérbole empregada. Em "cent mille hommes le loueront, le béniront et le remercieront", há uma reminiscência do Novo Testamento, notadamente dos Atos dos Apóstolos (IV, 4, entre outros) no qual se fala em milhares de convertidos.

Ainda, na mesma missiva, para manifestar o desejo de ver o *Testament de Jean Melier* bem difundido, faz outra comparação baseada nos evangelhos (v. São Mateus XIV, 13-21; São Marcos VI,41; São Marcos IX, 12-13; São João VI, 1-13):

> Je désire chrétiennement que le testament du curé se multiplie comme les cinq pains, et nourrisse les âmes de quatre à cinq mille hommes; car j´ai plus que jamais l´infâme en horreur, et j´aime plus que jamais mon frère.

Voltaire reescreve o versículo de Mateus VI, 10: “ Que votre règne arrive. Que votre volonté soit faite sur la terre comme au ciel”. Nas cartas, temos: “Répondez à ce dilemme je vous en défie; au reste votre volonté soit faite en la terre comme au ciel” [D11653] e “ Cependant j´en reviens toujours à mon grand principe que la volonté de mes anges soit faite au tripot[148] comme au ciel.” [D11678].

Nesses exemplos, fica clara a intenção de situar o livro milenar e sagrado de seus adversários em um patamar equivalente ou inferior ao de outras obras literárias - procedimento habitual em seus textos destinados à publicação. Nas cartas, porém, nem sempre reconhecemos facilmente as alusões e as citações, pois há centenas de passagens incompreensíveis para um leitor não erudito, dificultando-se, dessa forma, a percepção do efeito crítico, jocoso, laudatório e às vezes lírico que delas dimana. Nesses casos, o filósofo contava com a cumplicidade do interlocutor que partilhava com ele da mesma cultura.

São Paulo e São João Batista

A partir de 1760, aproximadamente, a luta contra a “infâme” assume maior espaço na carreira do autor, não surpreendendo, portanto, que as referências ao livro sagrado judaico-cristão compareçam com assiduidade em suas cartas, de resto mais numerosas que em outros períodos pelo motivo, já apontado, da longa distância entre Ferney e Paris.

Esclarecemos de antemão que ironia, sarcasmo e cinismo continuam presentes em suas missivas. A Bíblia, todavia, além de objeto dos comentários cáusticos do filósofo, inspira todo um discurso próprio ao período no qual Voltaire se empenhou na campanha contra a superstição e pela reabilitação de Jean Calas. Nessa elocução particular, as metáforas destacam-se – servindo com mais eficácia ao seu propósito de comover e aliciar os confrades do pequeno rebanho.

Observemos este segmento:

> Mon cher philosophe, le pauvre quinze-vingts V. vous souhaite santé et joie, supposé qu ´il y ait joie à Genève. Quand vous aurez un moment de loisir tâchez de venir voir des papistes qui vous aiment bien tendrement, et qui font le même cas que vous de l ´homme au grand nez, au front chauve et aux jambes torses. [D10603].

[148] “Tripot” (“enclos aménagé pour le jeu de paume”) designa o teatro.

O emprego de uma perífrase pejorativa para designar São Paulo[149] e outras personagens bíblicas consiste em uma manobra iconoclasta freqüente na correspondência de Voltaire. Há, no entanto, momentos em que o filósofo erige como modelo esse mesmo apóstolo que ridicularizou. A passagem seguinte, também endereçada a Moultou, elucida nossa afirmação:

> Vraiment, mon cher philosophe, vous rendrez un grand service à la raison. Faites ces trois articles. Imitez et surpassez cet homme au nez aquilin qui, ayant secoué la poussière de la synagogue, jeta les fondements d´une loi nouvelle. Jetez les fondements de la raison, soyez-en l´apôtre. Allez, allez, ils sont tous morts dans leur lit. [D11608].

São Paulo, antes de se converter, ajudou a lapidar São Estevão, o primeiro mártir. Considerado apóstolo dos pagãos, sua evangelização pelo mundo teve importância decisiva para consolidar a palavra de Cristo. Pregava nas sinagogas em Jerusalém, daí a afirmação: "[...] qui, ayant secoué la poussière de la synagogue, jeta les fondements d´une loi nouvelle."

Do emprego dos verbos no imperativo "faites", "imitez", "surpassez", "jetez", "soyez" e "allez", infere-se o tom de chamado à missão. Clama ao pastor "imitar" e "superar" o servidor de Cristo. A despeito da evidente ironia do vocábulo "imitez" e da perífrase desrespeitosa "cet homme au nez aquilin", sugere um protótipo a seu interlocutor. Assim como São Paulo distinguiu-se como um dos fundadores da igreja primitiva, ao pastor Moultou caberia, juntamente com os filósofos, a edificação da anti-igreja.

A presença de São Paulo nas cartas de Voltaire ora repercute como alvo de invectivas, ora como paradigma de missionário incansável. Em missiva a d´Alembert, saúda-o " Mon cher Paul de la philosophie" [D11695]. Sobre Rousseau, afirma : "il eût été un Paul s´il n´avait pas mieux aimé être un Judas" [D10755].

Além de São Paulo, o filósofo evocou São João Batista. Atentemos a seguinte passagem de Marcos I, 3-4 (v. Isaías, XL, 3; Mateus III, 3 e Lucas III, 4):

---

[149] No *Dictionnaire Philosophique* de Voltaire, verifica-se a única fonte que descobrimos sobre a origem dessa descrição. No verbete "Paul", lemos: "Jérôme, Cyprien, en réfutant la fable du lion baptisé par sainte Thécle, affirment la vérité de ces Actes. C ´est là que se trouve un portrait de saint-Paul qui est assez singulier: "Il était gros, court, large d´épaules; ses sourcis noirs se joignaient sur son nez aquilin, ses jambes étaient crochues, sa tête chauve, et il était rempli de la grâce du Seigneur." . Op. cit, p. 309.

On entendra dans le désert la voix de celui qui crie: Préparez la voie du Seigneur, rendez droits ses sentiers. Jean était dans le désert, baptisant et prêchant le baptême de pénitence pour la rémission des péchés.

Nosso autor felicita Élie de Beaumont pela petição a favor de Jean Calas de forma elegante:

Monsieur,

Jusqu´à présent il ne s´était trouvé qu ´une voix dans le désert qui avait crié *parate vias domini*[150]. Votre mémoire est assurément l´ouvrage du maître; je ne sais rien de si convainquant et de si touchant. Mon indignation contre l ´arrêt de Toulouse en a redoublé, et mes larmes ont recommencé à couler. [D10721].

Nenhuma nuança mordaz nessa menção do evangelho. Ao contrário, a evocação da imagem bíblica sublinha a importância do documento assinado, o "primeiro" digno de nota. O filósofo emprega essa mesma passagem para falar de si mesmo. Mas, dessa vez, o tom de galhofa vem à tona:

Je ressemble à saint Jean comme deux gouttes d´eau; il s´appelait la voix qui crie dans le désert, et vous savez que les voix de ces braillards des déserts ne sont guère entendues dans les villes. [D11856].

São João Batista, tratado com desdém, se situa não mais no plano mítico ou histórico, mas no humano. Por meio da frase: "je ressemble à saint Jean comme deux gouttes d´eau", nivela-se por baixo, sobretudo quando seguida do substantivo "braillards" ("brailler": "crier" fort, parler ou chanter de façon assourdissante et ridicule"). O escárnio decorre da banalização dos versículos, empregados aqui para enfatizar as dificuldades com o círculo parisiense.

Luz e verdade

Uma imagem corrente nas missivas inspira-se no Sermão da montanha, Mateus V 14, 15:

Vous êtes la lumière du monde. Une ville située sur une montagne ne peut être cachée. Et on n ´allume point une lampe pour mettre sous le boisseau; mais on la met sur un chandelier, afin qu´elle éclaire tous ceux qui sont dans la maison.

[150] Tradução: "Preparai o caminho do senhor".

Com essas palavras, Jesus exorta os apóstolos a manter a fé e a testemunhar a palavra de Deus por meio da ação constante. Sob a pena de Voltaire, a "lampe" pode ser um libelo como na carta a Damilaville de 1763:

> Voici deux Meslier que je hasarde sous l´enveloppe de M. Courteilles et de M. d´Argental. Envoyez-en donc un à M. le comte de Bruc notre adepte, chez M. le marquis de Rosmadeck, rue de Sèvres. Il ne faut pas mettre la chandelle sous le boisseau. [D11267].

Pode também se referir ao partido dos filósofos: "Que vous êtes tièdes à Paris! Vous laissez la lumière sur le boisseau." [D10581].

Tanto nos evangelhos quanto nas missivas, essa metáfora sublinha que não se deve esconder a verdade- vocábulo de relevo no Novo Testamento que Voltaire incorporou às suas cartas "[...] embrassez pour moi les frères, je vous salue tous dans le saint amour de la vérité." [D12536].

Mencionamos anteriormente a fortuna da expressão "lumière"[151] na obra de Voltaire. De fato, essa palavra – designando razão e inteligência - emerge das missivas por meio de hipérboles que lhe realçam o sentido. Por exemplo, dirigindo-se a Marmontel, temos:

> Faites mes compliments à tous nos frères qui composent le *pusillum gregem*[152]. Que nos frères s´unissent pour rendre les hommes les moins déraisonnables qu´ils pourront; qu´ils tâchent d´éclairer jusqu´aux hiboux, malgré leur haine pour la lumière. Vous serez bénis de Dieu et des sages. [D11667].

Reconhecemos a célebre metáfora "pequeno rebanho" do Novo Testamento (v. Lucas XII, 32). Nessa carta, a imagem bíblica, destacada na frase pela língua latina, salienta o número reduzido de filósofos[153]. O verbo "éclairer" e o substantivo "lumière" denotam o gosto do patriarca pelas palavras do campo semântico da claridade em oposição às trevas. O vocábulo "hiboux" remete-nos aos inimigos da boa causa: religiosos fanáticos, jesuítas, jansenístas, "Welches", parlamentares irredutíveis, polícia política, enfim, todos os seguimentos da sociedade francesa e européia que reprimiam a liberdade ou favoreciam a manifestação do fanatismo.

---

[151] V. capítulo "Voltaire Advogado", p. 71.
[152] "pequeno rebanho".
[153] "[...] on peut voir là une sorte de métaphore au seconde degré, car ce qui était déjà métaphore dans la bouche du Christ considérant la poigée de ses disciples comme un petit troupeau dont il serait le pasteur le devient bien plus encore sous la plume du Voltaire désignant le petit nombre actuel des philosophes par la figure du petit troupeau évangélique. " José-Michel MOUREAUX op.cit. p. 161.

Nos Atos dos Apóstolos IX, 18 o judeu Saulo viaja a caminho de Damas, quando uma luz súbita aparece. Nesse momento, converte-se e assume o nome de Paulo:

> Aussitôt il tomba de ses yeux comme des écailles, et il reprit des forces, et il demeura durant quelques jours avec les disciples qui étaient à Damas.

Voltaire aproveita esse versículo para comentar as notícias auspiciosas sobre o affaire Calas:

> Les exemplaires de la *Tolérance* se sont répandus dans les provinces, où l´on était bien sot. Les écailles tombent des yeux, le régne de la vérité est proche. Mes anges bénissons Dieu. [D11930].

François Bessire aponta as dificuldades de estudar a presença da Bíblia na correspondência de Voltaire, pois às vezes essa referência se dá de forma discreta, por meio de uma palavra ou frase pouco conhecida para leitores sem uma longa convivência com as Escrituras. A alusão só se compreenderia pelo contexto. Remetemo-nos, para ilustrar, à frase já citada (v. "O partido dos filósofos"): "Écrasez tous l ´infâme sans qu´elle puisse vous piquer au talon" [D10515], insinua-se aqui uma passagem do primeiro livro do Pentateuco. Após amaldiçoar a serpente por ter enganado Eva: "[...] tu es maudit entre tous les animaux et toutes les bêtes de la terre [...]" (Gênesis III,14), Deus anuncia-lhe : "Je mettrai une inimitié entre toi et la femme, entre sa race et la tienne. Elle te brisera la tête, et tu tâcheras de la mordre par le talon." (Gênesis III,15).

A outra ponta da Bíblia inspira o emprego da palavra "tiède", muito freqüente nas missivas. No terceiro capítulo do Apocalipse, entre as advertências endereçadas às igrejas, lemos no versículo 16: "Mais parce que vous êtes tiède, et que vous n ´êtes ni froid ni chaud, je suis prêt à vomir de ma bouche." A expressão "tiède" aparece nas cartas muitas vezes sem nehuma referência à fonte e traduz o desânimo dos "irmãos". Para Damilaville escreve em 1764:

> Je ne peux plus que faire des voeux pour la tolérance. Il me paraît qu ´il n ´y en a plus guère dans le monde. Les ennemis sont ardents, et les fidèles sont tièdes. Je recommande notre petit troupeau à vos soins paternels. [D11651].

Constata-se que o vocábulo “tiède”, ao lado de “ardents”, “fidèle” e “petit troupeau”, integra o vocabulário bíblico. Para Bessire: “L´adjectif ‘tiède’[154] se trouve ainsi intégré dans un réseau d´allusions voire de parodies bibliques qui souligne son origine.”[155]

A missão de evangelizar é reservada a uma elite. Esse é um dos pontos que julgamos mais fecundos da relação do Novo Testamento com a causa abraçada pelos filósofos. Homens iluminados colocam o talento, a carreira, as obras em prol do objetivo comum. Diversas expressões ao longo das cartas explicitam que a decisão, as leis e a orientação do Estado cabem a uma ínfima parte da sociedade. A aposta de Voltaire no advento da Razão manifesta-se nos trechos seguintes endereçados a Turgot e a d´Alembert respectivamente: “ Il n ´y a, Monsieur, que les philophoses qui aient un coeur, et je crois qu ´il faut dire que les peuples ne seront heureux que quand ils auront des philosophes pour intendants.” [D11718], “Les premières places seront un jour occupées par des philosophes; le règne de la raison se prépare il ne tient qu´à vous d´avancer ces beaux jours, et de faire mûrir les fruits des arbres que vous avez plantés.” [D11738].

A exortação ao trabalho apostólico na Bíblia se expressa com freqüência pela frase “il faut cultiver la vigne du Seigneur”; basta nos reportarmos às parábolas “os operários da vinha” Mateus XX, 1-8; “ os dois irmãos” Mateus XXI, 28-31 e “lavradores homicidas” Mateus XXI 33-4. Em diversas cartas, Voltaire transforma esse versículo em *leitmotiv*, harmonizando-o à sua campanha (v. [D11060], [D11477], [D11069],[D11487] entre outras). A Damilaville escreve em janeiro de 1764:

> Frère Helvétius est-il à Paris? Tâchez d´avoir quelque chose d´édifiant à me dire touchant le petit troupeau. Cultivez la vigne, mon cher frère et écr[asez] l´inf[âme].

O filósofo formula uma saudação unindo a metáfora bíblica ao seu célebre acrônimo “écras l´inf”. Também em carta a d´Alembert, despede-se “[...] travaillez donc à la vigne, écrasez l ´infâme.” [D11695].

No próximo segmento, refere-se ao *Sermon des cinquante* e ao *Testament de Jean Meslier*. Neste trecho, alia a metáfora bíblica à expressão “quoi qu´on en dise”, uma reminiscência da comédia *Les femmes savantes* de Molière, conforme vimos: “On demande

---

[154] V. [D10515] e [D12411] no capítulo “Partido dos filósofos” e [D10538] no capítulo “Estratégia (nos bastidores de Ferney)”.
[155] BESSIRE, op.cit, p.16.

dans les provinces des sermons et des Meslier: la vigne ne laisse pas de se cultiver quoi qu´on en dise.” [D11069].

Em 1763, escreve a Helvétius:

> On fait ce qu´on peut de son côté pour la culture de la vigne du Seigneur, et on a lieu de bénir la Providence qui a fait dans nos cantons un nombre prodigieux de conversions. On ne parle plus de l´infâme qu´avec le dernier mépris, et souvent avec horreur. [D11322].

Não seria exagero apontar um jesuíta como autor dessas linhas, se lidas fora de contexto. O substantivo “infâme” indicaria alguma obra herege. Expressões correntes do vocabulário bíblico como “la vigne du Seigneur”, “bénir la Providence” e “conversions” conservam, aparentemente, seu significado original. Comprova-se, mais uma vez, a plasticidade de Voltaire para escrever no estilo e gênero que lhe aprouvesse.

Ainda quanto às semelhanças entre a mensagem do Novo testamento e as idéias defendidas pelos iluministas, apontamos o papel atribuído à instrução: “Il faut venir au secours de la sainte vérité qu´on attaque de toutes parts. Engagez vos frères à prêter continuellement leur plume et leur voix à la défense du dépot sacré.”[D10323].

A vontade de agir sobre o outro, com clara relação de hierarquia, caracteriza tanto a igreja de Cristo quanto a anti-igreja voltairiana, bastando, para tanto, atentarmos ao papel reservado à retórica. Não se convencia pela força ou pelo autoritarismo[156], mas pela difusão da palavra (oral ou escrita), veículo tanto de parábolas quanto de facécias.

Seria ocioso discorrer sobre os contrastes entre o pequeno rebanho de filósofos e os seguidores de Jesus Cristo. Mas vale assinalar uma diferença de base. O filho de Deus exigia dedicação completa, humildade e renúncia aos bens. Seus discípulos não deveriam se preocupar com a morte, pois os justos usufruiriam da vida eterna. Na batalha voltairiana, por seu turno, seria necessária dedicação, mas não a anulação de si em nome da causa. Esboçamos essa questão no capítulo “O partido dos filósofos” quando comentamos a importância da clandestinidade. De fato, negar a paternidade das obras e inventar pseudônimos eram práticas incentivadas pelo “general” de Ferney. Essa idéia explicita-se no trecho seguinte escrito a Damilaville em julho de 1764:

---

[156] A passagem de Lucas XIV, 23 justificou muitas perseguições por parte dos católicos. Esse trecho foi analisado por Pierre Bayle em seu Livro *De la tolérance: commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ “contrains-les-d´entrer”*, obra que abordaremos na segunda parte da tese.

Je vous demande en grâce de confondre tout barbare et tout faux frère qui pourrait soupçonner d´avoir mis la main à ce saint oeuvre. Je veux le bien de l´Église; mais je renonce de tout mon coeur au martyre et à la gloire. Sachez que Dieu bénit notre Église naissante. Trois cent *Meslier* distribués dans une province ont opéré beaucoup de conversions. Ah! si j ´étais secondé! Mais les frères sont tièdes, les frères ne sont pas rassemblés. [D11975].

A "saint-oeuvre" em questão é o *Testament de Jean Meslier*. A "Église" da qual Voltaire lançou os fundamentos exige árduo labor, por isso repreende a atitude "morna" dos "irmãos". A igreja da Razão, porém, dispensa sacrifícios e mártires. Transmitia-se a mensagem pelo texto escrito anônimo. Este seria tão poderoso como instrumento de influência quanto a peregrinação dos apóstolos entre os povos. Na frase "Trois cent Meslier distribués dans une province ont opéré beaucoup de conversions", nota-se possível reminiscência dos Atos dos Apóstolos, II. Nesse capítulo, Pedro faz um sermão aos judeus em Jerusalém e três mil homens são convertidos.

A recusa em deixar tudo em segundo plano para servir à causa também fica clara em carta a Helvétius: "Si vous n´aviez pas été mari et père, je vous aurais dit *vende omnia quae habes et sequere me*"[157].[D11418].

Cita Mateus XIX, 21: nesse evangelho, um jovem de posses aproxima-se de Cristo e pergunta como poderia alcançar o reino dos céus; Jesus responde-lhe que deveria abandonar tudo, família e bens para segui-lo, atitude rejeitada por Voltaire.

A renúncia ao "martírio" e à glória" vai de par com decisão de não se comprometer. Essa opção estratégica expressa-se pelo viés de uma alusão a Mateus X, 16: " Je vous envoie comme des brebis au milieu des loups. Soyez donc prudents comme des serpents, et simples comme des colombes". Em carta já citada a Damilaville, de 1764, lemos: "Les chers frères ont la force des lions quand ils écrivent, mais il faut qu ´ils aient la prudence des serpents quand ils agissent." [D11909].

Essas linhas reiteram a importância do trabalho obstinado e subterrâneo inerente a um grupo que se insurge contra o poder. De fato, se Voltaire pleiteava o fim da tortura, da intolerância e dos limites à liberdade de expressão, o efeito de seus escritos excedeu em muito essas reivindicações. O filósofo, *malgré lui*, ao lançar as bases da igreja da Razão,

[157] Esse versículo traduz-se: "Vends tous ce que tu possèdes et suis-moi".

explodia os corroídos alicerces do Antigo Regime (monarquia absolutista, nobreza e catolicismo).[158]

François Bessire classificou algumas cartas de Voltaire como epístolas, pois apresentam um conjunto de características que nos remetem às cartas dos apóstolos aos primeiros cristãos. Bessire assinala, por exemplo, a solicitação de preces: "on se recommande à mon cher frère et aux salutations de tous les frères" [D11509], "Recommandez-moi aux prières des fidèles" [D116509], "Je vous prie, Madame, de me recommender aux prières de frères. Je prie Dieu continuellement pour eux comme pour vous, et pour la propagation du saint Évangile." [D12102].

A maneira do apóstolo Paulo, ainda segundo Bessire, Voltaire encorajava os "irmãos": "Soyez hardis et fermes" [D10207] remete-nos à Primeira carta de São Paulo aos Coríntios XVI,13: "Soyez vigilants, demeurez fermes dans la foi [...]."

À semelhança da igreja primitiva, a igreja da razão cultua os santos e os patriarcas:

> Adressons nos communes prières à saint Zéno, saint Épicure, saint Marc Antonin, saint Épictète, saint Bayle, et à tous les saints de notre paradis. Je vous embrasse bien tendrement. Frère V. [D11881].

François Bessire explica que a utilização de "formas primitivas de correspondência" por Voltaire consiste em mais uma forma de divertir ou seduzir o interlocutor, o que – além de mostrar sua versatilidade- revela seu interesse pelo gênero epistolar.[159]

O Evangelho de Voltaire

O fato de o filósofo estigmatizar a Bíblia não o impediu de tecer, a partir dela, verdadeiras homilias que conotam emoção à flor da pele. Se o distanciamento em relação às Escrituras consiste em sua atitude mais recorrente, algumas vezes também consegue influenciar seus leitores por meio de um manejo engenhoso, criando uma alocução original e de forte conteúdo poético. É nessa perspectiva que fizemos a leitura da carta de 1º de março de 1765, endereçada a Damilaville. Trata-se de um belíssimo testemunho de Voltaire, no affaire Calas, relatando os motivos que o levaram a deixar em segundo plano

---

[158] Diego VENTURINO em seu artigo "Histoire et politique: quelques réflexions autour de l´Histoire du Parlement de Paris", observa: " En fait, Voltaire est un faux dévot. Apparemment il entre dans les temples de la tradition historique en fidèle, mais en réalité il en sape les fondations." In: *VC*, pp. 1371.

suas peças de teatro, a revisão de suas obras, o convívio com os amigos, sua lavoura e o cultivo de seu jardim.

Em virtude de seu caráter instrucional e do fato de o autor destiná-la à publicação, consideramos um libelo por excelência, um sucedâneo da epístola. Voltaire dirige-se a Damilaville que supostamente o questionou sobre o porquê do seu envolvimento nos processos Calas e Sirven.

Premier mars 1765, au château de Ferney.

J´ai dévoré, mon cher ami, le nouveau mémoire de M. de Beaumont sur l´innocence des Calas; je l ´ai admiré, j´ai répandu des larmes, mais il ne m´a rien appris; il y a longtemps que j´étais convaincu, et j´avais eu le bonheur de fournir les premières preuves.

Vous voulez savoir comment cette réclamation de toute l´Europe contre le meurtre juridique du malheureux Calas, roué à Toulouse, a pu venir d ´un petit coin de terre ignoré, entre les Alpes et le mont Jura, à cent lieues du théâtre où se passa cette scène épouvantable.

Rien ne fera peut-être mieux voir la chaîne insensible qui lie tous les événements de ce malheureux monde.

Sur la fin de mars 1762, un voyageur qui avait passé par le Languedoc, et qui vint dans ma retraite à deux lieus de Genève, m´apprit le supplice de Calas, et m´assura qu ´il était innocent. Je lui répondis que son crime n ´était pas vraisemblable, mais qu ´il était moins vraisemblable encore que des juges eussent sans aucun intérêt fait périr un innocent par le supplice de la roue.

Desde o início de sua resposta, percebe-se que o autor reduz sua condição, pois fala de si como de alguém incógnito, vivendo em localidade pouco conhecida. Para acentuar a escassa importância da cidade onde residia, em vez de nomeá-la, emprega uma perífrase "[...] un petit coin de terre ignoré, entre les Alpes et le mont Jura [...]."

A frase que medeia o prelúdio da narração "Rien [...] monde" traduz um sentimento do absurdo *avant la lettre*, pois entre reconhecer a "chaîne insensible" da vida humana e assumir o sem sentido da existência há um curto intervalo. Seu pessimismo, no entanto, não inibiu uma atitude enérgica, o trecho seguinte é contundente:

[...] Mais quel fut mon étonnement, lorsque ayant écrit en Languedoc, sur cette étrange aventure, catholiques et protestants me répondirent qu ´il ne fallait pas douter du crime des Calas. Je ne me rebutai point. Je pris la liberté d´écrire à ceux mêmes qui avaient gouverné la province, à des commandants de provinces voisines, à des ministres d´État; tous me conseillèrent unanimement de ne me point mêler d´une si mauvaise affaire; tout le monde me condamna, et je persistai: voici le parti que je pris.

---

[159] Cf. op. cit., p.186.

A afirmação categórica “tous me conseillèrent unanimement de ne me point mêler d´une si mauvaise affaire” remete à idéia de que cabe à instituição competente o zelo pela justiça, um poeta não deveria envolver-se em domínio alheio. O trabalho do escritor consistiria em escrever obras para o deleite dos contemporâneos, da mesma forma as decisões políticas pertenciam à esfera do Rei e seus ministros. Voltaire coloca-se na contra-mão dessa visão de mundo, mas sem afrontar seus defensores; ao contrário, situa-se, fiel a seu artifício de boa vizinhança, como um súdito leal e devoto.

Apesar de tentarem dissuadi-lo, persiste e intromete-se em um assunto que não lhe diz respeito – age, compromete-se, coloca à prova seu “status”, arrisca sua celebridade. Essa representação de escritor destemido colide com a já mencionada prudência – ponto chave de sua estratégia. Não se trata de contradição do autor, mas de uma calculada manobra para sensibilizar cidadãos de diferentes procedências. Ao escrever essa missiva, tinha em mente seus virtuais leitores, muitos deles católicos fervorosos. Por isso, embora desfira golpes violentos na superstição e no fanatismo, evita empregar o acrônimo: “écr[asez] l´inf[âme]” – marca registrada de suas cartas a Damilaville. No bilhete que acompanha esse libelo, porém, escreve ao funcionário do correio:

> Mon cher philosophe, peut-être la lettre que je vous envoie sur les Calas et sur les Sirven fera quelque effet sur les bonnes âmes. [...]
>
> Mon regret en mourant sera de n ´avoir pu crier avec vous dans un souper Écr[asez] l´inf[âme] !

Na seqüência da missiva-libelo, Voltaire retoma os momentos cruciais do processo, concluindo que pela primeira vez os sábios subjugaram os fanáticos. A reabilitação de Calas, todavia, não o tranqüilizou, pois o Parlamento de Toulouse estava prestes a protagonizar mais um escândalo jurídico. O filósofo aguardou estrategicamente o desfecho do affaire Calas para divulgá-lo, impedindo, assim, que um processo atrapalhasse o andamento do outro. Contando com a iminente vitória da sua causa, resolve tornar público o drama dos Sirven.

Pierre-Paul Sirven era agrimensor e especialista em direito feudal (“feudiste”).Vivia em Castres, perto de Toulouse, com a mulher e três filhas. Em 1760, a caçula Élisabeth foge para um convento, pois pretendia se converter. Após alguns meses, obrigam-na a voltar à casa dos pais devido a um desequilíbrio mental.

Élisabeth desaparece em 15 de dezembro de 1761. Encontram seu corpo, quinze dias mais tarde, afogado em um poço. Ao cabo de um inquérito tendencioso, o investigador decreta a prisão dos Sirven em janeiro de 1762, pouco mais de três meses depois do suplício de Jean Calas. O agrimensor, amedrontado, consegue partir com a família para a Suíça. A fuga aumenta as suspeitas e, em março de 1764, o casal de protestantes é condenado à forca e as duas filhas ao banimento, após assistirem à execução dos pais.

Graças ao empenho de Voltaire, Élie de Beaumont aceita defender a família Sirven. Mas o Conselho do rei rejeitou o recurso impetrado pelo advogado em dezembro de 1766 e somente depois de inúmeros percalços, a família Sirven foi inocentada pelo Parlamento de Toulouse em 1771.

Após resumir o processo Sirven na carta-libelo, Voltaire acrescenta:

> [...] Ces deux événements tragiques arrivés coup sur coup, ne sont-ils pas, mon ami, des preuves de cette fatalité inévitable à laquelle notre misérable espèce est soumise? Vérité terrible, tant enseignée dans Homère et dans Sophocle; mais vérité utile, puisqu´elle nous apprend à nous résigner et à savoir souffrir.

Nessa digressão, lêem-se em filigrana os conceitos de *moira* (destino) e *ananké* (necessidade), segundo os quais o homem nada podia contra o que lhe está predestinado, não havendo, portanto, para os gregos, nenhuma esperança na redenção. Mais uma vez o sentimento do absurdo emerge revelando a amargura que às vezes assaltava o filósofo. Na seqüência da carta, paradoxalmente, esse halo pessimista cede espaço à crença na ação:

> Vous dirai-je que tandis que le désastre étonnant des Calas et des Sirven affligeait ma sensibilité, un homme dont vous devinerez l´état à ses discours, me reprocha l´intérêt que je prenais à deux familles qui m ´étaient étrangères! “De quoi vous mêlez-vous? Me dit-il; laissez les morts ensevelir leurs morts”. Je lui répondis: J´ai trouvé dans mes déserts l ´Israélite baigné dans son sang; souffrez que je répande un peu d ´huile et de vin sur ses blessures: vous êtes lévite; laissez-moi être samaritain.”
>
> Il est vrai que pour prix de mes peines, on m´a bien traité en Samaritain; on a fait un libelle diffamatoire sous le nom d´instruction pastorale et de mandement; mais il faut l ´oublier; c ´est un jésuite qui l´a composé. Le malheureux ne savait pas alors que je donnais asile à un jésuite. Pouvais-je mieux prouver que nous devons regarder nos ennemis comme nos frères?

O discurso direto (“De quoi” [...] “samaritain”), pouco freqüente na correspondência, sinaliza a vontade de realçar a citação bíblica: Mateus VIII, 22. Nesse capítulo, um discípulo pergunta a Jesus se, antes de acompanhá-lo, pode enterrar o próprio pai. O Mestre responde-lhe: “Suivez-moi, et laissez aux morts le soin d´ensevelir leurs

morts.” Segue-se uma referência a Lucas X, 25-37, na qual, Jesus narra a parábola do bom samaritano para ilustrar como identificar o próximo.

Ao falar de um homem “dont vous devinerez l´état à ses discours [...]”, refere-se possivelmente a Adam[160], o jesuíta que vivia no castelo de Ferney. Trata-se de alguém que propõe o mote ao filósofo questionando-o sobre a razão que o fizera agir. Hospedar um padre propiciava a Voltaire certa aura de tolerância. Adam rezava a missa em uma igreja cuja fachada exibia a frase “Deo erixit Voltaire”[161]. O filósofo não hesitava a seguir os sacramentos do catolicismo a fim de obter a simpatia da população local e evitar a perseguição dos poderosos.

A parábola narrada por Jesus trata da história de um cidadão que descia a estrada de Jerusalém para Jericó. No caminho, ladrões atacam-no e o maltratam. Um sacerdote, ao passar pela estrada, viu o moribundo e seguiu adiante. Em seguida, um levita notou a mesma cena e omitiu socorro. Enfim, um samaritano, percebendo o homem ferido, sentiu compaixão. Cuidou de seus ferimentos com azeite e óleo, levou-o a uma estalagem e pagou as despesas.

Embora os samaritanos fossem desprezados pelos judeus, foi um de seus compatriotas que ajudou o israelita ferido. Ao eleger como exemplo de altruísmo um estrangeiro que socorre alguém de outro credo religioso, Jesus Cristo defende a tolerância. De fato, essa parábola focaliza uma das mensagens mais importantes do Novo Testamento - o papel da caridade - ou seja, o amor fraternal situa-se logo após o amor a Deus.

O trecho seguinte do libelo revela a principal missão do filósofo, segundo Voltaire. Não bastava apontar as feridas, mas curá-las:

> [...]J´ai ne donc fait, dans les horribles désastres des Calas et des Sirven, ce que font tous les hommes; j´ai suivi mon penchant. Celui d´un philosophe n´est pas de plaindre les malheureux, c´est de les servir.

Nota-se a diferença entre o tom grave, solene e emocionado dessa carta destinada ao público e a elocução libertina e dessacralizante dos trechos analisados anteriormente. A escrita cáustica e demolidora cede espaço a uma circunspecta defesa dos perseguidos. Para galvanizar os leitores, apela à emoção. A escolha de uma das passagens mais conhecidas do

---

[160] Não seria exagero relacionar Adam com o legista da parábola, uma vez que à semelhança dos jesuítas, os legistas eram apreciadores de debates.
[161] “Que Voltaire mandou construir para Deus”.

Novo Testamento mostra sua vontade de ser compreendido por uma parcela da população não erudita. A lição de Jesus Cristo serve-lhe para justificar o socorro à família Calas.

A campanha de demolição de superstições teve como substrato palavra e ação. Mais uma vez a luta de Voltaire e de seus pares se equipara à missão dos evangelistas, cuja tarefa precípua consiste em pregar a palavra de Deus. A boa causa deveria ser divulgada pelos "irmãos", forma como se dirige aos militantes do partido dos filósofos e aos que partilhavam as idéias iluministas, como os pastores Vernes e Moultou. Trata-se de mais uma alusão às epístolas do Novo Testamento.

A forte presença da Bíblia consiste em um dos traços mais marcantes da correspondência de Voltaire. Até nos momentos pouco freqüentes de desânimo ou desabafo, alude ao Eclesiastes ([D12251], [D11244], [D11084]). O livro atribuído a Salomão foi um dos mais citados por Voltaire e inspirou-lhe reflexões sobre a existência humana[162].

Os textos do patriarca de Ferney são lidos com desconfiança, pois neles se vislumbram um interesse dissimulado, uma intenção embutida, um chiste à espreita. Desconfiança compreensível em relação a um autor que se referia ao progresso das Luzes como a "propagation de la foi" [D9800]. Pode-se considerar a elocução bíblica voltairiana como mais uma encenação nesse palco de máscaras que se revezavam em suas cartas.

Apesar de sua crítica corrosiva, o advogado de Calas via em Jesus Cristo um homem "doux et tolérant" [D11580], que não era responsável pelas detestáveis perseguições feitas em seu nome: "Si vous voulez ressembler à Jésus-Christ, soyez martyrs, et non pas bourreaux."[163]. Não seria exagero afirmar, assim, que a Bíblia, tanto quanto objeto de diatribes, representou um manancial de elementos formais e temáticos para sustentar a argumentação do filósofo pelo advento da Razão.

---

[162] Sobre Voltaire leitor do Eclesiastes, v. BESSIRE, op. cit. pp. 224-6. .
[163] *Traité sur la tolérance*. éd. René Pomeau. Paris: Flammarion, 1989, p. 107.

Segunda parte

TRAITÉ SUR LA TOLÉRANCE:

DEMOLIÇÃO E EDIFICAÇÃO

DIVULGAÇÃO E RECEPÇÃO DO *TRAITÉ SUR LA TOLÉRANCE*

Jamais vingt volumes in-folio ne feront de révolution; ce sont les petits livres portatifs à trente sous qui sont à craindre. [D13235].

Anúncios sobre a tolerância

Um volume formato "in-octavo" de mais ou menos duzentas páginas chegava às mãos de poucos privilegiados, no final de 1763. O tamanho reduzido permitia que fosse guardado ou escondido no bolso sem despertar suspeitas. Esse opúsculo subversivo não trazia o nome do autor em sua primeira edição, mas ninguém ignorava que vinha da "fábrica" de Ferney. No frontispício, lia-se o título: *Traité sur la tolérance*.

No início do ano anterior, Voltaire despertara a curiosidade dos mais próximos ao revelar que tão logo a revisão do processo Calas fosse aprovada, circularia uma obra edificante, inspirada nos padres da igreja e doutores de Israel. Seu autor, repetia o filósofo, tinha consultado ministros do "Santo Evangelho" [D10882]. Meses antes do lançamento, granjeava a atenção dos confrades, virtuais colaboradores na publicidade da obra ainda em fase embrionária.

A primeira alusão ao livrinho, como costumava chamá-lo, data de 6 de dezembro de 1762[1]; em carta a Damilaville, confidencia: "On dit qu´il paraîtra quelque chose à l'occasion des Calas et des pénitents blancs, mais qu´on attendra que la révision ait été jugée." [D10827]. Dias depois, por intermédio do mesmo interlocutor, solicita aos "irmãos" obras para suas pesquisas [D10835]. Ainda nesse mês, escreve aos d'Argental: "Sachez de plus ô anges qu´il y a sur le métier un ouvrage à l'occasion des Calas qui pourrait être de quelque utilité, à ce que disent les bons coeurs, et pour lequel on vous demandera votre suffrage et votre protection." [D10831]. E a Damilaville, faz a primeira referência a esse misterioso escrito: "Je crois vous avoir déjà mandé qu´il paraîtrait en son temps, à l´occasion des Calas un écrit sur la tolérance *prouvée par les faits*. Ô mes frères, combattons l´*inf*...jusqu´au dernier soupir!" [D10837].

As palavras grifadas pelo autor "*prouvée par les faits*" fazem uma alusão chistosa ao livro do abade d´Houtteville *La vérité de la religion chrétienne prouvée par les faits* (1642), que Voltaire abominava: "Ce scélérat hypocrite appelle dans sa préface

la tolérance, *système monstrueux*. Je ne connais de monstrueux que le livre de ce misérable [...]" [D10813].

Em janeiro de 1763, de novo a Damilaville, alerta:

> Gardez-vous bien d´imputer aux laïques un petit ouvrage qui va bientôt paraître. Il y a des endroits qui font frémir, et d´autres qui font pouffer de rire; car, Dieu merci, l´intolérance est aussi absurde qu´horrible. [D10943].

Voltaire oferece pistas sobre a obra. Pretende emocionar o leitor e igualmente instruí-lo por meio da reflexão crítica a respeito dos episódios sangrentos provocados pelas perseguições religiosas. De fato, uma das particularidades do *Traité sur la tolérance* reside no aspecto jocoso de algumas passagens em contraste com a circunspeção de outras. Essa articulação entre o grave e o irônico – que estudaremos com vagar mais à frente – torna a obra provocativa e inaceitável para muitos devotos. Fiel à sua tática de esconder-se, Voltaire não assume a paternidade do livro: o autor seria um "bon homme", "saint prêtre", "saint homme auteur de ce petit livre", " un brave théologien et un digne prêtre" [(D11678)]"un huguenot", "bon prêtre", "un protestant assez instruit" ([D11632]) ou ainda " [...] il est de quelque bonne âme qui aime la persécution comme la colique." Em 2 de janeiro de 1763, escreve a Claude Moultou:

> J´ai l´honneur de vous envoyer, Monsieur, l´ esquisse sur la tolérance, c´est-à-dire, à mon gré, sur un des droits les plus sacrés du genre humain. Vous devriez bien rendre cet ouvrage supportable en y ajoutant quelques-unes de vos réflexions, que je vous supplierai de mettre sur un papier séparé. [D10877].

A afirmação das duas primeiras linhas não somente correspondia a uma sólida convicção de Voltaire, mas servia a predispor Moultou a uma atitude benevolente com relação ao manuscrito. Afinal, tratava-se de um pastor de Genebra, cidadela dos protestantes. À concepção negativa de "tolerância" como *fero-perfero-patior*, ou seja, a capacidade de suportar o mal, a aturar um suplício, opõe-se a conotação positiva do termo:"un des droits les plus sacrés". Trata-se de um direito universal e não de mera condescendência a uma minoria.

Jacob Vernes e Claude Moultou eram os "dois grandes sábios" [D11695] que auxiliaram o filósofo em suas dúvidas sobre as Escrituras. Lideravam uma espécie de facção suíça da luta voltairiana.

---

[1] A edição "Pléiade" consigna aproximadamente 120 cartas com alusões ou referências ao *Traité sur la Tolérance*. (v. anexo nº 2, pp. 217-19).

A Moultou, solicita informações sobre exegese bíblica e dados históricos a respeito das religiões. Submete-lhe a leitura dos capítulos, à medida que os redigia, e do pastor recebe conselhos e indicações de livros [D11043]. Trata-se de uma característica de Voltaire, quando se propõe a escrever um novo texto: consulta a opinião de especialistas, além de mergulhar na leitura de volumes eruditos a fim de documentar-se. Mesmo seus escritos fictícios (praticamente todos os contos) foram construídos com o apoio de uma extensa bibliografia sobre história, mitologia e religião.

No caso do *Traité sur la tolérance*, Moultou desempenhou o papel de colaborador número um, segundo atestam as cartas do patriarca de Ferney. Escreve-lhe, em 9 de janeiro de 1763, revelando em grandes linhas o contorno que daria ao texto. Nesta carta transmite a receita que dá a si mesmo, chama-nos a atenção o emprego de palavras do campo semântico da gastronomia:

> J´ai beaucoup retravaillé l´ouvrage en question, je me dis toujours, il faut tâcher qu´on te lise sans dégoût; c´est par le plaisir qu´on vient à bout des hommes; répands quelques poignées de sel et d´épices dans le ragoût que tu leur présentes, mêle le ridicule aux raisons, tâche de faire naître l´indifférence, alors tu obtiendras sûrement la tolérance. [D10897].

Ao sugerir:"répands quelques poignées de sel et d´épices dans le ragoût que tu leur présentes" insiste no aspecto irreverente que contribuiria para o sucesso de um livro. A ausência dos "temperos" provocaria inapetência ("dégoût") e a abundância estragaria o sabor; da mesma forma um escrito não deve apenas instruir, mas agradar. O pronome "tu", além de indicar que fala a si mesmo, teatraliza, coloca a cena mais viva diante do leitor.

Sobre essa missiva, Pierre Lepape observa: "Imperativo moral e político, a tolerância também se apresentava a Voltaire como imperativo estético. Dirigindo-se à opinião pública, via-se por ela transformado."[2]

De fato, em seu "livrinho", o filósofo mostrará a aberração que representava a violência entre os homens pelo simples fato de discordarem sobre o nome do Todo Poderoso e a maneira de reverenciá-lo. Pode-se entender assim o componente "ridículo" ou risível. Quanto às "razões", provavelmente se refira ao esclarecimento baseado em fatos, apresentado em tom judicioso. O equilíbrio entre esses dois aspectos constituiria a pedra de toque de seu estilo no futuro *Traité*, pois o excesso para qualquer uma das pontas talvez fosse infrutífero. A recomendação "tâche de faire naître l´indifférence,

[2] LEPAPE, op. cit., p. 234.

alors tu obtiendras sûrement la tolérance" reflete a necessidade de desconsiderar a religião como fator preponderante em detrimento de outros.

A publicação do *Traité*: impasses e estratégias

A edição do opúsculo esteve a cargo de Gabriel Cramer (1723-1791), dono de uma das mais importantes oficinas de impressão da Europa na época. Com raras exceções, Cramer publicou quase toda a produção de Voltaire entre 1756 e 1775 - contribuindo, assim, para a divulgação das idéias iluministas.

O livreiro genebrino não hesitava em trabalhar à margem da lei, a maioria das obras omitia o local e o nome do impressor. Residindo perto de Ferney, Cramer tinha contato assíduo com o autor de *Candide*. Impressor (no século XVIII, tratava-se de uma profissão equivalente ao do editor) e escritor possuíam, além do mútuo respeito e amizade, o gosto pela provocação e o fascínio pelo risco. As cartas de Voltaire testemunham o perigo à espreita de suas obras provenientes da imprensa de Cramer, que, longe de desestimular a parceria, inflamava o desejo de desafio.

Em dezembro de 1762, Voltaire previne o editor sobre a obra em gestação: "Préparez-vous à quelque autre chose d´intéressant. Je ne vous laisserai pas chômer mais point d´infidélités dans nos amours." [D10865].

O aumento do volume de manuscritos enviados a Genebra exigia um labor atento, constante e acelerado, a fim de acompanhar o ritmo frenético da redação de seu cliente. As missivas transitavam entre Ferney e Genebra com velocidade, pois o patriarca exigia diligência do impressor. No dia 4 de janeiro de 1763, envia duas cartas ao livreiro, solicitando-lhe a devolução do manuscrito a fim de acrescentar notas de rodapé [D10881]. No dia 18, alerta-o: "Il conviendrait d´imprimer sans délai le petit livre sur la tolérance, attendu que l´affaire des Calas doit être jugée avant la fin du mois." [D10924] (V. [D10984]; [D11082], [D11140], [D11082]. [D10924], [D10936], [D11028]; nessas cartas testemunhamos as reiteradas exigências de Voltaire quanto aos prazos). Se o material solicitado não chegasse às mãos do patriarca na data combinada, partia uma bem-humorada mas incisiva admoestação: "Je suis confondu, je suis pétrifié, quoi! ni lundi, ni mardi aucune nouvelle de la *Tolérance*?" [D11036]. Durante a revisão das provas, faz atenuações no texto: "On enverra incessamment l´autre ouvrage, dès

qu´on y aura mis les additions et les adoucisssements nécessaires.” [D11029], (v. [D10931]).

Aproximadamente em maio de 1763, o livro estava concluído, faltando então escolher a data para a distribuição. Voltaire estimou propício publicá-lo um pouco antes do julgamento da sentença do Parlamento de Toulouse pelo Conselho privado “Les Rêquetes de l´hôtel”, previsto para o início de 1764. Assim, aproveitaria a atenção que o público forçosamente dedicaria ao processo devido à dimensão que o caso assumira.

Percebe-se a importância que o autor atribuía à arte da publicidade, não apostando apenas na qualidade de seu livro e intuindo que o sucesso dependia também de fatores externos à obra.

Onde circulariam os primeiros exemplares e para quem seriam endereçados? Voltaire explica a Cramer sobre a importância de a Corte conhecer o *Traité* antes do grande público [D11520] e detalha a Claude Moultou seu plano de distribuição. Remeteria o opúsculo aos ministros de Estado, à Marquesa de Pompadour e a notáveis que lhe poderiam dar apoio. O pequeno volume seria acompanhado de uma carta circular, na qual Voltaire alertaria para o cuidado de não deixarem a obra chegar às mãos de livreiros, evitando, assim, precipitar a distribuição entre o povo, indesejável naquela altura. Nesse primeiro grupo incluía igualmente o rei da Prússia e alguns príncipes alemães, para os quais solicitaria socorro à família Calas [D11147].

Não foi por cortesia que Voltaire expediu seu livro à nata do poder. O seleto grupo que cercava Luís XV seria capaz de influenciá-lo para amenizar as leis antiprotestantes. No início de 1763, Voltaire escrevera a Moultou: “[...] la première loi dans une affaire comme celle-ci, est de se faire lire par ses juges.” [D10988]. Além disso, familiarizado com os entraves a seus textos, sabia que deveria agir com diplomacia. Uma vez garantida a simpatia de boa parte dos ministros, o caminho para a circulação no país ficaria facilitado com o relaxamento da censura.

Antes de pôr em prática seu plano, o filósofo foi surpreendido com a publicação das *Lettres toulousaines* de Court de Gébelin (1725-1784), francês naturalizado suíço, filho de Antoine Court (1695-1762), um dos principais líderes da igreja do Deserto[3].

Lembremos que, em março de 1763, o Conselho do rei aprovou a apelação do julgamento do Parlamento de Toulouse e ordenou o envio da cópia dos autos a Paris

[3] Era a forma como se designavam as atividades secretas dos protestantes que ficaram na França durante as perseguições religiosas entre a revogação do Édito de Nantes (1685) e o Édito de Tolerância (1787). Trata-se de uma referência à travessia do deserto por Moisés e à esperança da terra prometida.

para avaliação. Sabemos igualmente das dificuldades enfrentadas para obtê-los. Nesse contexto, a publicação das *Lettres toulousaines* poderia acirrar os ânimos. Eis a explicação do filósofo a Damilaville:

> Le livre sur la tolérance, dont il a paru quelques exemplaires en Suisse et à Genève, est intitulé *Les Lettres toulousaines*. Ce livre est d´un bon parpaillot nommé de Court, fis d´un prédicant. Il y a des anecdotes assez curieuses, mais nous avons craint que ce livre ne fît un peu de tort à la cause des Calas; et l´auteur le supprime de bonne grâce, jusqu´à ce que le parlement toulousain ait envoyé ses procédures et ses motifs.
>
> Quant au traité véritable de la tolérance, ce sera un secret entre les adeptes. Il y a des viandes que l´estomac du peuple ne peut pas digérer, et qu´il ne faut servir qu´aux honnêtes gens. C´est une bonne méthode dont tous nos frères devraient user. [D11134].

O substantivo "borboleta" designava os calvinistas devido à vestimenta branca. Nota-se a ironia e condescendência de Voltaire na expressão "bon parpaillot" e no vocábulo "prédicant" (pregador), maneira pejorativa de denominar os pastores.

Enquanto o filósofo tentava impedir a circulação das *Lettres toulousaines*, trabalhava no "traité véritable de la tolérance" que se destinava aos "irmãos" e potenciais simpatizantes. A frase "il y a des viandes que l ´estomac du peuple ne peut pas digérer" sugere o caráter elitista da obra em preparação. Surpreende-nos um autor tão preocupado com a legibilidade de seus textos afiançar que escreve algo para poucos: "un secret entre les adeptes". Trata-se, sem dúvida, de uma afirmação contraditória. Deve-se levar em conta, no entanto, que uma das dificuldades (ou "novidades") do *Traité sur la tolérance* reside na alternância de registros. Os capítulos, veremos adiante, não visam sempre ao mesmo interlocutor: ora o autor dirige-se aos governantes e aos filósofos, ora ao grande público.

Em 14 de março de 1763, Voltaire escreve a Jacob Vernes, conta-lhe a boa notícia sobre a aprovação do Conselho, mas se preocupa com o livro de Gébelin:

> Voilà des nouvelles bien consolantes. Je me suis flatté même que j´aurais bientôt des choses encore plus flatteuses à mander à Monsieur Vernes, mais j ´ai bien peur que tout ne soit détruit par les *Lettres toulousaines*, composées, dit-on, par M. de Court, et imprimées à Lausanne sous le nom d´Édimbourg. Si ce livre se répand en France, il fournira sans doute des armes au parlement de Toulouse. [...]
>
> Les *Lettres toulousaines* nous ferons surtout un grand tort en mêlant l ´affaire de Sirven avec l´affaire des Calas. On verra en moins de trois mois, deux pères accusés d´avoir assassiné leurs enfants pour cause de religion. [...].
>
> Il est d´une extrême importance que les *Lettres toulousaines* ne paraissent point en France. Les ouvrages qu´on peut écrire sur cette matière délicate ne peuvent être confiés qu`à des personnes sûres, et qui sont en état de servir. C´est le parti que prend l ´auteur du *Traité sur la tolérance*. On a écrit à Lausanne pour faire prier l´auteur des *Lettres toulousaines* de suspendre le débit de son livre jusqu´à définition du procès des Calas. [D11097].

Nesse mesmo dia, Voltaire informa Philippe Debrus sobre o perigo da publicação repetindo os mesmos argumentos expostos a Vernes e acrescenta o risco de perderem a simpatia de muitos aliados. [D11098].

O título completo do livro de Court de Gébelin é: *Les toulousaines, ou Lettres apologétiques en faveur de la religion Réformée, et de divers protestants condamnés dans ces derniers temps par le Parlement de Toulouse, ou dans le haut Languedoc*. A obra, que conhecemos apenas por fontes secundárias[4], reúne cartas fictícias que atacam os católicos de forma violenta e acusam o Parlamento de Toulouse como um dos mais sanguinários da França. Outro senão desse escrito, seria abordar a execução de Rochette (ocorrida pouco antes de Jean Calas) e o processo Sirven (que deveria aguardar o momento oportuno para ser divulgado). Voltaire considerava-o muito longo para atrair o público: "À l ´égard des *Lettres toulousaines*, ce livre ne sera jamais lu à Paris parce que l´affaire des Calas qui tient la moitié du livre est assez connue, et qu´on ne se soucie point du tout du reste." [D 11151]. Esse "du reste" consistiria provavelmente em um apanhado de dados históricos, citados com escrupulosa exatidão de datas e números relativos à vida dos protestantes. Para o autor de *Candide*, seriedade e erudição em demasia cansariam o leitor. Finalmente, devido ao empenho do patriarca de Ferney, as *Lettres toulousaines* não circularam na França.

A preocupação com o público leitor

O estudo de Court de Gébelin situa-se como um anti-modelo para o tratado de Voltaire, assim como a obra do cavaleiro de Beaumont publicada havia uma década. Em janeiro de 1763, Voltaire escreve a Moultou:

> Je vous répète qu´il est infiniment à désirer qu´un homme comme vous veuille écrire. Vous seriez lu, et *L´Accord parfait* ne le sera point; il est beaucoup trop long et trop déclamateur, comme tous les livres de cette espèce; il faut être trés court, et un peu salé, sans quoi les ministres et Mme de Pompadour, les commis et les femmes de chambre, font des papillotes du livre. [D10885].

A partir de comparações com outras obras sobre a tolerância, nota-se o esboço do que o autor pretendia oferecer ao público. O livro referido é *L´accord parfait de la nature et de raison, de la révélation et de la politique, ou Traité dans lequel on établit*

---

[4] MERCIER-FAIVRE, Anne-Marie. "*Le* Traité sur la tolérance, *tolérance et réécriture*" In: CRONK, Nicholas (sous la direction de). *Études sur le* Traité sur la tolérance *de Voltaire*. Oxford, Voltaire Foundation, 2000, pp. 34-35.

que les voies de rigueur, en matière de religion, blessent les droits de l ´humanité (1753), do cavaleiro de Beaumont. O título extenso (como o de Court de Gébelin) talvez desencorajasse muitos leitores. Voltaire tomou conhecimento desse tratado por meio da leitura da *Apologie de Louis XIV, et de son conseil, sur la révocation de l ´édit de Nantes [...] avec une dissertation sur la journée de la Saint-Barthélemy* (1758) de Jean Novi de Caveyrac. Em carta já citada a Moultou, solicita:

"Puis-je vous demander ce que c ´est qu ´un *Accord parfait* etc. composé par un prétendu capitaine de cavalerie, cité à la page 474 du détestable livre de ce fripon d´abbé de Caveyrac [...]" [D10877]. O *Accord Parfait* trazia informações de compreensão difícil aos não especialistas. Para Voltaire, as obras sobre a vida dos protestantes na França estavam fadadas ao esquecimento. Também a Moultou escrevera quando ainda redigia o *Traité*:

> J´ai l ´honneur de vous renvoyer les livres que vous avez bien voulu me prêter, je voudrais bien que le petit livret que je prépare, n´eût pas leur sort. Sûrement, ces livres-là quelque bons qu ´ils puissent être, n´ont pas été lus à Versailles. [D10988].

Essa passagem é eloqüente quanto à preocupação em ser lido e compreendido. Em cada etapa da preparação desse texto, Voltaire tinha em mente seu virtual leitor. Quais seriam então as qualidades que fariam do seu futuro livro algo legível para o grande público? O autor apostava em duas características ausentes nas obras que discutiam a tolerância, quais sejam: "muito curto e um pouco picante".

Voltaire repetia que não se mudava nada com os in-fólio[5] e que a Bíblia não seria tão vendida se tivesse o formato de uma enciclopédia. O tamanho era uma condição *sine qua non* para atrair leitores não eruditos, mas ciosos de participar dos grandes debates da época. Nesse perfil enquadra-se a Marquesa de Pompadour, que não possuía o conhecimento necessário para julgar uma obra de grande fôlego, nutrindo, porém, curiosidade por tudo que se relacionasse ao reino.

O aspecto "um pouco picante" sugere o estilo coloquial, satírico, audacioso, para ser lido com prazer. Voltaire sabia que os leitores de Versalhes, habituados à vida mundana, não se debruçariam sobre um texto "beaucoup trop long et trop déclamateur" como o livro do cavaleiro de Beaumont ou "long et abstrus" [D10930] como o texto de Bayle.

---

[5] "1. Diz-se da folha de impressão dobrada ao meio de que resultam cadernos com quatro páginas (no passado, páginas de 22 cm X 32 cm)".*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.

Também contribuiriam para o sucesso concisão, variedade e clareza na exposição das idéias. Se o escrito abordasse um tema polêmico de forma original e encerrasse em suas páginas uma nuança de algo proibido, melhoraria sua chance de êxito. Pierre Lepape, elucida-nos:

> O modo de difusão do livro influenciava -lhe tanto a forma quanto o conteúdo: livros proibidos eram preferencialmente impressos em volumes de poucas páginas, nas quais os assuntos costumavam ser abordados de modo rápido, com liberdade e insolência na medida necessária para dar ao leitor a sensação de não ter jogado seu dinheiro fora. Nada podia calhar melhor ao estilo e à inteligência de Voltaire[6].

A distribuição clandestina do "petit livret" aos nobres e ministros começou aproximadamente no início de junho de 1763. No dia 12 de julho, Voltaire escreve a d´Hermenches: "Je suis étonné que vous ayez lu le petit traité sur la tolérance, et je suis honteux que vous ne l´ayez pas eu de ma main. Je crois qu´il faut encore attendre quelque temps." [D11305]. Somente três meses depois retomaria o assunto nas missivas, o que nos leva a crer em uma interrupção do envio. De fato, em 18 de outubro[7], relata a Chauvelin:

> Lorsque la veuve Calas présenta sa requête au Conseil, l ´horreur que tout le monde témoigna contre le parlement de Toulouse fit croire à plusieurs personnes que **c´était le temps d´écrire quelque chose d´approfondi, et de raisonné sur la tolérance**. **Une bonne âme se chargea de cette entreprise délicate; mais elle ne voulut point publier son écrit**, **de peur qu ´on n´imaginât que l ´esprit de parti avait tenu la plume**, et que cette idée ne fît tort à la cause des Calas; peut-être l´ouvrage n ´est-il pas indigne d´être lu par un homme d´État. J´aurai l´honneur de vous le faire tenir dans quelques jours. [D11468].

Se para alguns interlocutores, Voltaire destaca o lado "picante" do livrinho, para outros salienta seu caráter aprofundado e racional como na carta a Chauvelin. Observa-se a vontade de orientar a leitura, evocando aspectos passíveis de interessar o leitor. Daí também o emprego de perífrases que oscilavam entre a falsa modéstia e a pretensão: "un écrit intéressant", "petite requête de l´humanité et de la raison", "petit livre" "l´ouvrage le plus honnête qu´on ait fait depuis longtemps.", "Cette homélie" e "oeuvre charitable".

Não descartamos o caráter irônico de algumas dessas expressões, contudo, sublinhamos o que elas representam em termos de força publicitária. O público mais religioso e nutrido pela tradição dos sermões se inclinaria pela índole edificante, caso, por exemplo, da Duquesa de Saxe-Gotha. A observação chistosa da missiva a Damilaville [D10943], que vimos anteriormente, cede espaço à ponderação:

---

[6] Op.cit., p. 197.

[7] Uma nota da edição "Pléiade" informa-nos: " On peut fixer la date de publication du *Traité sur la tolérance* au 20 octobre 1763 environ". VOLTAIRE. *Correspondance*. Paris: Gallimard, 1981, p. 1281.

Votre suffrage, Madame, sera la plus belle récompense de ce travail. [...]

J´ose me flatter que cet essai sur la tolérance ne déplaira pas à sa belle âme. Il faut bien, sans doute, que la tolérance soit bonne à quelque chose, **puisque la persécution n´a rempli la terre que d´hypocrisie, d´horreur et de carnage**. [D8000].

Com a frase de efeito, "puisque [...] carnage", apresenta o livro como porta-voz de princípios caridosos em oposição à ignorância dos homens. Obteria a adesão dessa correspondente com um apelo ao altruísmo.

Ao Cardeal de Bernis, sugere em junho de 1764: "Je voudrais bien que vous puissiez lire la *Tolérance*. je crois que vous y trouveriez quelques-uns de vos principes. L´ouvrage est un peu rabbinique, mais il vous amuserait." [D11950].

Em carta a Dominique Audibert, afirma: "J´espère que vous verrez incessamment à Marseille, un petit *Traité sur la tolérance*, qui n´est pas fait pour scandaliser les honnêtes gens." [D11553]. A expressão "petit *Traité*" serve à sua estratégia de "diminuição" e da auto-representação de inofensivo. Ora com frases chamativas e ora com irreverência, desperta a curiosidade do interlocutor.

A esperança no *Traité*: lutas e repressões

As cartas aos "irmãos", além das advertências, traziam, via de regra, uma mensagem auspiciosa. No dia 1º de dezembro, pergunta a Damilaville:

Avez-vous reçu une *Tolérance*? C´est un ouvrage pour les frères, et on croit que cette petite semence de moutarde produira beaucoup de fruit un jour, car vous savez que la moutarde et le royaume des cieux c´est tout un. [D11523].

Reconhecemos aí uma reminiscência de Mateus, XIII, 31-32. Jesus, sentado em uma barca, explica à multidão que o reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda semeado no campo. Embora seja a menor semente de todas, quando o grão de mostarda cresce, torna-se o maior arbusto e abriga os ninhos dos pássaros.

No dia 4, afirma aos d´Argental:

Je présente encore à mes anges, un exemplaire de la *Tolérance* [...] M. le duc de Choiseul me mande qu´il en est enchanté, ainsi que Mme de Gramont, et Mme de Pompadour. Peut -être qu´un jour ce livre produira le bien dont il n´aura d´abord fait voir que le germe. [D11528].

Nas duas passagens, refere-se a um tempo vindouro, quando - graças ao trabalho dos filósofos - os homens já terão atingido maturidade para assimilar a tolerância.

Voltaire evoca o caráter messiânico do livro – cujo trânsito subterrâneo conquistaria primeiro uma elite e lentamente penetraria em outras camadas da sociedade.

Em carta a Damilaville, inspira-se mais uma vez em uma passagem do Novo Testamento para expressar sua esperança: "Vous devez, à présent, mon cher frère, avoir reçu quelques *Tolérance* [...] Je crois même vous l´avoir déjà dit; mais il faudra bien du temps pour que ce grain lève, et ne soit pas étouffé par l´ivraie." [D11549]. Alusão a Mateus XIII, 24-30. Nessa parábola, Jesus fala da boa semente que cresce juntamente com o joio e só na hora da colheita, o semeador deve separá-las. Voltaire vislumbra o efeito ainda longínquo das idéias defendidas na obra. Esse tom alvissareiro repete-se no dia 15, em carta a Cramer, que projeta o ditoso futuro do escrito: "Cet ouvrage n´est point d´ailleurs un oiseau de passage, il paraît être de toutes les saisons."

As missivas do mês de dezembro de 1763 indicam o desvelo do autor com a repercussão do escrito. Continua a enviá-lo clandestinamente. Dia 6, por exemplo, informa a d´Argental sobre a expedição do *Traité* havia quinze dias [D11534] e em carta a Damilaville surpreende-se ao saber que o amigo ainda não tinha recebido o livro. [D11535]. No dia 8, promete um exemplar a Élie Bertrand [D11538] e a Cramer informa que a censura já começara a agir [D11544].

Reafirmar a boa aceitação do *Traité* entre os poderosos contribuía para atenuar os inevitáveis preconceitos, como nestas linhas:

> Si je puis trouver des *Tolérance*, je vous en ferai parvenir. Il faut espérer que le débit n´en sera pas défendu, et que puisque les ministres approuvent l ´ouvrage, et que Mme de Pompadour en a été très contente. Un ministre même a dit, que tôt ou tard cette semence porterait son fruit. Je ne sais pas quel est le saint homme, auteur de ce petit traité, mais il me semble qu ´il ne peut que rendre les hommes plus doux et plus sociables. [D11568].

Nessa missiva vislumbra-se a idéia de excelente recepção do texto que não corresponde, como veremos, à realidade. Criar um clima otimista parece-nos mais uma manobra para distribuir o "petit livret".

Devido à censura, em vez do correio, privilegiava-se o auxílio de algum portador [D11534]. Para aqueles que recebiam o livro por terceiros, Voltaire solicitava confirmação. (v. entre outras [D11624]), conseguindo, por meio de dezenas de cartas e bilhetes, manter o movimento sob seu controle.

A mão pesada da repressão, todavia, não tardaria a agir, apesar dos cuidados, exigindo malabarismos de escritor e impressor. O *Traité sur la tolérance* mal iniciara sua espinhosa caminhada pela França e já surgiam problemas em todas as vias de acesso a Paris. Cramer não desprezava nenhuma artimanha para enviar um pacote com

volumes aos seus destinos. Se fosse necessário, utilizaria rotas mais longas e menos conhecidas. Supervisionado pelo amigo, expedia livros para Marselha, Lyon e Besançon, onde aliados se encarregariam da distribuição.

Em missiva a Damilaville, Voltaire ressalta a vigilância indispensável na divulgação do opúsculo. Na despedida, nota-se mais uma vez um pastiche das Epístolas do Novo Testamento:

> [...] Mandez-moi si la *Tolérance* n´excite point quelque murmure. Les Cramer ont été obligés de faire prendre à leur ballot un détour de cent lieues, qui est aussi périlleux que long. Je vous embrasse dans la communion des fidèles.
> Écra[sez] l ´inf[âme]. [D11555].

Em janeiro de 1764, o filósofo comunica aos "irmãos" sobre as dificuldades encontradas. A euforia inicial cede espaço à preocupação. Um negociante de Besançon tinha enviado, sem sucesso, dois pacotes a Damilaville por uma via alternativa. [D11626] (v. [D11593], [D11598]). Voltaire indignava-se afirmando que seus livros ficaram "entre les griffes des vautours." [D11597].

Além de esconder-se da polícia política, seria necessário enfrentar os preconceitos dos protestantes que se incomodaram com a agressividade do autor em algumas páginas, entre outros exemplos, lemos: "Les huguenots, sans doute, ont été enivrés de fanatisme et souillés de sang comme nous; mais la génération présente est-elle aussi barbare que leurs pères?" (47) [8]. Em dezembro de 1763, escreve a Moultou:

> Est-il vrai, mon cher philosophe, que vous ayez rencontré des gens assez intolérables pour être choqués du livre de la Tolérance? Ces gens-là sont pourtant de l´espèce en faveur de laquelle le livre a été écrit, et je serais fâché **qu´ils fussent de l´espèce des chiens qui mordent ceux qui leur donnent à manger. Je vous prie de me dire s´il est vrai qu´il aient aboyé**. [D11571]. (v. também as cartas: [D11590], [D11701]).

A maioria dos autores que dedicaram um livro à questão da tolerância era protestante e abordava o tema tendenciosamente, como, por exemplo, Court de Gébelin. O objetivo de Voltaire, conforme vimos, excedia a defesa de uma minoria herética.

É curiosa a recepção do futuro *Traité sur la tolérance* entre os calvinistas. Paul Rabaut aprende de um de seus correspondentes que o livro continha traços "vivos" e "espevitados" contra a perseguição. O mesmo interlocutor preocupava-se com aspectos passíveis de prejudicar a causa dos protestantes por isso contava com a colaboração de

Claude Moultou e Jacob Vernes para convencer o autor a fazer atenuações. No final da carta, lemos um breve perfil de Voltaire bastante revelador da imagem que evocava em muitos de seus contemporâneos. O fato do filósofo não ser porta-voz de nenhuma religião causava certa perplexidade, ao mesmo tempo avalizava sua participação; ao menos em tese seria imparcial:

> Ces Messieurs [Moulou e Vernes] ont fait le voyage de Ferney pour l´engager à changer et à retrancher ces traits piquants. Il a promis de refondre l´ouvrage. Je ne sais pas s´il tiendra parole**;** c´est un homme entêté, abondant en son sens, qui ne se plie pas aux conseils des autres. D´ailleurs il ne travaille pas de commande; c´est par goût ou par fantaisie qu´il fait cet ouvrage. Il défend qu´on le nomme[9].

Os percalços não impedem que continue a publicidade, conforme revelam as missivas a Cramer [D11619], a Fyot de la Marche [D11514] e ao Cardeal de Bernis [D11650], entre outras.

Graças à sua sólida rede de colaboradores e aos múltiplos expedientes de Gabriel Cramer, nos dois primeiros meses de 1764 continua a distribuição do opúsculo. Na verdade, Voltaire tinha exagerado ao escrever sobre a boa recepção do livro na Corte[10]. Constata que ainda não chegara o momento para a divulgação do *Traité* porque os espíritos se encontravam em fermentação.[11] [D11673], [D11663]. Mais uma vez, o autor de *Candide* critica a leviandade do público parisiense, segundo explica a Damilaville:

> [...] Je demeure toujours persuadé avec vous que ce temps-ci n´est pas propre à faire paraître le *Traité sur la tolérance* je n´en suis point l´auteur mais je m´intéressais, comme vous savez, à cet ouvrage, uniquement par principe d´humanité. Ce même principe me fait désirer que l´ouvrage ne paraisse point; **c´est un mets qu´il ne faut présenter que quand on aura faim**. **Les Français ont actuellement l´estomac surchargé de mandements, de remontrances et d´opéras-comiques. Il faut laisser passer leur indigestion**. [D11664].

A exemplo da carta a Moultou [D10897], na qual falava do aspecto estilístico do livro, Voltaire emprega um vocabulário da culinária , desta vez para ressaltar o estado de espírito dos leitores. Essa proximidade dos campos semânticos nas duas cartas possivelmente indique a convicção do filósofo de que esses dois aspectos estão

---

[8] Colocamos entre parênteses o número da página da edição de referência do *Traité sur la tolérance*. Introduction, notes, bibliographie, chronlogie par René Pomeau. Paris: Flammarion, 1989.

[9] MERCIER-FAIVRE, op. cit., p. 37.

[10] "Mais il [Voltaire] doit vite déchanter. La Vallière lui mande qu´on "veut" trouver "très dangereux" le *Traité*. Choiseul refuse qu´on lui envoie quoi que ce soit, ni à lui-même, ni sous son enveloppe. Merlin a été convoqué par le lieutenant de police au sujet de ce *Traité*. La poste très vigilante intercepte tous les volumes expédiés de Genève. Ni Trudaine, ni Montigny son fils, ni personne (pas même Bouret directeur de la poste) n´ont reçu le *Traité* qu´on leur adressait. Le cardinal de Bernis, prudemment, prie Voltaire de ne pas lui faire parvenir un ouvrage traitant d´une question si délicate'." "Le défenseur de Calas" In: POMEU, René. *Voltaire en son temps*. Paris, Oxford: Fayard/Voltaire Foundation, 1994, p. 129.

[11] "Fermentation" – "Agitation fièvreuse (des esprits)."

estreitamente ligados (e às vezes em atrito). O esforço de alcançar o leitor não valeria diante da fermentação espiritual do tempo, bem como a melhor iguaria também não conquista um comensal com indigestão. Nota-se, nessa passagem, o descompasso entre o esforço do estilo e as vicissitudes da recepção.

Os detalhes sobre a odisséia do *Traité sur la tolérance* na França recheiam as missivas entre janeiro e abril de 1764, permitindo o conhecimento, ainda que fragmentário, das artimanhas necessárias aos escritores sem apoio oficial para publicar. Um dos traços mais notáveis das cartas de Voltaire, todavia, constitui a auto-representação de um escritor sem competência para redigir uma obra douta. Afinal, segundo afirma aos amigos: "Un pauvre faiseur de contes n ´en sait pas assez pour citer tant de pères de l´Église, avec du grec et de l ´hébreu." [D11656], "ll y a trop de théologie, trop de Sainte Écriture, trop de citations pour qu´on puisse raisonnablement supposer qu ´un pauvre faiseur de contes y ait mis la main." [D11663].

Nesses trechos, nega a paternidade e aproveita para tecer outros comentários fazendo, por meio dessa crítica informal, uma apresentação do livro.

Para os d´Argental, escreve em janeiro de 1764:

> Dites-moi donc mes anges, si vous avez enfin reçu un 5e acte et un conte. Une certaine inquisition se serait-elle étendue jusque sur ces bagatelles? et quand le lion ne veut pas souffrir de cornes dans ses états faut-il aussi que les lièvres craignent pour leurs oreilles? L´aventure de la *Tolérance* me fait beaucoup de peine. Je ne peux concevoir qu ´un ouvrage que vous avez tant approuvé puisse être regardé comme dangereux. [D11663].

Nessa carta, há uma referência à fábula "Les oreilles du Lièvre" de La Fontaine, na qual um leão, enfurecido pelo ataque de um animal dotado de chifres, decide expulsar dos arredores todos os animais corníferos. Uma lebre resolve mudar-se do local, pois teme que as sombras de suas orelhas sirvam de pretexto à ira do leão. A lebre justifica sua atitude afirmando que seria inútil protestar, pois a julgariam louca. Por meio dessa fábula, Voltaire admite que "contra a força não há argumento". Sabia da inutilidade de insistir na distribuição do *Traité* naquele momento, decidindo, por isso, pela cautela da lebre.

Na carta seguinte, datada de 13 de fevereiro, ao funcionário do "Vingtièmes", o autor pressente que o *Traité*, como dezenas de outros textos de sua autoria, não deveria permanecer por muito tempo sob suas rédeas. Redige, então, uma espécie de certidão de maioridade:

> Mon cher frère, j ´ai des nouvelles assez satisfaisantes de la *Tolérance*. On souhaite d´abord que vous en donniez quelques exemplaires à des personnes qui les trompetteront dans le

monde, comme un ouvrage honnête, religieux, humain, utile, capable de faire du bien, et qui ne peut faire de mal, etc. Alors, il aura son passeport et marchera la tête levée. Rendez donc mon cher frère ce service aux honnêtes gens. [D11696].

Era necessário reconhecer que a tática de remeter o livro primeiro aos poderosos não fora bem sucedida. Confiava, então, ao pequeno circuito de fiéis a tarefa de trombetear as qualidades da sua "homilia".

No entanto, apesar dos obstáculos enfrentados, as idéias defendidas no livro começavam a dar seus frutos. Em fevereiro de 1764, escreve a d´Alembert [...] "Le petit livret de la *Tolérance* a déjà fait au moins quelque bien. Il a tiré un pauvre diable des galères, et un autre de prison." [D11695].Trata-se de Claude Chaumont, condenado em 15 de março de 1751 às galés, porque tinha escutado um sermão protestante. O Duque de Choiseul o absolveu, após intervenção de Voltaire. Esse gesto da parte de um ministro revelava um avanço, ainda que tímido, das idéias iluministas.

Em julho de 1764, segundo o patriarca, há na Inglaterra e em Liège "de jolies éditions" da *Tolérance* e, em agosto do mesmo ano, sai a terceira edição na Holanda. A partir de então, a ausência de referências nas cartas (exceto em duas ocasiões, em 1765 e 1772) leva a crer que sua distribuição tinha escapado definitivamente das mãos do autor. As onze edições[12] entre 1763 e 1765 comprovam que o *Traité sur la tolérance* adquirira seu "passaporte" e andava de "cabeça erguida" pela Europa.

[12] Cf. TROUSSON, Raymond / VERCRUYSSE,Jeroom/ LEMAIRE, Jacques. *Dictionnaire Voltaire*. Bruxelles: Espace de Libertés, 1994, p. 236.

ECOS DE PIERRE BAYLE ET JOHN LOCKE

Em nome da ordem: a intolerância

A partir da Reforma e a conseqüente divisão da Europa entre regiões católicas e protestantes, discutia-se a questão da tolerância para as minorias que não professavam o culto dominante. Esses grupos despertavam o temor da sociedade porque poderiam destruir a unidade nos Estados. Dessa forma, tanto os países protestantes quanto os católicos adotavam a intolerância como norma.

A fórmula "une foi, une loi, un roi" sustentava-se no apoio mútuo entre o poder secular e religioso. A Igreja oferecia sua unção às decisões do Estado e em troca este sancionava o recurso à força para dominar os heréticos. Tolerar o erro provocaria a guerra civil e a perdição espiritual dos faltosos. Por isso, a intolerância consistia o caminho para manter o reino em ordem e garantir a salvação das almas, posição adotada por Bossuet e católicos ortodoxos que se escudavam em Santo Agostinho na defesa da violência em nome da religião[13]. Segundo muitos apologistas, a tolerância significaria fraqueza, pois à Igreja, enquanto detentora de uma verdade, caberia defender com firmeza seus princípios[14]. Para os católicos, a intolerância era uma virtude.

---

[13] Cf. DELON, Michel. "De Bayle à Voltaire: la conquête de l´indulgence". *Magazine Littéraire*. Paris, mars, 1998, p. 31.

[14] Cf. ALBERTAN-COPPOLA, Sylviane. " La réception du *Traité sur la tolérance* dans le camp apologétique". In: *Traité sur la tolérance/Voltaire*. Ouvrage dirigé par Jean-Louis Tritter. Paris: Ellipses, 1999, p. 85.

De fato, até o final do século XVII, aproximadamente, o vocábulo "tolerância" possuía uma conotação eminentemente negativa. Um estudo sobre os panfletos da época revelou que se evitava a palavra nos textos relativos à concórdia, ao passo que nas defesas da intolerância, ao contrário, empregava-se profusamente esse termo e outros da mesma família[15].

O vocábulo "tolerância" vem do latim *tolerantia*, isto é, "constância a suportar algo" e "resistência aos sofrimentos". Os dicionários evocam, em primeiro lugar, a concepção negativa do termo. O *Dictionnaire de l´Académie française* (3e edição Paris, 1740) propõe:

> TOLÉRANCE. Se dit, en matière de Religion, pour signifier, La condescendance qu´on a les uns pour les autres touchant certains points qui ne sont pas regardez comme essentiels à la Religion.
>
> [...]
>
> TOLÉRANCE. Se dit aussi, De la condescendance politique qui fait quelquefois que les Souverains souffrent dans leurs Etas l´éxercice d´une autre Religion que celle qui y est établie par les Loix de l´État.

O *Dictionnaire de Trévoux* (t. vii Paris, 1752)[16], da Companhia de Jesus, oferece uma explicação mais extensa, porém limitada ao contexto cristão. O vocábulo, segundo o dicionário, havia sido vulgarizado pelos protestantes que jamais entravam em acordo sobre o número e a qualidade dos dogmas que se poderiam tolerar nos heréticos. Aceitava-se, freqüentemente, a religião de uma minoria sob inúmeras condições, pois os valores morais e religiosos eram ditados pela religião dominante.

Bayle: a moral contra a violência

Pierre Bayle (1647-1706), considerado o traço de união entre os pensadores da Reforma e os da Revolução, é autor fundamental para a compreensão das idéias iluministas relativas à tolerância[17].

Bayle notabilizou-se, igualmente, defendendo a separação entre moral e religião. O fato de professar determinada crença não significava caução de probidade, bastava observar a discrepância entre as palavras e os atos dos crentes. Uma moral

---

[15] Cf. COTTRET, Monique. *"La tolérance état des lieux"*. In: *Lectures de Voltaire: Le "Traité sur la tolèrance."* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1999, p. 20.

[16] Apud *Études sur le Traité sur la tolérance de Voltaire*. CRONK, Nicholas (org.) Oxford: Voltaire Foundation, 2000, p. 251.

[17] Cf. POMEAU, René. "Une idée neuve au XVIIIe siècle, la tolérance" In: *Bulletin de la Société de l´Histoire du Protestantisme Français.* "Actes des Journées d´Études sur l´Edit de 1787" réunis par André Encrevé et Claude Lauriol. Mai-Juin 1988, p.198.

independente, sem o temor dos castigos, nem a espera de recompensas valeria mais que a dos idólatras [18]. A propósito, em 1680, o filósofo escandalizou os devotos com a obra *Pensées diverses écrites à un docteur de Sorbonne, à l´occasion de la comète*, na qual afirma que mesmo o ateu poderia ser um homem honesto.

Bayle vivia refugiado na Holanda, quando Luís XIV promulgou o édito de Fontainebleau (1685), que, embora aplaudido pela grande maioria da população, mostrou-se rapidamente um desastre. A perseguição que se seguiu lembrava a França dos piores anos das guerras religiosas. Os recalcitrantes eram submetidos a crueldades e humilhações, fortalecendo a resistência dos heréticos e levando o rei a lançar mão de seus dragões para controlar os camponeses nas Cevenas.

O *Commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ "Contrains-les-d´entrer"* [19] (1686) de Bayle foi a mais contundente resposta a essa abominável lei que proibia o culto protestante em solo francês. No frontispício figurava o nome de Jean Fox de Bruggs aludindo a George Fox, fundador da seita quaker, e a Jean de Bruges, pseudônimo de David Joris, fundador da seita anabatista. O livro foi publicado em Cantorbery, cidade fictícia, pelo editor Thomas Litwel ("light wel", isto é, "que esclarece bem") e traduzido do inglês por M.J.F. O escritor apresentou a obra de forma críptica para proteger familiares residentes na França.

O texto concentra-se sobre os preconceitos contra a tolerância, acusada de causar dissensões nos Estados. A experiência revelava, no entanto, o absurdo dessa crença, como comprovava o paganismo na Antigüidade. Com efeito, a coexistência de várias seitas não perturbou a ordem na Grécia Antiga, lembrava o autor.

Na primeira parte do livro, lê-se a minuciosa exposição dos efeitos funestos que implica a interpretação literal da parábola do banquete do evangelho de São Lucas (XIV 16-24). Trata-se da história de um cidadão que convidou amigos para jantar. Todos declinaram do convite por meio de diferentes desculpas. O senhor, então, ordenou ao servo que fosse às praças da cidade e trouxesse para o festim cegos, mancos e estropiados. Assim mesmo, alguns lugares à mesa continuavam vagos, daí a polêmica réplica do anfitrião no versículo 23:

---

[18] Sobre a separação de moral e religião defendida por Bayle v. cap.IV da quarta parte de HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne (1680-1715)*. Paris: Fayard, 1961, pp. 269-76.

[19] Utilizamos a edição BAYLE, Pierre. *De la tolérance: commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ "Contrains-les-d´entrer"*. Préface et commentaires de Jean-Michel GROS. Paris: Presse Pocket, 1992.

"Et le Maître dit au Serviteur: Va par les chemins et par les haies, et CONTRAINS-LES D´ENTRER, afin que ma Maison soit remplie." [20]

Santo Agostinho tinha citado esse versículo a fim de justificar o uso da violência no norte da África contra os seguidores do "donatismo". O empenho do bispo de Hipona foi decisivo para vencer essa doutrina cristã herética.

Bayle evita discutir esse trecho à maneira dos teólogos, ou seja, não questiona por que Jesus empregou a expressão "contraindre". Prefere rever a interpretação do versículo difundido pelos perseguidores, partindo do princípio de que todo sentido literal da Bíblia implicando incitação ao crime é falso[21]. Presta tributo à lógica de Aristóteles empregando um silogismo[22]:

> [...] toute proposition qui est contraire aux idées les plus simples et les plus distinctes de la raison est fausse- or le sens littéral de ces paroles est contraire aux idées les plus simples et les plus distinctes de la raison- donc il est faux. [...][23].

Deus não se contentaria com atos de religião puramente externos, interessavam-lhe, isto sim, sentimentos de amor, respeito ou temor espontâneos. Torturas, prisões, multas e exílios dificilmente mudam a íntima convicção dos indivíduos. Não passariam, portanto, de um caminho falso para aproximar o homem de Deus.

A interpretação literal do versículo, além de contrária à "luz natural"[24], aos princípios, vai de encontro ao espírito do Evangelho, pois doçura, humildade, paciência e compaixão caracterizam Jesus Cristo, que, nunca obrigou ninguém a servi-lo.

Conseqüência inevitável do sentido literal reside em desestabilizar os limites que separam a justiça da injustiça. O rei não poderia submeter parte de seus súditos à humilhação, separá-los de seus filhos e roubar-lhes os bens sob o pretexto de que tais súditos desobedecem aos éditos. Atos bárbaros não se tornariam caridosos se praticados para diminuir a heresia.

Na seqüência de sua argumentação, o filósofo protestante salienta que o sentido literal do versículo serviria, eventualmente, de pretexto aos infiéis para impedir o livre trânsito de cristãos em países de outras religiões. Exemplifica, narrando a história fictícia de missionários que partem para a China, onde são questionados pelo Imperador

---

[20] Idem, p. 83.
[21] Idem, p. 87.
[22] Conforme explica Jean-Michel Gros, Bayle não distingue ainda a ruptura entre o "método" cartesiano e os procedimentos escolásticos de raciocínio. Idem, p. 98.
[23] Idem, p. 98.
[24] Entenda-se "inteligência", "capacidade intelectual".

sobre o que fariam se a mensagem apregoada não encontrasse eco entre os chineses. Nesse caso, a conduta dos cristãos seria:

> [...] chasser à coups de bâton dans les églises chrétiennes tous les Chinois idolâtres, de les emprisonner, de les réduire à l´aumône, d´en pendre quelques-uns pour l´exemple, de leur enlever les enfants, de les abandonner à la merci du soldat, eux, leurs femmes, et leurs biens.[25]

Obviamente, os conselheiros do Imperador recomendariam a expulsão dos propagadores da fé cristã. A interpretação literal do versículo desencadearia crimes injustificáveis para punir os heréticos de desobediência aos éditos. Sabe-se que muitos se convertem para escapar às agressões, disso resultando grande número de hipócritas. O papel dos apóstolos, todavia, consiste em instruir e persuadir. O filósofo adverte que os reis não têm o poder de ordenar a seus súditos que neguem seus próprios princípios: por conseguinte, são nulos os éditos que desrespeitam a liberdade de consciência.

Outro inconveniente do sentido literal consiste em tirar da religião cristã um forte argumento contra o Maometismo. Acreditava-se, então, que uma das forças do Cristianismo residia em sua expansão, apesar das perseguições aos primeiros cristãos, ao contrário do Islamismo que se expandira pelas conquistas.[26] Ora, se os cristãos se julgam no direito de empregar a coação, não há mais motivos para condenar os maometanos de fazerem o mesmo.

Salienta-se ainda o fato de a interpretação literal do versículo permanecer desconhecida dos padres da Igreja, durante vários anos. O Evangelho propaga a doçura e o trabalho voluntário: se Jesus aprovasse algum tipo de violência, seria no mínimo inverossímil que os primeiros cristãos desconhecessem tal medida. Além disso, as queixas destes contra os seus perseguidores pagãos resultariam inúteis, porque muito provavelmente os cristãos empregariam os mesmos meios violentos contra os inimigos se as condições lhes fossem favoráveis.

Finalmente, deve-se partir do princípio de que os verdadeiros cristãos ficariam expostos a uma opressão contínua, pois cada seita, julgando-se ortodoxa, tentaria impor a profissão de fé na qual acreditava.

Essas são as nove refutações à compreensão literal do evangelho de São Lucas XIV, 23 delineadas por Bayle em seu *Commentaire philosophique*. As descrições metódicas de cada argumento revelam a preocupação de convencer apoiando-se ora nos

---

[25] BAYLE, op. cit, p. 122-23.
[26] Idem, p.155.

pensadores da Antigüidade, ora nos padres da Igreja, ora em fatos históricos- já que a leitura equívoca justificou (e justificava ainda) as mais cruéis perseguições.

Na segunda parte do *Commentaire*, conhecemos oito possíveis objeções às idéias apresentadas. Bayle rejeita, por exemplo, o argumento segundo o qual se empregaria a violência não para perturbar a consciência, mas para despertar os que recusam a verdade. Acrescenta que os meios tirânicos reforçam os heréticos na sua crença, cedendo às agressões somente aqueles sem fé. O próprio fato de serem perseguidos serviria de prova de que seguem a verdade. Paralelamente, se um príncipe protestante perseguisse católicos, estes acreditariam tratar-se de uma provação e ficariam mais papistas que antes.

O filósofo postulou a liberdade religiosa apoiando-se sobre uma teologia da consciência. Para alcançar a salvação, bastaria possuir o sentimento de seguir a verdade. O herético ao persistir no erro merece consideração e respeito. Ao contrário, ao se converter apenas por conveniência, seria culpado perante Deus[27].

Voltaire e Bayle: apóstolos da tolerância

Conhecer a linha de raciocínio de Bayle ajuda-nos a situar sua influência no amadurecimento do espírito das Luzes de maneira geral. Como apóstolo da tolerância, seu trabalho repercutiu na obra militante de Voltaire[28] – não por acaso, Jean Dagen designa a leitura dos *Commentaires philosophiques* (assim como da *Lettre sur la tolérance* de Locke) como "absolutamente indispensável" para compreender o *Traité sur la tolérance*[29].

De fato, Voltaire conhecia e admirava a obra do "père de l´Église des sages", como atesta sua correspondência e a laudatória apresentação no *Siècle de Louis XIV*.

Em saborosa passagem endereçada a d´Alembert, admoesta-o por um comentário infeliz a respeito do filósofo de Carla no artigo "dictionnaire" da *Encyclopédie*. Julgamos útil transcrevê-la, pois a vivacidade do estilo voltairiano – caracterizado aqui

---

[27] Idem, p. 341-2.

[28] V. SOUZA, Maria das Graças de. "Voltaire leitor de Bayle: a questão da tolerância". Texto apresentado em Congresso na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2004. Nesse artigo, a autora aponta e classifica os argumentos do *Commentaire philosophique* recuperados por Voltaire. Disponível em http://:www.pucp.edu.pe/eventos/congressos/filosofia/programa-general/.

[29] MENANT, Sylvain. " Forme et signification du *Traité sur la tolérance*" In: *Lectures d´une oeuvre:*Traité sur la tolérance *de Voltaire* . Paris: Editions du Temps, 1999, p. 15.

pela *exclamação*, *interrogação*, *apóstrofe* e *hipérbole* – enfatiza o papel desse autor tutelar das Luzes:

> J´ai vu avec horreur ce que vous dites de Bayle, *heureux s´il avait plus respecté la religion et les moeurs*, ou quelque chose d´approchant. Ah que vous m´avez contristé! Il faut que le démon de Jurieu vous ait possédé dans ce moment - là. Vous devez faire pénitence toute votre vie de ceux deux lignes. Qu´auriez-vous dit de plus de Spinoza et de La Fontaine? Que ces lignes soient baignées de vos larmes! Ah monstres! Ah tyrans des esprits! Quel despostisme affreux vous exercez! Si vous avez contraint mon frère à parler ainsi de notre père. [D12113]

Durante a redação do "petit livret", Voltaire solicitou o *Commentaire philosophique* a Moultou em 5 de janeiro de 1763 [D10885]. Quinze dias depois, escreve a Jacob Vernes:

> [...] Au reste il y a dans le *contrains-les d´entrer* de Bayle des choses beaucoup plus hardies. À peine s´en est-on aperçu parce que l ´ouvrage est long et abstrus. Ceci est court et à la portée de tout le monde. Ainsi je dois être plus circonspect. J ´ai beaucoup ajouté, beaucoup retranché, corrigé, refondu. La crainte de déplaire est l ´éteignoir de l´imagination. [D 10930].

A despeito das dificuldades do *Traité* para os não familiarizados com as Escrituras (capítulos IX, XII e XIII particularmente), sua complexidade não sobressalta ou desanima o leitor como o livro de seu predecessor. De fato, embora Bayle procurasse discutir temas espinhosos de forma acessível[30], sua minuciosa interpretação por meio de silogismos, repetições e explicações exaustivas atrairiam, sobretudo, especialistas.

No capítulo VII - "Si l´intolérance a été connue des Grecs"- a exemplo de Bayle, Voltaire cita os Antigos para mostrar como o paganismo não gerava discórdia. Reconhecemos aí uma idéia sobre Atenas presente também no discurso preliminar ao *Commentaire philosophique*.[31] Na cidade grega cada cidadão defendia seu ponto de vista, embora as dissensões fossem sobre pontos de relevo como a questão da Providência.

No capítulo XIV -"Si l´intolérance a été enseignée par Jésus-Christ", percebe-se como Voltaire retoma o argumento do *Commentaire* em um estilo enxuto, irônico e insinuante. As primeiras linhas encerram questões indiretas cujas respostas já se sabem de antemão: Jesus não estabeleceu leis sanguinárias, nem instituiu os carrascos dos "autos-de-fé".

Segundo o padre Herman, suposto autor do *Traité*, poucas passagens do Evangelho dariam margem à interpretação abusiva dos perseguidores. Entre estas, cita:

---

[30] Conforme explica Jean-Michel Gros. BAYLE, op. cit., p. 8.
[31] Idem, op.cit., p. 73.

a “parábola das bodas” e a suposta condenação dos pagãos e coletores de impostos, São Mateus XXIII e XVIII, respectivamente, e a “maldição da figueira”, São Marcos, XI. Reporta-se, igualmente, ao trecho de São Lucas XIV que inspirou a análise de Bayle:

> L´autre parabole est celle d´un particulier qui invite ses amis à un grand souper, et lorsqu´il est prêt de se mettre à table, il envoie son domestique les avertir. L´un s´excuse sur ce qu´il a acheté une terre, et qu´il va la visiter : cette excuse ne paraît pas valable, ce n´est pas pendant la nuit qu ´on va voir sa terre; un autre dit qu´il a acheté cinq paires de boeufs, et qu´il les doit éprouver: il a le même tort que l´autre, on n´essaye pas des boeufs à l´heure du souper; un troisième répond qu´il vient de se marier, et assurément son excuse est très recevable. Le père de famille, en colère, fait venir à son festin les aveugles et les boiteux, et, voyant qu ´il reste encore des places vides, il dit à son valet: “Allez dans les grands chemins et longs des haies, et Contrains les gens d´entrer.” (102).[32]

As observações sobre a validade ou não das desculpas não estão no texto do apóstolo. Trata-se aqui de interpretação do enunciador que faz, assim, uma caricatura da parábola por meio de apartes sobre algo secundário: “ce n´est pas pendant la nuit qu´on va voir sa terre” , “on n´essaye pas des boeufs à l´heure du souper”.

A ironia prossegue ao comentar que o criado sozinho não conseguiria forçar quem encontrasse pelo caminho a jantar na casa de seu mestre e, caso tivesse sucesso, o ambiente à mesa não seria dos mais agradáveis. Assim como Bayle, o enunciador insiste no absurdo de interpretar literalmente o versículo. Em vez de análises espinhosas, aludindo aos exegetas de todos os tempos, lê-se uma paráfrase irreverente, seguida de comentário “curto e ao alcance de todo mundo.”

Enquanto Bayle ocupava-se em impugnar as interpretações da Bíblia que justificavam a violência, Voltaire atacava o próprio livro sagrado. No capítulo XI - “Abus de l´intolérance”-, salienta que as discrepâncias entre os evangelhos não causaram atritos entre os seguidores de Cristo. Louvava, assim, a tolerância destes, mas aproveitava para atacar as inúmeras contradições ali presentes:

> Si les évangélistes avaient ressemblé aux écrivains modernes, ils avaient un champ bien vaste pour combattre les uns contre les autres. Saint Matthieu compte vingt-huit générations depuis David jusqu´à Jésus; saint Luc en compte quarante et une, et ces générations sont absolument différentes. On ne voit pourtant nulle dissension s´élever entre les disciples sur ces contrariétés apparentes, très bien conciliées par plusieurs Pères de l´Église. La charité ne fut point blessée, la paix fut conservée. Quelle plus grande leçon de nous tolérer dans nos disputes, et de nous humilier dans tout ce que nous n ´entendons pas! (86).

Desse modo, sob o pretexto de elogiar o bom entendimento entre os discípulos, tecia uma crítica desmitificadora da Bíblia. Ao mostrar certas incoerências dos

---

[32] Colocamos entre parênteses o número da página da edição de referência do *Traité sur la tolérance*. Introduction, notes, bibliographie, chronlogie par René Pomeau. Paris: Flammarion: 1989.

evangelistas, Voltaire os situa como homens comuns, não mais como "iluminados" que deteriam a "verdade", mas apenas "versões". Muito mais que insistir sobre o absurdo da interpretação literal e suas conseqüências nefastas como fez Bayle, o patriarca questionava, de forma velada, o próprio Cristianismo.

Locke e a separação entre Igreja e Estado

Além do *Commentaire philosophique* de Bayle, outra obra basilar para o pensamento iluminista sobre a tolerância ressoa no *Traité* de Voltaire: - *Lettre sur la tolérance* [33], de John Locke (1632-1704). Escrita em latim, provavelmente entre 1685 e 1686, e dirigida a um público erudito, só foi publicada anonimamente em 1689 na Holanda, onde o autor vivia como refugiado político.

Esclarecemos de antemão que a *Lettre sur la tolérance* é uma reflexão sobre a natureza da autoridade política[34], sobre os meios de que dispõe e o que pode ou não fazer. A tolerância proposta por Locke excluía os ateus, ao contrário de Bayle, pois não acreditava que pudessem ser virtuosos e respeitar os contratos, e os católicos, devido à obediência ao Papa. Uns e outros representavam, assim, perigo à sociedade civil.[35]

Eis em grandes linhas a essência da *Lettre sur la tolérance*. Logo no início, o autor destaca a tolerância como principal qualidade da verdadeira Igreja, embora diferentes tendências de cristãos não apenas julguem a Igreja que elegeram como a melhor, mas se arroguem o direito de castigar fisicamente os heréticos a fim de salvá-los do fogo eterno. O filósofo inglês cita passagens dos Evangelhos e das Epístolas de São Paulo para ratificar seu ponto de vista, esclarecendo, por exemplo, que de nada serviriam as manifestações externas da Igreja na ausência de caridade.

O Cristianismo preconizava a doçura e a benevolência, tornando, assim, inadmissível infligir, por meio de suplícios e crueldades, determinados comportamentos a pretexto da salvação da alma, sobretudo quando se tratava de meros detalhes quanto ao culto. Devia-se condenar, isto sim, a avareza, a maldade, a fornicação e a inveja, conforme pregava o apóstolo (Epístola de São Paulo aos Romanos I, 29). Ao cristão não cabia ocupar-se de querelas anódinas entre as seitas, mas da extirpação dos vícios.

Se a verdadeira fé depende da íntima convicção, assevera o pensador, de nada valeriam as marcas exteriores impostas por outros. Locke reconhecia, porém, a

---

[33] Utilizamos a edição LOCKE, John. *Lettre sur la tolérance.* Traduction de Jean Le Clerc. Introduction, bibliographie, chronologie et notes par Jean-Fabien SPITZ. Paris: Flammarion, 1992.
[34] Conforme explicação de Jean-Fabien SPITZ em sua introdução. Idem, p. 14.
[35] A esse respeito, v. "Origines chrétiennes de la tolérance: le point de vue protestant" de Michael HEYD In: *Qu´est-ce que la tolérance? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire: Centre international d´étude du XVIII Siècle, 2002, pp.11-21.

existência de radicais que, em nome de Deus, continuariam a impor suas idéias pela força. Esses falsos devotos, além de não conseguirem a salvação das almas, provocariam danos ao Estado:

> [...] je crois qu´il est d´une nécessité absolue de distinguer ici, avec toute l´exactitude possible, *ce qui regarde le gouvernement civil, de ce qui appartient à la religion, et de marquer les justes bornes qui séparent les droits de l´un et ceux de l´autre*.[36]

O Estado, explica-nos, consiste em uma sociedade de homens que visa à conservação dos interesses civis como a liberdade, a saúde do corpo, além dos bens materiais, não cabendo, então, ao magistrado, preocupar-se com a salvação das almas, mas zelar pela obediência às leis. A religião, por seu turno, implica convicção interior, pois Deus recusaria uma devoção apenas de fachada.

Locke insistia que nem a perda dos bens materiais, nem as torturas físicas teriam o poder de mudar nossa crença, uma vez que as leis civis dizem respeito à vida terrena, não tendo nenhuma influência na salvação.

Da mesma forma que o Estado não interferiria em assuntos espirituais, a Igreja – que comporta uma sociedade de homens que se reúnem voluntariamente para servir a Deus - deveria manter-se distante dos problemas temporais. Nenhuma violência pode ser infligida contra um cidadão devido à sua crença. Qual seria então o poder da Igreja e a que leis ela se sujeitaria? A partir desta questão, Locke discorre sobre a importância de nos reportarmos às Escrituras para conhecer que rituais os cristãos deveriam seguir para alcançar a salvação. Em seguida, adverte:

> [...] l´Eglise témoigne partout que les véritables disciples de Jésus-Christ souffriront de grandes persécutions: mais je ne sache pas avoir lu, dans aucun endroit du nouveau Testament, que l´église de ce divin sauveur doive persécuter les autres, et les contraindre, par le fer et par le feu, à recevoir ses dogmes et sa créance.[37]

Assim, não se imporiam aos outros nossas próprias invenções ou explicações particulares como se fossem apoiadas por uma autoridade divina. Se a Igreja não for fundada sobre as leis de Jesus, não temos direito de utilizar seu nome. Partindo do princípio de que a Igreja consiste em uma sociedade voluntária, nenhum dos atos desse grupo deve ser relativo às possessões de bens civis. Os bens exteriores, continua o filósofo, são submetidos ao magistrado, cabendo ao poder eclesiástico, no máximo, a expulsão de membros que infringissem as regras de determinada seita. O excomungado, no entanto, não sofreria nem violência física, nem privação dos bens civis.

---

[36] LOCKE, op.cit., pp. 167-8.

Locke esclarece, por exemplo, que, se um homem se distancia do "verdadeiro caminho", prejudica a si mesmo, não causando dano algum aos semelhantes. Não temos, pois, direito de subtrair os bens de alguém nesta vida sob pretexto de sua condenação eterna - à Igreja não cabia o direito do gládio, mesmo se unida ao Estado.

Outro ponto discutido por Locke em sua carta diz respeito ao dever dos magistrados em relação à tolerância. A função precípua destes reside em prescrever e zelar pelo cumprimento das leis, deixando os cuidados com a alma a cargo de cada indivíduo. Se, por ventura, um cidadão negligenciasse o aspecto espiritual de sua vida, nenhum poder de coação do magistrado poderia mudá-lo. Pois se assim fosse, seria preciso interpelar o mesmo cidadão cada vez que descuidasse de sua saúde ou de seus negócios domésticos: temas que interessam muito mais à sociedade civil. O filósofo questiona, não sem ironia:

> Mais s ´il [le citoyen] néglige la santé de son corps, et les affaires domestiques, où la société civile est beaucoup plus intéressée, faudra-t-il que le magistrat publie une ordonnance pour lui défendre de s´appauvrir et de tomber malade?[38]

Na seqüência de sua carta, Locke faz uma explanação sobre o culto exterior lembrando-nos que o Evangelho liberou os cristãos do jugo das cerimônias, resultando daí que cada Igreja serviria a Deus da maneira que lhe aprouvesse, dentro dos limites das ações admissíveis na vida civil.

Em nome de um pretendido zelo pela Igreja, muitos crimes foram cometidos, bastando lembrar a cristianização na América. Podia-se objetar, prossegue o filósofo, que passagens do Antigo Testamento autorizam a exterminação dos idólatras. De fato, a lei de Moisés comandou a lapidação dos heréticos, a vinda de Cristo, porém, liberou os cristãos desse dever.

Muitos chefes de Igrejas, com sede insaciável de dominação, assevera Locke, aproveitaram a ambição dos soberanos e a superstição dos povos para impor a intolerância. Essa atitude provocou mais guerras do que as diferenças inevitáveis de opinião. Os eclesiásticos, reafirma o filósofo, como sucessores de Cristo, devem seguir o exemplo dos apóstolos não se envolvendo nos negócios temporais.

Ao laicizar o Estado, Locke insiste nos exemplos relativos à violência. Nada justificaria os suplícios tendo em vista a impossibilidade de salvação sem a crença interior.

---

[37] Idem, p. 174.
[38] Idem,p. 182.

Voltaire e Locke

Interessa investigar quais aspectos do texto de Locke estão presentes no *Traité* de Voltaire, quase um século mais tarde, e como ganham relevo através de diferentes estratégicas discursivas.

No início do capítulo XI - "Abus de l ´intolérance", lemos:

> Mais quoi! sera-t-il permis à chaque citoyen de ne croire que sa raison, et de penser ce que cette raison éclairée ou trompée lui dictera? Il le faut bien, pourvu qu´il ne trouble point l´ordre: car il ne dépend pas de l ´homme de croire ou de ne pas croire, mais il dépend de lui de respecter les usages de sa patrie [...]. (83).

Ao leitor que não percebeu a alusão, Voltaire informa na nota n° 60: "Voyez l´excellente Lettre de Locke sur la tolérance." (168)[39].

A autoridade política deve zelar somente pela ordem social, não lhe cabe legislar sobre algo que diz respeito ao foro íntimo como a fé e a obediência aos dogmas.

A separação entre Estado e Igreja não é defendida por Voltaire com a mesma veemência de seu predecessor inglês. Seria um equívoco, no entanto, afirmar que esse tema foi desprezado pelo autor[40]. Em carta a Moultou de janeiro de 1763, o patriarca declara sobre o livro em gestação:

> Il est bien vrai que les évêques se servent des rois , et les rois des évêques, pour affermir tour à tour leur pouvoir. Je crois qu ´il faut tâcher d ´éloigner ici cette question odieuse; n´éffarouchons point ces deux puissances. Tâchons plutôt de leur plaire. [D10897].

O filósofo elide a questão, ao menos ostensivamente, por motivos diplomáticos. Em algumas passagens do *Traité*, no entanto, lê-se uma defesa tácita da separação entre Igreja e Estado. Vejamos, por exemplo, a história relatada no capítulo IV - "Si la tolérance est dangereuse, et chez quels peuples elle est permise.":

---

[39] Segundo René Pomeau, em sua introdução à edição de referência do *Traité*, Voltaire cita Locke, mas a passagem está mais próxima do pensamento de Bayle: "On sait comment dans son *Commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ 'Contrains-les d´entrer'* (1686), Bayle fonde la tolérance sur une théologie de la conscience. Il expose que la connaissance absolue de la vérité, en matière métaphysique, dépasse la portée de l ´esprit humain. Il suffit donc que nous ayons le sentiment intérieur de suivre la vérité." op. cit., p.21

[40] René Pomeau, por exemplo, afirma: "Notre séparation de l´Église et de l´État ne fut jamais l ´un de ses objectifs. Il plaide au contraire pour une subordination de l´Eglise à l´Etat: il y voit un moyen de garantir la tolérance." Idem, p. 21.

H. T. Mason, em seu artigo "La tolérance chez Locke, Bayle et Voltaire: fausses influences?", sustenta: "Mais le grand principe énoncé par Locke dans sa Lettre, à savoir celui d´une distinction entre les intérêts temporels et les intérêts spirituels, entre l ´État et l´Église, est absent dans le *Traité* de Voltaire". In *ESTST*, p. 7.

Un évêque de Varmie, en Pologne, avait un anabaptiste pour fermier, et un socinien pour receveur; on lui proposa de chasser et de poursuivre l ´un, parce qu ´il ne croyait pas la consubstantialité, et l´autre, parce qu ´il ne baptisait son fils qu´à quinze ans: il répondit qu ´ils seraient éternellement damnés dans l´autre monde, mais que, dans ce monde-ci, ils lui étaient très nécessaires. (50).

É interessante notar que, embora parodicamente, Voltaire lança mão de uma verdadeira parábola, à maneira de Cristo. Veja-se, por outro lado, que às cem páginas de Locke correspondem algumas linhas narrativas que, por isso mesmo resumem, dando relevo inusitado à questão.

A atitude do bispo polonês exemplifica – com um relato passível de interessar o leitor – a separação de Estado e Igreja defendida por Locke. No *Traité*, conserva-se a dicção coloquial de alguém escrevendo a um amigo e narrando-lhe esse fato para apoiar seu ponto de vista. A Carta de Locke, por seu turno, desenvolve-se com rigorosa linha de raciocínio. O filósofo inglês prevê as possíveis contestações às suas idéias e refuta-as apoiando-se em dados históricos e passagens da Bíblia. O procedimento empregado por Voltaire é pelo viés de casos contemporâneos atraentes ou passagens macabras de outras épocas[41].

A historinha do bispo polonês, aparentemente anódina, encerra um recado aos homens à testa do poder: para o bom andamento da economia e estabilidade da sociedade vale a pena aceitar diferenças de credo.

Ainda nesse capítulo, Voltaire cita regiões do globo onde a tolerância não representou obstáculo ao desenvolvimento e à paz, como por exemplo, uma das colônias da América do Norte:

Jetez les yeux sur l´autre hémisphère; voyez la Caroline, dont le sage Locke fut le législateur: il suffit de sept pères de famille pour établir un culte public approuvé par la loi; cette liberté n ´a fait naître aucun désordre. (52).

Voltaire, na esteira de Locke, julga o emprego da violência ineficaz para impor a fé. Nesse aspecto, os argumentos diferem: o filósofo inglês alega a insatisfação de Deus caso a crença não nascesse no íntimo dos fiéis. Apela também ao bom senso, partindo do princípio de que a verdade se impõe por si, dispensando o ferro e o fogo. Já no *Traité sur la tolérance*, enfatiza-se o resultado negativo da coação, que produziria rebeldes ou

[41] Veremos adiante como Voltaire apóia-se igualmente em passagens das Escrituras para sua argumentação. Em geral o faz para ridicularizar personagens bíblicas e desabonar as mensagens do livro

hipócritas trazendo prejuízo à sociedade. Sobressai aqui o aspecto político e, nesse sentido, Voltaire é mais lockiano que Locke.

Nos dois autores, há uma prevalência dos valores político-econômicos sobre os religiosos, pois a ênfase é dada à ordem social, ao caminhar da economia e não mais à pureza ortodoxa das crenças.

O filósofo inglês demonstrou, conforme vimos, que afirmar oralmente a crença em Deus seria inútil sem convicção interior:

> [...] si, pour convertir ceux qu´il [un homme qui souhaite le salut de son semblable] suppose errants dans la foi, il les réduit à professer de bouche ce qu´ils ne croient pas, et qu´il leur permette la pratique des choses mêmes que ´Évangile défend; on ne saurait douter qu´il n´ait envie de voir une assemblée nombreuse unie dans la même profession que lui. Mais que son but principal soit de composer par là une Église vraiment chrétienne, c´est ce qui est tout à fait incroyable.[42]

O capítulo XVI - "Dialogue entre un mourant et un homme qui se porte bien" critica a hipocrisia por meio da caricatura. O personagem denominado "Le barbare" tenta extrair uma confissão do moribundo, contraditória à crença deste: "Hé bien, si tu ne peux pas croire ce que je veux, dis que tu le crois, et cela me suffit." (114).

Na carta de Locke, aprendemos a insignificância que representam os detalhes sobre os ritos. Afinal, em nada alterariam na vida civil e não causariam danos ao outro. A decisão sobre tais pormenores caberia aos membros da Igreja. Os transgressores seriam passíveis, no máximo, da excomunhão. Voltaire comunga da mesma idéia em sua "Prière à Dieu". Na passagem seguinte, insiste-se sobre o valor da fé em detrimento do aparato exterior:

> [...]que ceux qui couvrent leur robe d´une toile blanche pour dire qu´il faut t´aimer ne détestent pas ceux qui disent la même chose sous un manteau de laine noire; qu´il soit égal de t´adorer dans un jargon formé d´une ancienne langue, ou dans un jargon plus nouveau [...] (142,43).

Em sua correspondência, Voltaire insiste que a tolerância só pode nascer em um terreno de indiferença. Os excessivamente devotos não estariam preparados para esse novo "dogma". Os comentários chistosos visam, assim, a despertar o espírito crítico. Ridicularizava-se aqueles que não se contentavam em adorar Deus em pensamento, mas desejavam ostentar sua devoção, como ocorria, por exemplo, com os penitentes brancos:

---

sagrado. No caso de Locke, trata-se de um homem de religião refutando os abusos das interpretações bíblicas.

[42] LOCKE, op. cit., p. 166.

Pourquoi se distinguer ainsi des autres citoyens? S´en croyait-on plus parfait? Cela même est une insulte au reste de la nation. Voulait-on que tous les chrétiens entrassent dans la confrérie? Ce serait un beau spectacle que l´Europe en capuchon et en masque, avec deux petits trous ronds au -devant des yeux? (42)

Insistimos no aspecto da nova ordem social, ligada a valores como vida econômica, bem estar e progresso, o que torna o culto algo particular a cada indivíduo- com sua margem de liberdade- e não uma questão de Estado.

Sabemos, evidentemente, que a reflexão sobre a tolerância se desenvolve em torno da incerteza, do provável, do possível e do verossímil. Daí a importância da "luz natural" para perceber os limites de certas interpretações da Bíblia. No *Commentaire philosophique*, as nove refutações são formuladas, primeiramente, em silogismos - argumentação que explicita todas as etapas do entendimento. Na *Lettre sur la tolérance*, parte-se de exemplos gerais, conforme o raciocínio dedutivo[43]. Nos dois casos o

[43] V. CAMBOU, Pierre. "Le discours démonstratif lockien dans la *Lettre sur la tolérance* et le discours narratif voltairien dans le *Traité sur la tolérance*." In: *Traité sur la tolérance* de Voltaire. (dirigé par Jean-Louis TRITTER). Paris: Ellipses, 1999, pp. 63-81.

NA TRIBUNA CONTRA O FANATISMO

Uma justiça espúria

No século XVIII, conforme comentamos, os memoriais dos advogados eram publicados para influenciar o público que, dessa forma, pressionaria indiretamente os juízes. De acordo com o talento dos defensores, esses textos gozavam de grande sucesso. O primeiro capítulo do *Traité sur la tolérance* tem reminiscências de um memorial à semelhança dos escritos por Pierre Mariette e Loyseau de Mauléon[43].

O autor confia na boa recepção do seu livro – as cartas o comprovam –, tendo escolhido data e público ideais para o início da difusão, tal como procedem muitos editores dos nossos dias. A excelente acolhida da obra, dentro e fora da França, todavia, deveu-se ao interesse do cidadão comum e do "honnête homme", uma vez que os

notáveis se incomodaram com o caráter agressivo - para dizer o mínimo -do “petit - livret”.

Nas próximas páginas, tentaremos compreender melhor os procedimentos discursivos de Voltaire para atrair o público. Comecemos pelo resumo dos acontecimentos feito por nosso autor.

Histoire abregée de la mort de Jean Calas

Le meurtre de Calas, commis dans Toulouse avec le glaive de la justice, le 9 mars 1762, est un des plus singuliers événements qui méritent l´attention de notre âge et de la posterité. On oublie bientôt cette foule de morts qui a péri dans des batailles sans nombre, non seulement parce que c´est la fatalité inévitable de la guerre, mais parce que ceux qui meurent par le sort des armes, pouvaient aussi donner la mort à leurs ennemis, et n ´ont point péri sans se défendre. Là ou le danger et l´avantage sont égaux, l´étonnement cesse, et la pitié même s´affaiblit; mais si un père de famille innocent est livré aux mains de l´erreur, ou de la passion, ou du fanatisme; si l´accusé n ´a de défense que sa vertu: si les arbitres de sa vie n ´ont à risquer en l ´égorgeant que de se tromper; s´ils peuvent tuer impunément par un arrêt, alors le cri public s´élève, chacun craint pour soi-même, on voit que personne n ´est en sûreté de sa vie devant un tribunal érigé pour veiller sur la vie des citoyens, et toutes les voix se réunissent pour demander vengeance.(31).

O início de um texto assume grande importância numa história, porque deve nos despertar a vontade de continuar a leitura. Jean-Louis Morhange[43] afirma que o *Incipit* ajuda o leitor a transpor “o abismo ontológico que separa o universo da ficção da vida cotidiana”. Para ele tal travessia não é óbvia, por isso, estudou minuciosamente diferentes estratégias retóricas que auxiliam o leitor a atravessar essa soleira.

Interessa aqui nos determos num conceito-chave relacionado com o *Incipit*: a mediação. Como a linguagem escrita tem um caráter abstrato, o ato de ler se distingue da recepção de outros modos de expressão. Nas artes visuais, ainda segundo Morhange, a imagem é apreendida na sua integralidade e os observadores, em geral, percebem o referente das obras figurativas (uma árvore, um cachimbo).

No caso de conto, romance e outros gêneros em prosa, por exemplo, o universo deve ser inteiramente imaginado ou conceitualizado a partir de símbolos abstratos (as letras que formam o texto). O leitor não conta com mais nada além dessas “marcas escuras”.

O crítico conclui que a passagem dificultosa do universo da vida cotidiana para o da narrativa é característica da linguagem escrita. No caso da linguagem oral, além das palavras, o ouvinte conta com a presença física do contista (ou orador), o tom da voz, os silêncios , a expressão do rosto, o movimento das mãos, o olhar etc...

Ao abrir a primeira página de um livro, instintivamente perguntamos: Quem? Onde? Quando? No *Traité*, conhecemos as respostas nas duas primeiras linhas. A evocação *ex-abrupto* do suplício de Jean Calas contribui para inflamar a curiosidade pelo caso policial. O assunto, no entanto, não recebe o tratamento de gazeta (gênero, aliás, cada vez mais em voga). O primeiro parágrafo, ao contrário, encerra a dicção douta de um estudioso que pretende transmitir ao interlocutor o resultado de sua investigação. Não se tratava de um crime qualquer, mas de um assassinato "cometido com o gládio da justiça". A instituição encarregada de zelar pela vida dos cidadãos não apenas falhara em sua missão, como também havia sido cúmplice de uma atrocidade. A discussão sobre o tema, por conseguinte, excedia a mera curiosidade sobre um *fait divers* e convidava à reflexão sobre uma página da História.

O enunciador vale-se das expressões "parce que", "mais parce que", "si", "mais" e "alors" conferindo ao enunciado a credibilidade de um raciocínio coerentemente estruturado. Não faz suposições sobre temas abstratos, mas mostra exemplos concretos:

> "[...] mais si un père de famille innocent est livré aux mains de l´erreur, ou de la passion, ou du fanatisme; si l´accusé n´a de défense que sa vertu; si les arbitres de sa vie n´ont à risquer en l´élorgeant que de se tromper; s´ils peuvent tuer impunément par un arrêt [...]."

Nessa passagem, mais do que realçar a injusta condenação de Jean Calas, coloca-se em xeque o sistema penal vigente, que previa o segredo dos motivos da sentença e não permitia advogados de defesa ao acusado. Em um país onde as decisões judiciais são inquestionáveis, os cidadãos não têm segurança e instala-se um clima de temor. Parte-se, assim, de um caso particular para denunciar um problema comum a todos os franceses.

Espera-se de um Parlamento que examine os fatos, ouça os depoimentos das partes envolvidas e julgue com imparcialidade e bom senso. Ora, o ritmo ternário "de l´erreur, ou de la passion, ou du fanatisme" coordena três aspectos que caminham na contramão da eqüidade.

É significativa a escolha do exemplo de uma batalha para enfatizar o absurdo que representou o erro do Parlamento de Toulouse. Voltaire mais de uma vez se manifestou contra esse flagelo. No capítulo III de *Candide*, refere-se à guerra como "boucherie héroïque" e no *Dictionnaire philosophique*, explicita:

> Philosophes moralistes, brûlez tous vos livres. Tant que le caprice de quelques hommes fera loyalement égorger des milliers de nos frères, la partie du genre humain consacrée à l´héroïsme sera ce qu´il y a de plus affreux dans la nature entière. [43]

Ao comparar as vítimas de uma guerra com a morte injustificada do comerciante, ressalta a monstruosidade desta. A propósito, são inúmeras as passagens do *Traité* relativas às crueldades em nome da Igreja Católica e o subseqüente ódio dos protestantes. De fato, a brutalidade de supostos seguidores de Cristo resultou em maior união dos heréticos, que resistiam ora pacificamente, ora com retaliações. A ausência de um poder digno de crédito gerava esse caos na sociedade.

A única saída para o povo indefeso – a minoria protestante – residiria na vingança. Vale reproduzir o significado da palavra do ponto de vista jurídico:

> Vindita. Do latim *vindicta* (castigo, punição) é a *represália*, intentada como *vingança* e à guisa de justiça. É o desfôrço pessoal da vítima contra seu ofensor.
>
> A *vindita* não se justifica perante as leis penais, consoante o princípio de que não cabe a ninguém fazer justiça pelas próprias mãos[43].

Sem o amparo do poder legal, os perseguidos lançam-se igualmente aos mesmos atos bárbaros dos seus compatriotas. O final do capítulo III explicita essa situação:

> [...] le supplice de mille hérétiques, surtout celui du conseiller au parlement Dubourg, et enfin le massacre de Vassy, armèrent les persécutés, dont la secte s´était multipliée à la lueur des bûchers et sous le fer des bourreaux ; la rage succéda à la patience; ils imitèrent les cruautés de leurs ennemis [...]. (45).

A justiça, a fim de cumprir sua função, necessitava desvencilhar-se da religião. O enunciador situa-se no fio da navalha em suas referências e alusões ao poder espiritual. Era mister poupar a Igreja de agressões contundentes, mas em filigrana lê-se uma crítica mordaz que não cessará de crescer ao longo do livro. No início do segundo parágrafo:"Il s´agissait, dans cette étrange affaire, de religion, de suicide, de parricide [...]" (32), sugere-se o caráter criminoso da religião por meio do paralelismo sintático, pois este substantivo situa-se no mesmo plano dos termos "suicídio" e "parricídio".

Advogado de Jean Calas

Após o prólogo -que cumpre sua função de atrair a atenção e a benevolência do público – lemos um resumo do que sucedeu na noite de 13 de outubro de 1761. O *ethos* (conforme vimos, a imagem que o enunciador dá de si mesmo), parece-nos uma via argumentativa fecunda neste primeiro capítulo[43].

Antes de mais nada, o narrador compromete-se com a eqüidade e a veracidade. Com efeito, não há nenhum ataque sem sustentação nos fatos, as afirmações são

baseadas em documentos: “Celui qui écrit cette relation possède une attestation [...]”(34). Desenha-se, outrossim, o perfil do cidadão “imparcial, mas sensível” – sendo essa especificação necessária a fim de humanizar o erudito que se debruça sobre o caso. A sensibilidade se revela, por exemplo, na discreta alusão a seu empenho para ajudar a viúva:

> Quelques personnes, ayant examiné mûrement toutes les circonstances de cette aventure horrible, en furent si frappées qu´elles firent presser la dame Calas, retirée dans une solitude, d´oser venir demander justice au pied du trône (38).

Voltaire administrou todos os passos da viagem de Mme Calas a Paris, responsabilizando-se inclusive por suas despesas, segundo conhecemos de sua correspondência. Nesta, cresce a imagem do general administrador: no texto impresso, ao contrário, – o “eu” procura investir-se de uma aura de neutralidade. O relato merece crédito, porque o enunciador estudou “mûrement toutes les circonstances” e não por ter conhecido pessoalmente os envolvidos no caso.

Ao advogado, interessam as causas mediatas do crime (costumes locais derivados das guerras religiosas) e imediatas (fanatismo, superstição endêmica), que, analisadas em conjunto, lhe permitem construir a defesa mais plausível.

Em algumas passagens, o defensor omite, acrescenta ou modifica informações, conforme revela a apresentação do réu:

> Jean Calas, âgé de soixante-huit ans, exerçait la profession de négociant à Toulouse depuis plus de quarante années, et était reconnu de tous ceux qui ont vécu avec lui pour un bon père. (32).

O comerciante nasceu em 1698, em 1761 contava sessenta e três anos. Nesse capítulo, o narrador envelhece cinco anos o réu – visando a tornar o crime menos verossímil[43]. Paralelamente manipula um dado sobre Louis Calas quando da sua conversão ao catolicismo. Sabemos que o jovem rompera com a família, poucos anos antes da morte do irmão:

> Il était protestant, ainsi que sa femme et tous ses enfants, excepté un, qui avait abjuré l´hérésie, et à qui le père faisait une petite pension. Il paraissait si éloigné de cet absurde fanatisme qui rompt tous les liens de la société qu´il approuva la conversion de son fils Louis Calas, et qu ´il avait depuis trente ans chez lui une servante zélée catholique, laquelle avait élevé tous ses enfants. (32).

De fato, Jean Calas sustentava o filho, mas não se pode afirmar com segurança que o fazia de bom grado[43]. Seria imprudente, para sua defesa, explicitar os pormenores

do litígio familiar que o obrigou ao pagamento de uma pensão. Nosso advogado contenta-se em informar sobre o auxílio financeiro.

Poucas linhas adiante, aprendemos sobre a influência de Jeanne Viguière na conversão de Louis. Realçar a acolhida de uma criada católica constituía um ótimo exemplo da tolerância dos Calas. Ora, não havia, a rigor, nada de excepcional nessa convivência harmoniosa porque se tratava de uma imposição do Rei[43].

Por meio desses argumentos empíricos, evidenciava-se a índole pacífica do condenado[43]. Essa maneira astuciosa como o autor apresenta os fatos com vistas a determinado fim (a divulgação das idéias iluministas, por exemplo) mereceu um estudo de Auerbach[43]. O crítico alemão explica que um expediente comum na obra voltairiana de sua fase militante reside na técnica do holofote. Tal procedimento consiste em focalizar apenas uma parte de um conjunto e deixar na sombra o que poderia oferecer um contrapeso ao aspecto privilegiado[43]. Ainda segundo Auerbach, embora aparentemente se diga a verdade, falseia-se tudo, pois "a verdade requer toda a verdade e o relato exato de suas partes". No ensaio citado, o crítico analisa o célebre fragmento das *Lettres philosophiques* sobre a bolsa de valores de Londres, no qual reconhecemos a pena sarcástica de Voltaire.

Na passagem que ora analisamos, a técnica do holofote idealiza a figura do réu: um exemplo de tolerância para seus vizinhos. Se o "vieillard faible" subsidiava o filho, que havia abjurado a heresia, e abrigava uma empregada católica, seria pouco provável que assassinasse em nome da religião.

Em oposição ao comerciante trabalhador e respeitável pai de família, desenha-se o espectro de Marc-Antoine Calas. Nas *Pièces originales*, o filósofo já tinha evocado a personalidade sombria do primogênito, bem como suas leituras sobre suicídio. Aqui, sem os pormenores de textos anteriores, enfoca igualmente sua tristeza.[43]

Quando o leitor depara com a figura do pai irreprochável, pergunta-se a causa de seu suplício. Parece pouco verossímil que um Parlamento condenasse Jean Calas sem provas. O que levaria juízes a tomarem decisão tão radical, sem que tivessem motivo para isso? O narrador-advogado tece observações visando a desabonar a população de Toulouse, pois dela teria partido a sentença de morte:

Ce peuple est superstitieux et emporté; il regarde comme des monstres ses frères qui ne sont pas de la même religion que lui. (33).

O povo, apontado como antagonista, mostra-se indigno de crédito, porque agiu compelido por preconceitos. Reforça-se essa acusação recorrendo-se às causas mediatas:

> Cette ville solennise encore tous les ans, par une procession et par des feux de joie, le jour ou elle massacra quatre mille citoyens hérétiques, il y a deux siècles. En vain six arrêts du conseil ont défendu cette odieuse fête, les Toulousains l´ont toujours célébrée comme les jeux floraux. (33).

O autor antecipa de dois meses a comemoração desse massacre para fazê-la coincidir com a execução de Calas, conforme explica a nota nº 3 (159). A evocação dessa cerimônia denigre a imagem dos tolosanos, mostrando-os como indivíduos incultos e adeptos de tradições macabras.

Na noite do crime, por exemplo, em meio aos curiosos, aventou-se a hipótese de parricídio e imediatamente esse boato adquiriu força de prova irrefutável nas mãos de David de Beaudrigue:

> Le sieur David, capitoul de Toulouse, excité par ces rumeurs et voulant se faire valoir par une prompte exécution, fit une procédure contre les règles et les ordonnances. (35).

Seguindo o relato dos fatos, percebe-se que não há justificativas, argumentos e convenções sociais que aprovem a crueldade a que foi submetido o réu. A série de acontecimentos que redundaram no suplício do comerciante da rua "des Filatiers" foi provocada pela insanidade da população, segundo Rémy Bijaoui:

> La famille Calas comptait, en effet, parmi les quelques rares familles protestantes- une trentaine tout au plus- vivant à cette époque à Toulouse [...] De fait les haines de religion y étaient plus vigilantes que partout ailleurs.[43]

Estabelece-se, desse modo, clara oposição entre a mansuetude da família Calas, a ponderação e a generosidade dos advogados, de um lado, e o povo, cego pelo extremismo, de outro.

Um dos sinais mais flagrantes dos excessos dos católicos em Toulouse são as confrarias dos penitentes, isto é, associações de homens que, para fazer penitência dos pecados, seguiam algumas práticas como enterrar os mortos e seguir procissões. Os penitentes cobriam a cabeça com um capuz, cuja cor variava de acordo com o grupo. Essa prática datava do século XII e, segundo as mentes esclarecidas, consistia em um costume anacrônico[43].

Quanto aos juízes, o simples fato de pertencerem à confraria leva o leitor a associá-los à camada supersticiosa da sociedade: "Quelques magistrats étaient de la

confrérie des pénitents blancs. Dès ce moment la mort de Jean Calas parut infaillible." (35).

Na seqüência dessa defesa, lemos o seguinte paralelo: "On ne croit pas en France que le pape, assisté de ses cardinaux, soit infaillible: on pourrait croire de même que huit juges de Toulouse ne le sont pas." (39).

Reconhecemos outro argumento empírico nessa comparação do "mais ao menos"[43] . A rigor, o fato de o Papa e os cardeais serem passíveis de cometer erros não significa forçosamente que oito juízes estejam sujeitos a equívocos. O enunciador baseia-se no verossímil, como sugere o emprego da locução "on pourrait croire de même". Ao construir o discurso apoiando-se no plausível e trazendo exemplos próximos à realidade do leitor – e por isso verificáveis e sujeitos à contestação - cria-se uma abertura ao diálogo. Vislumbra-se o *ethos* complacente que pretende analisar os fatos e não impor sua versão.

As críticas ao veredicto do Parlamento, embora incisivas, não encerram a agressividade das missivas seguintes: "[...] je ne regarde ce jugement que comme un assassinat fait en robe et en bonnet carré." [D10679] - declara aos d´Argental, "Pour moi je ne connais point d´assassinat plus horrible et plus punissable que celui qui est commis avec le glaive de la loi." [D10720] - afirma a Chauvelin. A Philippe Debrus, escreve sobre a suspeita de os parlamentares falsificarem as minutas do processo: "Il paraît qu´en effet ce serait la seule ressource des assassins en robe noire." [D11040]. Seria desastroso, do ponto de vista estratégico, invectivar contra uma das principais instituições do Antigo Regime com adjetivos truculentos. Optava-se por uma ofensiva dissimulada: o leitor tiraria suas próprias conclusões. Identificamos certa reminiscência do gênero epistolar, no qual há largo espaço aos subentendidos.[43]

Se a acusação de algoz recai principalmente sobre o povo fanático[43], incriminam-se veladamente as instituições. Embora não haja um ataque frontal à Igreja, apresentam-se os católicos como excessivamente conservadores e dotados de costumes arcaicos. As críticas ao Estado são tênues, conquanto fiquem à mostra os frágeis alicerces nos quais se ampara: Parlamento conservador, intersecção entre assuntos temporais e espirituais, censura desmesurada e perseguição – aspectos já condenados nas missivas.

O advogado ataca igualmente a jurisprudência obsoleta[43] – à semelhança das missivas, condena a questão (interrogatório acompanhado de tortura) e o julgamento secreto[43].

Além disso, a desproporcionalidade das penas denunciava por si só o erro dos parlamentares. A propósito, durante o affaire Calas, Voltaire aprofundou seu conhecimento em direito penal e posteriormente, em 1766, comentou o tratado *Dei delitti e delle pene*, do célebre criminalista italiano Beccaria. Seu interesse por esse domínio culminará na publicação de *O preço da justiça* (1777), no qual reflete sobre as leis da França traçando um paralelo com outros países europeus.

Ao longo de vinte e oito artigos, analisa os crimes e as penas correspondentes e discute a validade ou não das testemunhas, o flagrante delito, a necessidade de conceder um advogado ao acusado. Somente um sistema bárbaro condenaria à morte por uma maioria de dois votos: "Que horror absurdo jogar a vida e a morte de um cidadão numa partida de seis contra quatro, ou de cinco contra três, ou de quatro contra dois, de três contra um !"[43]

No artigo II -"Do roubo", por exemplo, relata o caso de uma jovem de dezoito anos supliciada, em Lyon (1772), por furtar toalhas da patroa que não lhe pagava o salário. Os patrões, em casos similares, para poupar a vida dos criados, preferiam expulsá-los, quando descobriam algum furto. Os empregados iam trabalhar em outras localidades e voltavam a roubar e até a cometer crimes mais graves. Voltaire concluiu que a pena de morte, sendo escandalosamente injusta para o delito, resultava no aumento dos roubos[43].

O defensor dos Calas utiliza um argumento de autoridade ao chamar exemplos históricos para condenar essa prática: "Il fallait, dans Athènes, cinquante voix au-delà de la moitié pour oser prononcer un jugement de mort. Qu´en résulte-t-il? Ce que nous savons très inutilement, que les Grecs étaient plus sages et plus humains que nous." (36).

Esse rápido parêntese sobre a legislação grega confere vivacidade à narração por meio da interrogação retórica, sem retardar a progressão da história.

A passagem seguinte traz à tona a absurda desproporcionalidade das penas infligidas aos familiares:

Il est évident que, si le parricide avait pu être commis, tous les accusés étaient également coupables, parce qu´ils ne s´étaient pas quittés d´un moment; il était évident qu ´ils

ne l ´étaient pas; il est évident que le père seul ne pouvait l´être; et cependant l´arrêt condamna ce père seul à expirer sur la roue. (37).

Em princípio, seria possível, embora improvável, um homicídio cometido por apenas um dos familiares. Por meio da anáfora, induz o leitor a aceitar essa assertiva como irrefutável.[43]

O defensor de Calas recorre igualmente ao *pathos* em sua estratégia persuasiva. A propósito, na epístola dedicatória de *Zaire* , Voltaire salienta: "[...] on est assez sûr de réussir, quand on parle aux passions des gens plus qu´à leur raison."[43] Tal observação sobre o gênero trágico vai de par com a retórica antiga. Aristóteles assinala a importância da disposição de espírito do auditório em um processo, porque os fatos não parecem os mesmos para quem ama, odeia ou sente cólera[43]. O desafio para o dramaturgo e o advogado consistiria em envolver emocionalmente seu interlocutor.

No início do parágrafo relativo à viúva, lemos um discurso essencialmente ligado à emoção:

On enleva les filles à la mère; elles furent enfermées dans un couvent. Cette femme, presque arrosée du sang de son mari, ayant tenu son fils aîné mort entre ses bras, voyant l´autre banni, privée de ses filles, dépouillée de tout son bien, était seule dans le monde, sans pain, sans espérance, et mourante de l´excès de son malheur. (38).

A narrativa do calvário de Anne-Rose nos dias subseqüentes à morte de seu filho visa a corresponder à curiosidade dos homens pelas tragédias domésticas. O retrato da *Mater Dolorosa* provoca comiseração. O recurso ao *pathos* particulariza o início do livro: nos demais capítulos, veremos, predomina a visão cáustica e picante propícia à crítica. Entendemos o predomínio do tom patético nas primeiras páginas por tratar de uma tragédia contemporânea de grande interesse público.

Em determinadas passagens, o enunciador suspende a narrativa, cedendo espaço a uma reflexão de ordem moral: "[...] cet absurde fanatisme qui rompt tous les liens de la société" (32) e " La raison l´emporte à Paris sur le fanatisme, quelque grand qu´il puisse être, au lieu qu ´en province le fanatisme l´emporte presque toujours sur la raison." (38). Nesses trechos, estabelece-se o distanciamento momentâneo do leitor que se posicionará racionalmente ante os fatos.

Após resumir a tragédia dos Calas, lemos a única referência a uma obra erudita que defende o ponto de vista dos adversários:

Tel était l´état de cette étonnante aventure, lorsque elle a fait naître à des personnes impartiales, mais sensibles, le dessein de présenter au public quelques réflexions sur la

tolérance, sur l ´indulgence, sur la commisération, que l ´abbé Houtteville appelle *dogme monstrueux* , dans sa déclamation ampoulée et erronée sur les faits, et que la raison appelle l´*apanage de la nature*. (40).

Em uma de suas missivas durante a redação do *Traité*, Voltaire comenta a respeito do livro *La vérité de la religion chrétienne prouvée par les faits* (1642), conforme apontamos em capítulo anterior. A expressão "dogme monstrueux" explicita a forte penetração do preconceito contra a tolerância.

A idéia de "apanage de la nature" (v. início da entrada "tolérance" no *Dictionnaire philosophique*) reaparece várias vezes no *Traité*, expressa de outras formas, indicando a necessidade de aceitarmos que somos falíveis. Ora, se a nenhum ser humano é dado conhecer a verdade, deve-se, no mínimo, ser indulgente.

Insistimos que a idéia de falibilidade do homem reaparece com freqüência em Voltaire. *O preço da justiça*, por exemplo, começa com a seguinte frase: "As leis não podem deixar de ressentir-se da fraqueza dos homens que as fizeram."[43]

Interromper a narrativa sobre os Calas e retomá-la no final do livro ancora o texto na realidade contemporânea. Em "Suite et conclusion", o narrador, em tom alvissareiro, aborda a reunião do Conselho do rei, em março de 1763. Não faltam elogios ao relator Thiroux de Crosne, pela eloqüência, e a Luís XV e seus ministros, pela eqüidade. Nosso advogado evita polêmicas em prol da diplomacia.

Nos dois primeiros capítulos, afirma-se que os magistrados votaram pelo suplício influenciados pelos penitentes brancos. Percebe-se o ardil do enunciador ao atenuar as investidas contra esses mesmos juízes no final do livro, quando afirma que não tivera a intenção de ofendê-los ao reivindicar explicações da sentença.

Obviamente que o simples fato de assumir um erro representaria grande derrota para o Parlamento, uma vez que acarretaria o enfraquecimento da instituição. Seria no mínimo ingênuo acreditar que na França do Antigo Regime – e mesmo em épocas posteriores - juízes retificassem suas decisões sem que fossem, para isso, impelidos pela lei. Menos ainda que, de forma espontânea, oferecessem ajuda material às vítimas de seus deslizes. A cobrança de retratação representava, então, atitude ousada do narrador. A propósito, Voltaire já havia comentado o assunto com amigos. Em carta a Damilaville, exalta-se:

Le sang innocent dans d´autres pays obtiendrait une autre vengeance. Je regarde le supplice de Calas comme un assassinat revêtu des formes de la justice. Les assassins devraient bien être condamnés au moins à demander pardon à la famille et à la nourrir. [D10680].

discurso demonstrativo ganha força, ao passo que em Voltaire predomina o estilo coloquial, sintético, elíptico.

Podemos comparar esse trecho com a afirmação seguinte de “Suite et conclusion”:

> Nous n´avons pas cru offenser les huit juges de Toulouse en disant qu ´ils se sont trompés, ainsi que tout le conseil l´a présumé: au contraire, nous leur avons ouvert une voie de se justifier devant l´Europe entière. (150).

Na carta emerge a voz do filósofo indignado que defendia a perda do direito de exercer a justiça para os parlamentares que cometeram um assassinato dissimulado pelas normas judiciais. No livro, predomina a idéia de que o fanatismo foi o algoz responsável pelo erro dos magistrados. É notável a diplomacia do enunciador no *Traité*: insiste no equívoco da decisão judicial, mas perdoa aos juízes.

UM CONVITE AO DEBATE

Je fais des voeux tous les jours pour la liberté du commerce et de la conscience; ce sont deux choses, à mon avis, qu´il ne faut jamais gêner. [D10683].

Tratado ou ensaio sobre a tolerância?

Em 12 de novembro de 1763, Voltaire escreve a Damilaville: "Agréez ce *Traité sur la tolérance*, ayez-en pour le style, je ne vous en demande point pour le fond." [D11498]. Apesar da ironia dessas palavras, em que valoriza a forma em detrimento do fundo, muitas histórias contidas no livrinho já eram conhecidas dos leitores, residindo a novidade na maneira de apresentá-las.

De fato, ao folhear o pequeno volume, impressionam-nos os variados tipos de enunciação dos vinte e cinco capítulos, sem contar o artigo acrescentado a partir da segunda edição. Do resumo do affaire Calas – com traços de memorial jurídico - aos panoramas históricos, dos textos ficcionais a uma lista de citações contra a intolerância, de uma carta aterrorizante endereçada ao jesuíta Le Tellier a uma belíssima prece a Deus. Nessa obra compósita, não faltam o "diálogo" e a "narrativa".

Antes do "petit livret", Voltaire batizara somente um livro de "tratado" - o *Traité de métaphysique*, redigido entre 1734 e 1737, mas publicado após sua morte, cujo

objetivo foi responder à acusação injustificada de ateísmo. Os dois únicos tratados do autor são, a princípio, obras de circunstância dirigidas a um público mais vasto[44].

Curiosamente, o livro de Voltaire era o único escrito sobre a tolerância trazendo a palavra "traité" no frontispício e igualmente o que menos caracterizava o gênero[45]. Que motivos levariam a essa escolha? A definição de "tratado" proposta pela *Encyclopédie* oferece-nos algumas pistas: "Traité :s.m. (Gram.) discours étendu écrit sur quelque sujet. Le traité est plus positif, plus formel & plus méthodique que l'essai, mais il est moins profond qu'un système."[46]

Percebe-se logo que o livro de Voltaire desobedecia às exigências do "tratado" quanto à extensão. Surpreende-nos o reduzidíssimo número de páginas de alguns capítulos - II, III,VI,VII, XIII, XV, XVI, XVIII, XIX, XXI e XXIII. No conjunto, a edição original, como a moderna, contava com aproximadamente duzentas páginas, ou seja, tamanho exíguo para um "tratado", que, via de regra, correspondia a extensos volumes. O texto "curto", o caráter híbrido e sua aparente facilidade possibilitariam atrair os leitores interessados por diversos assuntos, não tendo, porém, vontade de aprofundar-se. Acresce que o próprio tema não se enquadraria em estudos sistemáticos. Concordamos, assim, com Jean Dagen ao afirmar: "La structure du traité ne peut être respectée parce que le choix de la tolérance ne se fait pas au terme d ´un parcours discursif, ni en vertu de propositions dogmatiques."[47]. Lembremos, a propósito, que Bayle escolheu a expressão "comentário filosófico", enquanto Locke escreveu uma "carta" e um "ensaio" abordando a questão.

Talvez o termo "ensaio" caracterizasse melhor o texto de Voltaire, porém não emprestaria à obra a aura de conhecimento e erudição desejada pelo autor, de acordo com a *Encyclopédie*:

> Essai, (Littérat.) ce mot employé dans le titre de plusieurs ouvrages, a différentes acceptions ; il se dit ou des ouvrages dans lequels l'auteur traite ou effleure différents sujets, tels que l´*essai de Montaigne* ou des ouvrages dans lesquels l'auteur traite un sujet particulier, mais sans prétendre l'approfondir, ni l'épuiser, ni enfin le traiter en forme & avec tout le détail & toute la discussion que la matière peut exiger. Un grand nombre d'ouvrages modernes portent le

---

[44] Não queremos reduzir aqui o *Traité sur la tolérance* a uma peça de propaganda objetivando a revisão do processo de Jean Calas; muitas das idéias ali defendidas representam um ponto de vista amadurecido ao longo de décadas, mas o episódio motivador da redação do livro foi o suplício do protestante tolosano.

[45] Segundo Anne-Marie Mercier-Faivre em artigo já citado In : *ESTST*, pp.34-55.

[46] *Encyclopédie, ou Dictionnaire Raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une sociètè des gens de Lettres*. Mis en ordre & publié par M. Diderot & quant à la Partie Mathematique, par M. D´Alembert.Nouvelle Édition-Tome Treizième. Chez Pellet, Imprimeur-Libraire, rue des Belles Filles. M. DCC LXXVIII, (V. 33), p. 884.

[47] « Rousseau, Voltaire et la composition du *Traité sur la tolérance* » In : *ESTST*, p. 85.

titre d'*essai* ; est-ce modestie de la part des auteurs? est-ce une justice qu'ils se rendent ? C'est aux lecteurs à en juger.[48]

Um "sistema" indicaria algo "pesado", de cunho douto, enquanto o "ensaio" conferiria maior liberdade à expressão das idéias de um autor. Vale lembrar que em sua correspondência, Voltaire refere-se pelo menos duas vezes ao livro como "ensaio"([D11273], [D11510]). Entre este e o "sistema", situa-se o "tratado", caracterizado, grosso modo, pela clareza da exposição, pelas conclusões baseadas em textos históricos e pela competência do autor, a princípio um especialista no assunto escolhido.

Sylvain Menant[49] explica que a maioria dos dicionários dos séculos XVII e XVIII elege a teologia para exemplificar a definição de tratado. Entre os títulos arrolados pela *Encyclopédie*, por exemplo, lemos : « *Traité de la Trinité*» ou « *Traité de la Grâce* », entre outros. Em geral, traziam no título a preposição "de" (em suas cartas, Voltaire refere-se ao "Traité de la tolérance" [D11590] ou "des Tolérances"). Para Menant, a escolha da preposição não é aleatória:

> Peut-être y a-t-il dans son esprit, plus ou moins confusément, une nuance entre "traité de" et "traité sur", le second tour suggérant un traité qui est aussi un essai, une esquisse de doctrine et de science à venir. Au milieu de toutes les lettres qu´il écrit pour annoncer ou présenter son *Traité sur la tolérance*, on en trouve une au moins ou il le nomme "Essai sur la Tolérance". Peut-être peut-on aller jusqu`à penser que le *sur* est la trace d´une idée première et durable: ce traité est un essai , en vérité, un essai qui se pare des prestiges du traité.[50]

Se de um lado a preposição "sur" confere ao texto um caráter ensaístico, de outro, o termo "traité" afiança, num certo sentido, o conteúdo do livrinho. Mais do que a opinião do autor, o opúsculo trazia informações precisas, verificáveis e evidentes, contribuindo, assim, para a divulgação da tolerância. A análise de Sylvain Menant revela-nos algumas das sutilezas da complexa composição da obra. Voltaire, como exímio propagandista, soube tirar proveito de cada aspecto do título.

François Bessire afirma com propriedade que: "Le *Traité* est aux traités ce que les *Lettres philosophiques* sont aux lettres et ce que le *Dictionnaire philosophique* sera aux dictionnaires: Voltaire ne s´approprie un genre que pour mieux le subvertir."[51]

Com efeito, o termo "subverter" traduz o escopo desse escrito multifacetado que visava demolir também determinada visão de mundo, não apenas formas de expressão consagradas. Uma subversão, contudo, que não entraria em choque com antigos

---

[48] op. cit (V.13) pp.55-6.
[49] Cf. " Le titre et le genre du *Traité sur la tolérance*" In: *ESTST*, pp.136-149.
[50] Idem, op. cit., p. 144.

costumes, nem derrubaria crenças arraigadas da noite para o dia. Lembremos, por exemplo, que se o Parlamento e a Igreja recebem críticas , o poder do monarca é respeitado. Nesses paradoxos sustenta-se a artilharia de Voltaire, alcançando o alvo lentamente, após recuos e pausas estratégicas.

Uma das táticas para avançar com segurança era obter a colaboração do virtual destinatário, convidando-o a um colóquio que se estende a quase toda a obra. Há uma solicitação constante do leitor, de suas "luzes", sua agilidade mental, sua competência para preencher os "brancos" e sutileza para penetrar os propósitos nem sempre evidentes do texto. Se, conforme dissemos, ao longo do *Traité* manifestam-se diferentes *ethos* do enunciador, esboçam-se igualmente distintas imagens do leitor.

Diálogo entre "honnêtes hommes"

Durante décadas, a fortuna crítica de Voltaire ressentiu-se da falta de estudos sobre o gênero diálogo; atualmente os pesquisadores reparam essa lacuna[52], procurando investigar sua originalidade nesse domínio.

Ainda que os diálogos voltairianos não tenham atingido o mesmo nível de elaboração dos dideronianos ou roussaunianos, trata-se de uma parte significativa de sua obra da fase militante. Escreveu, entre outros, *Dialogue entre un Brachmane et un jésuite sur la nécessité et l ´enchaînement des choses* (1756), *Dialogues entre Lucrèce et Posidonius* (1756) e *Catéchisme de l´honnête homme* (1763). O autor denominava esses escritos de "rogatons" (restos de uma refeição) e "petits pâtés". Esses termos depreciativos, emprestados do vocabulário da culinária, marcavam a distância em relação aos gêneros nobres como a epopéia e a tragédia. Voltaire costumava também

---

[51] " 'Très court, et un peu salé' ": forme et composition du *Traité sur la tolérance*." In *ESTST*, pp.150-158.

[52] Vários ensaios são dedicados ao tema na *Revue Voltaire : Le Dialogue philosophique*. Paris: PUPS, 2005.

referir-se às suas "fusées volantes"[53], ou seja, textos destinados à rápida circulação pela França, geralmente incisivos, contra os aliados da "infâme".

Nos diálogos priorizavam-se os "discursos relativos, individualizados, datados"[54] contra os defensores da autoridade e da verdade absoluta como nos explica Michel Delon em seu esclarecedor artigo sobre o "Dialogue entre un mourant et un homme qui se porte bien" [55]. Delon ressalta a importância desse gênero em uma época na qual coexistiam duas imagens conflitantes do homem. De um lado, a religião apontando os fins últimos do ser humano, cabia à Igreja zelar pelo sacramento da extrema-unção e ao temor a ele relacionado. De outro, os pensadores das Luzes, - reabilitam o cidadão, passando a valorizar a vida terrena. Segundo Delon, dois modelos de morte rivalizam – o do cristão ortodoxo que segue rigorosamente as regras e o do filósofo que prefere se afastar do ministério. O crítico lembra-nos da repercussão da querela dos "Billets de confessions"[56] na imprensa e na literatura. Obras apologéticas narravam histórias de ateus que se convertiam antes do último suspiro; em oposição, textos dos iluministas colocavam em cena sábios que continuavam fiéis às suas idéias até a morte.[57]

Não seria exagero analisar o capítulos XVI como uma paródia do diálogo socrático, pois embora haja duas posições em conflito, um dos interlocutores ("le barbare") tenta impor seu ponto de vista : " Fais, sans raisonner, ce que je t´ai dit; je le veux, je te l´ordonne." (114). Ora, não haveria nada mais oposto ao espírito das Luzes do que agir "sem pensar". Nessa passagem ridiculariza-se o dogmatismo.

Pode-se acrescentar também que a apresentação da polêmica dos "billets de confession" em forma de diálogo, colocando a cena sob nossos olhos, confere ao texto um caráter mais leve, vivo, dando-nos a impressão de uma "historieta", dispensando um raciocínio elaborado.

Em seu ensaio "Juras Indiscretas", Franklin de Matos esclarece:

> Segundo recurso em voga no tempo [século XVIII] , para saber aquilo que se passa conosco é preciso interrogar o outro: ninguém revela melhor os segredos da visão ou as origens da língua do que o cego ou o mudo. Essa tentativa de "ver pelos olhos de outrem" explica o prestígio então desfrutado pela forma do diálogo socrático e pelo tema da viagem. Voltaire

---

[53] Expressão sem equivalente em português, « fogos de artifício » é uma tradução possível. V.SOUZA, Maria das Graças. « Voltaire contra o grande circo místico ». *Estado de São Paulo*. São Paulo, 19/11/1994, Cultura, p.1.
[54] DELON, Michel. "Le mourant et le Barbare". *ESTST*, p. 224.
[55] Idem, p.224-29.
[56] Polêmica que analisaremos no capítulo "Raposas & Lobos".
[57] Idem, p. 226-7.

afirmou certa vez que "tanto em geografia quanto em moral, é muito difícil conhecer o mundo sem sair de casa", isto é, sem viajar e, pode-se acrescentar, sem conversar[58].

Nosso autor tira proveito desse recurso "em voga" para estabelecer uma relação mais estreita com o interlocutor, questionando-o frequentemente e propondo exemplos de outros países a fim de melhor enxergar os problemas em sua "própria casa".

Nesse sentido, um aspecto do enunciador que nos chama a atenção consiste em assumir o "status" de cidadão francês conforme os exemplos seguintes, entre muitos outros: "**Voyons s´ils en avaient contre nous** dans la politique"(43), "**Nous mêmes**, **nous avons** en France une province opulente où le luthéranisme l´emporte sur le catholicisme" (49); "**Nous avons** des juifs à Bordeaux (55);"Comment peut-on croire, par exemple, que les Romains, ce peuple grave et sévère **de qui nous tenons nos lois** [...]" (77);
"**Serons-nous** toujours les derniers à embrasser les opinions saines des autres nations? Elles se sont corrigées: quand **nous corrigerons-nous**?" (80). Reconhecemos também o credo desse autor fictício: "Excepté un qui avait abjuré l´hérésie" (32), " Il en est de même dans une grande partie des points qui divisent les **protestants et nous** [...]" (57); "Je suis bien loin de combattre cette sentence 'hors de l ´église point de salut'" (139); "Dieu merci je suis **bon catholique**"(144). Tal cidadão revela-se versado não apenas nas Escrituras, mas igualmente na cultura humanista. No capítulo "Si les Romains ont été Tolérants", por exemplo, após referir-se a Lucrécio, cita Juvenal e Cícero; em seguida, lemos:

> On chantait sur le théâtre de Rome:
>
> Post mortem nihil est, ipsaque mors nihil.
>
> (SÉNÈQUE, *Troade*; choeur à la fin du second acte).
>
> Rien n´est après la mort, la mort même n´est rien.
>
> Abhorrons ces maximes, et, tout au plus, pardonnons-les à un peuple que les évangiles n´éclairaient pas: elles sont fausses, elles sont impies; mais concluons que les Romains étaient très tolérants, puisqu´elles n ´excitèrent jamais le moindre murmure. (65)

Os nomes citados eram familiares de muitos leitores do *Traité*, ex- alunos dos jesuítas, nutridos, conforme vimos, de cultura greco-latina. A tradução para o francês dos trechos acima sugere a preocupação com o público que não tivera a educação primorosa daqueles que freqüentaram os bancos do "Louis-le-Grand".

---

[58] In: *O Filósofo e o Comediante: ensaios sobre literatura e filosofia na Ilustração*. Belo Horizonte; editora UFMG, 2001, pp. 98-9.

Obviamente que o autor dessas linhas procura mostrar-se fervoroso católico, uma forma de oferecer maior credibilidade às críticas – oriundas, não de um herético, mas de um representante da Igreja Romana. Ao elogiar a tolerância dos pagãos, seria indispensável elucidar: "Abhorrons ces maximes, et, tout au plus, pardonnons-les à un peuple que les évangiles n´éclairaient pas". Chamamos a atenção para a astúcia em coordenar os verbos "abhorrons" e "pardonnons", sugerindo, assim, atitude tolerante adequada a um povo que se queria civilizado. No caso da Antigüidade, não houve perseguições e torturas motivadas por opiniões divergentes. Assim, se os franceses desejavam merecer o respeito de outros países (onde diferentes credos coexistiam), precisariam dobrar-se às evidências e recusar a repressão às minorias. Fazia-se uma admoestação com o tato de um conversador consumado - apontando o defeito de seus compatriotas, sem ferir suscetibilidades.

A fim de se ressaltar a diferença de tom entre o livro e a correspondência de Voltaire, vejamos uma missiva endereçada a d´Alembert, de abril de 1764, na qual expõe o mesmo ponto de vista, mas destilando fel contra a elite contemporânea. No espaço privativo da carta, permite-se escrever:

> N´ avez-vous pas un souverain mépris pour votre France, quand vous lisez l ´histoire grecque et romaine? Trouvez-vous un seul homme persécuté à Rome, depuis Romulus jusqu`à Constantin, pour sa manière de penser? le sénat aurai-t-il jamais arrêté l´*Encyclopédie*? Y a-t-il jamais eu un fanatisme aussi stupide et aussi désespérant que celui de vos pédants? [D11822].

Contra os Antigos, poderíamos argumentar que Sócrates foi perseguido por suas opiniões. No *Traité*, a acusação contra o filósofo é relatada como erro judiciário que não justificaria acusar os gregos de intolerantes. A passagem seguinte demonstra justamente o contrário:

> Les Athéniens avaient un autel dédié aux dieux étrangers, aux dieux qu ´ils ne pouvaient connaître. Y a-t-il une plus forte preuve non seulement d ´indulgence pour toutes les nations, mais encore de respect pour leurs cultes? (62)[59].

---

[59] Identificamos aqui o mesmo argumento empregado por São Paulo nos *Atos dos Apóstolos* XVII, 22-23: "Paul, étant donc au milieu de l ´aréopage, leur dit: Seigneurs Athéniens, il me semble qu ´en toutes choses vous êtes religieux jusqu´à l´excès. Car ayant regardé en passant les statues de vos dieux, j´ai trouvé même un autel sur lequel il est écrit: AU DIEU INCONNU. C ´est donc ce Dieu que vous adorez sans le connaître, que je vous annonce."

A suposta abertura dos gregos a outras culturas não foi sustentada por Voltaire em seu *Dictionnaire Philosophique* - publicado somente um ano após o *Traité sur la tolérance*. No verbete "Athée, athéisme", lemos: "Un peuple entier [les Grecs], dont le mauvais gouvernement autorisait de si infâmes licences, méritait bien ce qui lui est arrivé, de devenir l´esclave des Romains, et de l´être aujourd´hui des Turcs."[60]

A propósito, essa posição díspar em um intervalo tão curto revela-nos um pouco a dimensão polêmica dos textos voltairianos, bem como a habilidade do autor em adaptar, ou melhor, apresentar os fatos de forma a favorecer sua causa[61]. Uma mesma idéia poderia ser defendida ou atacada conforme as circunstâncias. Os gregos, ora mereceriam a escravidão, ora seriam, como no *Traité*, exemplo de rara tolerância.

No início do capítulo XI "Abus de l´intolérance", notamos a presença bem marcada de um destinário:

> [...] et si **vous disiez** que c´est un crime de ne pas croire à la religion dominante, **vous accuseriez** donc **vous-même** les premiers chrétiens vos pères, et **vous justifieriez** ceux que **vous accusez** de les avoir livrés aux supplices.
>
> **Vous répondez** que la différence est grande, que toutes les religions sont les ouvrages des hommes, et que l´Église catholique, apostolique et romaine, est seule l´ouvrage de Dieu. **Mais en bonne foi, parce que notre religion est divine doit-elle régner par la haine, par les fureurs, par les exils, par l´enlèvement des biens, les prisons, les tortures, les meurtres**, et par les actions de grâces rendues à Dieu pour ces meurtres? Plus la religion chrétienne est divine, moins il appartient à
> l´homme de la commander; si Dieu l´a faite, Dieu la soutiendra sans vous. **Vous savez que**
> l´intolérance ne produit que des hypocrites ou des rebelles: quelle funeste alternative! **Enfin voudriez-vous** soutenir par des bourreaux la religion d´un Dieu que des bourreaux ont fait périr, et qui n´a prêché que la douceur et la patience? (83).

Nessa passagem exemplar da retórica voltairiana no *Traité*, apresenta-se a tese do adversário. Ao contestá-la por meio de exemplos da própria história do Cristianismo, o discurso dos opressores mostra-se insustentável: "si vous disiez ....vous accuseriez donc vous-même". Quanto à suposição de que a religião católica seria a única verdadeira, ainda assim a intolerância não se justificaria. Esse argumento tem reminiscências da *Lettre sur la tolérance*, na qual Locke explica que na hipótese de existir uma Igreja verdadeiramente ortodoxa, isso não lhe arrogaria o direito de arruinar

---

[60] VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*. op. cit, p. 51.

[61] Não podemos deixar de citar o artigo « Le Traité sur la tolérance : un catéchisme voltairien » no qual Jean-Louis Vissière explica que o templo ao Deus desconhecido poderia ser considerado como tola superstição dos gregos, o apóstolo Paulo, todavia, tira proveito desse fato para anunciar o Deus dos cristãos. Voltaire inspira-se, assim, nesse grande rétor do Cristianismo. Cf. *Traité sur la tolérance /Voltaire*. Organisé par Jean-Louis TRITTER. Paris : Ellipses, 1999, p. 8.

as demais, pois as sociedades eclesiásticas não poderiam coagir os homens a aceitar determinada "verdade".[62]

No *Traité*, em vez da exposição teórica, lemos uma lista das práticas de "conversão", evidenciando o absurdo da violência: exílios, confisco dos bens, prisões, torturas e assassinatos. Identificamos ecos do *Commentaire philosophique* de Bayle que aponta os abusos do regime monárquico contra os protestantes: " [...] il faut donc qu ´un roi, qui vexe ainsi une partie de ses sujets, en faisant piller leurs biens, en séparant les enfants d´avec les pères, les femmes d´avec les maris, en emprisonnant les uns, en encloîtrant les autres, en démolisant des maisons [...]" [63]. Para o predecessor de Voltaire, se um Estado admitisse essas atrocidades em nome do catolicismo, qualquer ação infame poderia tornar-se um ato piedoso, desde que feita para atacar a heresia.[64]

No trecho "Plus la religion chrétienne est divine, moins il appartient à l ´homme de la commander; si Dieu l´a faite, Dieu la soutiendra sans vous.", sobressai o *ethos* respeitador da teologia católica, se nos contentamos com uma leitura superficial. Nas entrelinhas, todavia, vislumbra-se o ataque mordaz contra a crença pretensiosa dos cristãos sobre a superioridade de sua religião. Na hipótese da existência de um "poder divino", o que conseguiria a intervenção humana, sujeita a fraquezas e erros? O leitor arguto reconhece e aprecia essa ambivalência, de um lado, o respeito zeloso dos dogmas e as deferências ao clero, de outro, as críticas corrosivas que demoliam, de forma sub-reptícia, os alicerces do Cristianismo.

Nas expressões grifadas "vous répondez", "vous savez que", constrói-se a imagem de um virtual destinatário ativo, que não se limitaria a receber as informações sem opinar, ao contrário, "escuta" e "rebate" as objeções do "enunciador" situando-se em um patamar equivalente. Não seria exagero afirmar que se travava, assim, um diálogo com os "honnêtes hommes", ou seja, com cidadãos gozando de elevada condição social, dotados de cintilações literárias e preocupados com os debates políticos, não sendo, necessariamente eruditos ou homens de letras.

O estilo familiar das conversas supõe rupturas, digressões, insinuações ao interlocutor, com quem, evidentemente, partilha-se uma cultura comum. Parte do poder magnético do *Traité sur la tolérance* advém dessa cumplicidade estabelecida entre enunciador e leitor. É notável, por exemplo, o trecho do capítulo III sobre os heréticos:

---

[62] Cf. LOCKE, J. op. cit., p. 178.
[63] BAYLE, P. op. Cit., p. 112. A citação dessa passagem foi inspirada no texto « Voltaire leitor de Bayle : a questão da tolerância » de Maria das Graças de SOUZA.

Mais comme ils niaient le purgatoire, dont on ne doit pas douter, et **qui d´ailleurs rapportait beaucoup aux moines**; comme ils ne révéraient pas des reliques qu´on doit révérer, mais qui **rapportaient encore davantage**; enfin comme ils attaquaient des dogmes très respectés, **on ne leur répondit d´abord qu´en les faisant brûler**. (44).

A passagem citada alude à conhecida prática da venda de indulgências aos fiéis e à adoração das relíquias que possibilitou o enriquecimento das regiões que as possuíam devido ao grande afluxo de peregrinos. O advérbio "d´ailleurs" aparentemente sugere que a frase seguinte não passaria de uma observação secundária, de um mero detalhe. Ele introduz, porém, um ataque cáustico aos padres, que, sob pretexto de salvar as almas, enchiam os cofres da Igreja.

O autor não julga tais dogmas "très respectés", mas, uma vez investido do *ethos* católico, precisaria ser coerente. Tais práticas, na verdade, não passariam de criações humanas. Para o cúmulo do absurdo, a contestação contra esses abusos foi punida com crueldades. O interlocutor não ignora esses episódios e possivelmente sorri ante a desfaçatez dessas linhas que desnudam um dos vícios, a seu ver, da Igreja Católica: a cupidez. Atentemos ao fato de que nem sempre a referência ao dinheiro encerra conotação negativa, neste mesmo capítulo, lemos:

On peut donc convenir sans blasphème que les hérétiques, en proposant l´abolition de ces impôts singuliers dont la postérité s´étonnera, **ne faisaient pas en cela un grand mal au royaume**, et qu´ils étaient plutôt bons calculateurs que mauvais sujets. (44).

A "lítotes"[65], grifada no texto, insinua o interesse econômico do reino em aceitar, dentro das fronteiras, cidadãos imbuídos de senso prático. Refletir sobre a questão financeira consistia em importante via argumentativa, afinal seria melhor fechar os olhos para certas diferenças em prol da prosperidade.[66] De fato, muitos leitores eram comerciantes e não ficariam indiferentes face a essas observações.

Esse "colóquio" entre "honnêtes hommes" repete-se em inúmeros trechos, nos quais há grande espaço para a história passada e contemporânea. Procura-se, com esse tom informal[67], ressaltar os perigos dos excessos da monarquia absolutista e da Igreja.

---

[64] Idem , pp. 114-5.

[65] « La litote consiste à dire moins pour faire entendre davantage, c´est-à-dire à choisir une expression atténuée de manière à renforcer l´information. Elle a donc une orientation de valeur inverse de celle de l´**euphémisme**, qui cherche à amoindrir l´information." In: MOLINIÉ, Georges/ AQUIEN, Michèle. *Dictionnaire de rhétorique et de poétique*. Paris: Le livre de Poche, 1999, p. 241.

[66] Cf. SETH, Catriona "Voltaire pragmatique: l´argent dans le *Traité sur la tolérance*." In : *ESTST*, pp.191-204. Nesse artigo, a autora considera que o *Traité* , além de um libelo pela tolerância, também defende um novo Édito de Nantes que impulsionaria o desenvolvimento da nação.

[67] Sylvain Menant, em seu artigo "Forme et signification du *Traité sur la tolérance*", observa os "efeitos epistolares", ou "cripto- epistolares" : " On peut croire, en lisant le *Traité*, lire l´une après l´autre les

Das cabeças coroadas ao grande público

Obter a reabilitação de Calas com a subseqüente indenização de sua família e atenuar as leis antiprotestantes contribuiriam para alcançar, em tempo vindouro, um grau de civilização no qual as decisões de magistrados não se dobrariam à grita e à superstição. Na impossibilidade de extirpar de vez o fanatismo de um povo pouco instruído, devia-se, ao menos, deixá-lo à míngua. Essa tarefa cabia aos ministros e cidadãos bem colocados, assim, o *ethos* diplomata reverencia-os lembrando-lhes essa missão: "J´oserais prendre la liberté d´inviter ceux qui sont à la tête du gouvernement, et ceux qui sont destinés aux grandes places, à vouloir bien examiner mûrement [...]"(47).

Voltaire enxergava uma evolução no comportamento da elite governante como demonstra esta passagem endereçada a d´Alembert em 1º de março de 1764: "Cette tolérance est une affaire d´État, et il est certain que ceux qui sont à la tête du royaume sont plus tolérants qu ´on ne l´a jamais été; il s´élève une génération nouvelle qui a le fanatisme en horreur." [D11738] e procuraria aproveitar-se desse clima favorável à causa dos Calas. A recepção do *Traité* junto aos "grandes", no entanto, conforme vimos, ficou muito aquém do que desejava o filósofo. Se a Marquesa de Pompadour sensibilizou-se [D10606], o Duque de Choiseul (Ministro da Guerra), considerava inútil a batalha do filósofo, chamando-o "advogado das causas perdidas" [D10752]. É a esta figura de proa e ao Duque de Praslin (Ministro dos Negócios Estrangeiros) que alude a nota nº 34 (163).

Em "Comment la tolérance peut être admise", mais uma vez a humilde deferência caracteriza a dicção: "J´ose supposer qu ´un ministre éclairé et magnanime, un prélat humain et sage, un prince qui sait que son intérêt consiste dans le grand nombre de ses sujets, et sa gloire dans leur bonheur [...]" (55).

Essa passagem não estaria deslocada em livros escritos com as benesses do Rei. Paradoxalmente, o *Traité sur la tolérance*, texto ostensivamente clandestino, encerra traços de obra oficial, tantas são as demonstrações de apreço aos poderosos: "Ce n´est pas à nous d´indiquer au ministère ce qu´il peut faire; il suffit de l ´implorer pour des

---

lettres d ´un correspondant bien informé, et cette impression culmine à la fin du livre, quand Voltaire raconte les étapes du dénouement, et surtout au chapitre 25 [...] le livre semble, comme on dit, écrit en temps réel, au fur et à mesure que les événements se produisent ou viennent à la connaissance de l´auteur. On aura d´ailleurs remarqué que le chapitre 24 s ´intitulé "Post-scriptum", comme un ajout dans une lettre. "op. cit, p. 19.

infortunés” (56). No “article nouvellement ajouté”, o enunciador relata a decisão do monarca de ceder uma pensão aos familiares do comerciante tolosano e acrescenta: “Le roi, par cette bonté, mérita, comme par tant d´autres actions, le surnom que l ´amour de la nation lui a donné.” (156), referindo-se ao cognome “Bien Aimé”.

Em relação ao clero, não há a mesma atitude deferente reservada ao Rei e aos ministros. Ao mesmo tempo que o incensava como nas passagens seguintes: “On respecte toutes les confrèries: elles sont édifiantes”(41) e “ Le corps des évêques, en France, est composé de gens de qualité qui pensent et qui agissent avec une noblesse digne de leur naissance; ils sont charitables et généreux, c´est une justice qu ´on doit leur rendre [...]” (50), criticava-o pela omissão.

Voltaire ressentia-se da ausência dos padres na defesa da “infeliz família”. Um dos poucos membros da Igreja Católica a prestar auxílio aos Calas foi a irmã Julie Fraisse. Em 15 de março de 1765, já se queixara a Damilaville: “Remarquez, mon cher frère, qu´il n´y a pas eu un seul prêtre qui ait aidé les Calas, car Dieu merci l ´abbé Mignot n´est pas prêtre.” [D12462].

Refere-se ao sobrinho, o abade Alexandre-Jean des Aunais Mignot, dit Vincent. No mês de julho de 1762, sugeriu a Voltaire que tentassem um julgamento pelo Conselho do Rei (“Grand Conseil”) onde trabalhava como conselheiro. O abade Mignot aderiu à batalha voltairiana, figurando, inclusive, entre os juízes que reabilitaram Jean Calas.

No “article nouvellement ajouté”, afirma: “Ce qu´on appelle la *charité* ne leur en donnait aucun. La charité, qui d´ailleurs est si souvent mesquine et insultante, est le partage des dévots, et les dévots tenaient encore contre les Calas.” (155).

Justamente aqueles que deveriam dar o exemplo de generosidade, omitiram-se no auxílio. Não eram devotos, não estenderam a mão, não se compadeceram. Ao contrário, eram os que mais temiam o avanço da tolerância. Apesar dessas críticas e de outras investidas mais duras contra os padres, Voltaire evitava trazer à tona as querelas que opunham o poder temporal e espiritual.

Havia, igualmente, o imenso público de desconhecidos, de diferentes profissões e nacionalidades que não possuía a mesma formação da elite, mas lia gazetas, panfletos, folhas circulares, memoriais jurídicos, recebia os ecos da corte, enfim, da mesma forma que os nobres e ministros, procuravam, além do conhecimento, distração e prazer. Era necessário que o *Traité* repercutisse junto a essa massa de anônimos não somente sem nenhuma erudição, mas também sem hábito de leitura. Em 1762, em carta a Moultou,

após se referir às obras sobre a tolerância vazadas em linguagem impenetrável para a maioria do povo, segue-se um comentário que possivelmente norteou a redação do *Traité* (levando em conta a data da missiva): "Ne pourrait-on faire quelque livre qui pût se faire lire avec quelque plaisir, par les gens mêmes qui n ´aiment point à lire, et qui portât les coeurs à la compassion? [D13641].

Em carta a Henri Cathala de julho de 1762, fica evidente a seriedade com que encarava a opinião pública [D10606] e, em 1763 , Voltaire escreve a d´Alembert que a Europa já tinha se pronunciado a favor de Calas. Para o filósofo, o melhor "tribunal" possível seria aquele formado por cidadãos de diferentes países que pensavam da mesma maneira: "Ils composent sans le savoir un corps qui ne peut errer parce qu ´ils n ´ont point l´esprit de corps." [D10980].

O Conselho privado que julgaria a apelação da sentença do Parlamento tolosano não resistiria à pressão dos cidadãos esclarecidos. Essa influência da massa anônima na decisão dos magistrados de Paris é lembrada logo no primeiro capítulo do *Traité*: "L´arrêt fut prononcé par tout le public longtemps avant qu ´il pût être signé par le conseil." (39).

Um texto que condenava a violência institucionalizada e fazia a apologia da liberdade de expressão apresenta-se também como convite ao debate. À certeza dos dogmas, opunham-se as dúvidas daqueles que pensam por si mesmos, utilizando a própria "luz natural". Algumas marcas do discurso sugerem a relatividade do ponto de vista defendido, isto é, o enunciador não reivindica a autoridade das verdades absolutas, ao contrário, está sujeito a enganos. Admitir a possibilidade de equivocar-se confere caução de honestidade: "C´est ce que j´ignore, parce que je ne suis pas un prophète" (47); "Je supplie tout lecteur impartial de peser ces vérités, de les rectifier, et de les étendre. Des lecteurs attentifs, qui se communiquent leurs pensées, vont toujours plus loin que l ´auteur."(53).

O prazer das discussões

Em seu ensaio "La construction de l ´évidence dans le *Traité sur la tolérance*", Christian Plantin[68] assevera que o livro propõe uma visão desvalorizada de qualquer tipo de debate. O próprio título anunciaria uma obra monológica, dogmática a fim de

[68] In: *Qu´est-ce que la tolérance? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen SIESS. Ferney-Voltaire: Centre International d ´Études du XVIIIe. Siècle, 2002, pp. 117-37.

colocar em evidência uma verdade[69]. O crítico apóia-se nas ocorrências dos termos "disputa", "controvérsia" e "opinião". Emprega-se a palavra "disputa", por exemplo, com sentido negativo (v. páginas 42, 65, 125, 139), em geral relacionada com questões religiosas, não há referências no *Traité* a disputas legítimas no domínio político; no caso do vocábulo "controvérsia", verifica-se igualmente o mesmo procedimento (v. 42, 52, 58, 145).[70] O estudioso surpreende-se com as ocorrências do termo "opinião", nenhuma com sentido positivo (v. págs. 63, 82, 118, 126, 141 e 152), concluindo dessa observação que Voltaire adota a auto-negação da retórica argumentativa a fim de provocar um "efeito de verdade".

O instigante estudo de Christian Plantin preza o aspecto lingüístico, deixando de lado o contexto específico dessas ocorrências. O *ethos* do enunciador do *Traité* não se mostra avesso às "disputas" e "opiniões" em si, ou seja, não é contra a exposição de pontos de vistas diferentes, mas sim, contra a violência e os crimes decorrentes dessas divergências. Trata-se de desacreditar as contendas inúteis sobre ritos e dogmas como o mistério da "trindade" (ausente da Bíblia, essa crença foi elaborada em 325 no concílio de Nicéia e se tornou um dos fundamentos do Cristianismo):

> Jésus-Christ ne nous ayant point dit comment procédait le Saint-Esprit, l´Église latine crut longtemps avec la grecque qu ´ il ne procédait que du Père: enfin elle ajouta au symbole qu ´il procédait aussi du Fils. Je demande si, le lendemain de cette décision, un citoyen qui s ´en serait tenu au symbole de la veille eût été digne de mort? (85).

Lemos um recado tácito ao longo do *Traité*, segundo o qual nenhuma comunidade poderia arrogar-se o direito de reivindicar a verdade, pois os homens, "criaturas fracas", mal conhecem a si mesmos e ao seu semelhante, mal entendem os mistérios da natureza, como conseguiriam penetrar os enigmas divinos? O mínimo que se poderia esperar era que aceitássemos nossos limites e não nos matássemos por questões abstratas[71]. Já que a guerra era inevitável como lembra na "Prière à Dieu", que

---

[69] Idem, p. 119.

[70] No caso de « controvérsia » parece-nos compreensível o sentido negativo se levarmos em conta a acepção teológica desse substantivo "débats sur les points litigieux de la doctrine" (*Le Robert. Dictionnaire historique de la langue française*") O próprio Plantin, aliás, refere-se a essa acepção, cf. op.cit, p. 119.

[71] Vale insistir aqui sobre o conceito de tolerância essencialmente negativo que predominava antes de Voltaire, como vimos no capítulo "Ecos de Pierre Bayle e John Locke", e a idéia positiva do termo que o filósofo contribui para difundir: " Pour Furetière le tolérable est ce qui se peut supporter, et les exemples qu ´il donne- la douleur, le péché et les licences poétiques- sont tous négatifs, et ne sont bien entendu supportables que dans certaines limites; pour Voltaire le tolérable est ce que nous devons appprendre à supporter, à savoir les caractéristiques de notre nature humaine, la faiblesse, l´inconséquence, la mutabilité et l´erreur. De condescendance, voire lâcheté, la tolérance accède au rang des vertus fondamentales." NEGRONI Barbara de, "Tolérance", In: *Dictionnaire européen des Lumières*. Sous la direction de Michel DELON. Paris: PUF, 1998, p. 1048.

nos tempos de paz, as disputas se desenvolvessem obedecendo às regras de cavalheiros, conforme se lê no capítulo XIX : “Le mandarin leur fit sentir, avec toute discrétion possible, combien la politesse est nécessaire dans la dispute [...]” (125).

Os vocábulos “disputa”, “opinião”, “controvérsia” são caríssimos ao autor, incansável combatente. O termo “polêmica” vem do grego e significa “guerra”; na língua francesa, “polémique” designa também disputas por escrito. Voltaire apreciava, como seus contemporâneos, as polêmicas que rendiam panfletos anônimos, cartas circulares, epigramas, enfim toda uma gama de textos para invectivar contra os adversários. Nessas “guerras”, criavam -se partidos, assumiam-se posições e inevitavelmente ganhavam-se inimigos. Saíam vencedores os que melhor conseguiam, com verve e humor, expor as fraquezas do oponente, ridicularizando-o.

A decantada ironia do patriarca de Ferney assentava-se sobre certa conivência com o leitor por meio de freqüentes “piscadelas”; trata-se de um procedimento provocante que supõe, em geral, um duplo discurso, conforme dissemos. Um ao alcance de todos e outro compreensível somente aos “happy few”.

RAPOSAS & LOBOS[72]: POLÊMICAS E INVECTIVAS

Mon frère, je hais toute tyrannie, et je ne serai jamais ni jésuite, ni janséniste, ni parlementaire [D11061]

Est-il vrai qu´il y a des prêtres embastillés? C´est un bon temps pour écraser l´infâme. [D11747]

Mirando os inimigos

O *Traité sur la tolérance* traz à baila controvérsias do século XVII e XVIII, sob alguns aspectos, enigmáticas e áridas para os leitores de hoje, dentre as quais

[72] Em sua correspondência, Voltaire costumava se referir aos jesuítas como "raposas" e aos jansenistas, como "lobos" em uma possível alusão às fábulas de La Fontaine.

distinguimos uma polêmica efervescente, no seio da Igreja, de grande interesse para contemporâneos: a perseguição à doutrina jansenista.

Em 1713, o Papa Clemente XI, pressionado por Luís XIV, assina a bula *Unigenitus*, documento condenando 101 proposições do programa proposto pelo jansenista Pasquier de Quesnel, herdeiro de Antoine Arnauld, que preconizava, por exemplo, a leitura da Bíblia no idioma do crente e uma hierarquia menos rigorosa dentro da Igreja. O clero francês dividiu-se, então, entre os que sustentavam o Papa, de um lado, e de outro, os "apelantes", liderados pelo Cardeal de Noailles, que defendiam os jansenistas.

A contenda nacional em torno do tema expunha uma outra questão preocupante para muitos: o crescente poder dos jesuítas em assuntos de Estado. Uma passagem do *Traité* evoca o momento da implantação da bula e suas conseqüências:

> La nation commençait à entr´ouvrir les yeux lorsque les jésuites Le Tellier et Doucin **fabriquèrent** la bulle *Unigenitus*, qu´ils envoyèrent à Rome: ils crurent être encore dans ces temps d´ignorance où les peuples adoptaient sans examen les assertions les plus absurdes. Ils osèrent **proscrire** cette proposition, qui est d´une vérité universelle dans tous les cas et dans tous les temps: **"La crainte d´une excommunication injuste ne doit point empêcher de faire son devoir."** C´était **proscrire** la raison, les libertés de l´Église gallicane, et le fondement de la morale; c ´était dire aux hommes: **Dieu vous ordonne de ne jamais faire votre devoir, dès que vous craindrez l ´injustice**. On n ´a jamais **heurté** le sens commun plus **effrontément**. Les consulteurs de Rome n ´y prirent pas garde. On persuada à la cour de Rome que cette bulle était nécessaire, et que la nation la désirait; **elle fut signée, scellée, et envoyée**: on en sait les suites; certainement, si on les avait prévues, on aurait mitigé la bulle. **Les querelles ont été vives**; **la prudence de la bonté du roi les ont enfin apaisées**. (57).

Inúmeros traços estilísticos desse texto concorrem para macular a já desgastada imagem dos jesuítas. O verbo "fabriquer", por exemplo, remete à elaboração artificial, reforçando a idéia de leviandade que presidiu a idealização do documento, assim como os vocábulos "proscrire", "heurter", "effrontément", "ordonner"- do campo semântico da repressão- registram a violência contra a liberdade. Não há, nessa passagem, nenhuma reminiscência dos jesuítas como mestres da arte retórica e amantes do teatro, esboçando-se o retrato de conspiradores contra a paz da nação e a autonomia da igreja galicana.

De fato, em "qu´ils envoyèrent à Rome", lê-se a impudência de tais padres manobrando nos bastidores para atingir seus fins. A bula fora expedida a Roma por intermédio do monarca, cujo nome omitido evidencia o domínio dos mentores. No ritmo ternário "signée, scellée, et envoyée", os verbos no particípio passado ressaltam a

elaboração rápida e expedita, evocando o autoritarismo com que a medida foi imposta ao país.

Chamamos a atenção para as duas frases grifadas, ambas introduzidas por dois pontos, destacando o discurso de outrem. Na primeira, o presente do indicativo, tempo privilegiado das premissas, juntamente com as aspas, sugerindo citação de algum texto, conferem autoridade ao enunciado. Na segunda, há uma construção paralela, introduzida pelas palavras "c´était dire aux hommes", que sugere o aspecto hipotético da sentença. O presente não ressalta uma idéia unanimemente aceita, mas traduz a posição categórica e absurda do adversário. Com efeito, na oração principal "Dieu...devoir", coloca-se Deus como sujeito do verbo "ordonner", criando um contra-senso, pois, via de regra, em um discurso devoto, Deus ilumina, escuta, ama, perdoa mas jamais "ordena". A oração subordinada temporal "dès que vous craindrez l´injustice" reforça o absurdo dessa assertiva. Fica patente, assim, o atrevimento dos jesuítas em atribuir uma decisão, que interessava a alguns membros da Companhia, à vontade divina.

Em "Les consulteurs de Rome" , "la cour de Rome" insiste-se sobre as decisões tomadas pelo Papa e sua corte, ignorando a vontade dos franceses. Ressaltamos também a denominação dos dois supostos artífices da bula, forma de expô-los à condenação pública, além de quebrar a aura de imparcialidade reivindicada pelo enunciador[73]. A propósito, Michel Le Tellier (1643-1719), confessor de Luís XIV, foi responsável pela influência sobre o monarca, quando da destruição da abadia de Port-Royal em 1709. A bula *Unigenitus* tornou-se, deveras, uma das mais emblemáticas demonstrações da intolerância católica, desencadeando, inclusive, um recrudescimento do jansenismo. Finalmente, o papel magnânimo de Luís XV nas páginas do *Traité*, como nessa passagem, indica uma preocupação conciliadora, uma astúcia que contribui para a criação do *ethos* "súdito fiel", pois a reabilitação da memória de Jean Calas necessitava do assentimento do Rei.

Em 1752, os jansenistas receberam novo golpe, de Christophe de Beaumont, arcebispo de Paris, que instituiu os "bilhetes de confissão", isto é, impunha-se aos padres a submissão à bula *Unigenitus*. Sem o bilhete, com a assinatura e nome do

---

[73] No ensaio " 'Impartial mais sensible': l´ethos dans le *Traité sur la tolérance*", uma observação de BOKOBZA-KAHN sobre o capítulo "Histoire abrégée de la mort de Jean Calas" parece-nos bastante elucidativa: "Nommer l´ennemi implique la présence forte d´un énonciateur qui s ´insurge contre le mensonge incarné dans la figure du représentant de l´autorité ecclésiastique." In: *Qu´est-ce que la*

confessor, o cristão seria enterrado em vala comum como os ateus. Uma das conseqüências dessa medida foi o endurecimento da perseguição contra os protestantes, pois a Igreja não poderia ser menos severa com os heréticos do que com os próprios católicos.

A polêmica dos "bilhetes de confissão" vem à baila no "dialogue entre un mourant et un homme qui se porte bien". "Le barbare" (homem de boa saúde) dirige-se ao "mourant" exigindo que assine um escrito sobre proposições incompreensíveis a ambos. Coloca-se em evidência o absurdo dessa prática: não há da parte do "bárbaro" nenhuma preocupação com a sinceridade da fé do agonizante, interessa-lhe pura e simplesmente uma assinatura que, devido à morte do interlocutor, decide falsificar.

A revolta do clero e do público contra os "bilhetes de confissão" levou o Papa Bento XIV a assinar, em 1756, a encíclica *Ex Omnibus*, permitindo aos padres ministrar a extrema-unção aos jansenistas, com a condição de adverti-los de que estariam amaldiçoados.[74]

A ascendência junto aos monarcas franceses e o conseqüente poder político que os padres da Companhia de Jesus tinham adquirido na França, além de incitarem o ódio contra os calvinistas e jansenistas, explicam, em parte, a animosidade de Voltaire. Deve-se salientar também a relevância intelectual de muitos missionários, exercendo papel preponderante na formação da elite francesa. Basta nos reportarmos à revista *Mémoires des Trévoux*, fundada em 1701, na qual os padres da Companhia expunham o resultado de suas pesquisas e reflexões. Não por acaso, os filósofos consideravam-nos rivais temíveis.

A China

Em trechos de cartas apresentadas em capítulos anteriores, nota-se a hostilidade contra as "raposas" devido ao desrespeito, na opinião do autor, às culturas dos países

---

tolérance? Perspectives sur Voltaire. (Sous la direction de Jürgen Siess). Ferney-Voltaire: Centre international d ´étude du XVIIIe siècle, 2002, p. 112.

[74] Christine PEVITT ALGRANT explica-nos: "O papa tentou buscar um caminho intermediário: os padres deveriam advertir os moribundos de que , se fossem jansenistas, eles estariam amaldiçoados; entretanto, a seu próprio critério, os sacerdotes poderiam ministrar a extrema-unção aos moribundos, mesmo que eles *fossem* jansenistas. Luís XV enviou a encíclica a seus bispos, mas lhes recomendou que, de momento, não fizessem nada publicamente." In op.cit., p.231. Em seu artigo "La tolérance état des lieux" , Monique Cottret comenta a respeito do parlamento: " [...] dans le scandale des refus de sacrements qui concernent les jansénistes, les parlementaires, et notamment les parlementaires parisiens, ont pris fait et cause pour les jansénistes. Ils considèrent qu ´en refusant les derniers sacrements, l ´Église outrepasse ses droits. Et le parlement n´hésite pas à réquisitionner les curés (qui se cachent) pour

onde aportavam. É necessário, primeiro, esclarecer que os padres da Companhia de Jesus, em sua missão evangélica, procuravam nos costumes de outros povos algum aspecto comum com o Cristianismo. Na China, Confúcio professou que a natureza humana tinha vindo do céu em estado puro e corrompera-se na terra. Tratava-se de uma moral totalmente fora da tradição judaico-cristã e era citada na Europa como exemplo de religião natural[75]. Os jesuítas ensinavam que, para recuperar esse estado primitivo, seria necessário aos chineses obedecer a Deus, nesse caso Confúcio representaria um São Paulo *avant la lettre* [76].

Sabemos do sucesso que a Companhia de Jesus usufruíra dentro e fora da França, ocupando uma posição aspirada pelos filósofos iluministas. No caso específico da China, a missão foi bem sucedida no final do século XVII, dentre outra razões, devido à habilidade do jesuíta português Tomás Pereira. Em meados do século seguinte, no entanto, além da ambição desmesurada em evangelizar os chineses, houve dissensões entre os próprios católicos, acarretando no fracasso dos missionários[77]. No *Traité*, conhecemos apenas essa última fase:

> Il est vrai que **le grand empereur Yong-tching**, le plus sage et le plus magnanime peut-être qu´ait eu la Chine, **a chassé les jésuites**; mais **ce n´était pas parce qu´il était intolérant, c´était, au contraire, parce que les jésuites l´étaient**. Ils rapportent eux-mêmes, dans leurs *Lettres curieuses*, les paroles que leur dit ce bon prince: "Je sais que votre religion est intolérante; je sais ce que vous avez fait aux Manilles et au Japon; vous avez trompé mon père, n´espérez pas me tromper moi-même." (51)

Observamos a força do discurso direto reportando o pensamento do adversário. Esse trecho é tanto mais convincente por citar uma obra conhecida dos contemporâneos- *Lettres curieuses*[78] - principal fonte de conhecimento da cultura chinesa no século XVIII.

Segundo François Jacob, Voltaire faz poucas referências à China no *Traité* para evitar de trazer à luz o trabalho dos jesuítas: "Convoquer l ´image de la Chine dans le

---

leur imposer de faire leur devoir contre les décisons de l ´évêque [...]" In: *Lectures de Voltaire: Le Traité sur la tolérance*. Sous la direction de Isabelle Brouard- Arends. Rennes: PUR, 1999, p. 33.

[75] A religião natural era uma das bases da tolerância no século XVIII. Cf. POMEAU, René. "Une idée neuve au XVIIIe siècle: la tolérance". In op. cit., p. 203.

[76] Sobre a questão v. HASARD, Paul. Op. cit., p. 30-3.

[77] Sobre os motivos da ascensão e queda dos jesuítas na China, v. BANGERT, William V. *História da Companhia de Jesus.* Tradução de Joaquim dos Santos Abranches e Ana Maria Lago da Silva. Porto, São Paulo: Livraria apostolado da imprensa e edições Loyola, 1985, pp. 403-17.

[78] "[...] na famosa coleção *Lettres Édifiantes et Curieuses*, cartas de missionários de todo o mundo, que de 1703 a 1776 chegaram a 34 volumes, e muito fizeram para estimular na Europa o interesse popular pelas coisas da China." Idem, p. 404.

Traité, c´eût été nécessairement convoquer celle de la Compagnie, au moment même de son éviction du sol national: paradoxe évidemment insoutenable."[79]

Acreditamos, ao contrário, que o espaço dedicado a esse país é significativo, se levarmos em conta as numerosas referências à História universal. Voltaire, num certo sentido, responde à curiosidade e ao fascínio dos leitores pela China - modelo de tolerância. A lição dos chineses é ilustrada na mini-narrativa "Relation d´une dispute de controverse à la Chine". Ao tomar conhecimento de uma querela entre um jesuíta, um dinamarquês e um holandês, devido à recusa destes em aceitar o concílio de Trento; um mandarim, expressão acabada da calma e eqüidade, convida-os para conversar em sua residência. Na ocasião, ensina-lhes a importância de ouvir todas as partes em jogo nas discussões. Os três visitantes cristãos expõem seus pontos de vista. Nenhum deles, porém, convence o chinês que finalmente dispensa os contendores, recomendando-lhes respeito mútuo.

O mandarim não compreendia que três cidadãos que professavam o cristianismo se desentendessem sobre dogmas. Ao deparar-se com controvérsias inúteis, emite a frase contundente, verdadeiro golpe contra os visitantes: "si vous voulez qu ´on tolère ici votre doctrine, commencez par n ´être ni intolérants ni intolérables." (127).

Agonia das Raposas

Na batalha para desabonar os jesuítas, o enunciador resume a experiência missionária no Japão:

> **Les Japonais étaient les plus tolérants de tous les hommes**: douze religions paisibles étaient établies dans leur empire; les **jésuites** vinrent faire la treizième, mais bientôt, n´en voulant pas souffrir d´autre, on sait ce qui en résulta: une **guerre civile**, non moins affreuse que celle de La Ligue, désola ce pays. La **religion chrétienne** fut noyée enfin dans des flots de sang; **les Japonais fermèrent leur empire au reste du monde**, et ne nous regardèrent que comme des bêtes farouches [...] (51-2).

Em um parágrafo, esboça-se uma narrativa na qual identificamos uma situação inicial de tranqüilidade protagonizada pela serena convivência dos japoneses com "doze religiões". Tal estabilidade é rompida pela chegada dos antagonistas que "vinrent faire la treizième". O verbo no "passé simple" marca a ação, o fato que desencadeará a guerra e o fechamento das fronteiras na outrora pacífica nação. Não há nenhuma justificativa para a agressividade dos missionários senão a mera vontade de se impor aos demais: "n´en voulant pas souffrir d´autre". O paralelismo da construção das duas frases

[79] JACOB, François. " Mon frère le Chinois? La Chine dans le *Traité.*" In: *ESTST*, p. 216.

grifadas (ambas contêm o mesmo sujeito e tratam da relação com o "outro") insiste no confronto entre a ordem interna que antecedeu a chegada dos jesuítas e a conseqüência da passagem destes pelo país. Ainda no aspecto formal, o contraste é marcado pelo imperfeito (indicando um estado contínuo no passado) "Les Japonais étaient" e o "passé simple" (marcando uma ação pontual) "Les Japonais fermèrent".

Essas linhas encerram uma "mini-narrativa" na qual não faltam os heróis (japoneses), os vilões (jesuítas), a ação (guerra civil) e o desfecho. Atente-se, ainda, para a hipérbole "flots de sang" que, reforçando o quadro de desolação, concorre para a força expressiva do trecho.

Por meio dessa forma viva de relatar um fato, prende-se a atenção do leitor que percebe como os missionários provocam a discórdia onde aportam. Não passariam, portanto, de péssimos embaixadores dos cristãos, vistos, não sem razão, como "bestas ferozes".

O Cristianismo no Japão teve inicialmente uma fase bem sucedida graças a Francisco Xavier no século XVI; com o tempo, a ambição dos jesuítas tornou insustentável a permanência no país. Conhecemos, pelas linhas do *Traité*, somente a fase desastrosa da missão evangélica. O enunciador reconta a história à sua maneira, ressalta os aspectos que lhe interessam, descartando os demais.

O mais cáustico assalto contra as "raposas", verdadeira peça demolidora, reside na "Lettre écrite au jésuite Le Tellier, par un bénéficier, le 6 mai 1714"[80]. O remetente de Le Tellier propõe a exterminação sumária dos inimigos da Companhia de Jesus[81]. É inverossímel a desfaçatez com que se analisam as possíveis conseqüências dos planos propostos. Enforcariam cinco mil calvinistas, por exemplo, em um único dia e no mesmo local para a "édification publique" e "la beauté du spectacle". O ataque contra os jansenistas vitimaria igualmente os molinistas, implicação considerada pelo idealizador do massacre[82] como "ces petites difficultés" ou "quelques mauvaises suites, qui ne sont de nulle considération" (119).

---

[80] No capítulo XXIV, "Post-scriptum", o enunciador enfatiza a autenticidade da missiva (147).

[81] Segundo Jean-Louis Tritter, reconhecemos alguns sinais da ironia voltairiana nas primeiras linhas dessa carta. Por exemplo, o fato de ser escrita por um "beneficiado", ou seja, alguém agradecido de antemão. Além disso, a não designação dos jesuítas pelo nome habitual, mas sim pela fórmula perifrástica: "Jésus et sa Compagnie" que associa o nome de Jesus, isolado no começo da perífrase, a uma carta abominável, desabona logo no início o autor dos conselhos. Cf. "L´ironie dans le *Traité sur la tolérance*" In: *Traité sur la tolerance de Voltaire*. Sous la direction de Jean-Louis TRITTER. Paris: Ellipses, 1999, p.118.

[82] Em seu "Avis au public sur les parricides imputés aux Calas et aux Sirven", Voltaire esclarece que o "bénéficier" é um parente de Ravaillac: "On a reproché à l´auteur d´avoir été un peu trop loin lorsque, pour montrer combien la persécution est détestable et insensée, il introduit un parent de Ravaillac, proposant au jésuite Le Tellier d ´empoisonner tous les jansénistes. Cette fiction pourrait en effet paraître

Fica patente o poder corrosivo da caricatura[83]. De fato, nesse capítulo, a ambição levada às últimas conseqüências engendra a desumanidade. No discurso do interlocutor do padre Le Tellier, abundam palavras e expressões comuns ao campo semântico do crime: “pendre”, “assassiner”, “exécution”, “tuer”, “détruire”, “châtrer”, “fouettera”, “la conspiration des poudres”, “empoisonner”, “soupoudrer les hosties de la drogue”, “étrangler”, “égorger”, “périr” e “massacre”. Por meio desse vocabulário, explicita os meios de eliminação ou “conversão” corriqueiros empregados para a “maior glória de Deus”.

Note-se, ainda, a justificativa religiosa para tais medidas: “Cette exécution est un corollaire nécessaire de nos principes: car, s´il faut tuer un hérétique, comme tant de grands théologiens le prouvent, il est évident qu ´il faut les tuer tous.” (117). O grande teólogo ao qual se alude é São Tomás de Aquino, conforme aprendemos na longa nota n° 61 (169). A propósito, nesse trecho, não há nenhuma evidência, nem relação causal como escreve o “beneficiado”. Ao contrário, o argumento baseia-se em um tipo de entimema grotesco no qual tanto a premissa maior quanto a conclusão são falsas e hediondas.

Nessa carta fictícia, lemos a caricatura gritante da ambição desmesurada da ordem jesuítica, cujos membros são degradados à condição de bandidos. A religião, totalmente secundária, serviria de mero pretexto às atrocidades praticadas. O poder dos seguidores de Inácio de Loyola atingira tal dimensão que parlamentares jansenistas e homens de letras se encontravam, paradoxalmente, do mesmo lado contra o domínio político do inimigo comum.

O episódio que precipitou a queda da Companhia surgiu com o malfadado investimento do padre La Valette em casa de comércio nas Antillhas, levando comerciantes de Marselha à bancarrota. A Companhia de Jesus recusou-se a indenizá-los oferecendo, assim, o pretexto necessário à retaliação. Em 1761, o Parlamento de

---

trop outrée à quiconque ne sait pas jusqu´où peut aller la rage folle du fanatisme. On sera bien surpris quand on apprendra que ce qui est une fiction dans le *Traité de la Tolérance* est une vérité historique.” In: VOLTAIRE. *Mélanges*. Texte établi et annoté par Jacques van den Heuvel. Paris: Gallimard, 1961, p. 817.

[83] Empregamos o termo no sentido atribuído por Vladimir Propp: “Toma-se um pormenor, um detalhe; esse detalhe é exagerado de modo a atrair para si uma atenção exclusiva, enquanto todas as demais características de quem ou daquilo que é submetido à caricaturização a partir desse momento são canceladas e deixam de existir. A caricatura de fenômenos de ordem física (um nariz grande, uma barriga avantajada, a calvície) não se diferencia em nada da caricatura de ordem espiritual, da caricatura de caracteres. A representação cômica, caricatural, de um caráter está em tomar uma particularidade qualquer da pessoa e em representá-la como única, ou seja, em exagerá-la.” In: *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

Paris impôs o fechamento dos colégios dos jesuítas, que, a partir desse ano, só poderiam lecionar ou ocupar cargos públicos com a condição de prestarem juramento de fidelidade ao Rei. A tensão entre os jesuítas e os parlamentares franceses resultou na expulsão da Companhia de Inácio de Loyola em 1764.

Os lobos

Les renards et les loups furent longtemps en guerre.
Les moutons respiraient. Des bergers diligents
Ont chassé par arrêt les renards de nos champs;
Les loups vont désoler la terre.
Nos bergers semblent entre nous
Un peu d´accord avec les loups.

Esses versos da carta a Damilaville de junho de 1763 [D11270] revelam a preocupação com o poder dos jansenistas após o enfraquecimento da Companhia de Jesus. Em 2 de março de 1763, Voltaire escreve ao Marquês d´Argence:

> Nous sommes défaits des jésuites, mais je ne sais si c´est un si grand bien; ceux qui prendront leur place se croiront obligés d´affecter plus d´austérité et plus de pédantisme. [...] Nous sommes défaits des renards, et nous tomberons dans la main des loups. [D11060].

Apesar de menos temíveis que os jesuítas, os jansenistas não eram menos detestados devido, entre outros motivos, à condenação do teatro. Em julho de 1764, Voltaire desabafa: “Les jésuites avaient au moins cela de bon qu ´ils aimaient la comédie et qu´ils en faisaient. Les jansénistes sont ennemis de tout plaisir honnête.” [D11978].

O patriarca reprovava igualmente o fanatismo de certas camadas da população ligadas ao jansenismo. O aniquilamento de Port-Royal pela monarquia teve como efeito colateral a transformação da doutrina jansenista em símbolo de resistência passiva. Entre o povo, sua força revelava-se nos devotos que acorriam ao túmulo do diácono Pâris no bairro de Saint-Médard, um dos mais pobres de Paris. No capítulo V, lemos uma referência ao fato:

> Il y a des fanatiques encore dans la populace calviniste; mais il est courant qu ´il y en a davantage dans la populace convulsionnaire. La lie des insensés de Saint-Médard est comptée pour rien dans la nation, celle des prophètes calvinistes est anéantie. (56)

Para evitar as peregrinações, fecharam a paróquia. A igreja de Saint-Médard existe até hoje e na entrada principal lemos a inacreditável frase “Em nome do rei, é proibido a Deus/ Fazer milagre neste local”.

No capítulo XX, “s´il est utile d´entretenir le peuple dans la superstition”, Voltaire refere-se aos jansenistas, mas dessa vez como aliados da “boa causa”. Noailles, bispo de Châlons e simpatizante do jansenismo, mandou queimar a relíquia do “umbigo de Jesus Cristo”. Toda a cidade moveu-lhe um processo, mas o bispo foi persistente e convenceu os cidadãos de que era possível adorar Jesus “em espírito” sem a necessidade de ter seu umbigo numa igreja.

Ainda nesse capítulo, lemos:

> S´il y a quelques convulsionnaires dans un coin d´un faubourg, c´est une maladie pédiculaire dont il n´y a que la plus vile populace qui soit attaquée. **Chaque jour la raison pénètre en France, dans les boutiques des marchands comme dans les hôtels des seigneur**s. Il faut donc cultiver les fruits de cette raison, d´autant plus qu´il est impossible de les empêcher d´éclore. On ne peut gouverner la France, après qu´elle a été éclairée par **les Pascal, les Nicole, les Arnauld, les Bossuet, les Descartes, les Gassendi, les Bayle, les Fontenelle, etc.,** comme on la gouvernait du temps des Garasse et des Menot. (131)

Nessa passagem, alude-se à prática das convulsões, mas especificando dessa vez que estavam confinadas a casos esparsos. Em seguida faz uma referência auspiciosa ao momento privilegiado que a França vivia: a razão ganhava espaço contra o fanatismo. Autores de tendências discordantes situam-se como precursores das Luzes. No grupo dos jansenistas, Antoine Arnauld (1612-1694) e Pierre Nicole (1625-1695), escritores que contaram com o apoio de Bossuet (1627-1704) na condenação ao teatro. Pascal, como se sabe, assumiu a defesa dos “Solitários” de Port-Royal contra os jesuítas. Nomes da tradição libertina como Bayle, Gassendi e Fontenelle (1657-1757) e o pai da filosofia moderna situam-se entre os eminentes pensadores considerados aqui o marco que separava a França esclarecida do período sombrio, representado por François Garasse (1585-1630), jesuíta refratário à filosofia e o franciscano Menot (1440-1518).

OUTRAS VOZES

La Beaumelle

Abordar a questão das outras fontes do *Traité* - além das notórias e conhecidas obras de Bayle e Locke- justificava-se para destacar o papel desse livro em meio a controvérsias efervescentes. Fazemos, outrossim, justiça a nomes esquecidos na longa batalha pela tolerância.

Impressiona, nas quase duzentas páginas do *Traité sur la tolérance* e sua notas de rodapé, o número de referências a textos de mais de cem autores, desde os padres da Igreja da Idade Média até filósofos ingleses do século XVII, de escritores consagrados da literatura francesa aos advogados parisienses que adquiriram notoriedade graças ao affaire Calas; de Homero a Pascal, de Confúcio a Molina. Vozes procedentes das mais diversas épocas e países ora desempenham a função de argumento de autoridade, ora representam o ponto de vista do adversário, ou, simplesmente, sua presença implica tributo a um autor.

Quanto às discussões sobre os direitos civis dos protestantes, além dos ecos de Pierre Bayle e John Locke, outros nomes também estão presentes e um dos casos mais

curiosos constitui a presumida contribuição indireta de Laurent Angliviel de La Beaumelle (1726-1773), que morava em Toulouse desde 1759, conhecia os Calas e foi o primeiro advogado a se interessar pela tragédia da rua "des Filatiers", cinco meses, portanto, antes de Voltaire tomar conhecimento dos fatos[84]. Além de escrever vários memoriais em defesa da família, La Beaumelle condenou a monitória tendenciosa que reforçava os preconceitos contra os huguenotes, como por exemplo, o suposto costume destes de matar os filhos quando decidiam converter-se.

A fim de compreender a provável influência de La Beaumelle no *Traité sur la tolérance*, precisamos de alguns dados relativos à parte do longo debate que se desenrolou entre a revogação do édito de Nantes (1685) e o édito de Tolerância (1787).

Em 1751, a *Lettre de M. l ´évêque d´Agen à M. le Contrôleur général contre la tolérance des huguenotes dans le royaume* causou celeuma, pois se opunha à intenção do Estado de autorizar a volta de alguns refugiados protestantes. Segundo a carta do abade d´Agen, os huguenotes aproveitariam a flexibilização da lei para desestabilizar o reino. Somente com o conhecimento desse detalhe compreendemos a seguinte observação do *Traité*:

> Enfin l ´intérêt de l ´État est que des fils expatriés reviennent avec modestie dans la maison de leur père: l´humanité le demande, la raison le conseille, et la politique ne peut s´en effrayer. (58)

Não tardou a resposta, no mesmo ano, de Antoine Court, personalidade eminente da Igreja do Deserto, com *Le Patriote français et impartial ou réponse à la lettre de M. l ´évêque d´Agen* que retomou muitas questões do *L´Asiatique tolérant*[85]. O cavaleiro de Beaumont, aliado dos protestantes, publica, por sua vez o *Accord parfait de la nature, de la raison, de la religion et de la révélation et de la politique* (1752) que se assentava em montagem de vários extratos do *Le Patriote* de Antoine Court.[86]

Segundo pesquisadores, há pelo menos um ponto que demonstra a utilização por Voltaire de argumentos dos livros citados, qual seja, a enumeração de citações dos padres da Igreja, teólogos e filósofos do capítulo XV; trata-se de um procedimento

---

[84]Cf. LAURIOL, Claude. "La Beaumelle, l´affaire Calas et le *Traité sur la tolérance*" In: *Voltaire en Europe: hommage à Christiane Mervaud*. (Sous la direction de Michel Delon et Catriona Seth). Oxford: Voltaire Foundation, 2000, p. 173-80.

[85] Cf. LAURIOL, Claude. " L´Asiatique tolérant ou le 'traité sur la tolérance' de La Beaumelle (1748)". In *Dix-Huitième Siècle*. 17, 1985, pp. 75-81.

[86] Cf. MERCIER-FAIVRE, Anne-Marie. "Le 'traité sur la tolérance', tolérance et réécriture" In: *ESTST*, p.39.

utilizado por La Beaumelle em *L´Asiatique tolérant*[87], retomado por Antoine Court e finalmente pelo cavaleiro de Beaumont. Desses três autores, sabemos com certeza que Voltaire leu pelo menos o *L´accord parfait* de Beaumont, conforme vimos no capítulo sobre a divulgação do *Traité* (v. carta [D10885].), sendo que, das vinte e duas citações em "Témoignages contre l´intolérance" , dezessete estão no *Le Patriote* e as outras cinco no *Accord Parfait*[88] .

Quando entrou no combate, La Beaumelle vivia clandestinamente na França e acompanhou o trabalho do patriarca, obtendo informações regulares através de amigos de Toulouse. O eminente homem de letras protestante era, havia alguns anos, um dos inimigos jurados de Voltaire.

Apesar de não concordar com a imagem dos calvinistas veiculada no "petit livret", La Beaumelle via com bons olhos a participação decisiva de seu adversário no auxílio aos Calas. Leu os memoriais dos advogados, reconhecendo diversos argumentos que fora o primeiro a utilizar e sabia de sua influência indireta no *Traité sur la tolérance*. Voltaire, por seu turno, provavelmente nunca chegou a ter conheceimento de que devia informações do seu livro a um de seus maiores adversários.

Em relação aos textos que apontamos, o livro de Voltaire, embora defenda melhores condições para os huguenotes, não poupa seu fel contra estes:

> Je dis avec horreur, mais avec vérité: c´est nous, chrétiens, c´est nous qui avons été persécuteurs, bourreaux, assassins! Et de qui? De nos frères. C´est nous qui avons détruit cent villes, le crucifix ou la Bible à la main [...] (80).

Nessa passagem, a atitude mais crítica em relação aos protestantes ia de par com um ataque menos agressivo contra o catolicismo, seguindo sua tática, conforme vimos, que primava pela prudência.

Temos, assim, uma idéia sumária de como funcionavam as polêmicas no século XVIII; após a publicação de um livro ou panfleto, apareciam as refutações, que por sua vez davam ensejo a outros textos que incendiavam ainda mais a disputa, desencadeando, com freqüência, a prisão ou exílio dos autores, gerando, além disso, eternos desafetos.

---

[87] Em « L´affaire Calas vue du côté des calvinistes », Claude LAURIOL explica-nos : "La critique jusqu´à ces derniers temps n´avait pas relevé que le *Traité sur la tolérance* est en partie tributaire, sans que Voltaire l ´ait su, du livre de La Beaumelle et de celui de Court." In: *Lectures d´une oeuvre:* Traité sur la tolérance *de Voltaire*. Sous la direction de François BESSIRE/ MENANT, Sylvain. Paris: Editions du Temps, 1999, p. 34.

[88] MERCIER-FAIVRE, Anne-Marie. Op.cit, p. 43.

Antigo Testamento: mentiras e contradições

No capítulo "Si l´intolérance fut de droit divin dans le judaïsme, et si elle fut toujours mise en pratique" lemos aproximadamente quarenta referências bíblicas, incluindo as notas de rodapé; além do *Pentateuco*, há menções aos livros históricos *Josué*, *Juízes*, *Ruth*, *Reis* e *Paralipômenos*, aos textos proféticos *Isaías*, *Jeremias*, *Ezequiel*, *Malaquias* e *Amós*. Do Novo Testamento, refere os *Atos dos Apóstolos* e a *Epístola de São Paulo aos hebreus*. Essa pletora de citações serviria, ao menos em tese, para afiançar as observações do enunciador que são, conforme veremos, bastante discutíveis.

O exórdio retoma a dicção clara de alguém que pretende elucidar uma questão, sem arrogar-se a posse da verdade: "On appelle, je crois, *droit-divin* les préceptes que Dieu a donnés lui-même." (89). Os exemplos, todavia, traem a intenção aparentemente imparcial do enunciador, pois lemos uma série de trivialidades como:

> [...] il [Dieu] voulut que les Juifs mangeassent un agneau cuit avec des laitues, et que les convives le mangeassent debout, un bâton à la main, en commémoration du *Phasé*; il ordonna que la consécration du grand prêtre se ferait en mettant du sang à son oreille droite, à sa main droite et à son pied droit, coutumes extraordinaires pour nous, mais non pas pour l´Antiquité[...]. (89)

O *Phasé* é a Páscoa dos judeus, conforme nos explica a nota do editor Moland (169). Ao escolher algumas cerimônias bizarras desse povo coloca-se em xeque sua origem divina. Igualmente causava surpresa o fato de Deus determinar mais leis a Moisés que a Abraão. Em vez de procurar explicações, recomendava-se a humildade: "[...] mais ces abîmes sont trop profonds pour notre débile vue." (90).

Ora, os trechos bíblicos propostos revelariam que o Deus dos judeus não castigara seu povo por adorar outros ídolos; nesse caso, os católicos deveriam inspirar-se nesse "modelo" e mudar a conduta em relação aos heréticos. Sob o discurso edificante, percebe-se o desprezo por práticas religiosas não somente incompreensíveis para as mentes modernas, mas aparentemente ridículas ou execráveis para qualquer cidadão de bom-senso.

A princípio, o método do enunciador consiste basicamente em mitigar as punições contra os judeus, ressaltando a suposta tolerância divina. Simultaneamente, contudo, evidencia as incoerências entre as sentenças pronunciadas por Deus a Moisés e trechos dos livros de Amós V, 26; Jeremias VII, 22 e os Atos dos Apóstolos VII, 42-43.

Nessas passagens sustenta-se a adoração de ídolos pelos israelitas, colidindo, assim, com o primeiro mandamento do *Decálogo*.

Em seguida, questiona-se o culto aos deuses estrangeiros, prática que vai de encontro ao princípio de base da religião judaica, qual seja, o monoteísmo:

> D´autres critiques infèrent du culte de tant de dieux étrangers que ces dieux furent tolérés par Moïse, **et ils citent en preuves ces paroles du *Deutéronome***: "Quand vous serez dans la terre de Chanaam, vous ne ferez point comme nous faisons aujourd´hui, où chacun fait ce qui semble bon." (90).

A nota de rodapé com dados precisos funciona como caução de legitimidade das referências. A passagem acima, por exemplo, integra o Deuteronômio XII, 8 (nota nº 77). Acresce a escolha do discurso direto colocando as palavras de Moisés, inspiradas por Deus, sob os olhos do leitor. Atentemos ainda para a expressão introdutória grifada no texto "ils citent en preuves"; deduz-se que estudiosos, após se debruçarem sobre a obra, suscitaram várias questões; o enunciador limitar-se-ia aqui a expor o tema. Convergindo para essa ambigüidade, Voltaire reporta-se a uma passagem de Josué, sucessor de Moisés:

> Ils [les critiques] se prévalent encore de l ´histoire de Josué. Ce conquérant dit aux Juifs: "L´option vous est donnée: choisissez quel parti il vous plaira, ou d´adorer les dieux que vous avez servis dans les pays Amorrhéens, ou ceux que vous avez reconnus en Mésopotamie." Le peuple répond: " Il n ´en sera pas ainsi, nous servirons Adonaï" Josué leur répliqua: " Vous avez choisi vous-mêmes; ôtez donc du milieu de vous les dieux étrangers." **Ils avaient donc eu incontestablement d´autres dieux qu ´Adonaï sous Moïse.** (90-1).

Eis mais uma "prova" de que os judeus não seguiram à risca o *Decálogo* sem, no entanto, receber punições por esses tropeços[89.] Cumpre-se, desse modo, o objetivo declarado pelo autor do *Traité* no final do primeiro capítulo, isto é, "[...] examiner si la religion doit être charitable ou barbare" (40). De fato, recorrendo a exemplos de outras épocas e culturas, demonstra-se que o Cristianismo é a única religião que perseguiu os heréticos. Há, todavia, uma meta dissimulada, desabonar o fundador de Israel e atacar os judeus. Ao insistir nas contradições das Escrituras, o enunciador visa Moisés:

> Il est très inutile de réfuter ici les critiques qui pensent que le *Pentateuque* ne fut pas écrit par Moïse; tout a été dit dès longtemps sur cette matière; et quand même quelque petite

---

[89] Em seu artigo " Les références à la Bible dans le *Traité sur la tolérance*", Marie-Hélène COTONI explica-nos a respeito das passagens escolhidas por Voltaire no capítulo XII "[...] après avoir mentionné quantité de passagens montrant que les cultes étrangers étaient tolérés, il exclut toute image d ´un Dieu jaloux ou cruel dans l´Ancien Testament [...]" COTONI elucida ainda que, nesse capítulo, omitem-se as passagens nas quais Deus condenou a introdução de cultos estrangeiros por Salomão e os castigos decorrentes desse fato. In: *Lecture d´une oeuvre:* Traité sur la tolérance *de Voltaire*. Sous la direction de BESSIRE, François/ MENANT, Sylvain. Paris: Editions du Temps, 1999, pp. 72-3.

partie des livres de Moïse aurait été écrite du temps des juges ou des pontifes, ils n ´en seraient pas moins inspirés et moins divins. (91).

As investidas contra Moisés nesse capítulo não tomam as mesmas proporções que em obras anteriores e posteriores de Voltaire[90]. Defendendo a tolerância, suaviza sua conduta; além disso, por mais que a autoria do *Traité* fosse conhecida, as farpas contra a Bíblia nessa obra "edificante" se manifestariam por meias palavras[91].

Nessa passagem, por exemplo, mesmo admitindo-se "lapsos" cronológicos, não se questiona quem seria o autor do *Pentateuco* no texto, apenas se sugere o problema que será discutido de forma minuciosa na nota nº 78. Nesta, sempre com o apoio de pesquisadores, relatam-se os métodos de escrita na época presumível da redação dos cinco livros atribuídos a Moisés. Segundo resultados de estudos, a única forma existente de deixar os pensamentos para a posteridade era por meio da gravação na pedra polida ou no chumbo, tornando-se impraticável gravar diversos volumes de história nessas condições e em pleno deserto.

Ainda na nota nº 78, narram-se diversos episódios extravagantes, para dizer o mínimo, do *Êxodo*, *Levítico* e *Números*, sem nenhuma elucidação sobre o contexto, levando-nos a crer em uma história marcada por bestialidades de toda espécie.

A propósito, na correspondência de Voltaire, aprendemos que a ofensiva contra os hebreus[92] foi calculada. Eis a declaração do patriarca a d´Alembert em março de 1763: "Voilà, mon cher philosophe, tout le système de ce bon prêtre. Il voulait dans son texte inspirer de l´indulgence, et rendre dans ses notes les Juifs exécrables. Il voulait forcer ses lecteurs à respecter l ´humanité, et à détester le fanatisme."[D11738].

---

[90] Basta nos reportarmos ao *Sermon de cinquante* In: *Mélanges*, p. 257, à entrada "Moïse" do *Dictionnaire Philosophique*. op. cit., pp. 294-8 e ao capítulo "De la personne de Moïse" do *Examen de Milord Bolingbroke* In : *Mélanges*, pp. 1006-8.

[91] Para termos uma idéia da diferença de tom da correspondência, quando se trata da Bíblia, em carta ao escritor Charles- Joseph, Príncipe de Ligne, Voltaire afirma: " Je n´ai d´autre spectacle que celui des sottises et des folies de ma chère patrie; je lui ai bien de l´obligation, car sans cela ma vie serait assez insipide. Après avoir tâté un peu de tout, j´ai cru que la vie de patriarche était la meilleure. J´ai besoin de mes troupeaux comme ces bonnes gens, mais Dieu merci, je ne suis point errant comme eux, et je n´en voulait rien au monde mener la vie d´Abraham, qui s´en allait comme un grand nigaud, de Mésopotamie en Palestine, de Palestine en Égypte, de l´Égypte dans l ´Arabie Pétrée, ou à pied, ou sur son âne, avec sa jeune et jolie petite femme, noire comme une taupe, âgée de quatre-vingts ans, ou environ, et dont tous les rois ne manquaient pas d ´être amoureux." [D11712].

[92] Antes de mais nada, esclarecemos que os ataques de Voltaire contra os judeus devem-se sobretudo à pretensão desse povo de ser considerado o eleito por Deus. Seria ocioso enumerar aqui os textos nos quais destila seu fel nos hebreus do Antigo Testamento. Não se trata de antisemitismo. Concordamos com a afirmação de Maria das Graças de Souza em nota no seu ensaio "Voltaire: História e civilização": " O que ele quer atingir é a tradição judaico-cristã mais do que o povo judeu". In: *Ilustração e História: o pensamento sobre a História no iluminismo francês.* São Paulo: Discurso editorial/Fapesp, p. 128.

Percebemos, ao ler o *Traité*, que a agressão pretendida excede em muito o espaço das notas, pois o próprio texto encerra passagens infamantes contra os judeus e seu grande guia. Mais uma vez, embora de forma mitigada, o Antigo Testamento torna-se alvo do sarcasmo voltairiano.

Sob o pretexto de enfatizar a tolerância de Deus, esboça-se um retrato cruel do povo judeu. Reportemo-nos à paradoxal e desconcertante passagem:

> **En effet, les Juifs immolaient des hommes à la Divinité**, **témoin le sacrifice de Jephté, témoin le roi Agag coupé en morceaux par le prêtre Samuel**. Èzéquiel même leur promet, **pour les encourager**, qu´ils mangeront de la chair humaine: "Vous mangerez, dit-il, le cheval et le cavalier; vous boirez le sang des princes." **Plusieurs commentateurs appliquent deux versets de cette prophétie aux Juifs mêmes**, et les autres aux animaux carnassiers. On ne trouve, dans toute l´histoire de ce peuple, aucun trait de générosité, de magnanimité, de bienfaisance; **mais il s´échappe toujours, dans le nuage de cette barbarie si longue et si affreuse, des rayons d´une tolérance universelle**. (92).

A primeira frase desse trecho afirma de forma crua um suposto costume dos Judeus de "imolar os homens". A despeito de passagens do Antigo Testamento evocando essa prática, seria um equívoco afirmar categoricamente que a lei judaica a recomendava.

Como exemplo de sacrifícios à Divindade, segue-se a controversa passagem de Juízes XI, 29-40; nesse episódio, Jefté prometera a Deus que se vencesse os amonitas, ofereceria em holocausto a primeira pessoa que encontrasse saindo de sua casa. Após a vitória, a única filha de Jefté veio ao seu encontro dançando. Quando a jovem descobre a promessa do pai, solicita-lhe dois meses para "chorar sua virgindade" com as amigas. Trata-se de uma passagem ambígua, o holocausto pode ser entendido figuradamente como clausura. Ora, para o enunciador do *Traité*, essa dúvida não existe, na nota nº 92 , lemos: "Il est certain par le texte [Juges, XI, 39] que Jephté immola sa fille." Informa que Santo Agostinho e outros padres da Igreja condenaram a violência de Jefté, enquanto São Paulo na epístola aos hebreus XI, 32 elogia o guerreiro. Tanto o fragmento escolhido quanto as notas projetam a Bíblia com traços nebulosos alertando o leitor para as contradições do texto e dos intérpretes.

A outra "prova" de sacrifício[93] consistiria no episódio do rei Agag (Samuel, XV, 3/I Reis XV, 3). Samuel ordena a Saul matar Agag, rei de Amalec, e toda a família

---

[93] Para termos uma idéia das dúvidas sobre esse tema, a própria Bíblia encerra trechos desaprovando o sacrifício aos deuses estrangeiros como, por exemplo, o Levítico XVIII, 21 :"Vous ne donnerez point de vos enfants pour être consacrés à l´idole de Moloch, et vous ne souillerez point le nom de votre Dieu."

deste. Eis outra passagem controversa que no *Traité* se apresenta de forma crua e incontestável " [...] témoin le roi Agag coupé en morceaux par le prêtre Samuel [...].[94]

Na seqüência há uma alusão a Ezequiel XXXIX, 17-20, onde as expressões "vous mangerez" e " vous boirez "são ditas às aves carnívoras. Não há nenhum aspecto lingüístico que nos autorize interpretar tais frases como endereçadas aos judeus. Vale frisar que há inúmeras notas do próprio Voltaire informando sobre as passagens bíblicas citadas. Às vezes, porém, não lhe interessa precisar o trecho (a nota nº 94 é do editor Moland) como ocorre nessa passagem.

Atentemos para o sarcasmo do inciso - "pour les encourager"- referindo-se aos judeus "antropófagos", envenenando ainda mais a reputação desse povo que, no capítulo seguinte, será o modelo de "extrema tolerância"[95].

O filósofo escreve ao pastor Moultou em janeiro de 1763, dizendo que há trechos do Antigo Testamento "ordenando" matar os familiares (referindo-se ao *Deuteronômio* XIII 6-9 e XVII 2-7); informa, ainda, que evitaria discutir abertamente a questão devido aos riscos aos quais se exporia: "Nos seigneurs les évêques me feraient brûler comme un porc." [D10897]. Esse fragmento nos leva a crer que Voltaire previa uma investida muito mais contundente contra o Antigo Testamento e os judeus.

Segundo vimos, Bayle falou em seu *Commentaire philosophique* sobre a falsidade de qualquer interpretação literal da Bíblia que incentivasse a perseguição. Locke, por seu turno, afirmou que as leis de Moisés foram concebidas para uma teocracia, ao passo que as leis do Evangelho não tinham implicação política, os cristãos não estavam obrigados a seguir as leis que foram impostas aos judeus[96]. O filósofo inglês esclarece que Jesus Cristo não instituiu nenhum tipo de governo, nem "armou o magistrado do gládio".[97]

---

[94] O abade Guénée, um apologista, sobre esse trecho observa que o verbo da língua hebraica traduzido como "couper en morceaux" pode significar também "mettre à mort avec l´épée". (nota no 89). Cf. *Lettres de quelques Juifs portugais, allemands et polonais à M. de Voltaire*. Paris, 1766, t.II, p.15 e 16. apud ALBERTAN-COPPOLA. "La réception du *Traité sur la tolérance* dans le camp apologétique." In: *Traité sur la tolérance/Voltaire*. Dirigé par Jean-Louis TRITTER. Paris: Ellipses, 1999, p. 89.

[95] François Bessire, em seu ensaio "La Bible dans le *Traité sur la tolérance*", explica "L´argument de la tolérance des Juifs, à laquelle sont consacrés deux longs chapitres du Traité (XII et XIII), est présent dans la *Lettre sur la tolérance* : 'personne ne fut contraint par la violence et par les châtiments à adhérer à la religion mosaïque et au culte du vrai Dieu', démontre Locke. L´affirmation que la loi de Moïse était seulement temporelle (chapitre XIII) est un des fondements du *Traité* de Spinoza." In *Lectures de Voltaire: Le traité sur la tolérance*. Sous la direction de Isabelle BROUARD-ARENDS. Rennes: PUR, 1999, p. 72.

[96] Cf. LOCKE, op. cit., p. 196.

[97] Idem, p. 197.

Partindo do princípio exposto por Locke e Bayle, os cristãos não poderiam justificar o emprego da violência por meio dessas passagens do *Pentateuco*.

O título do capítulo XIII - "Extrême tolérance des juifs" – surpreende-nos pela contradição com o que foi exposto no anterior, no qual abundam exemplos de tolerância de Deus em relação aos excessos do "povo eleito". Agora, as cenas de ferocidade cedem espaço às contradições entre os diferentes grupos de judeus. Enquanto os saduceus negavam a ressurreição dos mortos, os fariseus tinham fé na fatalidade e na metempsicose. Essas duas seitas diferiam dos essênios, tais divergências, todavia, não impediam o bom convívio.

Seria inútil lutar uns contra os outros por aspectos irrelevantes, pois Deus nos julgará pelas ações, conforme esclarecimento da nota nº 78, e não pelo nosso conhecimento da língua hebraica. Na verdade a salvação dependeria de uma vida caridosa, empenhada em fazer o bem, pouco importando o conhecimento das Escrituras.

Insistimos em que, enquanto um discurso principal assume o *ethos* católico por meio do padre Herman, reivindicando melhores condições para os protestantes, configura-se uma alocução paralela, sub-reptícia, tecendo um ataque cáustico contra as Escrituras. Comentamos a dessacralização da Bíblia na correspondência de Voltaire. No *Traité*, embora de forma menos peremptória, delineia-se uma ofensiva contra as "mentiras", as "fábulas" em torno da história dos hebreus. Há pelo menos um efeito desse tratamento mordaz dispensado ao livro sagrado judaico-cristão: suscitar dúvidas sobre a origem divina desse texto.

Resposta à literatura apologética

Para os apologistas, o grande senão da tolerância civil aos protestantes seria facilitar, com o tempo, a tolerância teológica e a indiferença em matéria de religião. Por isso, a Igreja via com reservas qualquer mudança nesse sentido.

O Estado não se mostrava tão impermeável à tolerância, um catolicismo de fachada seria conveniente para a paz interna. Afinal, impor a conversão aos protestantes não produzia bons resultados, uma vez que estes preferiam casar-se nas Igrejas do Deserto. Sabemos que no Antigo Regime o estado civil dos cidadãos estava nas mãos

dos padres, conseqüentemente, os huguenotes que recusavam a aceitar os sacramentos não tinham direitos jurídicos.[98]

Se Voltaire era visto com desconfiança por alguns homens de letras protestantes, pois não assumia radicalmente a defesa desse lado, no campo da crítica apologética participava de uma polêmica ainda mais acirrada. Nosso autor atacava explicitamente alguns nomes, invectivava contra trechos de suas obras, despertando o interesse dos leitores para um debate que se estendia havia décadas[99].

Aproveitamos para frisar que, apesar da diversidade de dicções no *Traité*, observa-se a coesão desse texto compósito nas alusões de determinadas passagens que se esclarecem somente dezenas de páginas adiante. No final do capítulo VII, por exemplo, lemos a respeito de um "honnête homme" que tinha justificado a noite de São Bartolomeu em obra recente: "´D´ailleurs, que prétend cet homme modeste et doux? Veut-il que nous fassions une guerre sacrée?" (63).

Somente o leitor bem informado das querelas contemporâneas envolvendo protestantes e a crítica apologética percebe a insinuação. Descobre-se no final do *Traité* tratar-se do abade de Malvaux que havia publicado em 1762 o *Accord de la religion et de l´humanité*.

De fato, no "Post-Scriptum", o enunciador volta a evocar Malvaux, dessa vez para demolir sua tese, ridicularizando-o:

> Tandis qu ´on travaillait à cet ouvrage, dans l ´unique dessein de rendre les hommes plus compatissants et plus doux, un autre homme écrivait dans un dessein tout contraire: **car chacun a son opinion**. Cet homme faisait imprimer un **petit code de persécution**, intitulé l´*Accord de la religion et de l ´humanité* (**c´est une faute d´imprimeur: lisez de l´*inhumanité***). (143).

A frase "car chacun a son opinion" evoca um truísmo e ao mesmo tempo chama a atenção para a natureza do debate, o que está em jogo são diferentes pensamentos defendidos por "homens" e não a vontade divina. Em outras palavras, a tese odiosa (defesa da perseguição) de Malvaux deve ser atribuída somente a ele.

---

[98] Cf. COTTRET, Monique. "La tolérance état des lieux" In *Lectures de Voltaire* *Le Traité sur la tolérance*. Sous la direction de Isabelle BROURD-ARENDS. Rennes: PUR, 1999, p. 32.

[99] A propósito, Maria das Graças de Souza comenta a contribuição involuntária dos apologistas para a divulgação dos textos voltairianos."Devido à sua estrutura didática, que apresenta ao mesmo tempo o texto ou o resumo dos livros visados para, em seguida, criticá-los, as obras apologéticas permitiram a difusão das idéias filosóficas em meios nos quais os próprios textos jamais teriam chegado por vias diretas." NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza. *Voltaire e o materialismo do século XVIII.* (Dissertação de Mestrado). São Paulo, Universidade de São Paulo, 1983, p. 34.

Tivemos acesso a alguns capítulos dessa obra, sendo possível comparar o texto original com alguns extratos retomados no *Traité* [100]. Constata-se que Voltaire, mesmo citando o número da página, omitia ou acrescentava alguma palavra de acordo com seu interesse. Por exemplo, no primeiro capítulo da primeira parte do livro, Malvaux afirma: "Si l ´on ne trouve dans l´Évangile aucun texte qui commande formellement l´Intolérance civile, on ne peut non plus en citer aucun qui la blâme, ou qui la proscrive."[101] e na conclusão retoma "Puisque l ´Intolérance n´a été condamnée, ni par Jésus-Christ, ni par les Apôtres [...]"[102] .

Ora, no *Traité*, eis como se apresenta o texto do abade:

> Le saint auteur finit enfin par conclure que l ´**intolérance est une chose excellente**, "parce qu´elle n´a pas été, dit-il, condamnée expressément par Jésus-Christ" mais Jésus-Christ n´a pas condamné non plus ceux qui mettraient le feu aux quatre coins de Paris; est-ce une raison pour canoniser les incendiaires? (147)

Há uma diferença abissal entre o texto original e o reportado por Voltaire no qual a idéia de Malvaux torna-se ainda mais inaceitável[103]. Nessa "campanha" de desacreditar o adversário, refere-se ao livro como "saint libelle" (143, 144,) e sobre o autor, informa "[...] il me paraît tout propre à faire un **excellent inquisiteur** [...]", " [...] je ne puis que remercier la Providence de ce qu´elle permet que **les gens de son espèce** soient toujours de **mauvais raisonneurs** [...]" (144).

Entremeiam-se perífrases dessa natureza com citações da obra conferindo um caráter de debate "honesto", no qual se apresenta a posição do adversário para em seguida, rebatê-la (v. 144-5).

O enunciador ousa comparar um trecho do livro de Malvaux com a carta fictícia endereçada ao jesuíta Le Tellier:

> J´avoue que j´ai cru aller un peu trop loin, quand j ´ai rendu publique la lettre du correspondant du P. Le Tellier, dans laquelle ce congréganiste propose des tonneaux de poudre. Je me disais à moi-même: On ne m ´en croira pas, on regardera cette lettre comme une pièce supposée. Mes scrupules heureusement ont été levés, quand j ´ai lu dans l´*Accord de la religion et de l ´inhumanité*, page 149, ces douces paroles:
>
> "L´extinction totale des protestants en France n ´afflaiblirait pas plus la France qu´une saignée n ´affaiblit un malade bien constitué" (147).

---

[100] V. "Dossier III. Le débat sur la tolérance" In: *ESTST*, pp. 303-16.
[101] Idem, p.308.
[102] Idem, p. 315.
[103] Sylvain Menant afirma : "Il y a certes une pratique de la polémique entre gens de lettres qui s´injurient volontiers par écrit. Mais aussi une habitude de briller en causant, par l ´étalage d´informations sur la production récente, et par l ´exercice d ´un esprit critique qui n ´épargne pas les personnes." In: *L´esthétique de Voltaire*, op. cit p. 58.

O conteúdo da carta do capítulo XVII "abona" as idéias defendidas no *Accord de la religion* ao mesmo tempo que este "comprovaria" a veracidade da carta. Na passagem seguinte, o discurso pretende-se argumentativo por meio das conjunções "si", resultando um raciocínio que ressalta o caráter grotesco tanto da missiva de um "beneficiado" quanto do livro de Malvaux :

> Si donc cet honnête homme propose de tuer le vingtième de la nation, pourquoi l´ami du P. Le Tellier n´aurait-il pas proposé de faire sauter en l ´air, d´égorger et d ´empoisonner le tiers? Il est donc très vraisemblable que la lettre au P. Le Tellier a été réellement écrite. (147).

Roland Barthes caracterizou muito bem esse estilo picante do patriarca:

> Tout était spectacle dans ses batailles: le nom de l´adversaire, toujours ridicule; la doctrine combattue, réduite à une proposition (l´ironie voltairienne est toujours la mise en évidence d´une *disproportion*); la multiplication des coups, fusant dans toutes les directions, au point d´en paraître un jeu, ce qui dispense de tout respect et de toute pitié [...].[104]

O livro de Malvaux fora inspirado na *Apologie de la Saint-Barthélemy* do abade de Caveyrac (1758) que também recebe seu quinhão de hostilidades, pois no capítulo IV, há o seguinte comentário: "On ne craint plus à Londres que les querelles des presbytériens et des épiscopaux pour une liturgie et pour un surplis, répandent le sang d´un roi sur un échafaud.". (49).

A nota n° 24 (161-2) encerra um desdobramento desse comentário citando o "abominable livre" que faz uma " apologie de la révocation de l´édit de Nantes", referindo-se à obra de Caveyrac, mas omitindo o nome do autor a quem alude como "déclamateur" e "fou de Verberie" ("un pauvre homme, à l ´esprit dérangé"). [105]

A arte polêmica de Voltaire evidencia uma *desproporção* para falar com Barthes. De fato, o filósofo não se contenta em refutar as idéias contrárias à sua tese, mas pretende ridicularizá-las ou prefere desautorizar o autor, como na passagem acima. Essa desqualificação do adversário, ou argumento *ad personam*, estabelece uma oposição entre o que alguém faz e aquilo que diz[106]. Conforme vimos, Voltaire empregava tal expediente contra Rousseau – um "louco" que abandonara os filhos e portanto não teria moral para escrever sobre educação.

---

[104] BARTHES, Roland. "Le dernier des écrivains heureux" In: *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1964, p. 95.
[105] Explicação na própria nota n° 24 acrescentada pelo editor Moland.
[106] Cf. ROBRIEUX, op. cit., p. 142.

JESUS CRISTO: MODELO DE TOLERÂNCIA

Jésus-Christ me paraît comme à vous, doux et tolérant; mais ses sectateurs ont été dans tous les temps inhumains et barbares. [D11580].

Os excessos da Igreja Católica na França

Desde o século XVI, alguns clérigos cultos, simpatizantes das idéias de Erasmo em *Elogio à loucura*, começaram, por iniciativa própria, a promover ousadas mudanças. Em 1524, o Bispo de Meaux, Guillaume Briçonnet, por exemplo, aboliu as imagens de

santos em suas igrejas. Os fiéis aderiram às reformas com ardor e chegaram a colocar uma placa nas portas da catedral dessa cidade acusando o Papa de “anticristo”.

Nessa altura, as idéias de Martinho Lutero corriam a França onde encontravam terreno fértil entre muitos padres descontentes, sobretudo nas regiões mais pobres. A repressão da Igreja não tardou a prender e executar os protestantes, levando-os, em massa, à clandestinidade. Era necessária a prudência, pois, quando presos, tinham a língua cortada antes da execução para não cantarem os salmos.

Apesar das perseguições, havia mais de dois mil círculos de Reformados na França, mas os acordos entre o Papa e a monarquia francesa tornavam inviável uma convivência pacífica entre católicos e protestantes. A realeza não queria perder nenhum privilégio, por isso aproveitava toda oportunidade de reprimir as populações julgadas heréticas. Não seria exagero afirmar que a intensidade das perseguições variava conforme o temperamento do monarca. Assim, Francisco I (1515-1547) admitia os cultos, enquanto Henrique II (1547-1559) caracterizava-se pela intransigência. Durante a rápida passagem de Francisco II pelo trono (1559-1560), os protestantes finalmente conseguiram um pouco de liberdade, chancelada pela paz d´Amboise, em 19 de março de 1563. Essa trégua, porém, durou pouco devido ao extremismo dos católicos.

A igreja protestante não era centralizadora como sua concorrente. Cada comunidade tinha liberdade para tomar decisões. A Reforma representava um meio de lutar contra a monarquia: não por acaso, os católicos radicais eram igualmente os mais ardentes defensores do regime.

A inabilidade diplomática e a incompetência dos monarcas aumentaram ainda mais o ódio entre os cristãos. De fato, o século XVI foi marcado pelas sanguinárias guerras de religião na França, com vitórias e reveses alternados. Os conflitos desencadearam um massacre que ficou célebre , seis dias após o casamento de Henrique de Navarra com Marguerite de Valois. A madrugada de vinte e quatro a vinte e cinco de agosto de 1572 passou para a história como a noite de São Bartolomeu, cujo balanço macabro de três mil huguenotes degolados não esmoreceu a resistência dos sobreviventes.

A longa série de batalhas acaba somente em 1598, após a “guerra dos três Henriques”. Henrique III rompeu com o Duque de Guise e aproximou-se de Henrique de Navarra, huguenote e seu sucessor direto após a morte do Duque d´Anjou. A guinada de Henrique II para o lado dos protestantes resultou numa série de altercações que culminaram no assassinato do Duque de Guise, em Blois e de Henrique III, em Paris.

Ao assumir o trono, Henrique de Navarra, agora Henrique IV, percebe que jamais conseguiria tornar-se rei da França como huguenote. Decide converter-se, então, pela segunda vez ao catolicismo, ocasião na qual proferiu a célebre frase: “Paris vaut bien une messe”.

Foi sob a égide de Henrique IV que entrou em vigor o édito de Nantes (1598); essa lei concedia aos protestantes uma situação até então inédita que incluía, entre outras coisas, liberdade de culto, representantes em alguns parlamentos e o direito a um exército. Situação que terminaria com o édito de Fontainebleau (1685), cujas conseqüências já comentamos.

Em 1762, os desdobramentos da morte do comerciante tolosano trouxeram à tona dois séculos de discórdias e perseguições. Voltaire, assim como muitos de seus pares, não suportava mais a tirania dos católicos, pois esta era incompatível com o espírito das Luzes que se difundia entre os homens de letras.

Jesus Cristo & Cristianismo

As atrocidades relatadas no *Traité* foram cometidas por assim chamados seguidores de Cristo que acreditavam, de forma insana, alcançar alguma recompensa no paraíso. Um dos desafios de Voltaire foi desvincular a figura de Jesus das chacinas cometidas ao longo de décadas. Quando nos debruçamos sobre a história do Cristianismo, temos a impressão de que seu símbolo é o gládio e sua divisa, pregar o ódio entre os homens. Urgia, então, estabelecer a separação entre o grande guia dos cristãos e as barbáries de “seus” seguidores. Em carta endereçada a Jacob Vernes de janeiro de 1763, o patriarca comenta as dificuldades dessa tarefa:

> Je suis ravi mon cher Rabbi de l ´intérêt que vous prenez à la chose. Je sens bien que je marche sur des charbons ardents. Il faut toucher le coeur, il faut rendre l ´intolérance absurde, ridicule et horrible; mais il faut respecter les préjugés. Il est bien difficile en montrant les fruits amers que l´arbre a portés, de ne pas donner lieu de penser que l´arbre ne vaut rien. On a beau dire que c´est la faute des jardiniers, bien des gens sentent que c ´est à l ´arbre qu ´il faut s´en prendre.[D10930].

O nazareno (a “árvore”) não seria responsável pelos péssimos exemplos de governantes, padres e teólogos (os “jardineiros”). Era indispensável abrir os olhos dos cidadãos, mostrando-lhes os engodos a que estavam sujeitos.

Nesse sentido, ao iniciar o capítulo XI, o leitor já reviu alguns episódios sangrentos da História contemporânea provocados pelos desentendimentos entre

católicos e protestantes. A questão colocada nestas linhas supõe essa viagem por diversas regiões do globo e incursões em outras épocas:

> Vous savez que l´intolérance ne produit que des hypocrites ou des rebelles: quelle funeste alternative! Enfin voudriez-vous soutenir par des bourreaux la religion d ´un Dieu que des bourreaux ont fait périr, et qui n ´a prêché que la douceur et la patience? (83).

Nesse trecho ressalta-se, primeiro, a mensagem pacífica de Cristo, que perdoava seus inimigos, contrastando assim com o quadro de horrores cometidos para glorificá-lo. Segundo, Jesus foi morto por carrascos, da mesma forma que dezenas de perseguidos pela intolerância, sugerindo-se a identificação das vítimas das violências com o Deus dos cristãos. A forma contundente com que os leitores são interpelados devia calar fundo em muitos cidadãos.

Com efeito, a frase "[...] un Dieu que des bourreaux ont fait périr" traz à mente do leitor o calvário de Jesus em Jerusalém, sua humilhação pelo povo e a longa agonia antes de morrer, além do momento em que perdoa seus algozes, pois "eles não sabem o que fazem". Jesus Cristo foi vítima, da mesma forma que centenas de cristãos que pereceram na noite de São Bartolomeu, no massacre dos "Vaudois" (44-5), nas Cevenas e como as recentes vítimas das leis antiprotestantes na França: o pastor Rochette e Jean Calas[107].

É convidativa a comparação do suplício do comerciante tolosano com Jesus: Calas foi condenado sem provas. À semelhança do "legislador dos cristãos", o "herege" francês teve contra si o rumor e a superstição popular. Nos dois processos, foi decisiva a covardia de um cidadão ocupando cargo relevante: o governador Pôncio Pilatos e o chefe de polícia David de Beaudrigue. Tanto o nazareno quanto o tolosano perdoaram a seus algozes ao enfrentar a morte. Começa-se a erigir a figura de Cristo sem a aura da divindade.

Novo Testamento: depuração e ironia

Comentamos anteriormente como o enunciador do *Traité* refuta a interpretação literal do "grande banquete" (Lucas XIV, 23). No capítulo XIV, contesta igualmente a leitura abusiva da "festa das bodas" (Mateus XXII, 1-14), parábola muito próxima da

---

[107] A propósito, Jean BALCOU em seu ensaio " La stratégie polémique du *Traité sur la tolérance*" , comenta: "Et comment Voltaire n ´aurait-il pas, dans une sorte de revirement instinctif, vu en Jean Calas un autre Jésus-Christ (les mêmes initiales!), au point d´inscrire, au coeur de son *Traité*, l ´épisode de la Passion?" In: *Le Traité sur la tolérance /Voltaire*. (ouvrage dirigé par Jean-Louis TRITTER). Paris: Ellipses, 1999, p. 37.

narrada no evangelho de Lucas. Após uma paráfrase dessa passagem, lemos a interpretação depurada de qualquer halo de violência: “L´invitation au festin signifie la prédiction du salut; le meurtre des envoyés du prince figure la persécution contre ceux qui prêchent la sagesse et la vertu.” (102). Percebe-se que um mesmo trecho, antes empregado para justificar a brutalidade, seria passível de uma interpretação totalmente oposta.

Na passagem de Mateus “perdão dos pecados” (XVIII, 15-18), narrada logo a seguir, sob o pretexto de exaltar a tolerância de Jesus, expõe-se mais uma vez a impostura dos governantes. Aquele que recusar ouvir a Igreja, afirma o Messias, deveria ser visto como “um pagão e um publicano”. Ora, o “padre Herman” explica que a profissão de coletor de impostos é a única condenada pelas Escrituras e nem por isso deixava de gozar de grande prestígio nos governos. Questiona, então: “Pourquoi donc n´aurions-nous pas pour nos frères errants autant d´indulgence que nous prodiguons de considération à nos frères les traitants?” (103).

A rima de “errants” e “traitants” confere um tom sarcástico à cínica observação do enunciador que não hesita a designar como “frères” uns e outros, situando-os em plano equivalente. O leitor não ficaria indiferente a tal raciocínio: se somos condescendentes com alguém exercendo uma função desaprovada pela Bíblia (sob a ótica dessas linhas) – o coletor de impostos – perdoaríamos com mais facilidade alguém que não freqüentasse a missa, nem aceitasse os sacramentos.

Nota-se também uma abordagem irônica no trecho sobre a “maldição da figueira” (Mateus XXI, 18-21 e Marcos XI, 12-14), a tática consistindo em atacar a interpretação abusiva do evangelho, criticando-se, de forma enviesada, suas contradições. Jesus tendo fome, aproximou-se de uma figueira, encontrando apenas folhas, amaldiçoou-a e a árvore secou. Para compreender o significado desse mistério, necessita-se conhecer a seqüência do evangelho de Mateus (XXI,22); aprende-se, então, que a “maldição da figueira” simboliza o poder de uma fé inabalável. Vejamos o comentário chistoso sobre tal episódio:

> On donne plusieurs explications différentes de ce miracle; mais y en a-t-il une seule qui puisse autoriser la persécution? Un figuier n ´a pu donner des figues vers le commencement de mars, on l´a séché: est-ce une raison pour faire sécher nos frères de douleur dans tous les temps de l´année? (103).

Em São Mateus e São Marcos não há nada explicitado sobre o mês em que ocorreu o fenômeno, sabemos apenas que não era “tempo de figos”. O enunciador precisa o período- mês de março- final do inverno no hemisfério norte, portanto ainda

cedo para os frutos. Ora, ao evocar a categoria da verossimilhança, situa a história sagrada no mesmo plano de outras narrativas. Para um crente, pouco importaria a coerência (início de março, logo folhas secas), mas sim o milagre operado por Jesus - descartado pelo narrador fictício do *Traité*. Nesses trechos, verifica-se, à primeira vista, uma leitura coerente com o *ethos* católico, ou seja, o enunciador propõe uma interpretação dos evangelhos demonstrando a aberração de lê-los como incentivo à violência (intenção declarada), mas, simultaneamente, ressalta algum elemento chistoso, banal ou disparatado colocando em xeque o caráter divino dessas mesmas passagens (intenção escamoteada).

As citações dos evangelhos no capítulo XIV, todavia, não implicam somente uma intenção irônica, há também um espaço reservado às passagens que refletem a bondade e a paciência ligadas à figura de Jesus Cristo. Na parábola do "filho pródigo"(Lucas XV, 11-32), por exemplo, o jovem que volta, após dissipar a herança, recebe uma acolhida calorosa do pai. A pecadora recebe o perdão pela humildade demonstrada ao lavar, com lágrimas, os pés do Messias na casa de um fariseu (Lucas VII, 48). Jesus convence escribas e fariseus a desistirem de apedrejar a mulher adúltera (João VIII, 1- 11).

Nessas e em outras parábolas citadas, os "protagonistas" são cidadãos que fraquejam, cedem a um impulso ou capricho, não primam, enfim, pelos atos heróicos. Suas histórias testemunham o amor de Jesus justamente por aqueles que necessitam de socorro, que se desviaram do caminho da "verdade", mas se arrependeram. Tais passagens situam-se entre as mais conhecidas e encerram valores como a compreensão, a humildade e o perdão dos erros alheios.

O que se constatava na França durante os séculos de guerras religiosas e em alguns momentos da história contemporânea representava a antítese do que fora pregado por Jesus. O enunciador do *Traité* destilava, veladamente, seu fel contra os cristãos, seguindo seu princípio de agir com cautela. Em janeiro de 1763, escreve a Moultou "[...] il faut être doux en prêchant la tolérance [...]" [D10942].

O Sócrates da Galiléia[108]

[108] Em texto posterior ao *Traité*, lemos: "Car enfin, qu´était Jésus aux yeux des hommes, qui ne pouvaient certainement soupçonner sa divinité? C´était un homme de bien, qui, né dans la pauvreté, parlait aux pauvres contre la superstition des riches pharisiens et des prêtres insolents; c´était le Socrate de la Galilée." VOLTAIRE. "Homélies prononcées à Londres en 1765". *Mélanges*. Paris: Gallimard, 1961, p. 1142. Embora figure a data de 1765, o texto é de 1767.

No capítulo XIV, após comentar várias passagens do Novo Testamento que pregam a indulgência e a paciência, o enunciador faz um paralelo entre o Deus dos cristãos e uma das figuras emblemáticas para os filósofos iluministas:

> Enfin il [Jésus-Christ] meurt victime de l´envie. Si l´on ose comparer le sacré avec le profane, et un Dieu avec un homme, sa mort, humainement parlant, a beaucoup de rapport avec celle de Socrate.

Ambos foram vítimas do ódio de homens gozando de "status" social e autoridade intelectual. Sócrates poderia ter evitado a morte e não o fez; Jesus apresentou-se voluntariamente. Tanto o homem quanto o "filho de Deus" perdoaram os algozes. O ateniense chamou os sofistas de ignorantes; o nazareno tratou os escribas e fariseus de "hipócritas", "insensatos", "cegos", "maus", "serpentes" e "raça de víboras"[109]. Por fim, Sócrates não fora acusado de fundar uma nova seita; contra Jesus pesava a suspeita de liderar uma seita subversiva, embora jamais tivessem encontrado provas para acusá-lo.

Poderíamos acrescentar também que, como Sócrates, o "legislador dos cristãos"[110] provinha de família sem recursos e vestia-se de maneira simples. A exemplo do filósofo grego, privilegiava o discurso oral, mas enquanto aquele servia-se dos diálogos como método dialético para aprimorar o saber; este difundia a "verdade" de que era arauto. Jesus e Sócrates foram vítimas do boato, da superstição[111].

Destacam-se como pontos comuns entre o "filho de Deus" e o homem, o sentido da honra, a audácia, a fidelidade ao pensamento e sobretudo a coerência entre palavra e ação. Ambos testemunharam, por meio de atos, as idéias em que acreditavam.

A comparação com Sócrates situa o Deus dos cristãos em um plano essencialmente humano, posição reforçada pelos trechos em que se destacam o sofrimento e a morte. Vejamos esse belo extrato, verdadeira apologia de Jesus:

---

[109] Nesse trecho, há uma nota indicando Mateus, XXIII. Trata-se do capítulo "Acusações contra os escribas e os fariseus", um exemplo eloqüente da retórica de Jesus contra uma classe de notáveis de Jerusalém que agia de forma contrária ao que pregava.

[110] No *Catéchisme de l ´honnête homme* (1763), Voltaire afirma que não encontrou nenhum traço de cristianismo na história de Jesus: " Puisque vous me permettez de vous expliquer mes pensées, je continue, et je dis que je n ´ai trouvé aucune trace du christianisme dans l ´histoire de Jésus. Les quatre *Évangiles* qui nous restent sont en opposition sur plusieurs faits; mais ils attestent uniformément que Jésus fut soumis à la loi de Moïse depuis le moment de sa naissance jusqu´à celui de sa mort." In: *Mélanges*, p. 659.

[111] No verbete "Athée, athéisme" do *Dicionnaire Philosophique*, Voltaire acusa Aristófanes de levar os gregos a enxergar Sócrates como ateu: "Les tanneurs, les cordonniers et les couturières d´Athènes applaudirent à une farce dans laquelle on représentait Socrate élevé en l´air dans une panier, annonçant qu ´il n ´y avait point de Dieu." In op. cit, p. 51.

Si Jésus-Christ sembla craindre la mort, si l´angoisse qu´il ressentit fut si extrême qu´**il en eut une sueur mêlée de sang**, ce qui est le symptôme le plus violent et le plus rare, c´est qu´il daigna s´abaisser à toute faiblesse du corps humain, qu´il avait revêtu. Son corps tremblait, et son âme était inébranlable; **il nous apprenait que la vraie force, la vraie grandeur, consistent à supporter des maux sous lequels notre nature succombe**. (105).

Quando orava no monte das Oliveiras, Jesus rogou a Deus "si vous voulez, éloignez ce calice de moi; néanmoins que ce ne soit pas ma volonté qui se fasse, mais la vôtre." (Mateus XXII, 42), neste mesmo evangelho lemos a passagem reportada no *Traité* " Il lui vint une sueur comme de goutttes de sang qui découlaient jusqu´à terre." (Mateus XXII, 44).

Flagramos, nesse trecho, um momento de angústia; da mesma forma, exalta-se a força demonstrada durante o suplício "Il y a un extrême courage à courir à la mort en la redoutant." (103). Tanto a aflição quanto a intrepidez aproximariam Jesus das fraquezas e virtudes humanas.

A idéia de esclarecimento e instrução operada a partir de uma elite – filósofos e apóstolos- consiste em ponto-chave para ambos. Nem Sócrates, que encarnava a luta da filosofia contra o poder[112], nem Jesus deixaram testemunhos escritos, conhecemos a vida e a obra desses dois defensores do gênero humano pelos relatos de seus discípulos.

UN JOUR VIENDRA...

"Le règne de l´humanité s´annonce." [D11087]

Quando o tribunal "Requêtes de l´hôtel" se reuniu para deliberar sobre o processo, de acordo com os procedimentos legais, a família Calas foi presa novamente, dessa vez na Conciergerie (Paris), em 28 de fevereiro de 1765, a fim de aguardar o

[112] V. artigo "Saint-Socrate, ou la tolérance selon les Grecs" de Catherine VOLPILHAC-AUGER In: *ESTST*, pp. 12-22. A propósito, para termos uma idéia da importância do ateniense no século XVIII, lembremos que Diderot traduziu a *Apologia*, ao passo que Voltaire escreveu o "drama" *Socrate* (1759), jamais encenado, como resposta aos ataques contra o partido dos filósofos após a publicação de *De l´esprit* (1758) de Helvétius.

resultado da votação. Carmontelle (1717-1816), um dos grandes pintores na época, encontrava-se entre as visitas que foram prestar solidariedade aos réus. Após a absolvição em 9 de março de 1765, o artista desenhou a viúva acompanhada das duas filhas e da empregada, diante de Gaubert Lavaisse que lê, sob os olhares de Pierre, a sentença de reabilitação. Reproduções dessa gravura foram vendidas em benefício da família, as encomendas afluíram de todos os lados – tanto de "operários" quanto das grandes damas, sendo que hotéis e castelos ostentavam o retrato: o affaire Calas virara moda.

Um fato policial que poderia se tornar mais um *fait divers* fadado ao esquecimento assumiu, graças à ação de um homem de letras, a dimensão de assunto de interesse internacional, colocando em jogo a honra dos franceses, povo que se queria "civilizado".

Já havia, muito antes do affaire Calas, uma inquietação latente, pois conhecemos a resistência secreta dos protestantes e a luta subterrânea dos filósofos para a publicação das obras sem apoio oficial. Não ignoramos, inclusive, como o Estado francês mostrava-se favorável a certo relaxamento da censura e mesmo a fechar os olhos para o culto dos heréticos. Se de um lado havia medo, temor e preconceitos, de outro, pairava uma vontade de mudança no ar que ainda não encontrara o agente catalisador. Nesse momento, entra em cena o velho ator de Ferney, não mais como simples figurante ou "bufão"[113], mas como protagonista.

Salientamos que ao longo da batalha para a reabilitação de Jean Calas, a principal e mais poderosa arma foi a palavra escrita. Ora, a simples possibilidade de mudar uma visão de mundo e, posteriormente, a ordem política e social, por esse meio, e, portanto, sem uso da coação, representa um sinal auspicioso[114].

É notável como Voltaire, após conhecer todos os meandros do caso, soube escolher os meios expressivos que calassem fundo tanto nos cidadãos eruditos, quanto nos menos afeitos à leitura.

A arte de persuadir supõe a possibilidade de escolha entre pelo menos dois lados conflitantes. Nesse sentido, o público, após a análise das partes em jogo, assume uma posição. O sucesso do rétor dependerá de sua habilidade em aproveitar as provas "extra-técnicas", conforme vimos, e as "provas técnicas", isto é, criadas pelo orador. No

---

[113] Essa expressão foi usada por La Beaumelle em seu ácido livro *Mes pensées* no qual criticava a relação de Frederico II da Prússia e Voltaire: "Quem percorrer tanto a história antiga quanto a moderna, não encontrará exemplo de um único príncipe que tenha dado sete mil escudos de pensão a um homem de letras só porque ele era homem de letras. Já houve poetas maiores do que Voltaire; jamais houve outro que recebesse tamanha recompensa, pois afinal não é o gosto que dita o tamanho de suas recompensas. O rei da Prússia cumula de benesses os homens de talento precisamente pelos mesmos motivos que levam um príncipe da Alemanha a cumular de benesses um bufão ou um anão" In: LA BEAUMELLE. *Mes Pensées*. Frankfurt, 1752. Apud: LEPAPE, op. cit., p. 179.

[114]"[...] la rhétorique est d´abord une *praxis*, une action, un comportement." In: MOLINIÉ, Georges/AQUIEN, Michèle, op. cit., p. 7.

papel de defensor, o patriarca contribuiu para encontrar os elementos que inocentariam Jean Calas e sua família. Além de auxiliar os advogados profissionais, informando-lhes dados sobre os hábitos do réu, da viúva e dos filhos; precisões sobre horário dos fatos e resultados de interrogatórios, Voltaire leu os memoriais – redigidos por Élie de Beaumont, Pierre Mariette e Loyseau de Mauléon – sugerindo novas informações, cortes, além de observações sobre estilo.

O apostolado para a divulgação das Luzes, contudo, não significava manipulação dos leitores, ao contrário, ressaltava-se em diversos momentos a importância de refletir e pensar. Desenvolver um espírito crítico significava a recusa de qualquer tipo de tutela. A questão da fé, por exemplo, seria reservada à esfera privada, não sendo mais permitido a imposição de nenhuma crença. Nessa nova ordem política, cada indivíduo seguiria o caminho que lhe aprouvesse para "chegar ao céu". Ao cidadão caberia adotar ou não determinadas condutas, obedecendo à consciência, desde que não afetasse o bem estar da maioria.

Nessa tarefa de instrução, Voltaire não hesitou a responder ao gosto do público pela novidade. Para ele, não bastariam bons argumentos se os leitores não desfrutassem de momentos de prazer com a leitura. Não hesitava, então, no emprego de tons variados, de ataques ácidos, sarcasmo e ironia.

Em um tempo de profundo catolicismo, o patriarca percebeu como o ataque frontal contra crenças arraigadas talvez não trouxesse resultados. Procurou, assim, no discurso judaico-cristão tudo o que contribuiria para a causa. Desse modo, a Bíblia, livro que conhecia profundamente, tornou-se um manancial de elementos formais e temáticos. Conseqüentemente, nas missivas afluem comparações e metáforas inspiradas nas Escrituras, criando uma espécie de código entre iniciados. Além disso, a mensagem de Jesus Cristo servia como argumento para defender a pacífica convivência entre os homens.

A antiode dos franceses

Nessa nova faceta de escritor que assume papel político e social, Voltaire não redigiria a grande epopéia, como fizera na juventude com *La Henriade* (1724). A despeito de passagens anti-clericais desse texto, ele exaltava um monarca e tinha como modelo a *Eneida* de Virgílio. Quase quarenta anos mais tarde, o público conhecerá o *Traité sur la tolérance*, texto complexo, sob sua aparente facilidade, que continua desafiando estudiosos de história, filosofia e literatura, recebendo leituras que vão desde a visão de libelo em defesa dos Calas à obra demolidora do Cristianismo por excelência[115].

Não era somente a Bíblia que se apresentava como um interminável e incompreensível teatro de horrores e de degradação do ser. No *Traité*, para sensibilizar os leitores, focalizam-se algumas passagens atrozes provocadas pelas disputas entre católicos e protestantes, como, por exemplo, a Noite de São Bartolomeu - classificada como carnificina sem precedentes nos "annales des crimes" (45)-; o relato sobre os

[115] Para François BESSIRE, no *Traité* , apresenta-se o Cristianismo como ainda mais bárbaro do que o Judaísmo do qual é herdeiro. Cf. "'Très court, et un peu salé": forme et composition du *Traité sur la tolérance.*" In: *ESTST*, p. 151.

valdenses (45)[116] e a carta do "beneficiado" ao jesuíta Le Tellier[117]. A execução do comerciante de Toulouse situa-se como parte dessa longa história de chacinas.

O "petit-livret" constrói-se, assim, como uma antiode, uma epopéia às avessas: em vez da gloriosa resistência de cidadãos ou a bravura dos soldados defendendo a nação, conta-se a "saga" de um povo opressor. Expõem-se as faces violentas de sua história. Um país com passado glorioso, outrora brilhante nas artes e distinguindo-se internacionalmente com Descartes, Bayle, La Rochefoucauld, Molière e Montesquieu, deveria envergonhar-se diante de tantas iniqüidades.

O melhor papel de Voltaire

De maneira geral, a crítica vê com desconfiança autores que emprestaram sua pena à determinada causa. Presume-se que tal escritor sacrificaria a estética a fim de propiciar maior penetração de seus textos. Estudos célebres já questionaram a questão do autor que de um lado sente-se chamado à participação, de outro preocupa-se em não fazer concessões ao gosto do público[118].

Muito se escreveu sobre a legibilidade da obra de Voltaire. O ensaísta e historiador da literatura Otto Maria Carpeaux, por exemplo, reconheceu seu estilo "claro, irônico e seco"[119], mas criticou-o pela ausência de profundidade e de emoção íntima. Parafraseando Faguet, sustentou que a obra do filósofo francês consiste em um "cosmos de idéias obscuras"[120].

Roland Barthes, por seu turno, deprecia a filosofia do compatriota julgando-a fora de moda e a discussão sobre a Providência, ultrapassada, além de afirmar que

---

[116] Há um anexo com a tradução da nota nº 21, nesta descreve-se a vida pacífica desse povo.

[117] Em seu ensaio "Inspirer une 'Sainte Horreur'", Olivier FERRET estudou como o relato de cenas bárbaras contribui para a estratégia argumentativa de Voltaire. O estudioso lembra desde a narrativa patética do estado da viúva Calas (38) às comemorações em Toulouse dos massacres de heréticos (33), além das reminiscências das atrocidades durante as guerras religiosas no século XVI. Ferret ressalta, ainda, as excessivas passagens sangrentas do livro, a recorrência do verbo "égorger" e derivados (mais de trinta vezes). In: *Lectures de Voltaire* *Le traité sur la tolérance*. sous la direction de Isabelle BROUARD-ARENDS. Rennes: PUR, 1999, pp.105-122.

[118] Citamos, entre outros, os ensaios conhecidíssimos de Jean-Paul SARTRE "Qu´est-ce que la littérature" In: *Situations II*. Paris : Gallimard, 1948; "Engagement" de Theodor ADORNO In: *Notes sur la Littérature*. Traduit de l ´allemand par Sibylle MULLER. Paris: Flammarion, 1984 e "L´Artiste et son temps" conferência de Albert CAMUS em 1957 quando recebeu o Nobel de literatura, cf. *Essais*. Paris: Gallimard, 1978.

[119] Cf. CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1980 (volume IV), p. 885.

[120] Idem, p.885. Carpeaux afirma : "A sua poesia é mero instrumento de um homem de ação." idem, p. 886.

muitos de seus inimigos – como jansenistas, socinianos e leibnizinianos desapareceram[121].

Após lembrar os seis milhões de judeus mortos entre 1939 e 1945, Barthes comenta a proporcionalidade entre a "leveza da arma voltairiana" e as escassas condenações à morte provocadas por crimes religiosos. Ora, o ensaísta desconsidera, a nosso ver, a justificação ideológica que legitimou décadas de perseguições no Antigo Regime – se nos limitarmos ao interregno que separa a revogação do édito de Nantes (1685) ao édito de Tolerância (1787). De fato, Barthes subestima a luta travada por Voltaire contra uma mentalidade ancorada na crença do poder divino dos Reis e avessa a qualquer permeabilidade social – como nos testemunha, aliás, a própria biografia do escritor[122].

Embora vise a relativizar o papel do patriarca de Ferney como intelectual[123], o autor de *Le plaisir du texte* desvenda-nos uma das facetas mais brilhantes da tática voltairiana : a versatilidade que facilitou a grande penetração de seus escritos. Os "petits rogatons, pâtés portatifs, fusées volantes"[124] citados por Barthes, são, na luta pela reabilitação de Jean Calas, as *Pièces originales* , a "Histoire d´Élisabeth Canning et des Calas" , a bela carta circular de 1º de março de 1765 destinada à publicação e as inúmeras missivas aos amigos e possíveis simpatizantes da causa que abraçara. Nesses textos, ora o *pathos*, as referências bíblicas e os exemplos históricos, ora o gosto pelo jogo, pelos disfarces e pelas meias-palavras atraem o leitor ao debate por meio de um estilo leve, agradável e fluido, sem, obviamente, abrir mão da densidade.

É possível divisar uma mudança de perspectiva em relação ao autor que, em 1759, concluía um conto com a frase: "Il faut cultiver notre jardin". Em *Candide*, nota-se certo conformismo. Seria inútil a ação para tornar nosso "globule" um pouco melhor, tal o absurdo dos acontecimentos que nos rodeiam. As palavras do discípulo de

---

[121] V. o provocador ensaio "Le dernier des écrivains heureux" In: *Essais critiques*. Paris: Seuil, 1964, pp. 94-100.

[122] Lembremos, por exemplo, o episódio de 1726. Voltaire se encontrava no camarote da atriz Mlle Lecouvreur na Comédie-Française quando Rohan-Chabot interpela-o: " Mons de Voltaire, Mons Arouet, comment vous appelez-vous? Voltaire respondeu-lhe "[...] qu´il commençait son nom et le chavalier de Chabot finissait le sien." Poucos dias depois, o nobre ordena que seus lacaios batam no adversário. Sully, o anfitrião de Voltaire na ocasião, recusa-se a acompanhar o amigo para dar queixa à polícia, pois sabia que não resultaria em nada devido ao nome que Rohan –Chabot ostentava. Cf. *Voltaire dans son temps*. (sous la direction de René POMEAU) Paris/ Oxford: Fayard/Voltaire Foundation, pp. 158-9. IIème. tome.

[123] O termo "intelectual" passou a ser empregado para designar os escritores engajados a partir do affaire Dreyfus no final do século XIX. Embora seja um anacronismo, o termo é usado freqüentemente nos estudos sobre Voltaire e outros filósofos do século XVIII.

[124] BARTHES, op.cit., p. 94.

Pangloss sugerem que o trabalho e a vida apartada do mundo nos auxiliariam a evitar o sofrimento[125]. Esse desencanto do filósofo parece, aos poucos, ceder espaço a uma atitude mais positiva. Não se trata de mudança radical na forma de enxergar o mundo, o pessimismo continua presente em seus escritos. Constata-se, porém, uma alteração sensível em sua conduta.

Em carta já citada[126], de junho de 1763, o filósofo comenta seu desempenho como ator nas tragédias para entretenimento dos genebrinos. Seu papel mais importante, porém, e para o qual se sentia chamado, era o de autor. A propósito, a idéia de seguir um "destino"[127] ganha vigor ao longo dos anos em que se dedicou ao affaire Calas. Graças a esse processo, Voltaire, provocador e iconoclasta, passou a ser reconhecido em toda a Europa também como defensor dos direitos do homem contra a tirania.

Se as instituições francesas se mostravam frágeis e incapazes de impor o respeito à lei e impedir injustiças, um escritor repararia o erro. Não por acaso, Paul Valéry, em discurso na Sorbonne em 1944, por ocasião do 250º aniversário do nascimento do filósofo, salientou que Voltaire talvez não fosse lembrado se tivesse morrido aos sessenta anos. A despeito do exagero dessa afirmação, ela destaca a relevância do affaire Calas na história do pensamento do século XVIII e na carreira do filósofo poeta. Dessa forma, no período sobre o qual nos debruçamos, verificam-se não apenas mudanças no estilo ou na escolha dos gêneros por parte do escritor, mas uma revisão do seu papel como homem de letras. Assumir a liderança na defesa do infeliz comerciante tolosano impunha-se como um dever, uma "missão" que cabia a ele, enquanto indivíduo conhecido, respeitado e temido por sua obra.

Para tanto, nosso autor se vale não apenas de um conhecimento profundo de elementos bíblicos e retóricos, conforme mostramos, mas também de uma verdadeira busca de encenação de tal saber, numa mise-en-scène que se caracteriza pelo uso de formas variadas em que se sobressai a multiplicidade de "gêneros" do *Traité*, assim

---

[125] Cf. MAUZI, Robert. *L´idée du bonheur dans la littérature et la pensée françaises au XVIIIe siècle*. Paris: Armand Colin, 1969, pp.64-71.

[126] v. [D11283] no capítulo "Uma estética do afago", p. 37.

[127] Em seu instigante ensaio "Voltaire", Roger Bastide discorre sobre a importância do teatro na vida e na obra de Voltaire. Explica-nos também que para os estóicos, a vida comparava-se ao teatro: "Deus nos deu um papel a desempenhar , nossa tarefa consiste em desempenhá-lo bem; não devemos invejar a sina dos outros nem tentar modificar o nosso destino, mas sim obedecer honestamente às regras do jogo. Nisso consiste a moral. Voltaire não era estóico. Ao contrário, foi durante toda a vida aquilo que aprendera a ser com seus amigos do "Templo", um epicurista. Mudou portanto a ética teatral dos estóicos, mas conservou o princípio. Somente não é mais um só papel a ser desempenhado, desde o nascimento, esse *lever de rideau*, até o fim da peça: são mil papéis." In: VOLTAIRE. *Contos e novelas*. Plano de edição e

como a utilização de cartas e bilhetes, em que se mesclam atitudes de convencimento, agradecimento e "cooptação".

É aí que o lastro artístico conta, pois Voltaire sabe, como poucos, fazer do arsenal retórico e da tradição literária uma somatória de elementos que cativam e emocionam, convencem e impressionam qualquer leitor. A verdadeira sarabanda de "estilos" do *Traité* se apresenta como arma do diretor de cena que, variando o tom discursivo, enfatiza certos dados e os coloca a seu bel-prazer. De par com o filósofo preocupado com a *praxis*, com o "aqui e agora", temos o leitor atento dos clássicos, o antigo aluno dos jesuítas, o hábil "causeur" das cortes, o destemido polemista que se vale, a todo momento, da variedade para apresentar sob diferentes ângulos sua visão de um mundo novo que deveria se anunciar como o da tolerância, uma das bases da convivência democrática.

Anexo I

Reproduzimos aqui o texto em latim da nota n° 21 do *Traité sur la tolérance*. éd. René Pomeau. Paris: Flammarion, 1989, p. 161. Acrescentamos, em seguida, a tradução feita por Jacob LEBENSZTAYN especialmente para este trabalho.

---

introdução biográfica de Roger Bastide. Prefácios de Sérgio Milliet. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro-Porto Alegre- São Paulo: editora Globo, 1951,p. XIV.

O verídico e respeitável magistrado De Thou fala assim desses homens tão inocentes e tão infortunados:

“Homines esse qui trecentis circiter abhinc annis asperum et incultum solum vectigale a dominis acceperint, quod improbo labore et assiduo cultu frugum ferax et aptum pecori reddiderint; patientissimos eos laboris et inediae, a litibus abhorrentes, erga egenos munificos, tributa principi et sua jura dominis sedulo et summa fide pendere; Dei cultum assiduis precibus et morum innocentia prae se ferre, caeterum raro divorum templa adire, nisi si quando ad vicina suis finibus oppida mercandi aut negotiorum causa divertant; quo si quandoque pedem inferant, non Dei divorumque statuis advolvi, nec cereos eis aut donoria ulla ponere; non sacerdotes ab eis rogari ut pro se aut propinquorum manibus rem divinam faciant: non cruce frontem insignire util aliorum moris est; cum coelum intonat, non se lustrali aqua aspergere, sed sublatis in coelum oculis Dei opem implorare; non religionis ergo peregre proficisci, non per vias ante cruciam simulacra caput aperire; sacra alio rito et populare lingua celebrare;; non denique pontifici aut episcopis honorem deferre, sed quosdam e suo numero delectos pro antistitibus et doctoribus habere. Haec uti Franciscum relata VI id. feb., anni, etc.” (THUANI, *Hist.*, li. VI)

Os Valdenses

“Eram homens que há cerca de trezentos anos receberam dos proprietários uma terra áspera e inculta como renda: com trabalho excessivo e lavoura assídua a devolveram abundante em frutas e propícia aos rebanhos.

Pacientíssimos nos períodos de trabalho e de penúria, não gostavam de litígios. Generosos com os pobres, pagavam os tributos ao príncipe e cumpriam fielmente sua palavra com os donos das terras.

Cultuavam os deuses com preces assíduas e com inocência de costumes. Raramente visitavam os templos de outros deuses, a não ser quando iam às terras vizinhas para comerciar. Indo lá, não pediam às estátuas dos deuses e não ofereciam velas a eles nem sacrifícios .

Os sacerdotes não pediam aos deuses que os agraciassem ou os parentes. Não tinham o costume dos outros de fazer o sinal da cruz. Quando o céu trovejava, não se aspergiam com água benta mas, erguendo os olhos ao céu, pediam ajuda a Deus.

Não iam a peregrinações por causa da religião, não tiravam o chapéu nas estradas diante da cruz e das imagens. Celebravam as coisas sagradas com outro rito e em língua popular. Finalmente, não concediam honras ao pontífice nem aos bispos, mas consideravam alguns deles como superiores e sábios. Esses fatos Francisco relata VI id. fev., ano, etc.” (THUANI, *Hist.*, li. VI).

Anexo II Cartas de Voltaire contendo alusões ou referências ao *Traité sur la Tolérance*.

Etienne-Noël Damilaville	6 de dezembro de 1762
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	10 de dezembro de 1762
Etienne-Noël Damilaville	aproximadamente 10 de dezembro de 1762

Etienne-Noël Damilaville	30 de dezembro de1762
Gabriel Cramer	aproximadamente 30 de dezembro de 1762
Etienne-Noël Damilaville	2 de janeiro de 1763
Paul-Claude Moultou	2 de janeiro de 1763
Gabriel Cramer	4 de janeiro de 1763
Gabriel Cramer	4 de janeiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 8 de janeiro de 1763
Gabriel Cramer	18 de janeiro de 1763
Jacob Vernes	20 de janeiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 20 de janeiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 21 de janeiro de 1763
Etienne-Noël Damilaville	24 de janeiro de 1763
Gabriel Cramer	janeiro-fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	2 de janeiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 5 de fevereiro de 1763
Paul-Claude Moultou	8 de fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 10 de fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 12 de fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 15 de fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 15 de fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 20 de fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 25 de fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 27 de fevereiro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 1º de março de 1763
Gabriel Cramer	4 de março de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 7 de março de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 7 de março de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 10 de março de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 13 de março de 1763
Jacob Vernes	14 de março de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 15 de março de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 15 de março de 1763
Etienne-Noël Damilaville	28 de março de 1763
Gabriel Cramer	março –abril 1763
Paul-Claude Moultou	3 de abril de 1763
Charles Manoël de Végobre	4 de abril de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente maio de 1763
Jacob Vernes	24 de maio de 1763
David de Rebecque, Sgr. d´Hermenches	12 de julho de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 11 de outubro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 15 de outubro de 1763
Bernard-Louis Chauvelin	18 de outubro de 1763
Gabriel Cramer	25 de outubro de 1763
Etienne-Noël Damilaville	aproximadamente 12 de novembro de 1763
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	17 de novembro de 1763
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	19 de novembro de 1763
Duquesa de Saxe-Gotha	20 de novembro de 1763
Gabriel Cramer	novembro-dezembro de 1763
Etienne - Noël Damilaville	1º de dezembro de 1763

Conde d´Argenatl e Condessa d´Argental	4 de dezembro de 1763
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	6 de dezembro de 1763
Etienne-Noël Damilaville	6 de dezembro de 1763
Élie Bertrand	8 de dezembro de 1763
Gabriel Cramer	8 de dezembro de 1763
Etienne-Noël Damilaville	11 de dezembro de 1763
Jean Le Rond d´Alembert	13 de dezembro de 1763
Etienne-Noël Damilaville	13 de dezembro de 1763
Jean Le Rond d´Alembert	15 de dezembro de 1763
Gabriel Cramer	15 de dezembro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente dezembro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente dezembro de 1763
Paul-Claude Moultou	18 de dezembro de 1763
Gabriel Cramer	aproximadamente 18 de dezembro de 1763
Etienne-Noël Damilaville	19 de dezembro de 1763
Etienne-Noël Damilaville	21 de dezembro de 1763
Antoine-Jean-Gabriel Le Bault	28 de dezembro de 1763
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	30 de dezembro de 1763
Jean Le Rond d´Alembert	31 de dezembro de 1763
Etienne-Noël Damilaville	31 de dezembro de 1763
Gabriel Cramer	1º de janeiro de 1764
Etienne-Noël Damilaville	1º de janeiro de 1764
Gabriel Cramer	aproximadamente 4 de janeiro de 1764
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	6 de janeiro de 1764
Charles Pinot Duclos	6 de janeiro de 1764
Etienne-Noël Damilaville	7 de janeiro de 1764
Jean Le Rond d´Alembert	8 de janeiro de 1764
François-Louis Allamand	8 de janeiro de 1764
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	8 de janeiro de 1764
Elie Bertrand	8 de janeiro de 1764
Claude-Philippe Fyot de la Marche	8 de janeiro de 1764
Cardeal de Bernis	18 de janeiro de 1764
Conde e Condessa d´Argental	20 de janeiro de 1764
Etienne-Noël Damilaville	22 de janeiro de1764
Anne-Robert-Jacques Turgot	24 de janeiro de 1764
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	27 de janeiro de 1764
Etienne-Noël Damilaville	27 de janeiro de 1764
Jean Le Rond d´Alembert	30 de janeiro de 1764
Claude-Philippe Fyot de la Marche	30 de janeiro de 1764
Gabriel Cramer	janeiro-fevereiro1764
Gabriel Cramer	janeiro-fevereiro1764
Marquês d´Argence	1º de fevereiro de1764
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	1º de fevereiro de1764
Etienne-Noël Damilaville	1º de fevereiro de1764
Etienne-Noël Damilaville	3 de fevereiro de 1764
Jean Le Rond d´Alembert	13 de fevereiro de 1764
Etienne-Noël Damilaville	15 de fevereiro de 1764
Paul-Claude Moultou	aproximadamente 15 de fevereiro de 1764
Gabriel Cramer	fevereiro de 1764
Cardeal de Bernis	18 de fevereiro de 1764

Etienne-Noël Damilaville	20 de fevereiro de 1764
Pierre-Robert Cideville	22 de fevereiro de 1764
Anne-Robert-Jacques Turgot	22 de fevereiro de 1764
Gabriel Cramer	fevereiro-março de 1764
Jean Le Rond d´Alembert	1º de março de 1764
Etienne-Noël Damilaville	4 de março de 1764
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	5 de março de 1764
Etienne-Noël Damilaville	14 de março de 1764
Gabriel Cramer	14 de março de 1764
Etienne-Noël Damilaville	março de 1764
Gabriel Cramer	aproximadamente 15 de abril de 1764
Etienne-Noël Damilaville	21 de maio de 1764
Conde d´Argental e Condessa d´Argental	17 de junho de 1764
Etienne-Noël Damilaville	18 de junho de 1764
Cardeal de Bernis	27 de junho de 1764
Etienne-Noël Damilaville	6 de agosto de 1764
Gabriel Cramer	junho de 1765
Condessa de Saint-Hérem	27 de julho de 1772

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Voltaire

La Henriade. Paris:Librairie Garnier Frères,1926.

Contos e Novelas. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1951.

Mélanges. Préface par Emmanuel Berl. Texte Établi et annoté par Jacques Van Den Heuvel. Paris : Gallimard, 1961.

Correspondance (1704-1738). Texte établi et annoté par Theodore Besterman. Notes traduites par Frédéric Deloffre. Paris: Gallimard, 1963.

Dialogues et anedoctes philosophiques. Introduction, notes et rapprochements par Raymond NAVES, Paris : Editions Garnier Frères, 1955.

Dictionnaire Philosophique. Chronologie et préface par René Pomeau. Paris: Flammarion, 1964.

Romans et Contes. Chronologie, préface et notes par René Pomeau. Paris: Garnier-Flammarion, 1966.

Romans et contes. Édition établie par Frédéric Deloffre et Jacques van den Heuvel. Paris: Gallimard,1979.

Correspondance (octobre 1760-décembre 1762). Texte établi et annoté par Theodore Besterman. Notes traduites par Frédéric Deloffre. Paris : Gallimard, 1980.

Correspondance (janvier 1763-mars 1765). Texte établi et annoté par Theodore Besterman. Notes traduites par Frédéric Deloffre. Paris: Gallimard,1981.

L'affaire Calas et d'autres affaires. Ed. J. Van den Heuvel, Paris : Gallimard, 1975.

Traité sur la tolérance. Présentation et notes par René Pomeau. Paris: Flammarion, 1989.

Mémoires pour servir à la vie de M. de Voltaire écrits par lui-même. Posface et notes de Louis LECOMTE. Paris : Seuil, 1993.

Aphorismes. Réunis par Raphaël Roche & Martine Rehby. Bordeaux : L'Escampette, 1995.

Deus e os Homens. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo : Martins Fontes, 1995.

Correspondance choisie. Choix, présentation et notes par Jacqueline Hellegouarc´h. Paris La Pochothèque, 1997.

Traité sur la tolérance. Introduction et notes par John Renwick.Oxford :Voltaire Foundation,1999.

Tratado sobre a tolerância. Tradução de Paulo Neves. Introdução, notas e bibliografia de René Pomeau. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

O Preço da Justiça. Apresentação Acrísio Tôrres. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Zaïre, Le Fanatisme ou Mahomet Le Prophète, Nanine ou l'homme sans préjugé, Le café ou L'ècossaise. Introduction, présentation des pièces, notes, chronologie et bibliographie par Jean Goldzink. Paris: Flammarion, 2004.

O Túmulo do fanatismo. Tradução Claudia Berliner. Revisão de tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Sobre Voltaire

ALBERTAN-COPPOLA, Sylviane. « L´abbé Guénée, ' Secrétaire Juif ' contre Voltaire à l´occasion du *Traité sur la tolérance*. ». In : *Lectures de Voltaire :Le traité sur la tolérance*. Sous la direction de Isabelle Brouard-Arends. Rennes : PUR, 1999, pp.85-102.

_____. « La réception du *Traité sur la tolérance* dans le camp apologétique. ». In : *Traité sur la tolérance –Voltaire*. Ouvrage dirigé par Jean-Louis Tritter. Paris : Ellipses, 1999. pp. 83-96.

ALLIER, Raoul. *Voltaire et Calas : une erreur judiciaire*. Paris : Stock, 1898.

APGAR, Garry/Bory, Monique/Choudin, Lucien / Malgouverne, Alexandre (sous la direction de). *Voltaire chez lui : Ferney 1758-1778*. Yves sur Morges : éditions Cabédita, 1999.

APOSTOLIDES, Jean-Marie. « Le système des échanges dans Candide ». In : *Poétique*, Paris : Seuil, n°.48,1981.

ARTIGAS-MENANT, Geneviève. « 'D´un bout de l´Europe à l´autre' : la circulation clandestine des 'ouvrages hardis' ». In : *Voltaire en Europe. Hommage à Christiane Mervaud*. Sous la direction de Michel Delon et Catriona Seth. Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 13-23.

AZEVEDO, Letizia Norci Cagiano de. « Aspects de la Tolérance selon deux anciens élèves des jésuites : Voltaire et de Brosses ». In : *Voltaire et ses combats: actes du*

congrès international Oxford-Paris 1994. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Christiane. Oxford: Voltaire Foundation, 1997.

BALCOU, Jean. « La récupération du langage chrétien dans le combat voltairien ». In : *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994.* Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Christiane. Oxford: Voltaire Foundation,1997.

_____. "La stratégie polémique du Traité sur la tolérance." In: *Traité sur la tolérance –Voltaire*. Ouvrage dirigé par Jean-Louis Tritter.Paris : Ellipses, 1999. pp. 37-47.

BARR, Margareth . *A Bibliography of writings Voltaire 1825-1925*. New York : Institute of French Studies, Inc., 1929.

BELLESSORT, André. *Essai sur Voltaire*. Paris : Perrin, 1926.

BENHAMOU. « La Présence des oeuvres de Voltaire dans les cabinets de lecture parisiens et provinciaux au XVIII siècle. ». In: *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994.* Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Christiane. Oxford: Voltaire Foundation,1997.

BENREKASSA, Georges. « L´espérance voltairienne ». *Raison présente*. n. 112, Nantes, 1994, pp.49-88.

BESSIRE, François. «La correspondance : l'œuvre majeure de Voltaire ? ».In : *RHLF*, n° 2, Paris, 1999, pp. 205-214.

_____. « Rédaction et diffusion du *Traité sur la tolérance*: les enseignements de la correspondance. ». In : *Lectures d´une oeuvre : Traité sur la tolérance de Voltaire*. Organisé par François Bessire et Sylvain Menant. Paris: Editions du Temps, 1999, pp.41-50.

_____. « Le *Traité sur la tolérance* : Un « couteau à deux tranchants ». *Lectures d´une oeuvre : Traité sur la tolérance de Voltaire*. Organisé par François Bessire et Sylvain Menant. Paris: Editions du Temps, 1999, pp. 103-143.

_____. *La Bible dans la correspondance de Voltaire*. Oxford :Voltaire Foundation, 1999.

_____. « La Bible dans le *Traité sur la tolérance* ».In : *Lectures de Voltaire: Le traité sur la tolérance*.Sous la direction de Isabelle Brouard-Arends. Rennes : PUR, 1999, pp.71-83.

_____. « 'Très court, et un peu salé' : forme et composition du *Traité sur la tolérance*. ». In : *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 150-158.

_____. « Les Marges des Bibles de Voltaire ». *Revue Voltaire*. Paris : PUPS, 2003, pp. 45-57.

BIANCHI, Lorenzo. « Religion et superstition dans le *Traité sur la tolérance* : notes en marge du chapitre XX ». In : *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994.* Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Christiane. Oxford: Voltaire Foundation, 1997.

BIEN, David. *L'affaire Calas. Hérésie, persécution, tolérance au XVIIIè. siècle*. Paris:Eché, 1987.

BIJAOUI, Rémy. *Voltaire avocat, Calas, Sirven et autres*. Paris : Tallandier, 1993.

BOKOBZA-KAHAN, Michèle. « 'Impartial mais sensible' : l´ethos dans le *Traité sur la tolérance* ».In : *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe. Siècle, 2002, 103-116.

BOST, Hubert/LAURIOL, Claude. « L´affaire Calas d´après les lettres de La Condamine ». In: *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 68-84.

BOUREL, Dominique. « Voltaire, les Juifs et l´Europe ». In : *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe.Siècle, 2002, 47-57.

BRANDÃO, Rodrigo. *Voltaire filósofo- metafísica e filosofia inglesa na formação filosófica de Voltaire*. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP. São Paulo, 2004.

BRECHANT,Jacques/ROCHE, Raphaël. *L'envers du roi Voltaire (quatre-vingts ans de la vie d'un mourant).* Paris: A.G. Nizet,1989.

CALVEZ, Daniel. *Le langage proverbial de Voltaire dans sa correspondance (1704-1769).* New York : Peter Lang Publishing, Inc, 1989.

CAMBOU, Pierre. « Le discours démonstratif lockien dans la *Lettre sur la tolérance* et le discours narratif voltairien dans le *Traité sur la tolérance*. ». In : *Traité sur la tolérance* –*Voltaire*. Ouvrage dirigé par Jean-Louis Tritter. Paris: Ellipses, 1999. pp. 63-81.

_____. « Le piège dialogique voltairien ». In : *Revue Voltaire*. Paris : PUPS, 2005, pp. 83-92.

CARR, Diana Guiragossian. « De l ´utilisation des sources écrites dans les facéties. ». In : *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Christiane. Oxford- Paris:Voltaire Foundation, 1997.

CAVE, Christophe. "La représentation de soi comme arme de combat dans la correspondance de Voltaire, ou "croyez-vous que je puisse tromper quelqu'un dans l

‘état où je suis?”. In : *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford-Paris:Voltaire Foundation, 1997, pp. 231-240.

CHARTIER, Pierre. *Candide de Voltaire*. Paris : Gallimard, 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo : Espinoza, Voltaire, Merleau-Ponty*. São Paulo: Editora Brasilense, 1981.

CHOUILLET, Anne-Marie. « Diderot, D´Alembert, Condorcet ont-ils été des frères? ».*Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de KÖLVING, Ulla et MERVAUD, Christiane. Oxford: Voltaire Foundation, 1997, pp.827-833.

COLLARD, Gilbert. *Voltaire, l’affaire Calas et nous*. Paris : Les Belles Lettres, 1994.

CONDORCET. *Vie de Voltaire*. Paris :Quai Voltaire, 1994.

COQUEREL, Athanase. *Jean Calas et sa famille. Etude historique d’après les documents originaux*. Genève, Slatkine, 1970.

COTONI, Marie-Hélène. « Histoire et polémique dans la critique biblique de Voltaire : Le *Dictionnaire philosophique* ».In : *Raison présente*, n. 112, Nantes, 1994.

_____. «Du ‘Malheureux amant’ à ‘Raton dans sa chatière’ : quelques images de Voltaire à travers sa correspondance ».In : *Europe*. Paris, 1994, pp. 16-33.

_____. « Le *Traité sur la tolérance* et l´article ‘Tolérance’ du *Dictionnaire philosophique* ». In : *Traité sur la tolérance –Voltaire*. Ouvrage dirigé par Jean-Louis Tritter.Paris : Ellipses, 1999. pp. 49-61.

_____. « Les références à la Bible dans le *Traité sur la tolérance*. » In: *Lectures d´une oeuvre : Traité sur la tolérance de Voltaire*. Organisé par François Bessire et Sylvain Menant. Paris : Editions du Temps, 1999, pp. 71-81.

_____. « Ambivalences et ambiguïtés dans le *Traité sur la tolérance*. » In :*Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford :Voltaire Foundation, 2000, pp.174-90.

_____. « Bible et création littéraire. ». In : *Revue Voltaire*. Paris: PUPS (Presses de l´Université Paris Sorbonne), n. 1, 2001, pp.53-67.

COTTRET, Monique. « La tolérance- état des lieux ». In : *Lectures de Voltaire : Le traité sur la tolérance*. Sous la direction de Isabelle Brouard-Arends. Rennes : PUR, 1999, pp.19-43.

CRONK, Nicolas. « Comment lire le *Traité sur la tolérance*?: la présentation typographique de l´édition Cramer ». In : Cronk, Nicholas (sous la direction de). *Etudes sur le Traité sur la tolérance de Voltaire*.Oxford: Voltaire Foundation, 2000, 120-135.

_____. « L´illustration de *La Henriade* après l´affaire Calas : une relecture par Eisen en 1767. ». In : *Revue Voltaire*. Paris : PUPS, 2002, pp. 65-79.

_____. « Voltaire lecteur de Diderot : le dialogue manqué des notes marginales ». In : *Revue Voltaire*. Paris, PUPS, 2003, pp. 69-78.

_____. « Les dialogues de Voltaire : vers une poétique du fragmentaire ». In : *Revue Voltaire*. Paris : PUPS, 2005, pp. 71-82.

CRUGTEN-ANDRÉ, Valérie van. *Le traité sur la tolérance de Voltaire : un champion des Lumières contre le fanatisme*. Paris: Champion, 1999.

CUBERO, José. *L'affaire Calas : Voltaire contre Toulouse*. Paris : Perrin, 1993.

DAGEN, Jean. « De la contradiction selon Voltaire ». In : *Voltaire en Europe. Hommage à Christiane Mervaud*. Sous la direction de Michel Delon et Catriona Seth. Oxford : Voltaire Foundation, 2000.

_____. « Rousseau, Voltaire et la composition du *Traité sur la tolérance* ». In : *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp.85-101.

DELATTRE, André. *Voltaire l´impétueux*. Paris : Mercvre de France, 1957.

DELON, Michel. « De Bayle à Voltaire : la conquête de l'indulgence » In:*Magazine Littéraire*, n°363, Paris, 1998.

_____. « 'Convulsions de l´inquiétude' ou 'l´éthargie de l´ennui'. Variations autour d´un thème voltarien. ». In : *Voltaire en Europe. Hommage à Christiane Mervaud*. Sous la direction de Michel Delon et Catriona Seth. Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp.283-90.

_____. « Le mourant et le Barbare ». In : *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicolas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, 224-229.

_____. « Candide, Jacques, Thérèse & quelques autres. » In : *Europe*, Paris, 2000.

DESPLAT, Christian. "Des *Henriades*, et comment celle de Voltaire a éminemment contribué à désacraliser la monarchie française." In : *Revue Voltaire*. Paris : PUPS, 2002, pp. 93-132.

DOMENECH, Jacques. « Un long cortège d´ennemis ».In : *Europe*. Paris, 1994, pp. 39-52.

_____. "Les antiphilosophes ennemis de Voltaire." In : *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Köllving, Ulla et Mervaud, Christiane. Oxford: Voltaire Foundation, 1997, pp. 761-771.

DORNIER, Carole. “Critique de l´autorité et autorité de la critique dans le *Traité sur la tolérance*.” In: *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe.Siècle, 2002, pp.77-86.

ENDORE, Guy. *O coração e o espírito : a estória de Rousseau e Voltaire*. Trad.de Brenno Silveira São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.

FERRET, Olivier. « Inpirer une ‘Sainte Horreur’ ». In : *Lectures de Voltaire : Le traité sur la tolérance*.Sous la direction de Isabelle Brouard-Arends. Rennes : PUR, 1999, pp.105-122.

FRANCIS, Louis. *La vie privée de Voltaire*. Paris : Hachette, 1948.

FUMAROLI, M. « Genèse de l ´épistolarité classique : rhétorique humaniste de la lettre de Pétrarque à Juste Lispe ». In :*RHLF*.n° 6, Paris, 1978.

_____. « L´Anti-Émile : Voltaire et ses éducateurs jésuites ». In : *Revue Voltaire*. Paris : PUPS, 2003, pp.217-232.

GAGNEBIN, Bernard. *Voltaire : lettres inédites à son imprimeur Gabriel Cramer*. Genève :Librairie Droz,1952.

GARGETT, Graham. « Voltaire, les protestants et le protestantisme, avant et dans le *Traité sur la tolérance* ». In : *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 23-33.

GARRISON, Janine. *L’affaire Calas : miroir des passions françaises*. Paris : Fayard, 2004.

GOLDZINK, Jean. *Voltaire : la légende de Saint Arouet*. Paris : Gallimard, 1989.

GOUHIER, Henri. *Rousseau et Voltaire : Portraits dans deux miroirs*. Paris : Vrin, 1983.

GRANDEROUTE, Robert. « De la source au texte : les mémoires voltairiens de l’affaire Calas ». In : *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

_____. « L´Europe et le droit pénal à travers le Prix de la justice et de l´humanité (1777). ». In : *Voltaire en Europe. Hommage à Christiane Mervaud*. Sous la direction de Michel Delon et Catriona Seth. Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 143-150.

_____. « l´affaire Calas, les mémoires voltairiens et le *Traité* ». In : *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp.56-67.

GRAY, John. *Voltaire*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo : Editora Unesp,1999.

GURY, Jacques. « Voltaire contre Welches ». In : *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Christiane. Oxford: Voltaire Foundation, 1997. pp.963-968.

HAREL, Elie. *Voltaire : particularités curieuses de sa vie et de sa mort*. Paris : chez Adrien Le Clere, imprimeur de N.S.P. le Pape et de l'Archevêché, 1817.

HEYD, David. « Pédagogie de la tolérance : problèmes et possibilités de solution » In : *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe.Siècle, 2002, pp. 153-62.

HEYD, Michael. « Origines chrétiennes de la tolérance : point de vue protestant ». In: *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe.Siècle, 2002, pp.11-21.

JACOB, François. « Mon frère le Chinois ? La Chine dans le *Traité sur la tolérance* ». *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, 214-23.

KIM, Young-Lee. *Les lettres de Cirey : Etude de la correspondance de Voltaire (17341749)*.Thèse présentée pour l'obtention du Doctorat à l'Université de Paris-Sorbonne

KOBAYASHI, Yoshihiko. « Voltaire et Rousseau au Japon ». *Le Siècle de Voltaire: Hommage à René Pomeau*. Edité par Christiane Mervaud et Sylvain Menant. Oxford : Voltaire Foundation, 1987, pp. 563-568.

LANIER, Jacques François. "Une amitié à l 'occasion des affaires Calas et Sirvin : la correspondance entre Voltaire et Michel –Joseph-Antoine Servan, avocat général au palement de Grenoble (1765-1772). *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

LANSON, Gustave. *Voltaire*. Paris : Hachette, 1960.

_____. « L´affaire Calas vue du côté des calvinistes ». ». *Lectures d´une oeuvre : Traité sur la tolérance de Voltaire*. Organisé par François Bessire et Sylvain Menant. Paris : Editions du Temps, 1999, pp.32-40.

_____. « La Beaumelle, l´affaire Calas et le *Traité sur la tolérance* ». In : *Voltaire en Europe. Hommage à Christiane Mervaud*. Sous la direction de Michel Delon et Catriona Seth. Oxford : Voltaire Foundation, 2000.

LEPAPE, Pierre. *Voltaire : nascimento dos intelectuais no século das Luzes*. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1995.

LICHET, Raymon. *Voltaire : la vie et l'oeuvre*. Paris: Librairie Hachette,1968.

LOPES, Marcos. *Voltaire político : espelhos para príncipes de um novo tempo*. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1999.

_____. *Voltaire literário : horizontes históricos*. São Paulo: Imaginária, 2000.

MACARY, Jean. « Rhétorique de la facétie, ou comment se moquer des gens sérieux. ». *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

MAGNAN, André (GOULEMOT, Jean ; MASSEAU, Didier). *Inventaire Voltaire*. Paris: Gallimard, 1995.

MAGNAN, André. « 'Ces véritables voix humaines... ': Voltaire en histrion d´une tolérance théiste » In:*Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe.Siècle, 2002, 87-101.

MARMONTEL, Jean-François. « Voltaire par Jean-François Marmontel ». In : *Les écrivains français racontés par les écrivains qui les ont connus* . choix, notices et préface de Charles Dantzig. Paris : Les Belles Lettres, 1995.

MARTIN, Isabelle. « L´animal, l´humain, l´inhumain dans le *Traité sur la tolérance*. » In
Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe. Siècle, 2002, pp. 67-74.

MASON, Haydn. « Voltaire te le Ludique ». In :*RHLF*., n° 4, Paris, 1984, pp. 539-552.

_____. « La tolérance chez Locke, Bayle et Voltaire : fausses influences ? » *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp.7-11.

MASSON, Nicole. *L'ingénu de Voltaire et la critique de la société à la veille de laRévolution*. Paris : Bordas, 1989.

MAT-HAQUIN, Michèle. *Voltaire et l´Antiquité grecque*. Oxford, Voltaire Foundation, 1981.
MATOS, Franklin de. « A moral do jardin ». *Folha de São Paulo*. São Paulo, 07 agos.1995. Jornal de Resenhas.

MAUROIS, André. *Voltaire*. Paris : Gallimard, 1935.

_____. « Le style de Voltaire ». In : *RHLF*. Paris, mai-juin,1959.

MCKENA, Antony. « La diffusion clandestine des œuvres de Voltaire : un exemple ». *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

MENANT, Sylvain. « Notes et documents : Rousseau et Voltaire ». In : *RHLF*, n° 1, 1984.

_____*L'Esthétique de Voltaire*. Paris : Sedes, 1995.

_____ « La rhétorique dans le *Portatif* ». In : *RHLF*, n°1, Paris, 1995.

_____ « Le titre et le genre du *Traité sur la tolérance* ». *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 136-149.

MENG, Hua. « Le retour de 'l´orphelin de la Chine' ». In : *Raison présent.* Nantes, n. 112, 1994.

MENISSIER, Patricia. « Les amies de Voltaire dans la correspondance (1749-1778). Thèse présentée pour l'obtention du Doctorat à l'Université de Nancy 2, 2004.

MERCIER-FAIVRE, Anne-Marie. « Les traités sur la tolérance : Voltaire et les protestants français, une confrontation ». *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

_____. « Le *Traité sur la tolérance*, tolérance et réécriture. » *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 34-55.

Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

MERVAUD, Christiane. *Voltaire et Frédéric II, une dramaturgie des Lumières :1736-1778*. Oxford: Voltaire Foundation, 1985.

_____. *Voltaire en toutes lettres*. Paris: Bordas, 1991.

_____. « La logistique du combat contre l'infâme : la correspondance de Voltaire et de frère Damilaville. ». In : *Raison présente*, n. 112, Nantes, 1994, pp. 3-25.

_____. *Voltaire à table : plaisir du corps, plaisir de l'esprit*. Paris : Desjonquères, 1998.

_____. « Tolérance religieuse et pouvoir politique dans le *Traité sur la tolérance*. ». ». *Lectures d´une oeuvre : Traité sur la tolérance de Voltaire*. Organisé par François Bessire et Sylvain Menant. Paris : Editions du Temps, 1999, pp. 51-70.

_____. « Fonction et signification des notes de Voltaire dans le *Traité sur la tolérance*. » *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp.159-73.

MERVAUD, Christiane./ CRONK, Nicholas. (Etudes présentées par). *Les notes de Voltaire : une écriture polyphonique*. Oxford, Voltaire Foundation, 2003.

METAYER. Guillaume. « Un manuscrit du jeune Nietzsche sur Voltaire ».In :*RHLF*, n°1, Paris, 2002.

_____ *Voltaire chez Nietzsche : libération de l'esprit et réforme de la civilisation*. Thèse de Doctorat présentée à l'Université de Paris IV , 2003.

_____. « Le dialogue chez Voltaire, est-il un genre ? ». In : *Revue Voltaire*. Paris : PUPS, 2005, pp. 41-62.

MOHSEN FAHNNY, Jean. *Voltaire et Paris*. Oxford : The Oxford Foundation, 1981.

MORTIER, Roland. « La tolérance selon Voltaire : entre l ´irénisme et la combativité. ». In : *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe. Siècle, 2002.

MOSTEFAI, Ourida. « De la philosophie au pamphlet : la polémique chez Voltaire ».In : *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

MOUREAUX, José-Michel. « Voltaire : l'écrivain ». In : *RHLF*, Paris, 1979.

_____. « D´une lecture préparatoire au *Traité sur la tolérance* ». In :*Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp.102-119.

_____ . « Place et présence de Dieu dans le *Traité sur la tolérance*. ». *Lectures d´une oeuvre : Traité sur la tolérance de Voltaire*. Organisé par François Bessire et Sylvain Menant. Paris : Editions du Temps, 1999, pp. 82-99.

NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza. *Voltaire e o materialismo do século XVIII*. São Paulo, 1983. Dissertação de Mestrado. FFLCH- Universidade de São Paulo.

NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza. *Voltaire : a razão militante*. São Paulo: Moderna, 1996.

NAVES, Raymond. *Le goût de Voltaire*. Genève: Slatkine, 1967.

NÉTILLARD, Claire. « Le discours rapporté dans le *Traité sur la tolérance*. Formes et fonctions. » *Traité sur la tolérance –Voltaire*. Ouvrage dirigé par Jean-Louis Tritter .Paris : Ellipses, 1999. pp. 97-113.

NEF, F. « Le récit voltairien : tolérance et résignation ». In: *Voltaire, Rousseau et la tolérance*. Actes du colloque franco-néerlandais des 16 et 17 novembre 1978 à la maison Descartes à Amsterdam (Amsterdam et Lille 1980), pp. 114.130.

ORIEUX, Jean. *Voltaire ou la royauté de l'esprit*. Paris : Flammarion, 1966.

PENALVER, Mariano. « Voltaire : la recherche de l'autre ». In *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

PLANTIN, Christian. « La construction de l´évidence dans le Traité sur la tolérance. ». In : *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe.Siècle, 2002, 117-37.

POMEAU, René. « Voltaire au collège ». *RHLF*, Paris, 1952.

_____.« Nouveau regard sur le dossier Calas ». *Europe*, n°398, Paris, 1962.

_____. « Voltaire du côté de Sodome ? ».In: *RHLF*, Paris, 1986.

_____. « Voltaire, le combat pour la tolérance ». In :*Raison présente*, n°112, Nantes, 1994, pp. 67-88.

_____. « Faut-il encore lire Voltaire ? ». *Pour encourager les autres : studies for the tercentenary of Voltaires´s birth- 1694/1994*. Edited by Haydn Mason. Oxford : Voltaire Foundation, 1994, pp.1-9.

_____. *La religion de Voltaire.* Paris : Nizet, 1995.

_____.(sous la direction de).*Voltaire en son temps*. Paris/Oxford : Fayard/Voltaire Foundation, 1995.

_____. « Voltaire et Rousseau devant l'affaire Calas » In : *Voltaire, Rousseau et la tolérance*. Actes du colloque franco-néerlandais des 16 et 17 novembre 1978 à la maison Descartes à Amsterdam (Amsterdam et Lille 1980), pp. 59-76.

_____. Pomeau, René. « L´affaire Calas ». *Lectures d´une oeuvre : Traité sur la tolérance de Voltaire*. Organisé ár François Bessire et Sylvain Menant. Paris : Editions du Temps, 1999, pp. 25-31.

_____. « 'La Prière à Dieu' : théisme et tolérance ». *Études sur le Traité sur la tolérance*. CRONK, Nicholas (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 1-6.

RENWICK, John. "Marmontel, Voltaire and *Bélisaire affair*". Oxford, *SVEC*, 1974.

_____. « Theory becomes action : toleration from Calas (1762) to Les Guèbres (1768). ». *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

RICHARDOT, Anne. « Voix du fanatisme, voix de la raison. » *Lectures de Voltaire : Le traité sur la tolérance*. Sous la direction de Isabelle Brourad-Arends. Rennes : PUR, 1999, pp.123-134.

SGARD, Jean. « Les spectacles ou des limites de la tolérance ». In : : *Voltaire, Rousseau et la tolérance*. Actes du colloque franco-néerlandais des 16 et 17 novembre 1978 à la maison Descartes à Amsterdam (Amsterdam et Lille 1980), pp. 79-95.

_____. « Voltaire et la passion du journalisme. ». In : *Le Siècle de Voltaire: Hommage à René Pomeau*. Edité par Christiane Mervaud et Sylvain Menant. Oxford : Voltaire Foundation, 1987, pp. 847-854.

SAREIL, Jean. *Voltaire et les grands*. Genève, Librairie DROZ- Paris, 1978.

SELLIER, Philippe. *Port-Royal et la littérature II : Le siècle de Saint-Augustin, La Rochefoucauld, Mme de Lafayette, Sacy, Racine*. Paris: Honoré Champion Éditeur : 2000.

SETH, Catriona. « Voltaire pragmatique : l´argent dans le *Traité sur la tolérance* ». In: *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, N. (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, 191-204.

SIESS, Jürgen. « La place de Voltaire dans le débat contemporain sur la tolérance. » In *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe.Siècle, 2002, pp. 141-52.

SONG, Shun-Chig. *Voltaire et la Chine*. Aix-en- Provence. Publications Université de Province, 1989.

SOUZA, Maria das Graças de. « A tentação materialista de Voltaire ». *Discurso*. n. 17, São Paulo, 1988, pp.75-88.

_____. « Voltaire contra o grande circo místico ». *Estado de São Paulo*. São Paulo, 19/11/1994, Cultura, pp. 1-2.

_____. « A *Enciclopédia* no mercado ». *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13/09/1996, Jornal de Resenhas, p.2.

_____. *Ilustração e História: o pensamento sobre a história no iluminismo francês*. São Paulo :Discurso editorial/Fapesp, 2001.

TRITTER, Jean-Louis. « L´ironie dans le *Traité sur la tolérance*. ». *Traité sur la tolérance –Voltaire*. Ouvrage dirigé par Jean-Louis Tritter. Paris : Ellipses, 1999. pp.115-23.

VALÉRY, Paul. « Paul Valèry et Voltaire » : propos inédits. ». *RHLF*, Paris, 1968.

VARRY, dominique. Voltaire et les imprimeurs-libraires lyonnais. *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

VENIZET, F. *Autour de Voltaire avec quelques inédits*. Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1925.

VERCRUYSSE, Jeroom. « La leçon hollandaise ». *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, N. (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 205-213.

VISSIÉRE, Jean-Louis. « Le *Traité sur la tolérance* : un catéchisme voltairien. » *Traité sur la tolérance –Voltaire*. Ouvrage dirigé par Jean-Louis Tritter. Paris : Ellipses, 1999. pp. 7-22.

VOLPILHAC-AUGER, Catherine. « Saint-Socrate, ou la tolérance selon les Grecs ». *Études sur le Traité sur la tolérance*. Cronk, N. (org.). Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp.12-22.

YAKIRA, Elhanan. « La tolérance entre la *Théodicée* et *Candide* : le moment leibnizien. ». In : *Qu´est-ce que la tolérance ? Perspectives sur Voltaire*. Sous la direction de Jürgen Siess. Ferney-Voltaire : Centre International d´Étude du XVIIIe.Siècle, 2002, 23-33.

Sobre epistolografia

BEUGNOT, B. Style ou styles épsitolaires? *RHLF*. Paris, nov-déc, 1978.

COURTIN, Antoine de. *Nouveau traité de la civilité qui se pratique en France parmi les honnêtes gens*. Présentation et notes de Marie-Claire GRASSI. Saint-Etienne : Publications de l'Université de Saint-Etienne, 1998.

DUCHÊNE, Roger. *Écrire au temps de Mme de Sévigné: lettres et texte littéraire*. Paris : J. Vrin, 1982.

_____. "Genre masculin, pratique féminine. De 'l´épistolaire inconnue' à la marquise de Sévigné. In : *Europe*. Paris, jan.-fev., 1996.

GRASSI, Marie-Claire. *Lire l'épistolaire*. Paris : Dunod, 1998.

GRANDEROUTE, Robert. " Une lettre de Voltaire à Jean-François de Bastide". *RHFL*, Paris, n.6, 1984.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Voltaire dans ses lettres de jeunesse (1711-1733): formation d´un épistolier au XVIII siècle*. Paris : Klincksieck, 1992.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L'épistolaire*. Paris :Hachette, 1995.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. « La lettre à l'âge classique : genre mineur ? ». In: *RHLF*. Paris, 1999.

_____. « Voltaire et ses images dans la correspondance ». In: *Voltaire en Europe. Hommage à Christiane Mervaud*. Sous la direction de Michel Delon et Catriona Seth. Oxford : Voltaire Foundation, 2000, pp. 299-306.

_____. « Les Lumières, une ère de liberté ». In :*Magazine littéraire*. n°.442, 2005.

KAUFMMAN, Vincent. *L'équivoque épistolaire*. Paris : Edition de Minuit, 1990.

GÉRARD, Mireille. « Art épistolaire et art de la conversation : les vertus de la familiarité ». In : *RHLF*, Paris, 1978, n. 6, pp. 958-974.

NIES, Fritz. « un genre féminin ?». *RHLF*, 1978, n. 6, pp.994-1003.

PLANTE, Christine (études réunies et présentées par). *L'épistolaire, un genre féminin ?* Paris :Honoré Champion éditeur, 1998.

_____. *Correspondance complète de Jean Jacques Rousseau* IX. Publications de l'Institut et musée Voltaire sous la direction de Theodore Besterman. Institute et musée Voltaire, Genève. The University of Wisconsin press, Madison,1969. Tome IX.

Crítica literária, História da literatura e Retórica

ADORNO. *Notes sur la littérature*. Traduit de l´allemand par Sibylle Muller. Paris : Flammarion, 1984.

ARISTOTE. *Rhétorique*. Livres I et II texte établi et traduit par Médéric Dufour. Livre III Texte établi et traduit par Médéric Dufour et André Wartelle. Paris: Gallimard, 1991.

AUERBACH, Erich. *Mimésis: la représentation de la réalité dans la littérature occidentale*. Traduit de l'allemand par Cornelius IEM. Paris, Gallimard, 1968.

BARTHES, Roland. *Essais critiques*. Paris : Seuil, 1964.

BENICHOU, P. *Le sacre de l'écrivain, 1750-1830*. Paris : Gallimard, 1996.

BLANC, André. *Lire le classicisme*. Paris : Dunod, 1995.

CALVINO, Ítalo. *La machine littérature*. Paris : Seuil, 1984.

CALVINO, Italo. *Why read the Classics ?* New York : Vintage Books, 1999.

CAMUS, Albert. *Essais*. Édition établie et annotée par Roger Quilliot et Louis Faucon. Paris : Gallimard, 1978.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1980. Volume IV.

CHOUILLET, J. *L'Esthétique des Lumières*. Paris, PUF, 1974.

CÍCERO. *Orações Catilinárias : I-II-III-IV Ao Povo Romano Filípicas : I-II*. Tradução Padre Antônio Joaquim. São Paulo : Edipro, 2005.

[CÍCERO]. Retórica a Herêncio. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria. Adriana SEABRA. São Paulo : Hedra, 2005.

DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento : de Pascal a Sartre*. Tradução de Luiz Dagobert de Aguirra Roncari. Bauru : editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

DESBORDES, Françoise. *La rhétorique Antique*. Paris: Hachette Supérieur, 1996.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura : uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

FORESTIER, Georges. *Introduction à l'analyse des textes classiques : éléments de rhétorique et de poétique du XVII siècle*. Paris : Nathan, 1993.

FUMAROLI, Marc. *L'âge de l'éloquence*. Paris: Albin Michel, 1994.

GOULEMET, Jean-Marie. *La littérature des Lumières en toute lettres*. Paris : Bordas, 1989.

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. Tradução de Miguel Maillet. São Paulo : editora Mestre Jou, 1978.

HORACE. *Œuvres*. Traduction, introduction et notes par François RICHARD. Paris: Garnier Frères, 1967.

JOUVENCY, Joseph de. *L'élève de rhétorique (candidatus Rhetoricae)*.Traduction par H. FERTE, au collège Louis –le –Grand de la société de Jésus au XVIIIème. Paris : Hachette, 1892.

JOUVENCY, Joseph de. *De la manière d'apprendre et d'enseigner : ouvrage destiné aux maîtres de la société de Jésus*. Traduction de H. Ferte. Paris : Hachette, 1892.

RENAUD, Jean. *La littérature française du XVIIIème*. Paris : Bordas, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *Situations II*. Paris : Gallimard, 1948.

SOLLERS, Philippe. *La guerre du goût*. Paris : Gallimard, 1994.

_____. *Liberté du XVIII*$^{ème.}$ Paris : Gallimard, 1996.

SPTIZER, Léo. *Études de Style*. Paris : Gallimard, 1970.

STAROBINSKI, Jean. *Le remède dans le mal. Critique et légitimation de l'artifice à l'âge des Lumières*. Paris : Gallimard, 1989.

TAMINE, Joëlle Gardes. « Le Pont de la Rhétorique ». In : *Europe*, Paris, 2002.

VALERY, Paul. *Œuvres*. Edition établie et annotée par Jean. Hytier. Paris : Gallimard, 1957.

Bibliografia geral

ALGRANT, Christine Pevitt. *Madame de Pompadour : Senhora da França*. Tradução de Vera RIBEIRO. Rio de Janeiro : Objetiva, 2005.

BANGERT, W. *História da Companhia de Jesus*. Tradução de Joaquim dos Santos Abranches e Ana Maria lago da Silva. Porto, São Paulo : Livraia A. I. , edições Loyola, 1985.

BAYLE, Pierre. *De la tolérance : commentaire philosophique sur ces paroles de Jésus-Christ « Contrains-les-d'entrer »*. Paris : Presses Pocket, 1992.

DELON, Michel. « Le débat sur la révolution ». In : *Magazine Littéraire*, n° 248, Paris, 1987.

_____. *Le savoir-vivre libertin*. Paris: Hachette, 2000.

_____. « Sade contre Rousseau : en marge des Lumières.In : *Magazine Littéraire*, n°389, Paris, 2000.

_____. "La gloire du philosophe" . In :*Magazine Littéraire*, n° 450, Paris, 2006.

DIDEROT, Denis. *Le neveu de Rameau*. Paris : Flammarion, 1983.

DUFLO, Colas. « Une soiété de savants ». In : *Magazine Littéraire*. n° 450, Paris, 2006.

ECO, Umberto. « Définitions de l'intolérance ». In : *Magazine Littéraire*. n° 363, Paris, 1998.

ECO, Umberto/MARTINI, Carlo Maria. *Em que crêem os que não crêem?* Tradução de Eliana AGUIAR. São Paulo, Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

ELIAS, Norbert. *Mozart : sociologie d'un génie*. Traduit de l'allemand par Jeanne Etore et Bernard Lortholary. Edition étabie par Michael Schröter. Paris : Seuil,1993.

FABRE, Joseph. *Les Pères de la Révolution (De Bayle à Condorcet).* Genève : Slatkine Reprints, 1970.

GOUBERT, Pierre. *L´ancien régime*.1. la société. Paris : Armand Colin, 1969.

GOULEMOT, Jean M. « L´esprit du temps, le temps de l´esprit ». In : *Magazine Littéraire*. Paris, n° 450, 2006.

HAZARD, Paul. *La crise de la conscience européenne.(1680-1715)*. Paris: Fayard, 1961.

HURTIN, Jean. « Trois manifestes pour l ´intellectuel et ses devoirs ». In : *Magazine Littéraire*. Paris, n° 248, 1987,

JONES, Jonathan. « Museu passa a limpo crenças do iluminismo ». Tradução de José dos Santos. *O Estado de São Paulo*, 11 de janeiro 2004, « Caderno 2 », p.6

LAUNAY, Michel/MAILHOS, Georges. *Introduction à la vie littéraire du XVIIIème. Siècle*. Paris : Bordas, 1969.

LAURIOL, Claude. "La Beaumelle, P.Rabaut, Court de Gébelin et l 'affaire Calas" In : *La Tolérance, république de l 'Esprit, Actes du colloque " Liberté de conscience, conscience des libertés*". Toulouse du 26 au 28 novembre 1987. Les Bergers et les Mages ,1988.

_____. « *L´Asiatique tolérant* ou le « *Traité sur la tolérance* » de la Beaumelle (1748). *Dix-Huitième Siècle*. Paris : PUF, 75-81, 1985.

LEGRAND, Marie-Dominique. *Lire l'Humanisme*. Paris : Dunod, 1993.

LOCKE, John. *Lettre sur la tolérance et autres textes*. Traduction par Jean Le Clerc. Paris : Flammarion, 1992.

MARIETTE, Pierre. *Mémoire pour la veuve Calas & sa famille*. Paris : De l'Imprimerie De Grangé rue de la Parcheminerie,1765.

MATOS, Franklin de. *O filósofo e o comediante : ensaios sobre literatura e filosofia na ilustração*. Belo Horizonte : editora UFMG, 2001.

MAUZI, Robert. *L'idée de bonheur dans la littérature et la pensée française au XVIIIème*. Paris : Armand Colin,1969.

MERCIER, Faivre. « Les traités sur la tolérance : Voltaire et les protestants français, une confrontation. ». *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

MIQUEL, Pierre. *Histoire de la France*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1976.

MISRAHI, Robert. « Spinoza : tolérance et liberté d'expression. ». In : *Magazine Littéraire*, 363, Paris, 1998.

ORSONI, Jean. *L'affaire Calas avant Voltaire*. Thèse de troisième cycle, Université de Paris IV- Sorbonne, 3 vol., exemplaires dactylographiés, 1981.

POTON, Didier. “La monarchie et les protestants en France au XVIII$^{ème.}$ siècle.” *Lectures de Voltaire :* *Le traité sur la tolérance*.Sous la direction de Isabelle Brouard-Arends. Rennes : PUR, 1999, pp.45-67.

RENWIK, John. « Theory becomes action : tolération from Calas (1762) to *Les Guèbres* (1768)”. *Voltaire et ses combats: actes du congrès international Oxford-Paris 1994*. Sous la direction de Kölving, Ulla et Mervaud, Chrstiane. Oxford- Paris: Voltaire Foundation, 1997.

RICOEUR, Paul. “Tolérance, intolérance, intolérable”. *Bulletin de la Société de l ´Histoire du Protestantisme. Français*. Tome 134- Actes des journées d´études sur l ´Edit de 1787. Réunis par Claude Lauriol, 1988, pp.435-50.

ROMANO, Roberto. *Silêncio e Ruído: a sátira em Denis Diderot*. Campinas: Unicamp, 1996.

_____. *O caldeirão de Medéia*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RUSSEL, Bertrand. *Historia da Filosofia Ocidental*. São Paulo : Companhia Editora Nacional, 1977.

SPITZ, Jean-Fabien. « John-Locke : la découverte du principe de laïcité ».In : *Magazine Littéraire*, n° 363, Paris, 1998.

TATIN-GOURIER, Jean-Jacques. *Lire les Lumières*. Paris : Dunod, 1996.

THEIS, Laurent. « L’Edit de Nantes ». In : *Magazine Littéraire*, n° 363, Paris, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros : a reflexão francesa sobre a diversidade humana. 1*. Tradução de Sérgio Goés de Paula. Rio de Janeiro : Zahar Editor, 1989.

_____. « Un mouvement d´émancipation ». Propos recuillis par Aliette Armel et Michel Delon. In :*Magazine Littéraire*. n° 450, Paris, 2006.

VAN den HEUVEL, « Voltaire, Genève et l’affaire Calas », *Bulletin de la Société de l’histoire du protestantisme français* (*BSHPF*) 124 (1978), pp.518-522

VIALA, Alain. *Naissance de l´écrivain*. Paris: Minuit, 1985.

Obras de referência

FONTANIER, Pierre. *Les figures du discours*. Paris : Flammarion, 1977.

FURET, François/ OZOUF, MONA. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Tradução de Enrique de Araujo Mesquita. São Paulo: Nova Fronteira, 1989.

La Bible. Traduction de Louis-Isaac LEMAÎTRE de SACY. Préface et textes d´introduction établis par Philippe Sellier. Chronologie, lexique et cartes établis par Andrée Nordon-Gerard. Paris: Robert Laffont, 1990.

Littérature française. Des origines à la fin du XVIIIe. Siècle. Sous la direction de Calam, Antoine/ Lerminier, Georges/ Morot-Sir, Edouard. Paris : Larousse, 1967.

Dictionnaire européen des Lumières. Publié sous la direction de Michel Delon. Paris : Presses Universitaires de France,1997.

Dictionnaire Historique de La Langue Française. Sous la direction de Alain Rey. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1998.

Dictionnaire philosophique. Texte établi par Raymond Naves, notes par Julien Benda. Paris : Garnier Frères,1967.

La Bible et sa culture. Sous la direction de Michel Quesnel et Philippe Gruson. Paris: Desclée de Brouwer, 2000.

Dictionnaire de l'Histoire du christianisme. Préface de Jean Delumeau. Paris: Encyclopaedia Universalis et Albin Michel, 2000.

Dictionnaire des intellectuels français : les personnes. Les Lieux. Les moments. Sous la direction de Julliard, Jacques/Wino, Michel. Paris : Seuil, 2002.

Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des sciences des arts et des métiers (articles choisis). chronologie, introduction et bibliographie par Alain Pons. Paris : Flammarion, 1986 (Tome I et II).

Le Dictionnaire du Littéraire. Publié sous la direction de Aron, Paul / Saint-Jacques, Denis/ Viala, Alain. Paris : PUF, 2002.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *Glossário francês-português de termos jurídicos*. São Paulo: FFLCH da Universidade de São Paulo, 1985.

Endereços eletrônicos

« Voltaire-*Traité sur la tolérance*-Prière à dieu (étude) » disponível em http://membres.lycos.fr/jecca/ressourc/fra18/4 pricor.htm. Acesso em 18 jun.2003.

RENWICK, John. « Voltaire : le *Traité sur la tolérance* : une bibliographie annotée » disponnivel em http://www.voltaire.ox.ac.uk/x_voltfnd/e-text/www-etexts/vfetctrite-.../ren-Oob-f.htm. Acesso em 18 jun. 2003.

ROMANO, Roberto. "Mentiras transparentes. Rousseau e a Contra-revolução romântica". Conferência de Abertura do I Colóquio Rousseau "Rousseau , verdades e mentiras" Faculdade de Ciências e Letras –UNESP- Araraquara. 12 a 14 de novembro de 2003. disponível em http://www.unicamp.br/~jmarques/gip . Acesso em janeiro de 2004.

« The Voltaire Society of America » disponível em http://humities.unchicago .Acesso em jun 2003

« *La Bulle* Unigenitus Dei Fillius » disponível em http://site.voila.fr/portroyal/unigenitus.html. Acesso em 29 de maio 2005.

“Histoire de Port-Royal- Le jansénisme: un fantôme ou une réalité?” disponível em http://portroyal.free.fr/fantome-jansenism.htm .Acesso em 8 de outubro 2005.

“Edit de Fontainebleau portant révocation de l’Édit de Nantes” disponível em http://huguenotsweb.free.fr/histoire/edit1685.htm. Acesso em 8 de outubro 2005.

“Les troupes légères durant la guerre de sept ans” disponível em http://theilsb.club.fr/VAEVICTIS/HISTOIRE/18eme/HISTOIRE-TroupesLegeres.htm. Acesso em 27 de Janeiro 2006.

“Símbolo do Direito” disponível em http://www.novafapi.com.br/cursos/direito/simbolo.php. Acesso em 26 de março 2006.